

**Adriana Bogliolo Sirihal Duarte**

***Informação, comunicação e sociabilidade  
via Internet:***

um estudo das interações no ciberespaço  
entre membros do Movimento Escoteiro

**Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2005**

**Adriana Bogliolo Sirihal Duarte**

***Informação, comunicação e sociabilidade  
via Internet:***

um estudo das interações no ciberespaço  
entre membros do Movimento Escoteiro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Rezende Cabral

**Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2005**

Sirihal Duarte, Adriana Bogliolo

Informação, comunicação e sociabilidade via Internet: um estudo das interações no ciberespaço entre membros do Movimento Escoteiro / Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. – 2005.

254 f.

Orientadora: Ana Maria Rezende Cabral.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação

Bibliografia: f. 229-239.

1.Ciência da Informação – Teses 2. Internet – aspectos sociais. 3.Comunicação – Inovações tecnológicas. 4.Comunicação – aspectos sociais. 5.Tecnologias da informação – aspectos sociais. 6. Movimento Escoteiro. I. Título. II. Cabral, Ana Maria Rezende. III. Universidade Federal de Minas Gerais.

CDD 303.483 3

CDU 316.772.5



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

“INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE VIA INTERNET: UM ESTUDO DAS INTERAÇÕES NO CIBERESPAÇO ENTRE MEMBROS DO MOVIMENTO ESCOTEIRO”.

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

Tese submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de “**Doutor em Ciência da Informação**”, linha de pesquisa “**Informação, Cultura e Sociedade (ICS)**”.

Tese aprovada em: 22 de março de 2005.

Por:

*Ana Maria Rezende Cabral*

Prof. Dra. Ana Maria Rezende Cabral –ECI/UFMG (Orientadora)

*Alcenir Soares dos Reis*

Prof. Dra. Alcenir Soares dos Reis –ECI/UFMG

*Maria Eugênia Albino Andrade*

Prof. Dra. Maria Eugênia Albino Andrade –ECI/UFMG

*Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas*

Prof. Dra. Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas

*Isis Paim*

Prof. Dra. Isis Paim –FACISA

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

*P/ Maria Eugênia Albino Andrade*

Prof. Maria Eugênia Albino Andrade  
Coordenadora

Versão final Aprovada por

*Ana Maria Rezende Cabral*

Prof. Ana Maria Rezende Cabral  
Orientadora

À minha Mãe.

Aos homens da minha vida: meu pai, que nos deixou ainda cedo, mas com a certeza de ter plantado bem fundo as raízes para que tivéssemos um futuro de felicidade e sucesso; meus irmãos, companheiros, cúmplices, amigos, certeza de paz e união; Jésus, que deixou de lado seu ceticismo e investiu comigo na alegria de transformar sonhos em realidade; Luigi e Giovanni, dois sonhos em forma de gente.

## Agradecimentos

Muitas foram as pessoas que contribuíram, cada uma à sua maneira, para a realização deste trabalho de tese. Gostaria de agradecer a todos aqueles que, convivendo comigo no período de realização do doutoramento (março/2000 a março/2005), me apoiaram de alguma forma nesta empreitada.

Em particular agradeço à Professora Dra. Ana Maria Rezende Cabral, orientadora cuidadosa, não somente pelas valiosas interferências, sugestões, correções e comentários, como inclusive pelo carinho, paciência e respeito ao meu ritmo de produção.

Agradeço também às Professoras Maria Eugênia Albino de Andrade e Ísis Paim pela leitura atenta do texto apresentado no Exame de Qualificação e pelas críticas e contribuições tecidas naquela época e incorporadas à versão final do trabalho.

Foram vários os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação que, em diversos momentos, apoiaram e encorajaram a pesquisa. Agradeço a todos, em especial a Goreth Maciel e Viviany Carvalho, sempre prestativas e solícitas.

Aos colegas de curso agradeço, em primeiro lugar, pela convivência prazerosa. Eles foram responsáveis, ainda, por inúmeras contribuições ao longo do caminho trilhado. A Francisco Neves (*in memoriam*) agradeço as lições de filosofia. A Theldo Cruz agradeço as referências bibliográficas e a disponibilização de material de pesquisa. À Dulce Amélia e Ana Maria Rodrigues agradeço a profunda amizade e o incentivo a todo o momento. À Gercina Lima agradeço pelos diálogos travados que me trouxeram tantas novas idéias.

O apoio dos amigos e dos colegas de profissão foi essencial para o cumprimento do trabalho. Sua compreensão, carinho, estímulo, colaboração e sugestões foram de especial valor. Sou grata a todos eles e, em especial, a Ana Mônica, Leila Jane, Ruy Alexandre, Leonardo Molinar, Ivan Fontainha e Andreia Lanza.

Sou especialmente grata aos escoteiros e escotistas que participaram da pesquisa. Em particular, agradeço ao clã de pioneiros do 34º MG Grupo Escoteiro Uirapuru, pela valiosa colaboração na aplicação dos questionários, e aos chefes escoteiros Alisson João da Silva (Uirapuru) e Miguel de Moraes (GEARPE) sempre disponíveis para ajudar.

Também foi importante, durante a elaboração do texto da tese, travar conhecimento com Adalson Nascimento, autor de monografia e dissertação sobre o Escotismo. A ele agradeço os diálogos, a troca de experiências e a boa vontade.

Em família, agradeço em especial à minha Mãe, Profa. Rina Bogliolo Sirihal, pela presença, leitura dos capítulos e sugestões dadas. Ao Alexandre agradeço pelas valiosas contribuições e correções. Ao Alberto, agradeço pelas manifestações de afeto ao longo do processo. Ao meu marido e aos filhotes queridos, agradeço a paciência e a compreensão pelos momentos em que não pude estar presente com eles para investir no trabalho de coleta de dados e de redação da tese.

“O Escotismo é a arte ou a ciência de conseguir-se informação”  
Baden-Powell, fundador do Movimento Escoteiro,  
em seu livro Lições da Escola da Vida

“Qualquer tolo lhe dirá para que serve a tecnologia.  
Mas é preciso raciocínio concreto para imaginar do que os  
computadores nos privarão”.  
Neil Postman

## Resumo

Muito se tem discutido a respeito de qual seja a definição do termo informação e de quais os propósitos da Ciência da Informação. O presente trabalho de tese retoma essa discussão, apresentando as abordagens de diferentes autores, e propõe um ciclo informacional constituído por comunicação, informação, conhecimento e desenvolvimento. Tal ciclo se vê bastante afetado quando a comunicação ocorre através do ciberespaço. O uso da Internet acarreta alterações no direcionamento, velocidade, volume e espaços que envolvem o ciclo informacional. Provoca mudanças, também, nas relações sociais entre os indivíduos. As implicações decorrentes do uso da Internet por escoteiros são o tema principal deste trabalho. O Movimento Escoteiro, definido por seu fundador como “a arte ou a ciência de conseguir-se informação”, é uma organização de cunho educacional que, entre outras características, propõe-se à formação do caráter de crianças e jovens através do convívio com a natureza. Analisar de que maneira o uso da Internet vem influenciando a comunicação, a transferência de informação e a sociabilidade nas diferentes esferas do Movimento Escoteiro na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) constitui o principal objetivo do estudo. Para atingi-lo, foram avaliados *sites* produzidos por Grupos Escoteiros, aplicado um questionário a escoteiros de onze Grupos Escoteiros da RMBH, analisadas as mensagens eletrônicas postadas em lista de discussões oficial do Distrito Escoteiro Metropolitano e utilizada a técnica de grupos focais, nos quais escoteiros debateram as principais questões a serem investigadas. Os resultados da pesquisa apontaram uso crescente da Internet e mostraram que ela propõe novas formas de convívio social, auxilia na compreensão dos princípios e propósitos escoteiros e, sobretudo, na preservação de sua unidade e objetivos concomitantemente à divulgação das diferentes feições que o Movimento adquire face aos diversos contextos culturais dos locais em que se instaura.

## **Abstract**

There has been a lot of discussion about the concept of information and the objectives of Information Science. This dissertation discusses the theme, presenting the approaches of different authors, and proposes an information cycle composed of communication, information, knowledge and development. The cycle is affected when communication occurs in cyberspace. The use of the Internet alters the course, speed, volume and distances involved in the information cycle. It also causes changes in social relations among individuals. The consequences of Internet use by scouts is the main theme of the research. The Scout Movement, defined by its founder as “the art or the science of acquiring information” is an educational organization which, among other characteristics, proposes the building of the character of children and young people through interaction with nature. The main objective of this study was to analyze the way Internet use has been influencing communication, information transfer and sociability at the different levels of the Scout Movement in the Metropolitan Area of Belo Horizonte. In order to achieve this goal, Internet sites created by Scout Groups have been evaluated. A questionnaire has been filled in by scouts from eleven Scout Groups of the Metropolitan Area of Belo Horizonte. Electronic messages posted to the official Metropolitan Scout District discussion list have been analyzed. The focus groups technique has been used to make scouts debate the main topics to be investigated. The survey results indicated the growing use of the Internet and showed that it proposes new ways of social interaction, it helps understand scouts’ principles and goals, and above all, it helps preserve their unity and objectives just as it divulges the different aspects the Movement acquires in view of the several cultural contexts of the places where it establishes itself.

## Lista de Figuras

FIGURA 1	O processo de comunicação de acordo com a teoria matemática da comunicação .....	29
FIGURA 2	O processo de comunicação de acordo com a teoria social da informação .....	30
FIGURA 3	O computador como canal no processo de comunicação .....	31
FIGURA 4	Circuitos interno e externo no processo de comunicação.....	34
FIGURA 5	Relação entre Cultura Global (Objetiva) e Cultura Individual (Subjetiva) .....	45
FIGURA 6	Ciclo informacional.....	48
FIGURA 7	Regulamentação em função do tamanho do grupo social .....	51
FIGURA 8	Organograma simplificado da estrutura administrativa do Movimento Escoteiro .....	73
FIGURA 9	Os setores da economia .....	90
FIGURA 10	Janelas para entrada de respostas aos questionários desenvolvidas no <i>software</i> EpiInfo. ....	155
FIGURA 11	<i>Orkut</i> – Uma comunidade virtual na Internet.....	193
FIGURA 12	Processos que compõem o ciclo comunicação-informação-conhecimento .....	196
FIGURA 13	<i>Sites</i> escoteiros com mesmo conteúdo textual.....	198
FIGURA 14	Definição de Escotismo segundo a WOSM .....	198
FIGURA 15	<i>Site</i> relacionando Escotismo, cidadania e boa-ação .....	215

## Lista de Tabelas

TABELA 1	Número de funções docentes, em 26/03/1997, no ensino fundamental e médio em Minas Gerais .....	61
TABELA 2	Jamborees Mundiais: escoteiros e países participantes .....	84
TABELA 3	Índice de qualidade dos <i>sites</i> escoteiros da RMBH.....	137
TABELA 4	Respondentes do questionário aplicado aos jovens por GE .....	157
TABELA 5	Respondentes do questionário aplicado aos adultos por GE .....	157
TABELA 6	Distribuição dos respondentes jovens por idade.....	158
TABELA 7	Distribuição dos respondentes adultos por idade .....	158
TABELA 8	Distribuição dos jovens por ramo.....	158
TABELA 9	Distribuição dos adultos por ramo.....	158
TABELA 10	Distribuição dos jovens por sexo.....	159
TABELA 11	Distribuição dos adultos por sexo .....	159
TABELA 12	Distribuição dos jovens por tempo de participação no ME .....	160
TABELA 13	Distribuição dos adultos por tempo de participação no ME.....	160
TABELA 14	Grau de escolarização dos respondentes jovens .....	161
TABELA 15	Grau de escolarização dos respondentes adultos .....	161
TABELA 16	Idiomas utilizados pelos jovens.....	162
TABELA 17	Idiomas utilizados pelos adultos.....	162
TABELA 18	Pontuação aferida por posse de bens, conforme o Critério Brasil (CCEB) .....	163
TABELA 19	Pontuação aferida por grau de instrução, conforme o Critério Brasil (CCEB) .....	164
TABELA 20	Classes Econômicas conforme o Critério Brasil (CCEB) .....	164
TABELA 21	Correlação entre classe econômica calculada a partir do Critério Brasil (CCEB) e renda mensal.....	164
TABELA 22	Pontuação aferida por posse de bens utilizada na pesquisa.....	166
TABELA 23	Relacionamento entre o Critério Brasil e o critério utilizado na pesquisa.....	166
TABELA 24	Distribuição dos jovens por classe econômica .....	167
TABELA 25	Distribuição dos adultos por classe econômica .....	167
TABELA 26	Locais em que usuários jovens acessam a Internet.....	168
TABELA 27	Locais em que usuários adultos acessam a Internet .....	168
TABELA 28	Uso da Internet por jovens para fins relacionados ao Escotismo .....	168
TABELA 29	Uso da Internet por adultos para fins relacionados ao Escotismo .....	168
TABELA 30	Grupos que possuem página na Internet de acordo com os respondentes jovens.....	170
TABELA 31	Grupos que possuem página na Internet de acordo com os respondentes adultos.....	170
TABELA 32	Seções que possuem página na Internet de acordo com os respondentes jovens .....	171
TABELA 33	Seções que possuem página na Internet de acordo com os respondentes adultos .....	171
TABELA 34	Influência da Internet na participação dos jovens no Escotismo .....	172
TABELA 35	Influência da Internet na participação dos adultos no Escotismo .....	172
TABELA 36	Formas de contato inicial do jovem com o Escotismo .....	173
TABELA 37	Formas de contato inicial do adulto com o Escotismo .....	173
TABELA 38	Meios de comunicação utilizados no contato de jovens com escoteiros de outros estados/países .....	174
TABELA 39	Meios de comunicação utilizados no contato de adultos com escoteiros de outros estados/países .....	174
TABELA 40	Fontes de busca de informações acerca de novo nó a ser aprendido.....	175
TABELA 41	Fontes de busca de informações acerca de novo jogo/atividade a ser aplicado.....	175

TABELA 42	Fontes de busca de informações acerca pelos membros jovens acerca da história do Escotismo no mundo .....	175
TABELA 43	Fontes de busca de informações acerca pelos membros adultos acerca da história do Escotismo no mundo .....	175
TABELA 44	Conhecimento e Participação Juvenil em Atividades Escoteiras .....	176
TABELA 45	Conhecimento e Participação Adulta em Atividades Escoteiras .....	176
TABELA 46	Classificação do Membro Juvenil por Grupo Escoteiro versus Classe Econômica.....	179
TABELA 47	Participação juvenil em JOTA e em Jamboree, por Grupo Escoteiro .....	180
TABELA 48	Participação adulta em JOTA e em Jamboree, por Grupo Escoteiro.....	180
TABELA 49	Distribuição mensal das mensagens postadas na lista escotismobh .....	185
TABELA 50	Quantidade de assinantes da lista escotismobh por volume de mensagens postadas .....	186
TABELA 51	Categorização das mensagens postadas na lista escotismobh .....	187

## Lista de Quadros

QUADRO 1	Seções de um Grupo Escoteiro .....	72
QUADRO 2	Grupos temáticos observados nas ONGs latinas e nos movimentos sociais brasileiros .....	102
QUADRO 3	Preocupação com o social no Brasil .....	105
QUADRO 4	Exemplos de <i>emoticons</i> do MSN Messenger .....	133
QUADRO 5	Tematização dos <i>sites</i> escoteiros da RMBH .....	151

## Lista de Abreviaturas e Siglas

ABE	Associação Brasileira de Escoteiros
ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
ABONG	Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais
Alice	América Latina Conectada com Europa
Ampath	Americas Path
BOIA	Bandeira-Oração-Inspeção-Avisos
BP	Baden-Powell
CCEB	Critério de Classificação Econômica Brasil (Critério Brasil)
CERN	Centro Europeu de Investigação Nuclear
Clara	Cooperação Latino-Americana de Redes Avançadas
ftp	File Transmission Protocol
GE	Grupo Escoteiro
GEARPE	Grupo Escoteiro de Ar Padre Eustáquio
GELAN	Grupo Escoteiro Lagoa do Nado
GEMAN	Grupo Escoteiro Mangabeiras
GEOSC	Grupo Escoteiro Olave Saint Clair
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
JOTA	Jamboree On The Air
JOTI	Jamboree On The Internet
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
ME	Movimento Escoteiro
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NGO	Non Governmental Organization
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PoP	Ponto de Presença
P.O.R.	Princípios, Organização e Regras
PROINFO	Programa Nacional de Informática na Educação
PRONINFE	Programa Nacional de Informática Educativa
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
RNP	Rede Nacional de Pesquisa
SRI	Sistema de Recuperação da Informação
UEB	União dos Escoteiros do Brasil
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
URL	Unit Resource Location
WOSM	World Organization of the Scout Movement
WWW	World Wide Web

## Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	INFORMAÇÃO E INTERNET .....	28
2.1	Conceituação de informação .....	28
2.2	Propósito da ciência da informação mediante a revolução tecnológica .....	48
2.2.1	O direcionamento do conteúdo na Internet.....	50
2.2.2	A velocidade na Internet.....	53
2.2.3	Disponibilidade de Acesso à informação via Internet.....	56
2.2.4	Espaço na Internet: distâncias, armazenamento, o virtual versus o presencial.....	63
3	MOVIMENTO ESCOTEIRO .....	69
3.1	Escotismo sob o enfoque administrativo.....	71
3.2	Escotismo sob o enfoque educacional.....	74
3.3	Escotismo sob o enfoque informacional.....	82
4	TERCEIRO SETOR.....	89
4.1	Perspectiva histórica dos movimentos sociais no Brasil .....	92
4.2	Organizações não-governamentais – ONGs.....	95
4.3	Escotismo e Terceiro Setor.....	104
5	METODOLOGIA .....	110
5.1	Estudo Analítico de Sites Escoteiros.....	115
5.2	Pesquisa de campo: primeira fase.....	120
5.3	Pesquisa de campo: segunda fase.....	123
6	ESTUDO ANALÍTICO DE SITES ESCOTEIROS .....	135
6.1	Proposta do site .....	138
6.2	Autoria.....	139
6.3	Atualização.....	140
6.4	Conteúdo .....	141
6.5	Design.....	145
6.6	Aspectos Técnicos.....	148
6.7	Análise Comparativa .....	150
7	ANÁLISE DESCRITIVA DOS QUESTIONÁRIOS .....	155
7.1	Parte I - Identificação .....	156
7.2	Parte II – Internet.....	167
7.3	Parte III – Vida Escoteira .....	172
8	ANÁLISE QUALITATIVA DA INVESTIGAÇÃO .....	181
8.1	Sociabilidade .....	190
8.2	Informação e Conhecimento.....	195
8.3	Identidade Cultural .....	202
8.4	Divulgação.....	209
8.5	Cidadania e Terceiro Setor .....	212
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	217

REFERÊNCIAS.....	229
APÊNDICE A – Check list para análise da qualidade de websites .....	240
APÊNDICE B - Questionário Juvenil.....	241
APÊNDICE C - Questionário Adulto .....	246
APÊNDICE D - Roteiro dos Grupos Focais .....	251
ANEXO A - A Última Mensagem do Chefe.....	252
ANEXO B - Tarefas para obtenção da especialidade Internet.....	253

# 1 INTRODUÇÃO

Segundo Thomas Kuhn (2000, p. 77-78), a ciência se constrói através de um conjunto de paradigmas – realizações que compartilham as características de serem inéditas, capazes de atrair um grupo duradouro de cientistas partidários, e abertas, no sentido de permitir a esse grupo de praticantes da ciência a possibilidade de resolver toda a espécie de problemas a partir de seus desdobramentos. No entanto, de tempos em tempos, os paradigmas sofrem uma ruptura, causada por anomalias que levarão a descobertas, invenções e propostas de novos paradigmas.

A descoberta começa com a consciência da anomalia, isto é, com o reconhecimento de que, de alguma maneira, a natureza violou as expectativas paradigmáticas que governam a ciência normal. Segue-se então uma exploração mais ou menos ampla da área onde ocorreu a anomalia. Esse trabalho somente se encerra quando a teoria do paradigma for ajustada, de tal forma que o anômalo se tenha convertido no esperado. A assimilação de um novo tipo de fato exige mais do que um ajustamento aditivo da teoria. Até que tal ajustamento tenha sido completado – até que o cientista tenha aprendido a ver a natureza de modo diferente – o novo fato não será considerado completamente científico (KUHN, 2000, p.78).

Portanto, para o autor, a ciência é composta por um conjunto de momentos de quebra, ou transição, em que há o surgimento de novos paradigmas.

Peter Drucker (1993, p. XI) afirma que “a cada dois ou três séculos ocorre na história ocidental uma grande transformação”. Cita a centralização urbana, o surgimento do comércio a grandes distâncias, o estabelecimento das universidades e a mudança do latim para o vernáculo no século XIII; a Reforma Protestante, o Renascimento, a descoberta da América, a redescoberta da anatomia e da pesquisa científica, a invenção da imprensa e a adoção generalizada dos algarismos árabicos pelo ocidente nos séculos XV e XVI; as Revoluções Americana e Industrial, o surgimento do capitalismo e do comunismo, a criação da universidade moderna e do ensino universal, as invenções do telégrafo, do telefone e da luz elétrica nos séculos XVII e XIX; até culminar com o período atual de transformações em que se destacam a Declaração de Direitos dos Combatentes Americanos depois da Segunda Grande Guerra, a emergência do Japão como potência econômica e o surgimento do computador.

É interessante relacionar os períodos de transformação citados por Drucker com os períodos de anomalia que levam ao surgimento de novos paradigmas científicos propostos por Kuhn. Desse relacionamento advém a proposição de que momentos históricos de crise podem culminar em descobertas e invenções. Citemos dois momentos de crise, e duas invenções provenientes deles.

O primeiro refere-se à Guerra do Transvall, ocorrida em 1889, na África, quando a cidade de Mafeking, importante entroncamento ferroviário cuja posse era de grande valor estratégico, encontrava-se circundada de inimigos. Na época, o militar inglês Baden-Powell estava incumbido de defendê-la, mas contava com um exército carente de soldados. Utilizou-se, então, da estratégia de treinar jovens para cumprir as tarefas relacionadas à comunicação. Esses jovens tinham agilidade em transpor obstáculos, conseguiam ir e vir levando mensagens, o que permitia aos soldados dedicarem-se à defesa da cidade. Bosco (1979, p.9-10) narra este fato:

Naquelas circunstâncias o que se fazia necessário era a rapidez das informações: saber imediatamente em qual ponto do perímetro da cidade os bôeres vinham atacar, a fim de concentrar ali rapidamente os defensores. Para cumprir esta missão, Baden-Powell reuniu em um “corpo especial” os jovens de dez até dezesseis anos. Deu-lhes um uniforme e os adestrou como informantes e mensageiros. A coragem, o alegre heroísmo com que desempenharam durante meses a sua missão, os fez admirados de todos.

Como se saíram muito bem na função de transmissores de informação, os jovens foram se responsabilizando também por outras tarefas como as de cozinha, primeiros-socorros, etc. Graças a esse apoio, a cidade conseguiu resistir aos ataques inimigos até a chegada de reforços. E Baden-Powell, satisfeito com a experiência, houve por bem alargá-la. A metodologia do Movimento Escoteiro, por ele criado mais tarde, teve origem nessa experiência.

O segundo momento de crise situa-se nas décadas de 1960 e 1970 em que a Guerra do Vietnã e a Guerra Fria provocaram reação construtiva no Departamento de Defesa dos Estados Unidos, que se viu às voltas com a concepção de um sistema de armazenamento e troca de informação descentralizado, em rede. O escopo era o de garantir que a comunicação não fosse interrompida nem que houvesse possível perda de informações no caso de ataque a uma base de dados. Na década de 1980, esse sistema

de rede foi estendido a outras aplicações, além das de defesa militar, penetrando no ambiente universitário e dando origem à Internet que, segundo Araújo e Freire (1996, p. 51-52) “atualmente é vista como o canal de comunicação de informações que obteve o maior sucesso dos últimos tempos, transformando-se num problema relevante para a pesquisa na área da ciência da informação”.

Esse preâmbulo tem o objetivo de introduzir duas invenções – o Movimento Escoteiro e a Internet – que surgiram de momentos de crise relativamente semelhantes – situação de guerra – e com objetivos comuns – garantir o provimento de informação. Outros pontos de interseção entre Movimento Escoteiro (ou Escotismo) e Internet podem ser destacados, entre eles a presença do jovem como protagonista em ambos os casos.

O Escotismo é um movimento infanto-juvenil que objetiva, através de atividades variadas, incentivar o auto-conhecimento, a sociabilidade, o trabalho em equipe, a cidadania e a formação do caráter de crianças e jovens. Por outro lado, muitos autores consideram o jovem como protagonista no uso da Internet como canal de comunicação. Por exemplo, diz Lévy (2000, p. 125-126) que

O crescimento da comunicação baseada na informática foi iniciado por um movimento de jovens metropolitanos cultos que veio à tona no final dos anos 80. Os atores desse movimento exploraram e construíram um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva. [...] Assim como a correspondência entre indivíduos fizera surgir o “verdadeiro” uso do correio, o movimento social que acabo de mencionar inventa provavelmente o “verdadeiro” uso da rede telefônica e do computador pessoal: o ciberespaço como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir.

Nem Escotismo nem Internet, quando inventados, tinham o propósito explícito de serem transformados em movimentos de abrangência mundial. Referindo-se à publicação *O Escotismo para Rapazes*, Nagy (1987, p.13) pontua que

Vários anos mais tarde, na edição de 1940 do mesmo livro, ele (Baden Powell) acrescentou: “O Escotismo tem sido descrito por mais de um entusiasta como uma revolução em educação. Não se trata disso. É simplesmente uma sugestão lançada, ao acaso, para um alegre jogo ao

ar livre, que tem sido reconhecido por formar uma ajuda prática à educação”.

Estas declarações modestas indicam que, aos olhos de seu fundador, o Escotismo era uma idéia simples; uma das várias possibilidades postas à disposição dos jovens; de todos os jovens, sem restrição de qualquer espécie.

Assim, o Escotismo criou-se com o objetivo de atender aos anseios dos jovens ingleses de determinada época, mas acabou prosperando e se transformando em movimento mundial; da mesma forma a Internet, que foi criada com propósitos primariamente militares, alguns anos depois penetrou no ambiente acadêmico e, em seguida, no meio comercial. O uso da Internet implica diversas mudanças nos mais diferentes ambientes em que se faz uso de informação. Por se tratar de tecnologia que propicia o armazenamento e distribuição de informação em grande escala e de maneira extremamente veloz, a Internet imprime novas características ao fluxo de informação.

Essas características podem ser observadas em diversas aplicações. No ambiente universitário, por exemplo, percebe-se que o número de publicações científicas eletrônicas é crescente e a sociedade científica muito tem investido no sentido de validar esse tipo de publicação, tirando proveito de suas características positivas: velocidade de distribuição, menor custo de divulgação, etc.

No ensino fundamental e médio a Internet vem sendo usada como ferramenta didática por professores e como fonte de pesquisa complementar à pesquisa documental impressa pelos alunos.

Até mesmo no comércio, a Internet tem trazido mudanças significativas, não só por se tratar de mais um meio que possibilita a propaganda, mas também através do *e-business*, responsável por significativa fatia das transações comerciais e negócios financeiros na sociedade contemporânea.

A pesquisa que originou este trabalho teve, pois, como problema de investigação as duas invenções – Escotismo e Internet –, tentando relacioná-las através do seguinte questionamento: de que maneira a Internet, como meio de transferência de informação e canal de comunicação, influencia o Movimento Escoteiro?

No desenvolvimento da pesquisa, reportamo-nos aos trabalhos de doutoramento de duas autoras da área da ciência da informação. A primeira delas, Araújo (1998),

desenvolveu pesquisa na qual, no contexto das Organizações Não-Governamentais (ONGs) brasileiras, relacionava o que definiu como práticas informacionais às chamadas práticas de cidadania. Para tanto, estudou o papel social da informação, tendo definido práticas sociais como “ações de recepção, geração e transferência de informação que se desenvolvem através de circuitos comunicacionais que ocorrem nas formações sociais” (ARAÚJO, 1998, p.33) e práticas de cidadania como

ações sociais desenvolvidas por um indivíduo ou por grupos de indivíduos que têm como base teórica a crença na igualdade de todos os homens perante a lei e no reconhecimento público de que a pessoa humana e a sociedade são detentoras de direitos e deveres, tendo como base prática a implementação de ações políticas em diferentes níveis (Ibidem, p. xiv).

Dois anos mais tarde, Bretas (2000) defendia sua tese de doutoramento em que apresentava estudo sobre os jovens internautas de Belo Horizonte, analisando as diferentes formas em que eles se apropriam da tecnologia e os objetivos de interação social presentes no uso da Internet. Em seu trabalho a autora atribui aos jovens o papel de personagens principais da sociedade da informação. Segundo ela,

os jovens hoje são parte significativa do crescente número de usuários das redes telemáticas. Na própria gênese do desenvolvimento da informática na década de 70, os adolescentes ocuparam um lugar de destaque. A trajetória das grandes empresas ligadas à informática (como a Macintosh, a Microsoft e muitas outras) destaca o lugar dos adolescentes no seu processo de constituição (BRETAS, 2000, p. 13).

Alguns aspectos apontados nos trabalhos dessas autoras serviram de pressupostos para a presente pesquisa, tais como:

- Um dos papéis sociais da informação é a construção da cidadania. Araújo (1998, p. 11) afirma em seu trabalho que “a cidadania é uma prática que se aprende através da participação em experiências concretas. A cidadania é uma prática educacional”. Um dos papéis do Movimento Escoteiro é exatamente o de propiciar ao jovem em formação a vivência prática de situações através das quais ele experimente a noção de cidadania. Ou seja, educar para a cidadania é um dos objetivos do Escotismo.
- As práticas informacionais estudadas por Araújo nas ONGs brasileiras têm muitos aspectos em comum com aquelas levadas a efeito pelos escotistas, os adultos

voluntários que participam do Movimento Escoteiro. Araújo analisou de que forma as ONGs por ela pesquisadas (seis entidades que trabalham com a questão dos direitos da mulher) realizavam o processo de transferência da informação como prática de socialização. A autora ressalta, em seu trabalho, que o processo de transferência da informação é muito mais completo que o de simplesmente disseminação da informação. O segundo significa apenas a retransmissão, emissão da informação de maneira mecânica, ao passo que o primeiro se caracteriza pela participação conjunta tanto do usuário quanto do gerador de informação, consistindo-se em elemento de mudança social, democratização do conhecimento e fortalecimento da cidadania (ARAÚJO, 1998, p.189). Acredita-se que no Movimento Escoteiro, pertencente ao Terceiro Setor tanto quanto as ONGs, realize-se o mesmo processo de transferência da informação.

- É inegável que o advento da Internet tenha impingido mudanças significativas ao processo de comunicação e ao fluxo de informação. Concordamos também com Bretas quando ela afirma que o jovem é personagem principal das relações no ciberespaço. Da mesma forma, é ele o protagonista do Escotismo. O que estamos nos propondo estudar é como a Internet tem influenciado a sociabilidade, a comunicação e o intercâmbio de informações entre jovens escoteiros.

Bretas (2000, p. 209-210) afirma ainda em seu trabalho que:

As comprovadas habilidades dos jovens no manuseio dos computadores, no entanto, não são garantia para que percebam criticamente a Internet. Apesar de enxergarem a rede como um vasto mundo de possibilidades, não incluem na pauta de discussões a problematização do ciberespaço, a exemplo de questões de cidadania e controle da rede.

Ao analisar o uso da Internet por escoteiros procuraremos verificar, também, se a recepção crítica ocorre no Movimento Escoteiro, considerando-se seus objetivos de educar para o exercício da cidadania.

Procuraremos esclarecer, ao longo do presente trabalho, o alcance da interface entre dois temas que podem parecer, a princípio, excludentes: a Internet, que propicia as relações sociais no ciberespaço, e o Movimento Escoteiro, que cultua o relacionamento entre os jovens através da convivência com a natureza. Outra dicotomia entre Internet e

Escotismo está no formato de suas redes. A Internet é exemplo de rede rizomática, sem centros ou hierarquia. O Movimento Escoteiro fundamenta-se numa tipologia de rede social cujo desenho aponta para estruturas hierárquicas fortemente definidas. O objetivo geral que guiou a pesquisa pode ser enunciado da seguinte forma: investigar os efeitos advindos do uso da Internet pelo Movimento Escoteiro no Brasil, em particular em Belo Horizonte, comparando como se dá a comunicação, a transmissão de informações e a sociabilidade nas diferentes esferas do Movimento Escoteiro no ambiente virtual e no presencial. Para guiar a pesquisa, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

1. verificar se o ambiente virtual introduz novas regras de sociabilidade pelos membros do Movimento Escoteiro;
2. investigar se o ambiente da Internet interfere na compreensão e na aplicação dos princípios e propósitos do Movimento Escoteiro;
3. verificar se a Internet tem colaborado para com o Movimento, no sentido de preservar sua unidade e seus objetivos;
4. investigar se a Internet vem sendo utilizada como meio de divulgação do Movimento Escoteiro e de intercâmbio com outros movimentos sociais.

Ao longo deste trabalho apresentamos um movimento de dimensões mundiais que teve como origem exatamente a questão informacional: o Movimento Escoteiro surgiu primariamente da necessidade de se obterem informações e, portanto, merece a atenção do campo de estudos da ciência da informação. Como contribuições para a área, acreditamos que o trabalho ofereça nova proposta de conceituação para os termos comunicação, informação e conhecimento a partir do olhar conjunto dos campos de saberes da comunicação, lingüística, semiótica e ciência da informação, além de demonstrar o impacto das tecnologias de informação, em particular da Internet, sobre o ciclo informacional comunicação-informação-conhecimento-desenvolvimento e sobre as relações sociais entre jovens, considerados protagonistas tanto do Movimento Escoteiro quanto do uso da Internet.

Apresentados os pressupostos iniciais, a origem comum entre Escotismo e Internet, as características dicotômicas entre ambos, os objetivos da pesquisa e as contribuições esperadas para a área, antes de encerrar este capítulo introdutório, abre-se

um parênteses para explicar a escolha do tema. Ijuim (2001) inicia artigo sobre o jornal escolar fazendo a seguinte afirmação:

“Uma vez escoteiro, sempre escoteiro!” Este é um dos lemas do Escotismo, que supõe que a criança ou o jovem, ao ingressar em suas fileiras, possa incorporar os princípios e propostos e levá-los por toda a vida. [...] Como ingressei no Escotismo em 1968, mesmo afastado há muitos anos, devo considerar-me como tal e lembrar sempre o lema.

O propósito do trabalho desse autor é discorrer sobre o jornal produzido na escola, classificando-o como “instrumento complexo que, além de procedimento pode ser estratégia para o desenvolvimento de atitudes – de humanização – e contribuir para o processo de humanização entre os envolvidos”. Ao procurar compreender as relações entre o jornalismo e a educação, Ijuim menciona o movimento educacional criado por Baden Powell e também a obra de Célestin Freinet, educador francês que no princípio do século passado já produzia jornais com seus alunos com a intenção de desenvolver-lhes o potencial do pensamento, o desejo de exteriorização desse pensamento e a livre-expressão. Segundo Ijuim,

Nem Baden Powell nem Freinet imaginaram que as crianças, quando adultos, fossem necessariamente exímios *fazedores de nós* ou *jornalistas*, mas que as *atividades-meio* incentivadas pudessem criar, conforme ratifica Durkheim, “um estado interior profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida”.

A apropriação da justificativa de Ijuim através do lema “uma vez escoteiro, sempre escoteiro” é uma explicação para a escolha do tema Escotismo, tratado ao longo desta tese. O primeiro contato desta pesquisadora com o Movimento Escoteiro foi ainda em sua infância, em 1981, quando se tornou escoteira do então 18º Grupo Escoteiro do Ar Cruzeiro do Sul, em Belo Horizonte, hoje extinto. Anos mais tarde, depois de longo período afastada do Movimento, tivemos a oportunidade de retornar como educadora, atuando na chefia do ramo lobinho. A percepção do propósito educacional do Escotismo como orientador do caráter a ser formado nas crianças e jovens bem como das interfaces entre Escotismo e informação despertaram o desejo de produzir pesquisa científica a seu respeito.

Ao delimitarmos o tema a ser pesquisado nas interações no ciberespaço entre os membros do Movimento Escoteiro, excluem-se do escopo do trabalho considerações e críticas a respeito da validade e desdobramentos do método educacional que compõe as diretrizes do Movimento. Entretanto, algumas observações são necessárias a fim de se delinear a doutrina escoteira. Conforme Nascimento (2004, p. 22),

a doutrina escoteira, por ter sido elaborada e implementada por Baden-Powell, faz do Movimento um exemplo de *tradição inventada* e estruturada por um único iniciador. Sendo uma *tradição inventada*, [...] o escotismo caracteriza-se como um conjunto de práticas rituais e simbólicas que objetivam *inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.*

Percebe-se, portanto, que o Movimento avaliado teve sua origem nas idéias de um único “inventor”, um militar inglês, e nas suas concepções daquilo que se fazia necessário para educar e formar o caráter das crianças e adolescentes ingleses da época: bom ambiente, saúde corporal, senso de obediência, autodisciplina, responsabilidade, engenhosidade, habilidade manual, prática da religião, honestidade, retidão, ajuda ao próximo e serviço à nação. Sua doutrina tinha objetivos de formação política estritamente relacionados ao ideário nacionalista do final do século XIX e início do século XX. Tratava-se de ideário civilizatório “dirigido aos futuros cidadãos, a quem cabia a missão de levar a Nação ao seu pleno desenvolvimento, interno e externo” (NASCIMENTO, 2004, p. 33). Tratava-se, em si, da aplicação de experiências militares do seu criador aliadas a projetos pedagógicos por ele estudados, visando formar jovens integrados e mobilizados diante dos ideais nacionais, de acordo com a conveniência para o Estado. Impulsionado por essa conveniência e pelas práticas pedagógicas inovadoras, às quais aliava-se um rico universo simbólico, o Movimento Escoteiro alcançou proporções mundiais, mantendo sempre a mesma organização centralizadora e hierárquica, típica das suas origens militares. Este trabalho de tese avalia essa rede social hierárquica precisamente no ambiente virtual, que define-se, contrariamente, como rede descentralizada, sem hierarquia, rizomática. Aponta, portanto, a possibilidade de quebras de hierarquia e mudanças estruturais na rede existente fora do espaço das conexões entre computadores.

O trabalho subdivide-se nos seguintes capítulos:

- **Informação e Internet**, capítulo no qual são discutidas noções e definições para o termo informação, é modelado o ciclo informacional e são apresentadas as mudanças que a Internet traz a este ciclo.
- **Movimento Escoteiro**, capítulo em que se caracteriza esse Movimento de jovens de acordo com três abordagens distintas: administrativa, educacional e informacional. O enfoque informacional é tratado como ponto central do trabalho de pesquisa, e é nessa perspectiva que se pretende observar o relacionamento Escotismo-Informação-Sociabilidade-Internet. Nesse capítulo é feito, ainda, um compêndio das pesquisas acadêmicas sobre o tema Escotismo até então empreendidas no país.
- **Terceiro Setor**, capítulo em que se apresenta a inserção do Movimento Escoteiro como um dos segmentos do Terceiro Setor, demonstrando que o Escotismo, criado em 1907 e trazido para o Brasil em 1910 antecede o surgimento dos movimentos sociais urbanos e ONGs.
- **Metodologia**, em que são tratados os aspectos metodológicos do trabalho, sendo apresentadas as etapas da pesquisa e os métodos e técnicas utilizados em cada etapa.
- **Estudo Analítico de Sites Escoteiros**, em que são analisados *sites* de cinco Grupos Escoteiros (GEs) pertencentes à Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH)<sup>1</sup>, buscando verificar se eles contribuem para a aplicação dos princípios escoteiros, se atuam na divulgação do Escotismo e se existe alguma espécie de padrão entre eles.
- **Análise Descritiva dos Questionários**, capítulo no qual são apresentados os resultados da primeira fase da pesquisa de campo, com a análise e tabulação dos dados obtidos a partir dos questionários aplicados.
- **Análise Qualitativa da Investigação**, capítulo em que se apresenta uma análise descritiva da segunda fase da pesquisa de campo, que se constituiu do uso da técnica de grupos focais. É feita, paralelamente, análise das mensagens de uma lista de discussões sobre Escotismo na Internet.

---

<sup>1</sup> Integram a RMBH os municípios de Baldim, Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Caeté, Capim Branco, Confins, Contagem, Esmeraldas, Florestal, Ibirité, Igarapé, Itaguara, Itatiaiuçu, Jaboticatubas, Juatuba, Lagoa Santa, Mário Campos, Mateus Leme, Matozinhos, Nova Lima, Nova União, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Rio Manso, Sabará, Santa Luzia, São Joaquim de Bicas, São José da Lapa, Sarzedo, Taquaraçu de Minas e Vespasiano.

- **Considerações Finais**, quando são apresentadas algumas conclusões acerca da pesquisa e de seus resultados e propõe-se direcionamento para pesquisas futuras.

Os apêndices apresentam os instrumentos utilizados para a pesquisa: *check list* para aferir a qualidade dos *sites*, questionários aplicados, roteiro do grupo focal. Os anexos trazem documentos complementares.

## 2 INFORMAÇÃO E INTERNET

No presente capítulo são apresentadas diferentes abordagens de conceituação do termo informação e de termos conexos como comunicação, dado e conhecimento. Entre as definições mais comuns para o termo, aceita-se que a informação é a raiz do processo do conhecer e, portanto, instituinte da cultura. As definições dadas pela teoria matemática da comunicação são apresentadas numa abordagem crítica. Por outro lado, propõe-se uma teoria social da comunicação, em que informação é vista como um processo cuja percepção é mediada pelo estado de conhecimento do receptor e pelo contexto psico-sócio-cultural em que ele se encontra inserido. Finalmente, discute-se como a Internet vem afetar o ciclo informacional proposto.

### Conceituação de informação

A ciência da informação vem sendo definida como ciência multidisciplinar – por caminhar em paralelo com outras ciências, tomando-lhes emprestados alguns conceitos e cedendo-lhes outros numa construção contínua de saberes; interdisciplinar – por possuir pressupostos comuns a disciplinas conexas; e transdisciplinar – por perceber que não é possuidora de definições e conceitos, mas compartilha-os com outras ciências. Entre tais conceitos é controversa a própria definição de informação, termo que, ao longo dos tempos, vem recebendo diferentes significados, quer seja no escopo da ciência da informação, quer seja no domínio de outras ciências tais como a ciência da computação, a comunicação, a semiolinguística, etc. Não são poucos os autores que confundem conceitos como comunicação e informação; outros tantos confundem informação com conhecimento. Cardoso (1996, p.71) retrata essa situação ao afirmar, acerca do termo informação:

[...] termo cujo uso remonta à Antigüidade (sua origem prende-se ao latim *informare*: dar forma a) sofreu, ao longo da história, tantas modificações em sua acepção, que na atualidade seu sentido está carregado de ambigüidade: confundido freqüentemente com **comunicação**, outras tantas com **dado**, em menor intensidade com **instrução**, mais recentemente com **conhecimento**. De toda forma, data deste século o destaque maior ao termo[...].

Na teoria matemática da comunicação os termos informação e mensagem são tratados como sinônimos. A informação depende de um emissor e de um receptor, e está sujeita a interferências por ruídos e redundâncias. (EDWARDS, 1976; EPSTEIN, 1988; MOLES, 1978; SHANNON & WEAVER, 1975). De acordo com essa teoria, a informação está presente sempre que um sinal é transmitido de um extremo para outro, como mostra a FIG. 1.

Para esses teóricos, define-se processamento da informação como um conjunto de operações envolvendo o armazenamento, a transmissão, a combinação, a comparação de mensagens. Muitos estudos foram feitos no sentido de minimizar as possíveis interferências no canal de comunicação de modo que a mensagem original chegasse ao receptor sem sofrer alterações. Na maioria dos casos, esses estudos preocupavam-se com o tratamento físico do canal de transmissão para certificar a correção do sinal enviado e, ainda, tornar o custo do envio o menor possível.

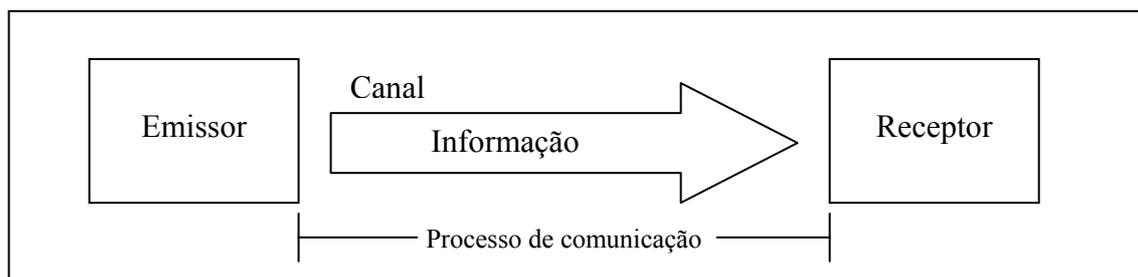


FIGURA 1 - O processo de comunicação de acordo com a teoria matemática da comunicação

FONTE: Elaborada pela autora com base em Netto (1980, p.198-199).

Voltando à origem etimológica da palavra informação, a primeira crítica que se faz à teoria matemática refere-se ao fato de que informação e mensagem devem ser tratadas de forma distinta. Enquanto a mensagem é aquilo que trafega entre o emissor e o receptor, a informação é o processo de dar forma (atribuir sentido) à mensagem. Busca-se, portanto, uma teoria social da informação que, como afirma Wiener (1970, p.27), “... traz um fator novo [...] na medida em que [...] se define ao tomar a informação como um problema de processo, e não como um problema de armazenagem”.

Araújo (1998, p. 16) pontua que esse pode ser processo de atribuição de sentido ou processo de representação, objetivando comunicar o sentido. Desse modo, o emissor que deseje enviar mensagem ao receptor, realiza o processo de informar à medida que dá forma àquilo que deseja comunicar. No outro extremo do diagrama (FIG. 2), o receptor informa-se ao atribuir sentido à mensagem recebida.

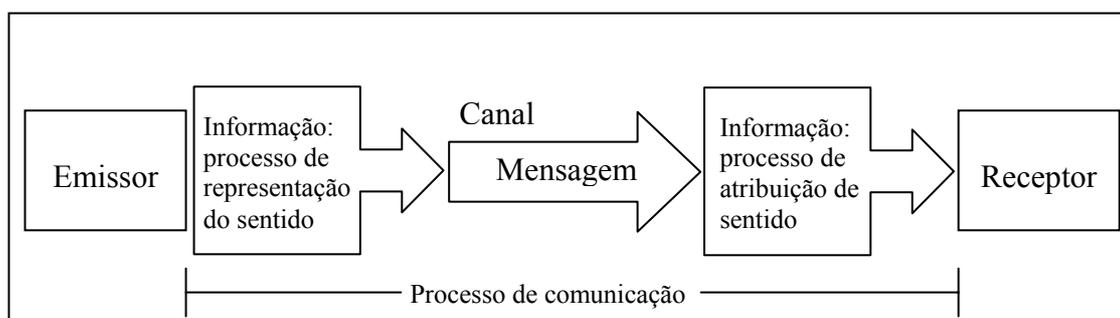


FIGURA 2 - O processo de comunicação de acordo com a teoria social da informação  
 FONTE: Elaborada pela autora a partir das definições de Araújo (1988, p.16).

Christovão e Braga (1997, p.34) também fazem uso da definição de informação como processo, ao afirmarem que “informação pode ser definida como a interface, o evento entre um estímulo externo (mensagem) e um cognóscio que tal estímulo ou mensagem altera”. Elas chamam atenção para o fato de que a ciência da informação vem, erroneamente, tratando documento, mensagem e informação com o mesmo significado quando, na verdade, trata-se de elementos distintos.

Documento, de acordo com a clássica definição de Briet<sup>2</sup>, é toda base de conhecimento fixada materialmente e suscetível de estudo, prova ou confronto. Mensagem é o que é levado de um emissor humano a um receptor humano em um processo de comunicação; é a emissão deliberada de um estímulo externo. Embora haja uma grande superposição entre **mensagem** e **estímulo externo** os dois eventos não são iguais: há estímulos externos, derivados, por exemplo, da observação de fenômenos naturais que não são mensagens porque não foram emitidos por um emissor humano – e informação é um processo exclusivamente humano. Embora alguns autores falem, por exemplo, em transferência da informação entre homem e máquina, as presentes autoras crêem tratar-se de mais uma ambigüidade de uso do termo informação (CHRISTOVÃO e BRAGA, 1997, p.35).

<sup>2</sup> BRIET, S. *Qu'est-ce que la documentation?* Paris, Presses Universitaires de France, 1953. (citado em CHRISTOVÃO e BRAGA, 1997).

Segundo o ponto de vista das autoras, o computador (e também a Internet) é apenas o meio ou canal de transferência de documentos que, por sua vez, contém mensagens que podem ou não produzir informação, dependendo do estado de conhecimento prévio do receptor humano, ou seja, de sua capacidade de atribuir sentido à mensagem recebida (FIG. 3).

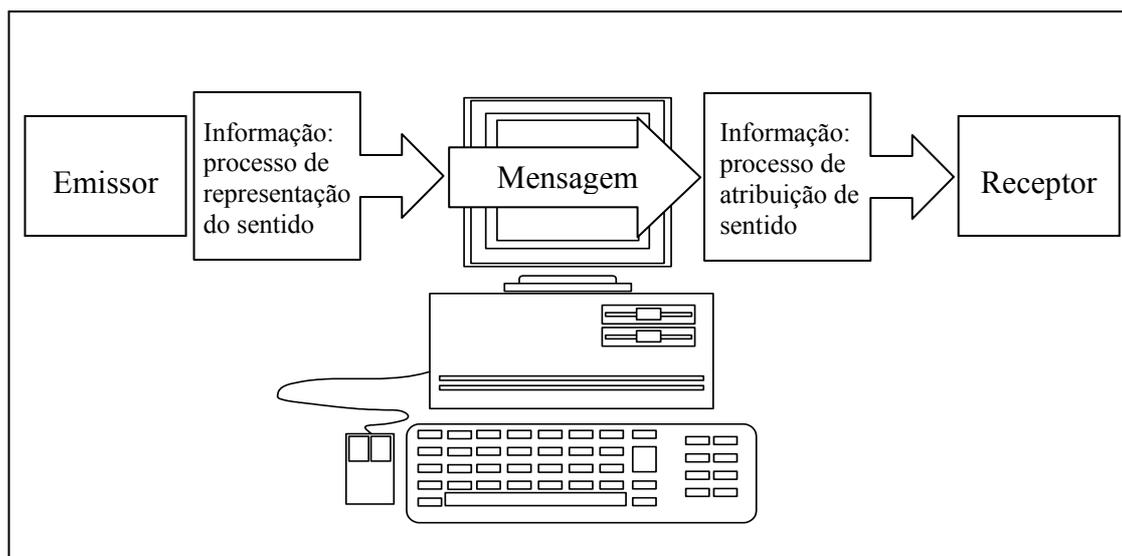


FIGURA 3 - O computador como canal no processo de comunicação

FONTE: Elaborada pela autora

Portanto, ao afirmar que uma das funções do computador é o processamento de informações, deve-se ter em vista que essa função remete à sua capacidade de armazenar, transmitir, combinar e comparar dados que constituirão informação tão logo recebidos pelo usuário humano capaz de lhes atribuir sentido. Essa abordagem é coerente com as caracterizações adotadas por Setzer (1999)<sup>3</sup>, para quem:

Dado [...] é uma seqüência de símbolos quantificados ou quantificáveis. [...] Como são símbolos quantificáveis, dados podem ser armazenados em um computador e processados por ele. [...] em nossa definição, um dado é necessariamente uma entidade matemática e, desta forma, puramente sintática. [...] Um dado é puramente objetivo – não depende do seu usuário. [...] Informação é uma abstração informal, que representa algo significativo para alguém através de textos, imagens, sons ou animação. [...] Não é possível

<sup>3</sup> [http://www.datagramazero.org.br/dez99/F\\_I\\_art.htm](http://www.datagramazero.org.br/dez99/F_I_art.htm)

processar informação diretamente em um computador. Para isso é necessário reduzi-la a dados. [...] Uma distinção entre dado e informação é que o primeiro é puramente sintático e o segundo contém necessariamente semântica. [...] A informação é objetiva-subjetiva no sentido que é descrita de uma forma objetiva, mas seu significado é subjetivo, dependente do usuário.

Outra crítica feita à teoria matemática da comunicação reside no fato de que os teóricos matemáticos não consideravam, em seus estudos, a influência do meio social no processo de comunicação. Considerando que informação seja um processo realizado pelo ser humano, cabe lembrar que o homem não é ser puramente biológico nem puramente racional, mas é também psicossocial, reunindo ao mesmo tempo uma natureza social e todos os componentes de sua psicologia.

Mesmo os estudiosos de comunicação, lingüística e semiótica que, em seus estudos de análise documental, preocupavam-se historicamente apenas com sintaxe e semântica dos documentos, já consideram a influência do meio social no processo de atribuição de significado aos documentos. Exemplo disso são as assertivas de Charaudeau (2001, p.23-24) para quem as formas de comunicação humana, expressas através da semiolingüística (que tem por objeto todo o sistema de signos e, entre eles, o estudo das linguagens), não devem ser estudadas por si só, mas também levando-se em consideração os aspectos antropológicos, sociológicos e psico-sociológicos. Segundo o autor, os trabalhos da lingüística que buscaram complementação teórica em outras áreas “tiveram o mérito de garantir uma abertura científica, contribuindo, conseqüentemente, para o progresso do espírito humano” (Ibidem, p. 24). E é, exatamente, partindo do pressuposto de que o estudo da linguagem não deva resguardar-se da dimensão psicossocial, que o autor define o ato de linguagem como a interação entre dois espaços: um externo, o circuito do fazer psicossocial e situacional; outro interno, a organização do dizer. Charaudeau considera que o ato de linguagem não é totalmente consciente e é subsumido por um certo número de rituais sócio-linguageiros. A encenação languageira engloba a realização de gêneros e estratégias que dependem do aspecto situacional e das

circunstâncias de produção. Portanto, são três os lugares de pertinência do discurso<sup>4</sup> : o lugar da produção, o do produto e o da recepção.

No lugar da produção situa-se o chamado sujeito comunicante, um sujeito empírico que pode ser chamado de ator ou parceiro. Segundo Ghiglione (1984, p. 187), é aqui que se realiza a operação de pré-figuração, quando o sujeito comunicante, condicionado pela sua experiência prática e pela sua percepção do mundo, busca dar significado àquilo que deseja comunicar. No extremo oposto, no lugar da recepção, um sujeito interpretante, outro parceiro também empírico, constrói sua interpretação, muda ou expressa, em função dos componentes comunicacional, psicossocial e intencional e da sua percepção do ritual simbólico ou linguageiro. Aqui se realizam as atividades de reconhecimento e re-figuração do sentido, que irão levar ao processo de compreensão. Entre os dois extremos, que compõem o espaço do fazer situacional, encontra-se o lugar do produto, ocupando o espaço do dizer. Neste, os protagonistas são os seres de fala, que são virtuais (sujeito enunciador – aquele que enuncia a comunicação; e receptor – aquele que a recebe) e assumem diferentes faces de acordo com os papéis que lhes são atribuídos.

A subdivisão, proposta por Charaudeau, do emissor em dois sujeitos, um real, empírico, de carne e osso, responsável pela pré-figuração da mensagem, outro virtual, responsável por sua emissão, e a respectiva subdivisão do receptor em sujeito destinatário, que recebe a mensagem, e sujeito interpretante, que a re-figura, atribuindo-lhe significado, é bastante enriquecedora e se adequa bastante bem ao processo de comunicação, quer seja ele direto e presencial (os dois sujeitos frente a frente, em contato, se comunicando), quer seja indireto e não-presencial.

---

<sup>4</sup> “Discurso diz respeito ao conjunto da encenação da significação do qual um dos componentes é enunciativo (discurso) e o outro enuncivo (história)” (CHARAUDEAU, 2001, p. 25-26).

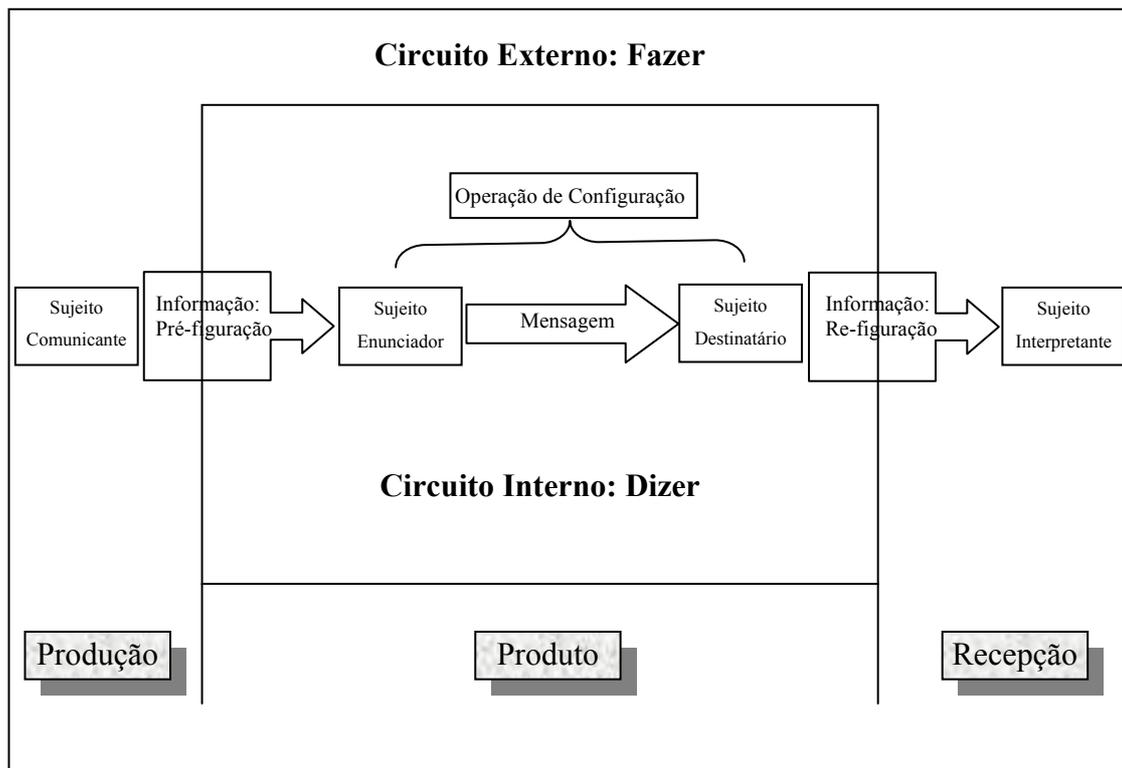


FIGURA 4 - Circuitos interno e externo no processo de comunicação

FONTE: Elaborada pela autora baseada em Charaudeau (2001, p. 29).

Tome-se como exemplo uma peça de teatro. Nesse caso, o sujeito comunicante é o autor do texto (e, quiçá, o diretor da peça) que, ao elaborá-lo, imagina um conjunto de indivíduos previamente idealizados, que são os sujeitos destinatários. O autor, situado num contexto social, elabora seu texto, imaginando quem serão seus destinatários e realizando escolhas a fim de produzir em pessoas que pertençam a determinada sociedade, a determinada camada social e a um conjunto de costumes comuns, um efeito por ele desejado. Numa situação como essa, o sujeito comunicante normalmente não é aquele que desempenha o papel da emissão da mensagem. Ele é responsável pelo processo de pré-figuração, criando, deste modo, seu texto. Os atores da peça, ao representarem as personagens, serão os sujeitos enunciadorees, os seres de fala responsáveis pela emissão da mensagem. A platéia idealizada pelo autor é o sujeito destinatário. Ela compõe-se de um grupo de pessoas com alguns aspectos em comum, provavelmente a classe social a que pertencem, os interesses culturais, etc. No entanto, cada pessoa dará a sua própria interpretação à peça assistida, compondo sua própria re-figuração da mensagem, que se baseia não só em sua realidade sócio-cultural

compartilhada, mas também em sua realidade psíquica, individual, história de vida e ideologia. Portanto, cada pessoa que assiste à peça pode vir a dar-lhe uma interpretação pessoal, isto é, a mensagem comunicada no teatro, pelo texto, pelo figurino e pela interpretação dos atores, pode surtir diferente efeito para cada membro da platéia, ainda que pertençam todos a um grupo relativamente homogêneo.

Esse é um exemplo em que os sujeitos comunicante e enunciador não são representados pelos mesmos indivíduos. Em muitas situações de comunicação, no entanto, a dinâmica pode acontecer de forma diferente. No exemplo de uma conversa entre duas pessoas que se encontram, o comunicante e o enunciador são, obviamente, a mesma pessoa, que recebe simplesmente o nome de emissor. Ainda assim, o esquema da subdivisão dos sujeitos proposto por Charaudeau faz-se aplicável e útil. O emissor efetua dois processos: o primeiro, mental, de dar forma à mensagem; o segundo de efetivamente emití-la, o que faz através da fala e, eventualmente, através de gestos e expressões. O primeiro processo é, portanto, desempenhado pelo sujeito comunicante, e o segundo, pelo sujeito enunciador.

Outro autor que demonstra tanto a validade da subdivisão dos sujeitos em comunicante/enunciador e destinatário/interpretante quanto a importância de se avaliar o contexto situacional nos processos de comunicação é Stubbs (1996, p. 81-100). Ele apresenta, como exemplo, um estudo feito a respeito de duas cartas escritas pelo fundador do Movimento Escoteiro: a última mensagem de Baden-Powell (BP) às guias e sua última mensagem aos escoteiros<sup>5</sup>.

O primeiro aspecto destacado por Stubbs é o fato de que o texto escrito para as guias, publicado em 1941 e reimpresso uma única vez em 1942, não é atualmente editado ou impresso, ao passo que a sua última mensagem aos escoteiros, escrita em 1942, continua, até hoje, sendo reeditada e distribuída entre jovens escoteiros ingleses. Mesmo aqui, no Brasil, a “Última Mensagem de BP” encontra-se traduzida e publicada

---

<sup>5</sup> Deve-se observar que Stubbs utiliza o termo escoteiros para se referir aos membros masculinos do Movimento Escoteiro e guias para se referir aos membros femininos, independentemente de suas idades, e que quando repetimos esse uso buscamos nos manter fiéis ao autor. No entanto, no Movimento Escoteiro brasileiro, a seguinte classificação é adotada: escoteiro: membro masculino de 11 a 14 anos; sênior: membro masculino de 15 a 18 anos; escoteira: membro feminino de 11 a 14 anos; guia: membro feminino de 15 a 18 anos.

em diversos livros e manuais, hoje usados tanto pelos meninos/rapazes quanto pelas meninas/moças. Como exemplo, citamos a tradução contida em *Escotismo para Rapazes* (BADEN-POWELL 1986a, p. 368), que se encontra reproduzida no ANEXO A desta tese.

Stubbs ressalta a importância de se ter em mente, quando da análise dos dois textos, o contexto relacionado à época em que foram escritos. Chama atenção para o fato de que Baden-Powell, o autor das duas cartas, nasceu em meados do século XIX, teve uma vida militar, e escreveu tais cartas por volta dos sessenta e tantos anos de idade. Os textos foram escritos há cerca de sessenta anos e estão voltados para uma sociedade britânica monarquista. Portanto, o que hoje consideramos preconceito contra a mulher – os textos expressam explicitamente o ponto de vista de que mulheres e homens possuem lugares completamente diferentes no mundo – era absolutamente adequado para a época e situação de produção. O fato de algumas diferenças neles apontadas nos parecerem, agora, até mesmo fora de propósito pode justificar a não-reimpressão do texto dedicado especificamente às guias.

Além da produção, Stubbs (1996, p. 83) considera a recepção do texto. Ele afirma:

Também é importante considerar o contexto de recepção dos textos. Um princípio da análise de textos é que os textos devem ser localizados institucionalmente. Quem os produziu? Quem irá lê-los? Adultos ou crianças? Um único indivíduo ou centenas ou milhões de pessoas? (tradução nossa)<sup>6</sup>

Retomando o quadro técnico apresentado na FIG. 4, lembramos que, ao escrever seus textos, BP construiu uma identidade para cada um de seus leitores – moças e rapazes da época em que foram escritos, bem como, possivelmente, seus pais. As cartas são situações monolocutivas em que o receptor não está presente e precisa ser instituído. Stubbs observa que a carta destinada às guias é mais longa e mais complexa que aquela destinada aos escoteiros, como se BP, ao conceber uma imagem dos sujeitos destinatários, tivesse assumido que as guias são capazes de compreender textos lexicamente e sintaticamente mais complexos que os escoteiros e que estes, por sua

---

<sup>6</sup> Original em inglês.

vez, possuem menor capacidade de manter fixa sua atenção em textos longos e cuja leitura não seja rápida, simples e agradável<sup>7</sup>. Percebe-se que o sujeito destinatário construído no texto destinado às guias não existe mais no universo de hoje, embora aquele imaginado para o texto aos escoteiros possa, hoje, ser estendido tanto a escoteiros quanto a guias, seus atuais sujeitos interpretantes, uma vez que o segundo texto continua sendo publicado e distribuído para escoteiros de ambos os sexos.

Uma vez apresentada sua análise acerca do lugar da produção (sujeito comunicante: BP) e do lugar da recepção (sujeito interpretante: o receptor ideal baseava-se no contexto da época; os receptores reais são escoteiros e escoteiras atuais de todo o mundo para os quais a carta às guias está fora de contexto mas o texto destinado aos escoteiros continua atual), Stubbs parte para uma breve análise do produto, ou seja, do conteúdo dos textos. Ressalta que o texto destinado às guias é composto de diversas referências a homens (maridos, pais, etc.) ao passo que o texto para os escoteiros não faz referência alguma a qualquer outra pessoa, exceto a um personagem fictício, o pirata de Peter Pan. Os dois textos expressam duas ideologias distintas: o primeiro denota o papel das guias como esposas e mães; a mulher pertence ao espaço da família e da casa, jamais à vida pública, a uma carreira, trabalho ou envolvimento político; o segundo, embora vagamente, faz referência à futura carreira profissional do escoteiro, e encoraja os meninos a “se contentarem com aquilo que receberem da vida e fazer o melhor com isso” (STUBBS, 1996, p.99). Portanto, conforme proposto por Charaudeau, Stubbs faz a análise comparativa dos dois textos avaliando os espaços de pertinência de sua produção, de sua recepção e do próprio produto, o conteúdo dos textos em si. O trabalho de Stubbs é ainda importante por se relacionar com o tema em estudo, o Movimento Escoteiro, consistindo de referência bibliográfica que não poderia deixar de ser citada.

O esquema da FIG. 4, uma adequação do quadro teórico proposto por Charaudeau (2001, p.29), além de aplicável aos estudos de Stubbs (1996, p. 81-100) é, ainda, coerente com as afirmações de Christovão e Braga (1997, p.35-36) para quem

---

<sup>7</sup> Cabe aqui uma crítica a tal raciocínio: um texto melhor explicado e mais longo pode ser dirigido a pessoas (no caso, às moças) que possuam menor capacidade de interpretação – hipótese que se adequa ao caráter machista do Movimento Escoteiro quando de seus primórdios.

Em um processo de comunicação, o indivíduo-emissor codifica seu próprio conhecimento em uma mensagem ou mensagens para transferi-la(s) a um indivíduo-receptor; tal mensagem ou tais mensagens poderão ou não se transformar em informação, dependendo do fato de alterarem ou não a estrutura mental do indivíduo receptor.

Relacionando-se o ponto de vista dessas autoras às afirmações de Charaudeau e Ghiglione, tem-se que as mensagens são transmitidas no circuito interno proposto por Charaudeau ao passo que a informação ocorre na interação entre os dois circuitos, interno e externo. A informação como representação objetivando comunicar o sentido, conforme definida por Araújo (1998, p. 16), equivale à operação de pré-figuração de Charaudeau e Ghiglione. Por sua vez, a informação como processo de atribuição de sentido corresponde à operação de re-figuração, como mostra a FIG. 4.

Assim, no processo de comunicação, o chamado sujeito comunicante, imerso numa realidade social particular, ao elaborar uma mensagem (conjunto de dados, quer seja manuscritos, quer através de imagens, ícones, sons, gestos, etc.) tem, como ponto de partida, seu próprio contexto social, sua gama de conhecimentos individuais e coletivos. Não é apenas a partir dessa vivência que ele elabora seu discurso, portador de sua mensagem. Leva em consideração, ainda, o receptor (sujeito interpretante) que deseja atingir: qual é a sua realidade psico-socio-cultural, quais são os seus conhecimentos prévios, de que modo ele provavelmente irá re-figurar a mensagem recebida. O objetivo do sujeito comunicante é que a mensagem produza a informação desejada no sujeito interpretante a quem ela se destina. Portanto, a mensagem deve gerar um processo de informação capaz de alterar o estado de conhecimento do receptor.

Marteleto (1998, p. 78) trata a tríade informação-conhecimento-comunicação “indicando uma sucessão ininterrupta e articulada entre os três termos, ou quase automática. Ou seja, a passagem de uma informação ao estado de conhecimento e a comunicação adequada deste conhecimento como matéria informacional”. Outros autores definem informação como o processo de diminuição da incerteza. Nessa abordagem, o sujeito interpretante é considerado o usuário em busca de documentos que contenham mensagens capazes de esclarecer-lhe dúvidas, alterando seu estado anterior de conhecimento.

Na busca de uma definição para o termo informação apresentou-se aqui a Teoria Matemática da Comunicação, que foi criticada por “coisificar” informação, confundindo-a com os conceitos de mensagem e de documento. Informação passou a ser tratada, então, como um processo de figuração da mensagem e, finalmente, o contexto sócio-cultural passou a ser considerado. Outros autores, entre os quais citamos Saracevic e Capurro percorrem essa mesma linha de raciocínio.

Saracevic (1999, p.1054) afirma que em alguns campos, entre os quais inclui a ciência da informação, a noção de informação é intimamente associada às mensagens. Para o autor, ao assumir esse sentido, as diferentes manifestações de informação podem ser ordenadas numa seqüência contínua de aumento de complexidade. No sentido mais restrito, a informação seria tratada como propriedade de uma mensagem. O valor da informação seria, então, calculado como a diferença entre a utilidade de uma tomada de decisão feita sem a informação e aquela realizada após a recepção e análise da informação. Ampliando um pouco o sentido do termo, Saracevic propõe relacionar a noção de informação com o processo de cognição e compreensão. Assim, informação passa a ser aquilo que resulta da interação entre duas estruturas cognitivas: uma mente e um texto externo (mensagem). Nesse sentido define-se informação como aquilo que afeta ou altera o estado de uma mente. Finalmente, num sentido ainda mais amplo, o autor assume que informação deva ser tratada em um contexto, ou seja:

informação envolve não somente mensagens (primeiro sentido) que são cognitivamente processadas (segundo sentido), mas também um contexto – situação, tarefa, problema à mão, e afins [...]. Complementando os demais sentidos, envolve motivação ou intencionalidade e, conseqüentemente, conecta-se ao horizonte ou contexto social a seu redor (Ibidem, p. 1054, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Por sua vez, Capurro (1992)<sup>9</sup> propõe três pontos de vista distintos para o estudo da informação: o primeiro segue a tradição positivista ou racionalista, em que a informação é considerada como algo objetivo na realidade exterior; o segundo abandona a idéia da informação como um tipo de substância fora da mente e analisa o fenômeno da cognição humana como condição necessária para a determinação daquilo que possa

---

<sup>8</sup> Original em inglês.

<sup>9</sup> <http://v.hbi-stuttgart.de/~capurro/tampere91.htm>

ser chamado de informação; o terceiro busca, na hermenêutica, uma definição social e pragmática de informação.

O primeiro ponto de vista do autor condiz com a teoria matemática da comunicação, em que as definições de informação e mensagem são consideradas sinônimas, sendo a informação tratada como produto e não como processo. Para Capurro (1992), o ponto de vista positivista no estudo da informação é sustentado por três paradigmas, a saber: o paradigma da representação, o paradigma emissor-canal-receptor e o paradigma platônico.

De acordo com o paradigma da representação, os seres humanos são conhecedores ou observadores de uma realidade externa. O processo de conhecimento consiste na assimilação das coisas através de suas representações na mente/cérebro do sujeito. Essas representações, uma vez processadas ou codificadas em nossos cérebros, podem então ser comunicadas a outras mentes. Informação é definida, portanto, como a réplica codificada da realidade, podendo submeter-se a operações de comunicação ou de armazenamento. Seres humanos, como seres biológicos, são processadores de informação, pois são capazes de armazenar e comunicar informação. Nesse sentido, os computadores também são processadores de informação, também aptos a armazená-la e comunicá-la. Humanos podem utilizar informação para propósitos específicos e racionais; nada se fala contra a hipótese de que as máquinas também possam alcançar tal nível de processamento e uso da informação. De acordo com esse paradigma, a ciência da informação preocupa-se com o estudo da representação, codificação e posterior recuperação e uso racional da informação.

O paradigma emissor-canal-receptor trata o fenômeno da comunicação humana como uma metáfora a ser aplicada em diferentes níveis da realidade. Ao se comunicarem, emissores e receptores trocam informação, cuja conceituação, novamente, confunde-se com a de mensagem. Para que o receptor compreenda o significado da mensagem enviada pelo emissor, é necessário que exista um “estoque” comum de signos. De acordo com esse paradigma, a ciência da informação preocupa-se principalmente com o impacto da informação no receptor. Ao mesmo tempo, receptores são “buscadores” ou usuários de informação com o objetivo de resolver seus problemas.

O paradigma platônico apresenta um ponto de vista oposto aos dois anteriores: ao invés de considerar a existência de um sujeito detentor do conhecimento, considera a informação por si mesma. Pode ser materialista (o conhecimento não é um processo biológico, sociológico ou psicológico mas é objetivizado em “transportadores” não-humanos) ou idealista (o conhecimento é algo objetivo em si mesmo, independentemente de qualquer “transportador” material). De acordo com esse paradigma, a ciência da informação deve estudar a informação em si mesma.

Ao invés de partir de uma consideração objetiva daquilo que se chama informação e de sua interação com um emissor ou com um receptor, comum a todos os sistemas de informação, o segundo ponto de vista de Capurro (1992), o cognitivo, procura por um relacionamento intrínseco entre o homem detentor do conhecimento (conhecedor) e o seu conhecimento potencial. O conhecedor é originalmente um não conhecedor, ou um conhecedor parcial e um questionador cujas questões baseiam-se num estado de conhecimento que é parte da sua imagem do mundo. Esse ponto de vista afirma que a estrutura do conhecimento é modificada pela nova informação, aqui entendida como o processo de dar sentido a uma mensagem que possa diminuir um estado de incerteza.

Capurro (1992) acredita que esse ponto de vista permanece insatisfatório, uma vez que considera que o conhecimento só possa ser adquirido pelo processo de comunicação. Segundo o autor, quando dizemos “nós armazenamos, recuperamos, trocamos etc. informação” nós agimos como se informação fosse alguma coisa externa (“*out there*”). Mas, ao contrário, somos nós que estamos “lá fora”, compartilhando um mundo comum e, portanto, capazes de compartilhar explicitamente com outros as condições e limites de nossa compreensão. Informação, num sentido hermenêutico-existencial, significa compartilhar um mundo comum tematicamente e situacionalmente.

Segundo ele, a informação não é nem o produto final de um processo de representação, nem algo a ser transportado de uma mente para outra, nem ainda alguma coisa separada de uma “cápsula de subjetividade”, mas sim uma dimensão existencial do nosso estado de convivência no mundo com os outros. Mais precisamente, informação é a articulação de um estado prévio de entendimento pragmático de um mundo comum compartilhado.

Tendo, no segundo ponto de vista, diferenciado as definições de mensagem e de informação, ao propor a consideração da informação como processo, o autor agora passa a considerar a inserção do ser humano no mundo, para conceituar a informação. Ao propor o terceiro enfoque, Capurro (1992) chama a atenção para o fato de que o processo de informar – seja do ponto de vista do produtor, que objetiva representar uma mensagem, seja do ponto de vista do receptor, que busca dar sentido a ela – não faz uso apenas da mensagem transmitida, mas também de um conjunto de conhecimentos dos parceiros (emissor e receptor ou sujeito comunicante e sujeito interpretante). Alguns desses conhecimentos podem ser adquiridos pelo processo de comunicação, outros são resultado da interação dos parceiros com o mundo que os cerca, adquiridos de modo subjetivo, inexprimíveis através de símbolos.

Reunindo as proposições dos autores citados, conclui-se que a informação possa ser descrita como sub-processos no processo de comunicação: de um lado o processo de representação, buscando comunicar o sentido, realizado pelo sujeito comunicante; de outro lado, o processo de atribuição de sentido efetuado pelo sujeito interpretante. Deve-se considerar o contexto de produção e de recepção, isto é, de um lado, como de outro, o contexto psico-sócio-cultural influi no processo de informação. No entanto, as estruturas de conhecimento desses sujeitos não são alteradas somente pelo processo de comunicação. O ser humano é capaz de adquirir conhecimento interagindo com o mundo ao seu redor. Portanto, a informação não se define apenas como sub-processo da comunicação, mas existe mesmo quando não há intencionalidade de comunicar-se. É processo de atribuição de sentido capaz de alterar um estado de conhecimento prévio, mesmo que não haja comunicação explícita.

Conhecer um objeto significa a capacidade do intelecto passivo (ou possível) de compreender a **species** ou a forma do objeto. [...] A forma sensível **informa** a sensação e o intelecto passivo (**informatio sensus, informatio intellectus, possibilis**), sendo que é o intelecto ativo que produz o ato de compreensão através da abstração do conceito universal advindo da forma representativa ou **phantasma**. As coisas materiais e sensíveis são compreendidas à medida em que são apreendidas pelo sentido, representadas pela imaginação e tornadas inteligíveis pelo intelecto.[...] Em outras palavras, a compreensão (conhecimento) humana não é puramente intelectual nem puramente sensível, porém uma união de ambos.[...] Embora a filosofia moderna critique muitos aspectos deste paradigma, o termo informação tem aqui um importante papel. [...] Ele refere-se à mediação entre a mente

e os objetos à medida que eles são percebidos por nossos sentidos (CAPURRO, 1985, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Nessa concepção, a informação prescinde da existência de dois seres humanos comunicantes, ao contrário do que afirmam Christovão e Braga (1997, p.35), para quem a informação só ocorre quando existe a emissão de mensagem gerada por um emissor humano. Continua sendo definida como processo de atribuição de significado da realidade apreendida pelo ser humano. Desse enfoque não participa um emissor, uma vez que não ocorre o processo explícito de comunicação; mas há um receptor, aquele que percebe e apreende os objetos do mundo à sua volta.

Diante da necessidade de materializar o significado do termo informação, ainda que procurando manter-se coerente com a função do processo de informar, que é a de alterar o estado de conhecimento prévio do indivíduo, Barreto (1994)<sup>11</sup> conceitua informação como um conjunto de estruturas significantes que podem ou não ter sido geradas intencionalmente por um sujeito emissor: “Assim, como agente mediador na produção do conhecimento, a informação qualifica-se, em forma e substância, como estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo”.

Nessa conceituação que materializa o significado do termo, a informação é a raiz do processo do conhecer e, portanto, instituinte da cultura. Nesse sentido, considera-se que:

1. quando se instaura um processo de comunicação, informação é algo que um indivíduo gera ativamente e que outro indivíduo pode decidir internalizar;
2. cada indivíduo recebe e interpreta informação (conjunto de estruturas significantes) à sua própria maneira, dando-lhe significado pessoal;
3. a percepção da informação é mediada pelo estado de conhecimento do receptor e pelo contexto psico-socio-cultural em que ele se encontra inserido;
4. quando a informação é percebida e/ou recebida, ela afeta e transforma o estado de conhecimento do receptor.

---

<sup>10</sup> <http://v.hbi-stuttgart.de/~capurro/trita.htm>, original em inglês.

<sup>11</sup> <http://www.ax.apc.org/~aldoibct/quest/quest.htm>

O estado de conhecimento de um indivíduo, a qualquer momento, reflete apenas parte da cultura global, considerando a capacidade de apreensão desse indivíduo, bem como a interpretação pessoal dada por ele. A distinção entre cultura global e cultura individual (ou estado de conhecimento do indivíduo) já foi discutida há mais de um século, e é apresentada pelo sociólogo Simmel (1998, p. 45) da seguinte maneira:

A discrepância entre a cultura tornada objetiva e a subjetiva parece expandir-se permanentemente. O acervo da cultura objetiva é aumentado diariamente e de todos os lados, enquanto o espírito individual somente pode entender as formas e conteúdos de sua constituição em uma aceleração contida, seguindo apenas de longe a cultura objetiva. [...] Nas línguas e nos costumes, nas constituições políticas e nas doutrinas religiosas, na literatura e na técnica, é acumulado o trabalho de incontáveis gerações, enquanto espírito tornado objetivo. Deste trabalho acumulado cada um leva o quanto quiser ou puder, mas nenhum indivíduo é capaz de esgotá-lo; entre a dimensão deste acervo e a do que dele é retirado temos as relações mais variadas e casuais.

Em seu texto, Simmel não busca comprovações científicas ou mesmo referências de autores renomados para se justificar, mas o faz através de exemplos da vida prática. Entre tais exemplos, cita o fato de que, se de um lado as possibilidades de expressão lingüística enriquecem com o acréscimo de nuances, refinamentos, matizações e individualizações de expressão, além da expansão de conteúdos e temas, por outro lado, a conversação (seja social, íntima, troca de correspondência) torna-se cada vez mais superficial, desinteressante, menos séria. Se de um lado temos a possibilidade de possuir máquinas mais inteligentes, do outro, o trabalhador vem se tornando cada vez menos conhecedor do processo como um todo. Se de um lado o acervo literário aumenta a cada dia, do outro, o conteúdo e a significação de um livro são diferentes para cada leitor, além de haver a impossibilidade de acesso a todo o acervo. Portanto, nosso conhecimento é, em cada instante, parte de um complexo dos conhecimentos idealmente existentes.

Simmel não é o primeiro autor a expor a idéia de que o conhecimento individual seja subconjunto de uma totalidade de conhecimentos. Muito antes, Platão já sugeria que a alma humana era capaz de conhecer a significação absoluta de todas as coisas em sua pré-existência. Assim, qualquer saber adquirido durante a vida, nada mais era que a memorização daquela verdade. Observa-se, portanto, de acordo com o mito platônico,

uma queda do conhecer real com respeito à antiga posse dessa totalidade: o ser humano não possui mais conhecimento totalitário, mas rememora os conhecimentos que idealmente possuía sempre que isso se faz necessário. A frase grifada no parágrafo anterior é verdadeira se considerarmos, portanto, os pressupostos do mito platônico.

Para Simmel, embora o mito platônico não exista, a afirmação de que nosso conhecimento seja, em cada instante, apenas parte de um complexo dos conhecimentos idealmente existentes permanece válida, sob outro ponto de vista: o conhecimento é apreendido pelo processo de informação (escolha + construção). Em qualquer instante de nossas vidas, ainda não teremos sido capazes de ter conhecimento absoluto sobre tudo.

Além de perceber a limitação do conhecimento individual, a que chamou cultura subjetiva, o sociólogo já delineava, em seu trabalho produzido no ano de 1900 (SIMMEL, 1998, p. 45), uma noção para o termo informação, como o processo de seleção e atribuição de sentido (FIG. 5).

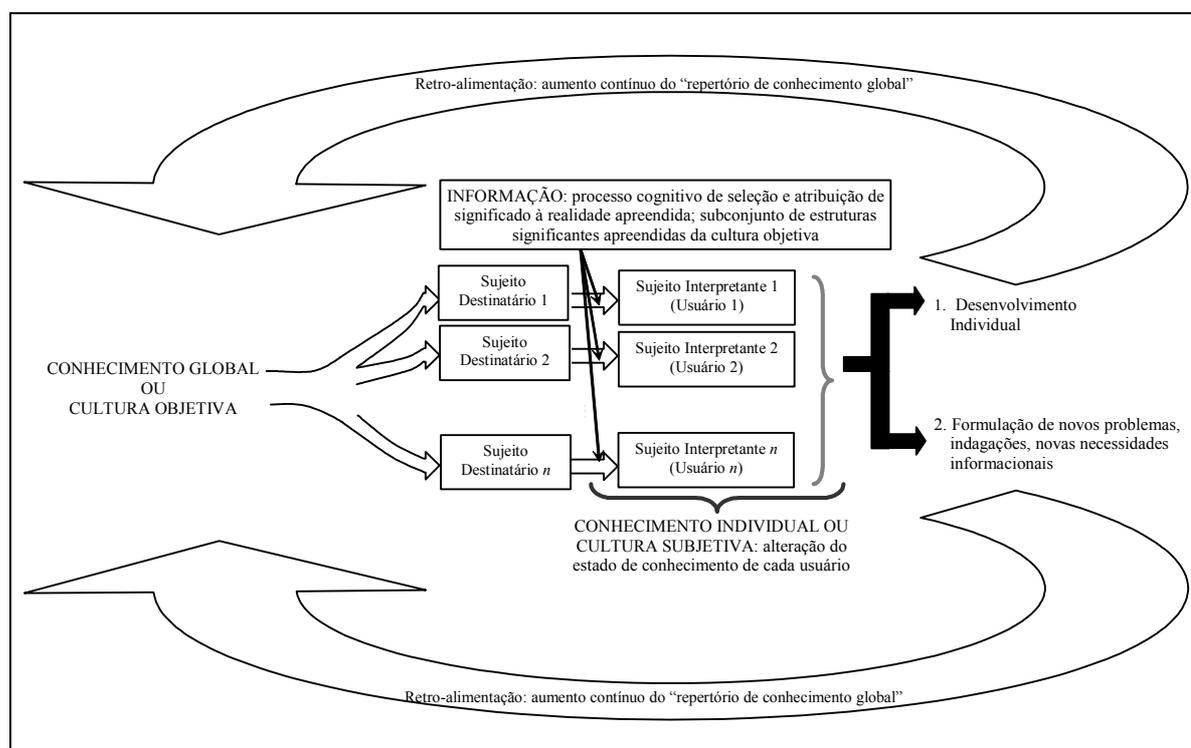


FIGURA 5 - Relação entre Cultura Global (Objetiva) e Cultura Individual (Subjetiva)  
 FONTE: Elaborada pela autora baseada em Simmel (1998, p. 45).

Lévy (2000, p. 161) também aborda essa limitação do conhecimento. Segundo ele,

O ponto da guinada histórica da relação com o saber situa-se sem dúvida no final do século XVIII, nesse momento de equilíbrio frágil no qual o antigo mundo disparava seus mais belos fogos enquanto as fumaças da revolução industrial começavam a mudar a cor do céu. Quando Diderot e d’Alembert publicaram sua *Encyclopédie*. Até então, um pequeno grupo de homens podia esperar dominar o conjunto dos saberes (ou ao menos os principais) e propor aos outros o ideal desse domínio. O conhecimento era ainda totalizável, adicionável. A partir do século XX, com a ampliação do mundo, a progressiva descoberta de sua diversidade, o crescimento cada vez mais rápido dos conhecimentos científicos e técnicos, o projeto de domínio do saber por um indivíduo ou por um pequeno grupo tornou-se cada vez mais ilusório. Hoje, tornou-se evidente, tangível para todos que o conhecimento passou definitivamente para o lado do intotalizável, do indomável.

A emergência do ciberespaço não significa de forma alguma que “tudo” pode enfim ser acessado, mas antes que o Todo está definitivamente fora de alcance.

Fala-se, aqui, da explosão informacional, fenômeno observado principalmente a partir da 2<sup>a</sup> Grande Guerra considerada, para muitos autores, a época de origem da ciência da informação como campo de conhecimento. E, se a literatura na área encontra dificuldade em definir o significado do termo informação, também controversa é a definição de ciência da informação. É por isso que muitos autores concordam com Saracevic (1999, p. 1051) quando ele afirma que

debates acerca da definição apropriada de ciência da informação são infrutíferos e vazios em expectativas. A ciência da informação, seja enquanto ciência, seja como profissão, é definida pelos problemas que lhe são conferidos e pelos métodos utilizados para solucioná-los ao longo do tempo (tradução nossa)<sup>12</sup>.

Entre tais problemas o autor cita a recuperação da informação, sua relevância, e a interação entre sistemas e pessoas envolvidas nos processos de recuperação da informação.

---

<sup>12</sup> Original em inglês.

De maneira análoga, considerando a multiplicidade de paradigmas e de noções de informação<sup>13</sup>, Capurro (1992) destaca que a pergunta que interessa ao pesquisador em ciência da informação não é “O que é informação?” e sim “Para que serve a (ciência da) informação?”.

Barreto (1998, p.122-123) define um objetivo da ciência da informação, considerando sua conceituação de informação como estruturas significantes:

Este é o objetivo da ciência da informação: criar condições para a reunião da informação institucionalizada, sua distribuição adequada para um público que, ao julgar sua relevância, a valorize para uso com o intuito de semear o desenvolvimento do indivíduo e dos espaços que este habita. Assim, por coerência, o objetivo da pesquisa em ciência da informação é permitir que esse ciclo se complete e se renove infinitamente (informação  $\Rightarrow$  conhecimento  $\Rightarrow$  desenvolvimento  $\Rightarrow$  informação) e, ainda, para que seu direcionamento esteja correto, sua velocidade compatível e seus espaços adequados.

Já citamos Marteleto que, em artigo de 1998, sugere o ciclo informação-conhecimento-comunicação. Barreto (1998), por sua vez, apresenta um ciclo semelhante: informação-conhecimento-desenvolvimento. Da combinação de ambos, apresenta-se o ciclo informacional proposto na FIG. 6, em que se introduz o elemento comunicação. A comunicação de uma mensagem dá origem à informação, quer seja compreendida como atribuição de sentido à mensagem comunicada, quer seja compreendida como um conjunto de estruturas significantes, que leva a uma alteração do estado de conhecimento que, por sua vez, desencadeia um “processo de desenvolvimento, que permite acessar um estágio qualitativamente superior nas diversas e diferentes gradações da condição humana. E esse desenvolvimento é repassado ao seu mundo de convivência” (BARRETO, 1998, p.122) fechando, assim, o ciclo. Embora essa abordagem seja um tanto mecanicista, não se exclui dela o contexto sócio-cultural, lembrando que aspectos contextuais podem alterar a dinâmica proposta.

Tal ciclo informacional se vê bastante afetado quando a comunicação se dá através da Internet ou do ciberespaço. Para Lévy (2000, p. 92), o ciberespaço é “o

---

<sup>13</sup> Capurro (1992) cita Schrader que, em 1986, teria contado 134 noções de informação no campo da ciência da informação (SCHRADER, A. M. The domain of information science: problems in conceptualization and in consensus-building. *Information Services & Use*, 6, p. 169-205, 1986).

espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e memórias dos computadores”. Quando a comunicação ou o fluxo informacional se utiliza desse espaço, as preocupações de Barreto (1998) acerca de direcionamento, velocidade e espaços devem ser consideradas amiúde.

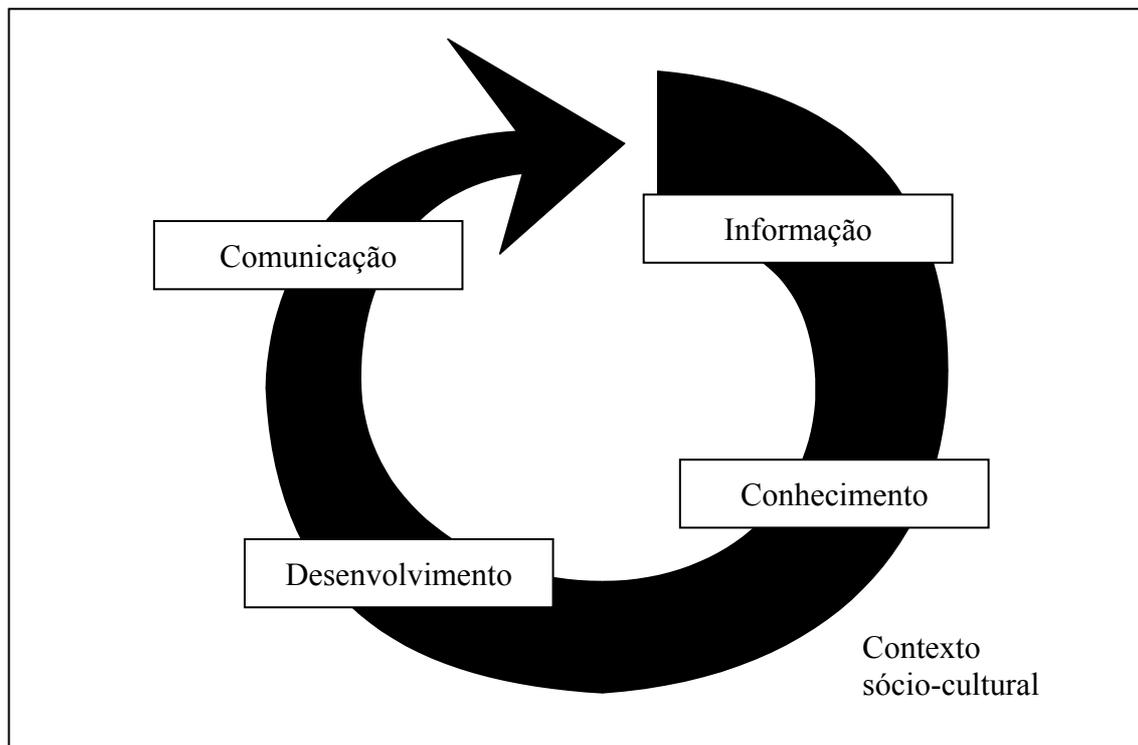


FIGURA 6 - Ciclo informacional

FONTE: Elaborada pela autora com base em Marteleto (1998,p. 78) e Barreto (1998, p. 122)

### **Propósito da ciência da informação mediante a revolução tecnológica**

Quando o canal de comunicação é eletrônico, a velocidade de comunicação tende ao infinito, uma vez que independentemente da distância física em que se encontrem emissor e receptor, a transferência dos dados pode ser feita de maneira praticamente imediata, dependendo apenas de seu volume e da taxa de congestionamento da rede.

Por outro lado, assiste-se a uma desterritorialização do espaço. Se isso por um lado é vantajoso, por outro pode ser bastante complexo uma vez que mensagens

originariamente elaboradas visando a um público alvo pré-determinado podem vir a ser recebidas por usuários com contextos sócio-culturais extremamente diversos daqueles para os quais a mensagem foi primariamente destinada. Assim, pouco se pode prever acerca da interpretação e uso dados à mensagem pelos usuários.

A interpretação, isto é, a produção do sentido, doravante não remete mais exclusivamente à interioridade de uma intenção [...], mas antes à apropriação sempre singular de um navegador ou de um surfista. O sentido emerge dos efeitos de pertinência locais, surge na intersecção de um plano semiótico desterritorializado e de uma trajetória de eficácia ou prazer. Não me interessa mais pelo que pensou um autor inencontrável, peço ao texto para me fazer pensar, aqui e agora (LÉVY, 1999, p. 49).

Em relação ao direcionamento, tem-se o problema de que o caráter informal da Internet torna difícil o estabelecimento de qualquer tipo de orientação a ser seguida. Novamente citando Lévy (1999, p. 48), no ciberespaço,

os vínculos podem remeter a endereços que abrigam não um texto definido mas dados atualizados em tempo real: resultados estatísticos, situações políticas, imagens do mundo transmitidas por satélite... Assim como o rio de Heráclito, o hipertexto jamais é duas vezes o mesmo. Alimentado por captadores, ele abre uma janela para o fluxo cósmico e a instabilidade social.

Barreto (1998, p.125) ressalta ainda o fato de a comunicação eletrônica afetar a estrutura da mensagem, uma vez que o receptor não se prende mais a uma estrutura linear de informação, mas a um conjunto hipertextual e multimídia de dados.

Nas próximas seções busca-se detalhar os elementos mais afetados quando o ciclo informacional se dá no ciberespaço.

### 2.1.1 O direcionamento do conteúdo na Internet

Segundo Cebrián (1999, p. 82):

A existência de redes abertas tem facilitado seu uso por todo tipo de cidadãos e instituições. Não apenas pelos que representam setores determinados da sociedade estabelecida, mas pelos marginais, pelos defensores de um pensamento alternativo e, também, por grupos de delinquentes, bandos terroristas, máfias organizadas e toda classe de manifestações que normalmente se conhece por movimentos anti-sociais. Os governos se vêem impotentes para combater sozinhos esse fenômeno. O que os impede é o desaparecimento das fronteiras na rede e a sua flexibilidade de funcionamento. A diferença de legislações entre um país e outro, a resistência lógica à implantação de censuras que acabem com a liberdade fundamental dos usuários, e o próprio caráter da WWW, em que o virtual e o real se confundem, tornam extremamente difícil estabelecer qualquer tipo de controle. São necessários acordos internacionais e uma cooperação efetiva entre os países se se quer fazer algo a respeito, porém as experiências havidas até agora não permitem que nos mostremos otimistas.

Como se pode observar, a Internet nasceu e desenvolveu-se como um sistema descentralizado, caótico e mesmo anárquico. Embora existam órgãos responsáveis por geri-la tecnicamente evitando, por exemplo, a duplicidade de endereços eletrônicos – no Brasil, apenas em setembro de 2003 foi oficialmente criado um Comitê Gestor da Internet, para esse fim (BRASIL, 2003) –, não há órgãos que garantam qualquer tipo de legislação que direcione o conteúdo que circula através da rede. Pelo fato de se tratar de um sistema internacional, parece tarefa extremamente complexa controlar a informação que trafega pela rede, dado o seu grande volume, a volatilidade de sua localização e percurso de transporte, e a ausência de fronteiras.

Tentativas de definir normas para o uso da rede e de legislar sobre as atitudes dos participantes, mesmo se apenas no meio acadêmico, têm sido sempre muito limitadas e ainda encontram-se em fase de estudos.

Sociologicamente, o grupo dos internautas é algo ainda completamente indefinido, se é que se pode chamar o conjunto de internautas de grupo ou de comunidade. Simmel (1983, p.90), um dos estudiosos que definiu a sociologia como ciência, considera que um grupo social sofre modificações de acordo com a quantidade de membros que abriga. Para ele, em pequenos grupos, os membros têm a oportunidade

de interagirem uns com os outros; à medida que os grupos excedem um tamanho relativamente limitado tal interação passa a ser mediada através de arranjos formais. Nenhum grupo grande funciona sem a criação de cargos e representações, diferenciação de posições de *status* e delegação de tarefas e responsabilidades. Segundo Simmel, ao passo que um indivíduo pode ser regido pela sua própria moral, grupos pequenos normalmente regem-se por costumes, e grupos grandes precisam ser organizados sob um conjunto de normas e leis (direito) que devem ser garantidas através de mecanismos de coerção.

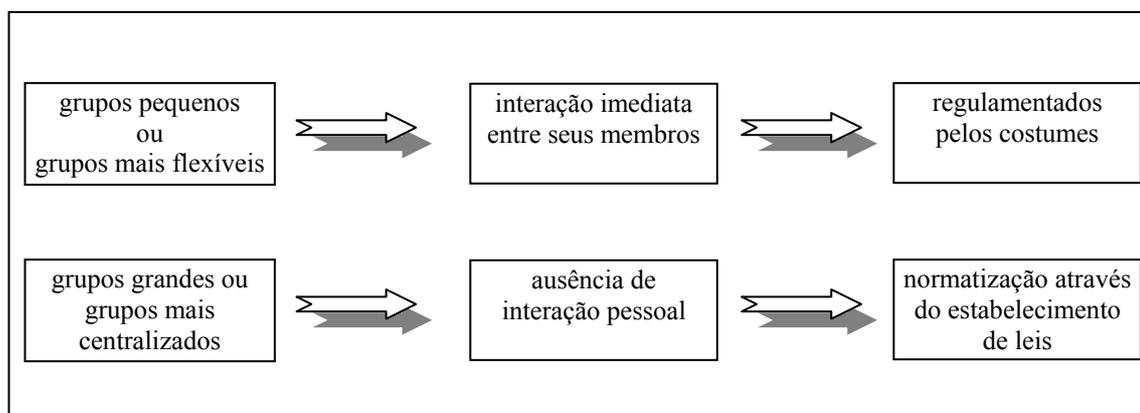


FIGURA 7 - Regulamentação em função do tamanho do grupo social

FONTE: Elaborada pela autora, conforme proposto por Simmel (1983, p. 101-105).

O conjunto formado pelos internautas que ou consultam a *World Wide Web* (WWW) ou conversam e interagem entre si através de listas de discussão, “salas de debates”, *chats*, *e-mails*, etc., é composto de milhões de pessoas, para as quais não existem barreiras geográficas. Para esse grupo – se assim puder ser denominado –, o estabelecimento de normas e leis de conduta é extremamente difícil. A rede tem por definição a inexistência de censura. Sendo um sistema internacional, quem controlaria o que trafega por ele? Poderia o governo de um país emitir leis que através da rede afetassem outros países? Desse modo, atualmente, o grande grupo de pessoas conectadas à rede, os internautas, não é regido por um conjunto de leis, mas sim por um conjunto de costumes. A chamada “netiqueta” é uma prova de que as relações são guiadas por uma espécie de código de ética, que todos buscam seguir, embora não sejam obrigados a tal. Não existe sanção ou punição para quem burla tal código. No entanto, dentro do grande grupo de internautas, podem-se distinguir pequenos grupos, como por

exemplo, uma “sala de debates” sobre um determinado assunto, promovida por um provedor de acesso. Para participar de tal sala, um membro deve submeter-se a um conjunto de normas estabelecidas (provavelmente pelo provedor), podendo ser penalizado pelo eventual descumprimento de alguma delas (na maior parte das vezes, a pena consiste de seu desligamento ou exclusão da “sala de debates”, isto é, do grupo). Assim, teríamos aqui um exemplo de exceção à regra de Simmel, ou seja, um caso em que o grupo grande é norteado apenas por costumes, ao passo que o grupo pequeno segue normas e leis.

Paradoxalmente, a inexistência de leis na Internet evoca uma série de problemas legais, entre os quais podem-se citar aqueles relacionados com o direito autoral, com a criptografia e com a censura.

Como o sistema permite o transporte e a cópia de grandes volumes de dados a custo praticamente zero por qualquer usuário, torna-se fácil o desrespeito às leis de direitos autorais (*copyright*). Além disso, como o volume de publicações na WWW é imenso, usar informações lá colhidas sem fazer a devida citação ou menção ao autor da idéia, é prática difícil de ser rastreada e punida. Lévy (1999, p.49) pontua que “no mundo digital, a distinção do original e da cópia há muito perdeu qualquer pertinência. O ciberespaço está misturando as noções de unidade, de identidade e de localização”.

A criptografia, sistema de codificação de mensagens através do uso de chaves para que apenas o emissor e o receptor sejam capazes de decodificá-las (muito utilizada, por exemplo, para garantir a autenticidade e a segurança dos dados enviados quando são feitas operações financeiras via Internet), tem sido proibida por alguns países. Alguns governos tendem a assumir como direito seu a capacidade de poder ler qualquer mensagem que seja enviada por membros de sua população seja para dentro ou para fora do país.

O desafio é ainda maior para governos autoritários que insistem na manutenção de suas populações em regime de isolamento em relação ao resto do mundo, e que procuram criar mecanismos de censura para evitar a chegada de informações. Uma forma de tentar conseguir isso é evitar o acesso à rede mundial (Internet) através da implantação de uma imensa rede local (Intranet), na qual só circulem as “informações permitidas”.

### 2.1.2 A velocidade na Internet

Ao falar sobre a ciência da informação, Cardoso (1996, p. 73) afirma que

Duas foram as questões principais que colocaram o imperativo de se refletir sobre a área, segundo o enfoque específico da **ciência**: a chamada **explosão informacional** ou seja, o crescimento exponencial na produção de conhecimento/informação, e o avanço desmesurado das possibilidades tecnológicas para seu registro, circulação e divulgação.

Dizard (2000, p.22-23) fala dessas possibilidades tecnológicas em *A Nova Midia*. Segundo o autor

O elemento crítico nesse novo padrão é o grupo de serviços de ponta baseados em computadores, que competirão nas indústrias de entretenimento e informação. Esses serviços incluem a televisão de alta definição, transmissões radiofônicas digitais, computadores multimídia, bancos de dados que cabem na palma da mão, sistemas de distribuição multiponto, CD-ROM (compact disc read-only memory), discos lasers, satélites de transmissão direta, aparelhos de fax de última geração, telefones inteligentes, redes de computadores para consumidores, jornais eletrônicos portáteis e serviços nacionais de videotexto. O mecanismo final para fornecer os serviços de mídia de ponta nos lares pode ser o **telecomputador**, uma fusão das tecnologias da televisão e do computador numa só caixa, oferecendo uma gama de serviços de vídeo, voz e dados.

Como acréscimo à primeira edição de seu livro, nessa segunda o autor introduz discussão sobre o fator Internet e afirma ser ela

[...] o prático caminho para o ciberespaço e, além disso, o software que vai pegar carona em todas as faixas da nova auto-estrada da informação eletrônica – sistema de telefone, TV a cabo, televisão aberta e canais de satélite. Os meios de comunicação de massa constituem apenas uma pequena parte de uma indústria da informação que é cada vez mais dependente das ferramentas de distribuição da Internet para entregar seus produtos (DIZARD, 2000, p.25).

Tais ferramentas propiciam, entre outras tantas vantagens, a da velocidade de distribuição da informação. De acordo com Barreto (1998, p.126), “a comunicação eletrônica imprime uma velocidade muito maior na possibilidade de acesso e no uso da

Informação”. De fato, a mensagem que é disponibilizada na Internet em qualquer lugar do planeta encontra-se imediatamente disponível para acesso em todos os demais.

Em relação à velocidade, o sociólogo Schmidt (2000, p.14) ressalta que

A velocidade das mudanças tende a ser confundida com a própria definição da etapa histórica em que vivemos. Existir é estar em mudança permanente. [...] Agora, mais do que nunca, as mudanças produtivas e as formas de organização social vão depender da agregação de conhecimentos e informações. As paredes, as máquinas e mesmo os homens tornam-se precários e obsoletos, rapidamente. O que importa é a quantidade e a qualidade do conhecimento e da informação disponível, crescentemente.

Duas considerações devem ser feitas em relação à velocidade da informação que circula na Internet. A primeira é que, ao passo que a velocidade aumenta, cresce também a quantidade de informação. Patrícia D. Santos (1999)<sup>14</sup> afirma: “A Internet caminha para a sobrecarga de informações. E, o pior, poucos se dão conta disso e não sabem distinguir o aprendizado real de uma satisfação ilusória”.

A segunda consiste no fato de que quanto mais se tem, mais se deseja. Se, por um lado, a Internet propicia aumento de velocidade na distribuição de informação, disponibilizando a mensagem/informação tão logo ela seja colocada na rede, por outro lado os usuários da Internet já não estão mais satisfeitos com a velocidade por ela oferecida. Os serviços têm sido considerados lentos, devido a barreiras tecnológicas. Com a ampla utilização da Internet, tem sido freqüente a ocorrência de congestionamento no tráfego de dados dessa rede, o que incomoda, em particular, a comunidade acadêmica e científica, necessitada de uma rede com alta capacidade de tráfego para atender às suas pesquisas e experimentos.

O projeto Internet2 vem exatamente propor novas soluções tecnológicas para propiciar aumento não só da velocidade como também da qualidade do serviço da rede. O projeto, originado nos Estados Unidos em 1996/97, trata-se de um consórcio do qual participam principalmente instituições de ensino e de pesquisa de várias partes do mundo e que propõe, através do uso de tecnologia de ponta, o aumento da velocidade de tráfego, a garantia da segregação do tráfego de dados da Internet2 daquele destinado à

---

<sup>14</sup> <http://www.uff.br/mestcii/diniz.htm>

Internet global e o uso de um sistema de envio de dados mais eficiente que o atual. Hoje em dia a Internet opera com uma modalidade de serviço para envio de pacotes de dados chamada de *best-effort* (melhor esforço), em que a rede procura atender da melhor forma possível às aplicações executadas através dela. Caso os recursos sejam escassos (capacidades de conexões, memórias nos roteadores, etc.), partes dos dados podem ser perdidas ou descartadas, o que torna imprevisível o desempenho das aplicações na rede. Os novos protocolos e serviços que compõem a Internet2 visam garantir a qualidade do serviço de rede para o usuário final. Essa característica é essencial para aplicações que utilizem multimídia e interatividade em tempo real, que são características presentes na maioria das aplicações propostas na Internet2, entre as quais podem ser citadas: bibliotecas digitais com capacidade de reprodução de áudio e vídeo de alta fidelidade, ambientes colaborativos que englobam laboratórios virtuais com instrumentação remota e telemedicina, incluindo diagnóstico e monitoração remota de pacientes.

O Brasil está conectado à Internet2 através da RNP2, uma das vertentes da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), que começou a ser implantada em maio de 2000, para prover a infra-estrutura de serviços avançados de redes para ensino e pesquisa. A conexão da rede RNP2 à rede do Internet2 se dá por meio do projeto Americas Path (Ampath), mantido pela Universidade Internacional da Flórida e pela empresa Global Crossing. A RNP2 possui duas conexões internacionais próprias, uma utilizada para tráfego Internet de produção e outra ligada à Internet2, destinada exclusivamente à interconexão e colaboração entre redes acadêmicas dentro do projeto Ampath. Há 27 Pontos de Presença (PoPs) da RNP instalados nas principais cidades e capitais do país, com mais de 200 organizações conectadas, segundo o *site* oficial da Rede Nacional de Pesquisas (<http://www.rnp.br>, acesso em 27 de setembro de 2004). O Ponto de Presença em Minas Gerais (PoP-MG) é um serviço do Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Para que uma organização possa se conectar ao RPN2, ela deve ser qualificada “por uma comissão formada por membros do Comitê Gestor do Programa Interministerial de Implantação e Manutenção da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa

de acordo com critérios estabelecidos na política de uso da rede” (COMITÊ GESTOR RNP, 2000)<sup>15</sup>.

A mais recente iniciativa do Brasil relacionada à Internet avançada foi a de integrar-se à Clara (Cooperação Latino-Americana de Redes Avançadas), uma rede Internet de alta velocidade cujo intuito é o de interligar universidades e centros de pesquisa da América Latina. Desde setembro de 2004, Brasil e Chile já se comunicam diretamente através dessa rede, que utiliza tecnologia e protocolos similares aos da Internet2. Uma extensão desse projeto, batizada de Alice (América Latina Conectada com Europa) prevê a conexão da rede Clara à Europa.

### 2.1.3 Disponibilidade de Acesso à informação via Internet

Através da Internet podem-se transmitir, sem censura (e se se desejar até mesmo anonimamente) informações de natureza diversificada: textos, hipertextos, imagens, animações, sons. São diversos, também, os serviços oferecidos pela Internet, sendo os mais comuns e mais utilizados os de correio eletrônico (*e-mail*), listas/grupos de discussão e notícias (*news*), transmissão de arquivos (*File Transmission Protocol – ftp*), salas de bate-papos (*chats*) e acesso a documentos em hipertextos (WWW).

Pelo *e-mail* é possível trocar mensagens com pessoas ou empresas do mundo inteiro. O serviço está substituindo gradativamente os métodos tradicionais de comunicação interurbana e internacional (telefone e fax), com a vantagem de ser bem mais barato mas com o inconveniente observado no correio tradicional duas décadas atrás: o aparecimento do *junk mail*, ou seja, os possuidores de endereços eletrônicos vêm recebendo, ultimamente, um conjunto de mensagens que não pediram e nem esperavam, mas que lhes é enviada diariamente, com o objetivo de ofertar e divulgar produtos ou serviços dos mais variados tipos.

Assinando uma lista (ou inscrevendo-se em um grupo) de discussão, o usuário da Internet passa a receber, diariamente, dezenas de mensagens sobre o tema que assinou. Trata-se de uma espécie de debate virtual, em que mensagens sobre

---

<sup>15</sup> [http://www.rnp.br/\\_arquivo/conexao/doc0108b.pdf](http://www.rnp.br/_arquivo/conexao/doc0108b.pdf)

determinado assunto circulam diariamente e cada participante tem o direito de enviar sua opinião que será automaticamente distribuída a todos os participantes do grupo.

Pelo serviço de transmissão de arquivos (*ftp*), informações contidas em arquivos podem ser recuperadas de qualquer parte do mundo. Por exemplo, livros podem ser “publicados” eletronicamente, recuperados através de *download* a partir de qualquer computador conectado à rede e impressos na residência do receptor. De maneira análoga, não é mais necessário ir a uma loja para adquirir um CD de músicas. As músicas podem ser disponibilizadas para *download* na Internet, de onde poderão ser recuperadas e gravadas em CD. Por esse mecanismo é possível, inclusive, a venda de discos personalizados de acordo com o gosto do comprador, que pode selecionar as músicas que deseja adquirir.

Conectando-se a uma sala de debates (*chat*), um usuário passa a trocar mensagens em tempo real com todos os demais presentes na sala. É como se fosse uma sala de reunião virtual, onde todos se encontram no horário marcado para discutir sobre determinado assunto. A reunião pode ser regida por um ou mais coordenadores que têm o poder de desligar (expulsar da sala) qualquer participante que esteja infringindo as regras do grupo (por exemplo, tratando de assuntos não pertinentes ou utilizando linguagem não adequada).

A *World Wide Web* (WWW ou simplesmente *web*) nasceu no Centro Europeu de Investigação Nuclear (CERN), Suíça, a partir da criação do hipertexto, em 1989. Seu intuito era padronizar, facilitar e unificar o método de acesso a todas as informações disponíveis na rede, centralizando em uma única ferramenta as várias tarefas necessárias à obtenção das informações disponíveis na Internet, o que outrora era realizado com uma série de diferentes programas. Foi em fins de 1993 que a WWW iniciou sua fase de crescimento explosivo, com a versão final do software *Mosaic*, um navegador para a comunidade Internet. Usuários de todo o mundo foram atraídos pela forma simples e divertida com a qual a WWW disponibilizava o conteúdo da Internet. O desenvolvimento de novos navegadores, entre os quais destacaram-se no mercado o *Netscape* e o *Microsoft Explorer*, propiciou uma evolução cada vez mais veloz das tecnologias de apresentação de imagens, dados, sons e multimídia.

Qualquer pessoa comum pode ter acesso a esses serviços (aliás, esse é um dos fatos que impulsionaram o surgimento da Internet2, propiciando um serviço diferenciado para ambientes de educação e de pesquisa.): basta possuir um computador conectado, via telefone, cabo ou antena, a um provedor de acesso, que é uma empresa com a tecnologia necessária para conectar usuários à rede. O importante a ressaltar é que qualquer cidadão de poder aquisitivo razoável tem, hoje, acesso à Internet e a seus serviços. Daí, a preocupação de garantir direito à informação também aos de pouco poder aquisitivo, refletida no seguinte questionamento: estará o “*gap*” entre aqueles que têm acesso à produção e recuperação de informações e aqueles que não o possuem aumentando cada vez mais e causando a exclusão digital de grandes parcelas da população mundial, especialmente em países subdesenvolvidos como o Brasil?

Freire e Araújo (1999, p.13), ao debaterem o papel social da ciência da informação, chamam atenção para a função dos cientistas da informação que, segundo elas, devem ser “facilitadores da comunicação entre usuários [receptores] que necessitam de conhecimento e fontes [emissores] que produzem esse recurso e o disponibilizam sob a forma de informação”.

Considerando o fato de que a disponibilização da informação (ou de documentos que contenham mensagens passíveis de se transformarem em informação) no ambiente da rede (eletrônico) propicia vantagens como maior velocidade, maior volume (vantagem ou desvantagem?) e, por outro lado, desvantagens como dificuldade de direcionamento e acesso não igualitário, cabe ao profissional da informação repensar as maneiras de como cumprir esse papel de facilitador da comunicação entre usuários e emissores. Seria necessário, inclusive, que se propusessem políticas públicas voltadas para eliminar as diferenças entre aqueles que têm acesso à produção e à recuperação de informações e aqueles que não o possuem.

Há esforços, no Brasil, no sentido de democratizar o acesso à informação eletrônica, diminuindo o “*gap*” entre os usuários e os excluídos do uso da Internet, porém há, também, críticas ao processo. Por exemplo, ao comparar o padrão brasileiro ao padrão norte-americano da sociedade da informação, Malin (1998, p.32) verifica que “a inserção do Brasil na sociedade da informação segue caminho contrário e paradoxal: ao lado da fácil aceitação dos aparatos tecnológicos, há uma resistência silenciosa mas

tenaz às práticas necessárias para produzir e organizar as informações”. Em seu trabalho, a autora denuncia o que caracteriza como o desleixo e descompromisso dos órgãos oficiais em relação à produção e à divulgação de informação no país.

Um dos referidos esforços toma forma nas políticas públicas de informação explicitadas no *Livro Verde* (TAKAHASHI, 2000)<sup>16</sup>, fruto de diversas reuniões de grupos temáticos de profissionais da informação para discussão acerca dos aspectos considerados relevantes para a sociedade da informação no país, levando em consideração as tecnologias da informação, seu uso nas esferas pública e privada, e seu impacto social. O *Livro Verde* foi apresentado em setembro de 2000 pelo chamado Programa Sociedade da Informação, nascido em 1997, e que possui, entre tantos, o objetivo de promover a conectividade maciça do brasileiro à Internet, via centros comunitários, telecentros, bibliotecas e até mesmo bancas de jornal, lotéricas e lojas de conveniência. O programa apresentado no *Livro Verde* vai além da intenção de ligar o brasileiro à Internet e lança, também, propostas para:

- regulamentação e incentivo do comércio eletrônico no Brasil;
- fomento da indústria das tecnologias de informação e comunicação no país;
- geração de novas empresas de software estruturados no país (vide exemplo do Softex);
- universalização de serviços para a cidadania, buscando soluções efetivas para que as pessoas dos diferentes segmentos sociais e regiões tenham amplo acesso à Internet, evitando assim que se perpetue uma classe de “info-excluídos”;
- produção e distribuição de conteúdos que promovam a identidade cultural visando facilitar o acesso aos acervos culturais nacionais, registrar manifestações culturais nas diferentes mídias em formato digital, criar mecanismos para a produção de conteúdos por parte da comunidade;
- oferta de serviços governamentais via Internet, disponibilizando informações ou serviços em *websites* ou mesmo portais de instituições públicas e concebendo esquemas de difusão ativa de informações das atividades do governo com

---

<sup>16</sup> [http://www.socinfo.org.br/livro\\_verde/index.htm](http://www.socinfo.org.br/livro_verde/index.htm)

abrangência e regularidade, além de prover mecanismos facilitadores para processamento por parte dos interessados;

- identificação e implantação de tecnologias-chave através de fomento à pesquisa, e integração entre a universidade e a indústria;
- informatização do ensino através da implantação de infra-estrutura de informática e redes para educação, conectividade ampla das escolas de nível médio, públicas e privadas, geração e difusão de materiais didáticos voltados para as tecnologias de informação, construção e distribuição de pacotes tecnológicos para apoio ao ensino a distância, etc.

Falando-se em particular da informatização e da conexão do ensino brasileiro, vale ressaltar que quase todas as universidades do país, particulares e públicas, já possuem computadores conectados à rede, propiciando a seus alunos acesso à WWW. Além disso, projetos governamentais tentam levar essa tecnologia também para as escolas públicas de ensino fundamental e médio. A utilização dos computadores na educação data da década de 1970, entretanto, o primeiro projeto oficial de informática na educação foi o projeto EDUCOM (1983/1984), cujo propósito foi a implantação de planos pilotos em universidades objetivando a pesquisa e a formação de recursos humanos, e que foi o marco principal do processo de geração de base científica e formulação da política nacional de informática educativa. A ele sucedeu o projeto FORMAR (1987), destinado à capacitação de professores do ensino fundamental e médio e à implantação de infra-estrutura de suporte nas secretarias estaduais de educação. A partir dessas iniciativas e de outras que fomentaram as discussões sobre a informática educativa no Brasil, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) instituiu, em 1989, o Programa Nacional de Informática Educativa (PRONINFE). O PRONINFE visava apoiar o desenvolvimento e a utilização da informática nos ensinos fundamental, médio e superior; promover a capacitação contínua e permanente dos professores; propiciar o desenvolvimento de pesquisa básica e aplicada. Também se incluíam em suas metas a implantação de centros de informática educativa; a produção, aquisição, avaliação e adaptação de softwares educativos; a aquisição de equipamentos computacionais por parte dos sistemas de educação pública e a implantação de rede

pública de comunicação de dados. Finalmente, em 1997, em sucessão ao PRONINFE, foi criado o Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO).

Ao analisar os resultados obtidos pelos projetos de informática na educação, Moraes (1997)<sup>17</sup> afirma que, apesar das dificuldades que permearam o processo, a estratégia de implantação mostrou-se adequada, o que ela justifica com dados numéricos. Em relação ao estado de Minas Gerais, por exemplo, a autora afirma, em 1997, que nos dois últimos anos haviam sido treinados mais de trezentos professores da rede pública estadual através desses projetos. Cumpre criticar que esse número é significativamente pequeno quando se consideram as dimensões desse estado. Segundo os dados fornecidos pelo censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)<sup>18</sup>, no ano de 1997 Minas Gerais contava com mais de 130 mil professores nos ensinos fundamental e médio apenas em escolas estaduais (TAB. 1). É também bastante grave o que se deduz de depoimentos de professores da rede pública<sup>19</sup> que passaram por tal treinamento: eles atestam que, na maioria das vezes, aquilo que aprenderam perdeu-se por falta de infra-estrutura tecnológica nas escolas para a sua aplicação.

TABELA 1  
Número de funções docentes, em 26/03/1997,  
no ensino fundamental e médio em Minas Gerais

Ensino	Federal	Estadual	Municipal	Particular	Total
Fundamental Urbano	220	103.841	49.955	13.530	167.546
Fundamental Rural	-	8.582	21.782	81	30.445
Médio Urbano	1.059	21.437	3.9	9.658	36.125
Médio Rural	284	142	78	18	522

FONTE: Sinopse Estatística da Educação Básica de 1997 - INEP [online]  
<<http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/1997/default.htm>> Acesso em 20 out. 2004.

<sup>17</sup> <http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/nr1/mariacandida.html>

<sup>18</sup> [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

<sup>19</sup> Depoimentos orais colhidos em 2002 pela autora da tese, entre docentes do ensino público de duas escolas do município de Sete Lagoas.

Ainda discorrendo acerca dos projetos de informática para educação no Brasil, Moraes (1997) afirma que a década de 1980 caracterizou-se pelo desenvolvimento de experimentos-piloto em universidades brasileiras e implantação de centros de informática educativa junto aos diversos sistemas de educação do país. Embora procure valorizar os resultados obtidos através desses esforços, a própria autora reconhece que a fase experimental piloto teve duração superior ao necessário. Em diversos momentos a autora lembra que os organismos governamentais deixaram de cumprir parte de suas obrigações financeiras para com esses projetos, apesar das promessas e protocolos firmados, o que teria comprometido os resultados.

Em consonância com as propostas dos projetos de informática educativa, o *Livro Verde* (TAKAHASHI, 2000, cap. IV, p.38) chama atenção para o fato de que

educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação. Trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas.

À versão inicial do *Livro Verde da Sociedade de Informação no Brasil*, divulgada em setembro de 2000, sucedeu uma segunda versão, publicada em julho de 2001, fruto das discussões travadas na Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação do Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT. A proposta inicial do Programa Sociedade da Informação era a de implementar um modelo em três estágios: o primeiro iniciado com o lançamento oficial do Programa, em 1999, teria culminado com a elaboração da proposta preliminar do *Livro Verde*. O segundo, consolidado com o lançamento do *Livro Verde*, previa sua ampla divulgação e discussão com toda a sociedade brasileira, visando obter subsídios para o lançamento do plano definitivo, denominado *Livro Branco*. O terceiro estágio concluiu-se com a efetiva publicação, em junho de 2002, do *Livro Branco* que, em sua apresentação, de autoria do então Presidente da República Federativa do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, informa:

A publicação do Livro Branco da Ciência, Tecnologia e Inovação representa, em primeiro lugar, a expressão dos resultados da Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada

em setembro de 2001. Vai, entretanto, além e reflete longos anos de consistente e continuado apoio do Governo Federal à pesquisa e à inovação brasileiras contém uma proposta estratégica de rumos para os próximos dez anos (BRASIL, MCT, 2002, p.V).

Impossível não tecer, em relação a esse Programa, passível de inúmeros elogios, principalmente em relação à qualidade técnica de seus produtos, os livros Verde e Branco, algumas críticas. A ampla divulgação prevista pelo programa do *Livro Verde* perante a sociedade brasileira não foi efetivamente abrangente e deixou transparente a existência da exclusão informacional de grande parcela da sociedade no país. O apoio do Governo Federal à pesquisa e à inovação não tem sido realmente consistente, conforme nos ressalta Moraes (1997), ao criticar o descumprimento do governo federal para com os compromissos assumidos em projetos de informática educacional. Finalmente, foram necessários quase três anos (dez. 1999 a jun. 2002) para a implementação de uma proposta de rumos para os próximos dez anos. Gasta-se muito tempo e burocracia para colocar os projetos no papel. A questão é saber se serão despendidos tantos esforços na efetivação concreta de resultados.

#### **2.1.4 Espaço na Internet: distâncias, armazenamento, o virtual *versus* o presencial**

Quando se fala em espaço na Internet deve-se entender que, se por um lado, a rede faz com que as distâncias entre os indivíduos envolvidos no ciclo informacional tendam a zero, por outro, existe o problema referente ao armazenamento de suas mensagens e documentos. Se a Internet constitui meio que permite a interação instantânea, ela também elimina a possibilidade de essa interação ser presencial. Portanto, a questão do espaço pode ser analisada sob três diferentes pontos de vista: um, relacionado à distância que passa a ser minimizada; outro, tratando do espaço físico para armazenamento do volume de informações disponibilizadas pela rede; o terceiro, discutindo o impacto social dos relacionamentos virtuais.

No caso particular da Internet como tecnologia para disponibilizar informações, deve-se entender que imensas bases de dados, nos chamados servidores de conteúdo, são responsáveis pelo armazenamento e controle de tudo aquilo que trafega pela rede.

Algumas observações devem ser feitas. A primeira: essas bases de dados possuem tamanhos finitos e podem tornar-se sobrecarregadas.

A segunda observação refere-se ao caráter transitório das informações colocadas na Internet. Tomaél et al (2001, p.18) citam Koehler (1999)<sup>20</sup> quando afirmam que

[...] as páginas da Web exibem dois tipos de comportamento relacionados à longevidade da informação: permanência e constância. Permanência refere-se à probabilidade de um documento da Web manter-se no mesmo URL<sup>21</sup> ao longo do tempo, ou de ser movimentado para URL diferente. Constância diz respeito à estabilidade dos conteúdos dos documentos com o passar do tempo. Com raras exceções os conteúdos são modificados no período de um ano.

Uma informação que hoje exista em determinado endereço, pode não se encontrar mais lá no dia seguinte se, por exemplo, seu autor ou aquele que a tenha disponibilizado mudar de idéia e desistir de divulgá-la. Ou pode simplesmente ter mudado de endereço, se o seu autor tiver mudado de provedor. Portanto, é questionável a prática, tornada comum, de se referenciar documentos da Internet em trabalhos de cunho científico. Não obstante, endereços de página vêm sendo usados em conjunto com referências bibliográficas em diversos trabalhos. As normas existentes para referência bibliográfica de documentos eletrônicos começam a aparecer recentemente. A norma NBR 6023 (ago. 2000) da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), por exemplo, exige que ao referenciar um documento eletrônico, além de seu endereço na rede, seja informada a data em que foi acessado. Dessa forma, a responsabilidade do referenciador para com o documento referenciado prende-se à versão disponibilizada naquela data. Caso a versão venha a sofrer alterações ou deixe de estar disponível, pode haver desconexão entre a citação feita e o conteúdo atualizado. Destarte, aconselha-se aos autores que fazem citação a documentos eletrônicos disponíveis na Internet que guardem uma cópia da versão do documento na data em que foi acessado, para eventuais confrontações de conteúdos.

---

<sup>20</sup> KOEHLER, W. An analysis of web page and web site constancy and permanence. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 50, n.2, p. 162-180, 1999.

<sup>21</sup> URL – Unit Resource Location (nota da autora)

Em terceiro lugar, observa-se que o volume de informações recebidas em uma pesquisa na WWW é assustadoramente grande. Quando se busca por um determinado assunto em um site de pesquisa, por exemplo, normalmente tem-se como resposta uma infinidade de referências a páginas contendo documentos que, direta ou indiretamente, abordam tal assunto. O tempo gasto em selecionar as informações realmente úteis é bastante considerável, principalmente porque, muitas vezes, é necessário fazer-se o efetivo acesso a várias páginas para saber se seu conteúdo é relevante ou não para a pesquisa desejada.

Concomitantemente ao problema do volume acontece, ainda, o desagradável incômodo da diversidade de resultados distintos informados por ferramentas de busca diferentes. Uma ferramenta de busca nada mais é que um programa de computador que executa pesquisas ou buscas. Existe hoje, disponível no mercado, para acesso gratuito, um grande número de ferramentas desse tipo (normalmente mantidas através de *advertising*), cada uma com diferentes conteúdos em seu banco de dados. Isso se deve à inexistência de algum tipo de padrão estabelecido para a confecção dessas ferramentas. Cada ferramenta pode utilizar, inclusive, um método de busca diferente. Existem quatro métodos de busca definidos:

1. Ferramentas de pesquisa por diretório: neste método, uma base de dados é construída por uma equipe de especialistas humanos responsáveis por classificar cada URL (*Unit Resource Location*, isto é, cada endereço da Internet) que fará parte do seu banco de dados em categorias pré-definidas. Essa base de dados é freqüentemente revista e atualizada pela equipe. O usuário que utiliza ferramentas desse tipo solicita um determinado assunto e recebe como resposta *links* (vínculos) para endereços de páginas que tratam do assunto. A vantagem desse tipo de ferramenta é a facilidade de uso; a desvantagem é o tamanho da base de dados, geralmente pequeno, uma vez que é construída “manualmente”. Exemplos de ferramentas que utilizam esse método são o *site* da Enciclopédia Britânica (<http://www.ebig.com/>) e a ferramenta *LookSmart* (<http://www.looksmart.com/>).
2. Máquinas de busca: normalmente implementadas através de *softwares* que percorrem todo o conteúdo disponível na Internet, classificando-o de acordo com palavras-chave encontradas nos documentos. Podem aferir prioridade a um

documento de acordo com a quantidade de ocorrências da palavra-chave encontrada. O usuário que utiliza uma máquina de busca digita sua palavra-chave (pode ser uma única palavra, uma expressão, um conjunto de palavras separadas por operadores lógicos – e/ou – , etc.) e recebe como resposta *links*/endereço de páginas que contenham essa palavra-chave. A maioria das máquinas de busca retorna as respostas classificadas de alguma forma: datas dos documentos (os mais recentes primeiro), relevância dos documentos (quanto mais ocorrências da palavra-chave, mais relevante um documento é considerado), etc. A vantagem do método é que, uma vez que as páginas sejam catalogadas via *software* e não através da ação humana, o banco de dados é substancialmente maior e mais atualizado do que aquele de uma ferramenta de busca por diretório. Em contrapartida, a desvantagem do método é a probabilidade de que ele liste uma grande quantidade de documentos de pouca relevância para o usuário. Exemplos de máquinas de busca são *AltaVista*, *Google* e *InfoSeek*.

3. Diretórios com máquinas de busca: são as ferramentas que combinam os métodos de classificação por assunto e de busca por palavra-chave, no intuito de tirar proveito das vantagens de ambos. À medida que o usuário caminha por uma árvore de assuntos, a ferramenta lhe oferece a possibilidade de fazer uma busca por palavra-chave. Quanto mais ele tiver caminhado na árvore de assuntos, menor será a quantidade de documentos de pouca relevância que lhe serão recuperados, uma vez que o universo da busca por palavra-chave já estará limitado pelo assunto. O *Yahoo* é um exemplo de ferramenta que provê buscas coordenadas por assunto e por palavra-chave. Algumas ferramentas, embora apresentem os dois métodos, não permitem seu uso combinado, isto é, o usuário utiliza um ou outro método independentemente, mas não um associado ao resultado do outro. Nesse caso, a ferramenta é classificada como de diretório com máquina de busca não-coordenada.
4. Meta-buscas: o método empregado por essas ferramentas de busca é o de submeter a pesquisa do usuário a várias outras ferramentas de busca da *web*, coletando seus resultados, formatando-os, eliminando resultados duplicados e gerando uma listagem final. Uma vantagem de se usar uma ferramenta de meta-busca é a conjunção dos resultados que seriam obtidos por diferentes ferramentas em uma única interface. No entanto, esses serviços não possuem índices próprios e,

geralmente, não são capazes de utilizar a potência de cada um dos sistemas/ferramentas de que fazem uso, uma vez que os formatos da consulta variam de um para outro. Os mecanismos de meta-busca tendem a adotar um mínimo denominador comum na forma de submissão das pesquisas, o que limita severamente a qualidade dos resultados obtidos. Um exemplo de ferramenta de meta-busca é o *MetaMiner*, produto brasileiro originalmente desenvolvido no Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais.

A tarefa dos sistemas de recuperação de informação (SRIs), definidos por Freire e Araújo (1999, p. 12) como sistemas que, entre outras funções, objetivam dar acesso às informações potencialmente contidas em documentos neles registrados, tem-se tornado extremamente mais complexa. O volume de documentos na rede é infinitamente grande e sistemas que recuperem centenas de documentos certamente não são eficazes. Os SRIs deverão ser capazes de selecionar, entre a infinidade de documentos que recuperam sobre determinado assunto, aqueles que contenham informações relevantes para o usuário. O papel do cientista da informação na construção de SRIs que possuam essa habilidade é preponderante.

Como observa Oliveira, J.P.M. (1994, p.39):

[...] as próximas décadas serão fundamentais para o nascimento de nova estrutura social, onde cada indivíduo terá uma maior participação no processo decisório, e isto em decorrência, em grande parte, da difusão da tecnologia da teleinformática (ELMMER-DEWWIT, 1994<sup>22</sup>). É imprescindível que as possibilidades oferecidas pela manipulação automática da informação sejam administradas por pessoas plenamente conscientes das implicações sociais desta mesma tecnologia.

O último tópico que deve ser discutido quando se fala em espaço na Internet é a substituição do presencial pelo virtual nas relações que acontecem no ciberespaço. Note-se que o ciberespaço constitui um ambiente virtual que pode ser utilizado com diferentes objetivos, entre eles: espaço de sociabilidade, canal de comunicação, fonte de informação.

---

<sup>22</sup> ELMER-DEWITT. Battle for soul of the Internet. *Time*, v. 144, n.4, p. 34-40, 25/jul/1994. (citado em OLIVEIRA, J.P.M., 1994)

De acordo com Lévy (2000, p. 123),

Pode parecer estranho falar de “movimento social” quando se trata de um fenômeno habitualmente considerado como “técnico”. Eis, portanto, a tese que vou tentar sustentar: a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes.

Na sua pesquisa, Bretas examina o espaço virtual em analogia com o território urbano, relacionando e comparando espaços de sociabilidade físicos e virtuais visitados por adolescentes no seu cotidiano. Conclui que no espaço virtual “o estar junto não obedece às mesmas regras das maneiras presenciais” (BRETAS, 2000, p. 207), o que está de acordo com Lévy (2000) ao propor um novo movimento social no ciberespaço com seus próprios líderes, regras e anseios. Tivemos a oportunidade de ressaltar, quando discutimos o direcionamento na Internet e citamos Simmel (1983), que as regras de conduta no espaço virtual diferem daquelas utilizadas nas relações pessoais. Os questionamentos decorrentes do estabelecimento da sociedade da informação seriam: até que ponto os parâmetros que constituirão a sociabilidade no ambiente virtual virão influenciar os padrões que atualmente regem as relações presenciais? Estamos vivendo um período em que há a criação de um novo movimento social refletido no ambiente virtual, ou este movimento implicará também mudanças na estrutura social cotidiana?

### 3 MOVIMENTO ESCOTEIRO

O Escotismo ou Movimento Escoteiro é um movimento de jovens que foi definido por seu fundador, o militar inglês Robert Stephenson Smith Baden-Powell, como “a arte ou a ciência de conseguir-se informação” (BADEN-POWELL, 1986b, p. 15). Realmente, a idéia primeira que levou à concepção do Movimento Escoteiro surgiu da necessidade de se garantir o acesso à informação, quando jovens foram treinados para promover o envio de mensagens numa situação crítica durante a Guerra do Transvaal, em 1889.

Incentivado pelo sucesso da experiência, Baden-Powell escreveu *Scouting for Boys*, cujo lançamento deu-se, inicialmente, sob a forma de seis fascículos quinzenais, vendidos em bancas de jornal, de janeiro a março de 1908. As idéias ali lançadas obtiveram a adesão dos jovens ingleses, que utilizavam-nas em suas brincadeiras em grupo. Em maio de 1908, o texto foi reunido e editado em forma de livro. A implementação do Movimento Escoteiro aconteceu, portanto, através da disseminação de informação, materializada pela publicação de *O Escotismo para Rapazes*.

O Movimento logrou êxito devido a uma rede de informações que se estabeleceu ao redor do mundo, envolvendo, entre outras coisas, a tradução das publicações de Baden-Powell para diversas línguas.

O Escotismo chegou ao Brasil em 1910, trazido por militares brasileiros que serviram na Inglaterra na época de sua instauração. O verbo “*to scout*” foi primeiramente traduzido como escutar, e os termos escoteiro e Escotismo só surgiram em 1914, quando foi criada a Associação Brasileira de Escoteiros (ABE), em São Paulo. Atualmente, a organização escoteira nacional é a União dos Escoteiros do Brasil (UEB), que define o Escotismo como

um Movimento Educacional para Jovens, com a colaboração de adultos, voluntário, sem vínculos político-partidários, que valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com o Propósito, os Princípios e o Método Escoteiro concebidos por Baden-Powell (SÜFFERT, 1995 p.9).

O Escotismo pode ser analisado sob diversos enfoques, entre os quais o enfoque administrativo, o educacional e o informacional.

Do ponto de vista administrativo, temos a formação de uma estrutura mundial eficiente capaz de garantir a unidade do Movimento em todos os países em que ele existe. A Organização Mundial do Movimento Escoteiro (World Organization of the Scout Movement – WOSM), não-governamental, foi fundada em 1922 e tem o objetivo primeiro de assistir aos membros das Organizações Nacionais do Movimento Escoteiro que lhe são afiliadas. Em 1985, faziam parte do Movimento 119 Organizações-Membro. Em abril de 2004, foram contabilizados 153 países com Organizações Escoteiras Nacionais internacionalmente reconhecidas (isto é, aceitas pela WOSM), mais 26 territórios onde o Escotismo existe estando seus membros filiados a alguma destas 153 Organizações Nacionais. Em 37 países o Escotismo encontra-se em estágio embrionário e, portanto, ainda sem Organização Nacional filiada à WOSM; e, em 6 países, não existe (WOSM, 2004)<sup>23</sup>.

Uma das possíveis abordagens ao estudo do Escotismo seria a do funcionamento dessa estrutura administrativa mundial e de como ela se reflete nas administrações nacionais e regionais do Movimento.

O segundo ponto de vista está no papel educacional do Movimento. De acordo com a WOSM, algumas das prioridades do Movimento Escoteiro são ajudar os jovens a desenvolver conhecimento, habilidades e atitudes que lhes permitam tornar-se cidadãos responsáveis e autoconfiantes e, possivelmente, futuros líderes. Tudo isso é conseguido através da aplicação do Método Escoteiro, um método de educação informal em que se valoriza o “aprender fazendo”. São preocupações chaves do Escotismo: propiciar melhor saúde infantil, ajudar jovens marginalizados, garantir a todos os jovens igual acesso às atividades escoteiras, facilitando-lhes o desenvolvimento de habilidades que os preparem para uma vida profissional, proteger de maneira ativa a natureza e o ambiente, auxiliar os países em que o Escotismo esteja em desenvolvimento emergente.

Para que tudo isso seja viável é necessária a existência de uma rede de informações extremamente eficiente. Se lembrarmos que o Escotismo é composto basicamente por jovens e crianças, e por adultos voluntários a ajudar na sua implementação (adultos que não possuem vínculo empregatício ou retorno financeiro pelo trabalho que prestam), começamos a vislumbrar o grande poder dessa rede

---

<sup>23</sup> <http://www.scout.org>

informativa. Os membros adultos que se empenham na aplicação do Método Escoteiro compõem um grupo extremamente heterogêneo, tanto em termos da educação formal que receberam (alguns têm apenas o ensino primário concluído, outros são formados em universidades), como em termos da sua situação financeira e da disponibilidade que possuem para dedicar-se ao Movimento. O que os aproxima é que todos devem praticar o Método Escoteiro. E isso é garantido através das informações que recebem a respeito de tal método.

Portanto, a terceira abordagem, a que se deseja aqui priorizar, trata o Escotismo do ponto de vista informativo. Pretende-se, em particular, investigar as influências da Internet como meio de comunicação, aquisição e transmissão de informações, e como ambiente para estabelecimento de relações sociais no Movimento Escoteiro.

### **Escotismo sob o enfoque administrativo**

O órgão máximo do Escotismo Mundial é a WOSM, e seu corpo governamental é a Conferência Mundial que se reúne a cada três anos<sup>24</sup>. A WOSM compõe-se pelas Organizações Nacionais do Movimento Escoteiro, entre elas a União dos Escoteiros do Brasil (UEB). A UEB é reconhecida como instituição de utilidade pública federal pelo decreto nº 3.297 de 11 de julho de 1917 que, em seu artigo 1º, afirma: “São consideradas de utilidade pública, para todos os efeitos, as associações brasileiras de escoteiros com sede no país” (BRASIL, 1917). Além disso, a UEB é reconhecida como Órgão Máximo do Escotismo Brasileiro e como Instituição de Educação Extra-Escolar pelo Decreto-Lei n. 8.828 de 24 de janeiro de 1946 (BRASIL, 1946).

A UEB organiza-se em três níveis: o nacional, com autoridade em todo o país; o regional, denominado Região Escoteira, podendo abranger uma ou mais Unidades da Federação, ou parte delas, com autoridade sobre a área que lhe for fixada; e, finalmente, o local, constituído pelos Grupos Escoteiros e Seções Escoteiras Autônomas, que são as organizações locais para a prática do Escotismo.

---

<sup>24</sup> A 36ª Conferência Mundial do Escotismo aconteceu em julho de 2002, na cidade de Thessaloniki, na Grécia. A 37ª Conferência será em setembro de 2005, na Tunísia.

O Grupo Escoteiro é composto por uma assembléia, uma diretoria, uma comissão fiscal e um conjunto de seções. A seção é a unidade técnica para a aplicação do programa de jovens e encontra-se organizada de acordo com as faixas etárias de seus participantes.

QUADRO 1  
Seções de um Grupo Escoteiro

SEÇÃO	FAIXA ETÁRIA	LEMA
alcatéia	7 a 10 anos	O Melhor Possível
ramo escoteiro	11 a 14 anos	Sempre Alerta
ramo sênior	15 a 17 anos	Sempre Alerta
clã de pioneiros	18 até completar 21 anos	Servir

FONTE: Elaborado pela autora com base em UEB (1995, p.13-14)

Da alcatéia participam os lobinhos e lobinhas; o ramo escoteiro subdivide-se em tropas de escoteiros e tropas de escoteiras ou, a critério do grupo, apresenta tropas mistas contendo escoteiros e escoteiras; da mesma forma, o ramo sênior pode apresentar tropas sênior e guia ou tropa mista; finalmente, o ramo pioneiro normalmente é formado por um conjunto único de jovens de ambos os sexos. Uma alcatéia normalmente é composta por um chefe e seus assistentes (adultos) e por um conjunto de 24 crianças subagrupadas em 4 matilhas. As tropas dos ramos escoteiro e sênior formam-se por seus chefes e assistentes e por 32 adolescentes<sup>25</sup> divididos em até 4 patrulhas. O clã de pioneiros encontra-se liderado por um adulto que recebe o nome de mestre pioneiro.

A organização do Movimento Escoteiro pode ser representada pelo seguinte organograma:

<sup>25</sup> Nas palavras de Baden-Powell (1986b, p. 58), “O efetivo numa Tropa não deve exceder de 32. Sugerir esse número porque ao me ocupar eu mesmo do treinamento de meninos, descobri que 16 era o número máximo que conseguia atingir para desenvolver o caráter de cada um. Admito que outros possam ter o dobro de minha capacidade, daí o limite de 32 rapazes”.

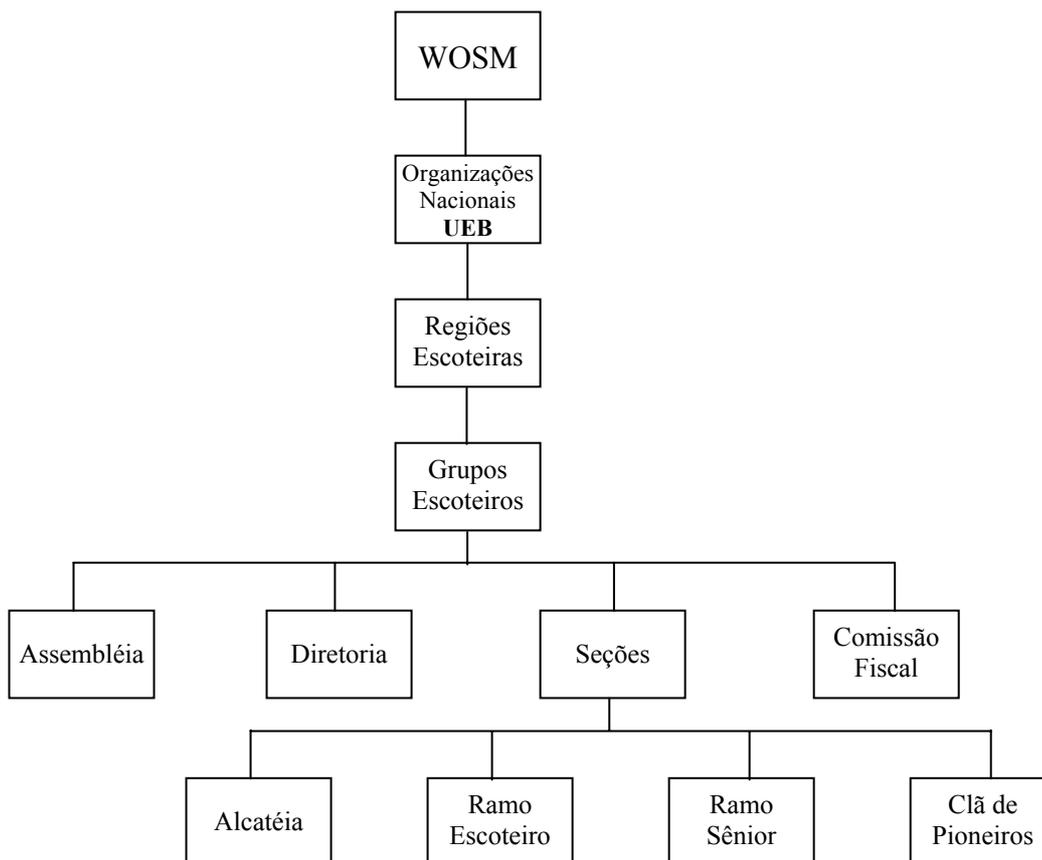


FIGURA 8 - Organograma simplificado da estrutura administrativa do Movimento Escoteiro

FONTE: Elaborada pela autora com base em UEB (1995, p.13-14) e UEB (2003, p. 9).

A estrutura administrativa interna de cada órgão que compõe o organograma da FIG. 8, bem como o interrelacionamento entre cada um deles são matéria para um trabalho acadêmico à parte, que analisaria o Movimento Escoteiro do ponto de vista administrativo-organizacional. O próprio sistema de patrulhas (PHILLIPPS, [19--]), que define a organização interna de uma tropa escoteira, seria assunto para um capítulo completo. Esse sistema, ao subdividir a tropa em patrulhas comandadas por um monitor e um sub-monitor, oferece elementos que permitem:

1. a educação para a liderança, ao oferecer ao jovem a oportunidade de responder pelo seu grupo e de organizá-lo em prol do bem comum;
2. a prática do Escotismo como arte de obter e transmitir informação, uma vez que o sistema coloca como responsabilidade do líder (monitor) tanto

a comunicação entre a chefia e os membros da patrulha, quanto o aprendizado de novas técnicas escoteiras e sua transmissão aos seus colegas;

3. o estabelecimento e o gerenciamento de uma organização administrativa hierárquica, na qual cada elemento tem sua própria função que, se bem desempenhada, leva ao crescimento de todo o grupo (patrulha).

Como o foco administrativo não é o alvo desta pesquisa, embora seus desdobramentos esbarrem no aspecto informacional, optou-se por apresentar nesta seção apenas a subdivisão organizacional do Movimento Escoteiro em nível macro, de modo a facilitar a compreensão da pesquisa proposta.

### **Escotismo sob o enfoque educacional**

O propósito do Movimento Escoteiro é contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido no Projeto Educativo da União dos Escoteiros do Brasil (SÜFFERT, 1995,p.15).

Em qualquer sociedade seria recomendável que as crianças tivessem a chamada educação familiar, recebida de seus pais ou familiares, e a educação religiosa e a formal, oferecidas a partir da pré-escola. Ideal seria que essa educação passasse pelo ensino fundamental e médio, indo até a universidade. O Escotismo busca complementar ainda mais, porém de maneira informal, esses processos de educação, garantindo a seus membros uma vivência social que lhes propicie experiências nas quais eles descobrirão, por si mesmos, como expandir suas habilidades (intelectuais, físicas e morais), como se tornar auto-suficientes, como se inserir em sua sociedade de forma útil e participativa, como valorizar a si mesmos e a seu próximo.

O método educacional utilizado pelo Escotismo difere do da educação tradicional por calcar-se no ideal de que a criança e o jovem devem aprender através de

atividades prazerosas (sejam brincadeiras, encenações, canções, convívio com a natureza, etc.), através da prática e através do exemplo (daí a importância do membro adulto voluntário que atua como chefe nas seções). Esse método foi regulamentado e encontra-se descrito no P.O.R., documento que apresenta os Princípios, Organização e Regras do Movimento Escoteiro. De acordo com a regra 010 do P.O.R. (UEB, 1995, p. 12),

O Método Escoteiro, com aplicação eficazmente planejada e sistematicamente avaliada nos diversos níveis do Movimento, caracteriza-se pelo conjunto dos seguintes pontos:

a) Aceitação da Promessa e da Lei Escoteira:

Todos os membros assumem, voluntariamente, um compromisso de vivência da Promessa e da Lei Escoteira.

b) Aprender fazendo:

Educando pela ação, o Escotismo valoriza:

- o aprendizado pela prática;
- o treinamento para a autonomia, baseado na autoconfiança e iniciativa;
- os hábitos de observação, indução e dedução.

c) Vida em equipe, incluindo:

- descoberta e aceitação progressiva de responsabilidade;
- disciplina assumida voluntariamente;
- capacidade tanto para cooperar como para liderar.

d) Atividades progressivas, atraentes e variadas, compreendendo:

- jogos;
- adestramento em técnicas úteis, estimulado por um sistema de distintivos;
- vida ao ar livre e em contato com a Natureza;
- interação com a Comunidade;
- mística e ambiente fraterno.

e) Desenvolvimento pessoal pela orientação individual considerando:

- a realidade e o ponto de vista de cada membro;
- a confiança nas potencialidades de cada jovem;
- o exemplo pessoal do adulto;
- seções com número limitado de jovens e faixa etária própria.

Tanto a promessa quanto a lei escoteira são utilizadas em todos os países em que se pratica o Escotismo. No Brasil, a promessa e lei do lobinho diferenciam-se das do escoteiro, pois considera-se que a criança até 10 anos não deva assumir tantas responsabilidades quanto o jovem e o adulto. Dessa forma, ao passo que a lei do lobinho subdivide-se em apenas 5 artigos, a lei do escoteiro compõe-se de um total de 10, que abrangem valores como honra, lealdade, fraternidade, economia, retidão de caráter, etc.

As regras 004 a 009 do P.O.R. (UEB, 1995, p. 10 e 11) descrevem as versões atuais<sup>26</sup> das promessas do escoteiro, do lobinho, do membro adulto e de estrangeiros, bem como a lei escoteira e a lei do lobinho.

#### REGRA 004 – PROMESSA ESCOTEIRA

A Promessa Escoteira, prestada por Escoteiros, Escoteiras, Seniores, Guias, Pioneiros e Pioneiras na cerimônia correspondente, e renovada quando da passagem de um para outro Ramo, é a seguinte: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus e minha Pátria; ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; obedecer à Lei Escoteira”.

#### REGRA 005 – PROMESSA DO LOBINHO

A promessa do Lobinho, de forma adaptada à idade, prestada por Lobinhos e Lobinhas na cerimônia correspondente, é a seguinte: “Prometo fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus e minha Pátria, obedecer a lei do lobinho e fazer todos os dias uma boa ação”.

#### REGRA 006 – PROMESSA DE ADULTOS

Os Escotistas e Dirigentes, na cerimônia de Promessa ou na posse de um cargo, prestarão a Promessa Escoteira da REGRA 004 acrescentando ao final: “e servir à União dos Escoteiros do Brasil”.

#### REGRA 007 – PROMESSA DE ESTRANGEIROS

Os estrangeiros, conforme o caso, prestarão as promessas das REGRAS 004, 005 ou 006, dizendo, após ‘deveres para com Deus’, a frase ‘a minha Pátria e ao Brasil’.

#### REGRA 008 – LEI ESCOTEIRA

A Lei Escoteira é a seguinte:

- I – O Escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais do que a própria vida.
- II – O Escoteiro é leal.

---

<sup>26</sup> A primeira versão da promessa e da lei escoteira pode ser encontrada em Nascimento (2004, p. 44).

- III – O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.
- IV – O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros.
- V – O Escoteiro é cortês.
- VI – O Escoteiro é bom para os animais e as plantas.
- VII – O Escoteiro é obediente e disciplinado.
- VIII – O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.
- IX – O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.
- X – O Escoteiro é limpo de corpo e alma.

#### REGRA 009 – LEI DO LOBINHO

A Lei do Lobinho é a seguinte:

- I – O Lobinho ouve sempre os Velhos Lobos.
- II – O Lobinho pensa primeiro nos outros.
- III – O Lobinho abre os olhos e os ouvidos.
- IV – O Lobinho é limpo e está sempre alegre.
- V – O Lobinho diz sempre a verdade.

O sistema simbólico do Escotismo é bastante rico, sendo a promessa e a lei suas expressões mais veementes. O sentimento de pertencimento só é adquirido por um aspirante no instante em que ele faz o juramento de cumprir a lei. Segundo o fundador do movimento “a Lei Escoteira foi organizada como um guia para as ações [dos jovens] e não como um código de repressão às suas faltas ou deficiências. Ela indica a boa direção e o que se espera de um escoteiro” (BADEN-POWELL, 1996, p. 35). Outros símbolos colaboram para o sentimento de pertencimento e para a composição da identidade escoteira: o uniforme, “que favorece também a fraternidade, uma vez que, adotado por todos, nivela os sinais exteriores das diferenças de classe e de origem” (BADEN-POWELL, 1986b, p. 62); o distintivo com a flor-de-lis, “que aponta a direção certa (para o alto) não se desviando nem para a direita, nem para a esquerda” (BADEN-POWELL, 1986b, p. 63); o sinal de saudação, em que “os três dedos lembram ao escoteiro as três partes de sua promessa” (BADEN-POWELL, 1986a, p. 50); o aperto de mão escoteiro, dado sempre com a mão esquerda.

Não só os símbolos, como também os mitos (enaltecimento de heróis, uso de fábulas e histórias com cunho moral, etc.) e os ritos escoteiros (cerimônia da investidura, em que o escoteiro presta sua promessa diante da bandeira nacional; ritual

do Grande Uivo, no qual os lobinhos dão as boas vindas a seu chefe e ratificam seu lema de fazer o melhor; bandos precatórios, realizados para arrecadar fundos para ajuda a necessitados; Fogo de Conselho, reunião em torno de uma fogueira na última noite de acampamento com propósito de confraternização e distração, entre outros tantos) foram co-responsáveis pela aceitação e idealização do Movimento Escoteiro. Essa é também a opinião de Nascimento (2004, p. 41-42) ao afirmar:

A grande difusão alcançada pelo Movimento Escoteiro na primeira metade do século XX explica-se, em parte, por sua pedagogia, estreitamente vinculada ao que havia de mais moderno no pensamento educacional naquele momento e, em parte, por sua potencial promoção dos ideais político-nacionalistas perante a infância e a juventude. Ao estudarmos estas questões, perguntamo-nos de que forma o movimento atraía crianças, jovens e adultos, e como mobilizava-os em torno de sua doutrina. Em nossas pesquisas, deparamo-nos com fontes documentais que respondem a nossas indagações, pois encontramos um grande volume de informações que denunciam a existência de um *imaginário escoteiro*. Diversificados tipos documentais apontam a grande riqueza de símbolos, ritos e mitos no cotidiano do Movimento, os quais convenceram, em alguma medida, os militantes a filiarem-se ao Movimento e a juntarem-se em prol de algo que os transcendia, algo místico.

Os membros de um Grupo Escoteiro normalmente reúnem-se para atividades uma vez por semana, na maioria dos casos aos sábados. Uma reunião típica tem duração de duas a quatro horas. Mantendo a tradição de seus ritos e alguma influência do militarismo, inicia-se em conjunto com todos os membros do Grupo numa cerimônia apelidada de BOIA (Bandeira-Oração-Inspeção-Avisos). Nesse momento acontece o hasteamento das bandeiras: pelo menos a bandeira nacional é içada nas reuniões, pois o Escotismo ensina a cidadania e, entre as lições de cidadania, está a de respeito aos símbolos nacionais. Se o Grupo as possuir, serão içadas também as bandeiras do Estado e do próprio Grupo. Após o hasteamento da(s) bandeira(s) propõe-se uma oração, individual ou em grupo, uma vez que o Escotismo enaltece a religiosidade, embora não se vincule a qualquer religião específica. A inspeção remete às práticas militares de revista aos soldados e objetiva lembrar ao membro escoteiro que ele deve estar sempre limpo e alinhado, ostentando com garbo o seu uniforme escoteiro. O uniforme, além de identificar uma pessoa como pertencente ao Movimento Escoteiro, compõe-se de adereços (fitas, distintivos, cordões) que identificam a seção do membro, o nível de

evolução em relação às práticas e ensinamentos escoteiros e as últimas atividades extra-sede de que tomou parte. A última fase da BOIA consta dos avisos pertinentes ao dia-a-dia do Grupo.

Terminada a cerimônia de abertura, é comum os jovens formarem pequenos grupos para efetuar atividades em suas seções. Essas atividades são organizadas pelos adultos voluntários (chefes) de cada seção, que procuram torná-las atrativas para a faixa etária a que se destinam. Incluem formas lúdicas e divertidas de transmitir ensinamentos através da aplicação do Método Escoteiro: canções com mímicas, esquetes, práticas de acampamento ou vivência no campo, jogos, brincadeiras.

De acordo com as determinações da diretoria do Grupo Escoteiro, o encerramento pode repetir a cerimônia conjunta de BOIA ou pode ser feito internamente, em cada seção; no segundo caso, delega-se a responsabilidade de efetuar o arriamento das bandeiras a apenas uma das seções.

Além das reuniões semanais, que acontecem na sede do Grupo Escoteiro, efetuam-se atividades extra-sede que incluem acampamentos, bivaques, encontros, ações de cidadania (desfiles, visitas a instituições de caridade), gincanas, etc.

Um estudo detalhado desse método educacional com a finalidade de se verificar sua eficiência e eficácia, incluindo-se seu efeito na sociedade, é matéria suficiente para mais de um trabalho acadêmico, dependendo do enfoque dado. Aqui, entretanto, limitamo-nos a apresentar as linhas gerais do Método Escoteiro, e a finalidade é tão somente oferecer ao leitor uma perspectiva de como o Método é aplicado nas unidades escoteiras locais, os Grupos Escoteiros.

Nos últimos anos, alguns pesquisadores brasileiros vêm dedicando-se ao tema Escotismo, seja na perspectiva do movimento como método educacional, seja investigando suas contribuições e interferências na conformação historiográfica do país.

Bethlem (1939)<sup>27</sup>, citado por Seyferth (1997) em publicação sobre a campanha de nacionalização instituída durante o Estado Novo (1937-1945) no Vale do Itajaí (SC), aponta o Escotismo como um modo de imposição do civismo aos jovens e como canal

---

<sup>27</sup> BETHLEM, Hugo. *O Vale do Itajaí: jornadas de civismo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

de acesso para inculcar os ideais nacionalistas aos seus familiares. Segundo Seyferth (1997, p. 124),

a nacionalização do ensino é o tema preponderante nos trabalhos de Bethlem [...] e a assimilação como problema educativo aparece [...] através da condenação do uso de idiomas estrangeiros e da apologia do escotismo, do serviço militar e da prática do civismo.

Veiga e Gouvea (2000) estudaram a institucionalização das comemorações da criança em Belo Horizonte, focalizando três eventos: o dia da criança, as festas de Natal para crianças pobres e os concursos de robustez e beleza infantil. Ao discorrerem sobre as ações de filantropia que promoveram o Natal das crianças pobres em Belo Horizonte, as autoras citam a participação dos escoteiros: “A partir de 1932, os escoteiros roubaram a cena dos gestos mais individualizados, e foram os organizadores do Natal das crianças pobres” (VEIGA e GOUVEA, 2000, p. 147). As autoras apresentam em seu artigo uma breve definição do Escotismo e contextualizam sua participação na história do estado de Minas Gerais citando outras publicações:

José Silvério Baía Horta (1994)<sup>28</sup> observa que o escotismo era defendido principalmente pelos militares, como educação extra-escolar enquanto substituição de uma educação pré-militar, pois esta deveria ser monopólio do Exército. [...] Em Minas Gerais, a questão do escotismo apareceu nas discussões de preparação da reforma escolar de 1927, dentro do movimento da Escola Nova (Revista do Ensino, ano III, ago/set 1927, n.29). No conjunto de teses do título *Higiene e Educação Física*, o escoteirismo é apresentado como um meio de educação física, moral e cívica, de característica extra-escolar e não obrigatória (VEIGA e GOUVEA, 2000, p. 148).

Souza (2000) analisou a inserção do Escotismo na escola primária no estado de São Paulo nas décadas de 1910 e 1920, identificando-o como uma das formas de expressão do militarismo e do nacionalismo na educação brasileira. A autora demonstra que o governo paulista incentivou o Movimento Escoteiro nas escolas a partir de 1917:

A administração do ensino no estado de São Paulo assumiu prontamente a implementação do escotismo nas escolas públicas. Em 1917, a Diretoria do Ensino entrou em entendimento com a Associação Brasileira de Escoteiros para viabilizar esse fim (Anuário

---

<sup>28</sup> Horta, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. 312 p.

do Ensino do Estado de São Paulo, 1917, p. 97). [...] De acordo com o Decreto 3.355, de 27/5/1921, que regulamentou a Reforma da Instrução Pública, todos os alunos matriculados nas escolas públicas seriam considerados aspirantes a escoteiros (SOUZA, 2000, p. 111-112).

Zuquim e Cytrynowicz (2002) estudaram a inserção do Movimento Escoteiro no cenário brasileiro desde sua chegada ao país, passando por sua introdução no sistema escolar público, com ênfase ao estado de São Paulo, até o ano de 1937. Os autores discutem os pressupostos psico-educacionais da doutrina escoteira, que classificam como “teoria psicológica do caráter afirmada como pedagogia de civismo”. Segundo eles,

Se na Inglaterra o escotismo foi organizado para lidar com o que se considerava a fraqueza no caráter de crianças e jovens e para mobilizá-los frente as insurreições anti- coloniais e diante da mobilização civil instituída com a Primeira Grande Guerra, no Brasil o escotismo era incentivado pela Liga de Defesa Nacional, e sua difusão esteve estreitamente associada ao sistema escolar público-republicano, que via no movimento um "método pedagógico" que representaria uma "escola primária de civismo", nos anos 20 e 30, em que discutia-se intensamente como "fortalecer a nação" e organizar o Estado. Esta concepção levaria o Estado Novo a adotar o escotismo como modelo para sua Juventude Brasileira. (ZUQUIM e CYTRYNOWICZ, 2002, p. 43).

Algumas monografias e duas dissertações discorrem acerca do tema Escotismo: Guerra (1980) relaciona Escotismo e educação ambiental; Fernandes ([198-]), analisa o grau de atendimento do Escotismo aos interesses psicológicos dos adolescentes de Belo Horizonte; Nette (1989) descreve a implantação do Movimento Escoteiro no estado do Paraná; Silva (2002) analisa o Movimento Escoteiro no Rio de Janeiro nos anos de 1910 a 1940; Nascimento (2002) descreve a consolidação do Escotismo em Minas Gerais no período de 1926 a 1930. Em dissertações de mestrado, Gabriel (2003) versa sobre a introdução do Escotismo nas escolas públicas de São Paulo e Nascimento (2004) correlaciona o Movimento Escoteiro aos projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil.

Conforme afirmam Veiga e Gouveia (2000, p. 148), “no Brasil há poucos estudos sobre as atividades dos escoteiros”. Esta também é a opinião de Nascimento (2004, p. 18), para quem há “carência de estudos acerca deste tema”. Embora tenhamos

encontrado referências de pesquisas sobre o Escotismo enfocando aspectos educacionais e historiográficos, nada encontramos do ponto de vista administrativo ou informacional.

### **Escotismo sob o enfoque informacional**

O sucesso do Escotismo pode ser explicado pela efetuação adequada do ciclo informacional proposto por Barreto (1998): informação  $\Rightarrow$  conhecimento  $\Rightarrow$  desenvolvimento  $\Rightarrow$  informação. Acredita-se, portanto, que a informação sobre o Movimento Escoteiro tenha gerado conhecimento acerca das atividades propostas por ele, o que levou a um desenvolvimento individual e social nos locais em que foi aplicado, tendo-se o ciclo repetido continuamente até os dias de hoje.

Uma comprovação da eficácia do ciclo informacional que vem perpetuando o Movimento Escoteiro são os Jamborees<sup>29</sup>, acampamentos que envolvem jovens escoteiros do mundo todo. Neles observa-se que, apesar da diversidade cultural dos participantes, todos estão envolvidos nas mesmas atividades, acreditam nos mesmos ideais, cantam as mesmas canções, etc. Isso demonstra não somente a penetração do Movimento Escoteiro nos diversos países do mundo como também a singular capacidade desse Movimento em adaptar-se às culturas dos diferentes povos, preservando seus próprios valores e agregando a eles os valores individuais de cada nação.

O objetivo primeiro de um Jamboree é a confraternização, o compartilhamento de informações e conhecimentos, com a aplicação das técnicas e métodos escoteiros num ambiente de acampamento. Ou seja, o Jamboree corresponde à implementação, em nível mundial e de modo presencial, da etapa de comunicação do ciclo informacional (FIG. 6) do Movimento Escoteiro.

O primeiro Jamboree Mundial aconteceu na Inglaterra, em 1920, e reuniu cerca de oito mil participantes de trinta e quatro países. O Jamboree de 1920 guarda muito

---

<sup>29</sup> Nascimento (2004, p. 57) faz alusão à prática escoteira de utilizar-se de nomes indígenas. Segundo o autor, “o encontro mundial escoteiro foi denominado por Baden-Powell como *Jamboree*, que significa, na língua dos índios *peles vermelha* o encontro anual em que se reúnem para uma grande festa”.

pouca semelhança com os Jamboree modernos. A diferença mais notável é que ele se realizou em um local coberto, o Olympia, um centro de conferências em Londres, onde trabalhos manuais e técnicas escoteiras eram demonstrados ininterruptamente por lobinhos e escoteiros. O primeiro Jamboree foi mais um show do que um acampamento de confraternização. Outros dezenove Jamborees Mundiais já foram realizados após esse primeiro, tendo o mais recente ocorrido na Tailândia (Ásia), na cidade de Sattahip, entre os dias 28 de dezembro de 2002 e 8 de janeiro de 2003. O tema deste Jamboree foi “compartilhar o mundo e nossas culturas”. Em 2007 acontecerá, no Reino Unido, o 21º Jamboree Mundial, com o tema “100 anos de Escotismo”.

A TAB. 2 demonstra, em números, os Jamborees Mundiais já realizados. Os números ali apresentados fornecem a possibilidade de noção da infra-estrutura necessária para alocar milhares de crianças e jovens acampados: a extensão da área de camping capaz de abrigar todas as suas barracas, o trabalho necessário à organização de atividades de confraternização entre os escoteiros de modo a garantir uma programação ativa, diversificada e educativa para os jovens durante os dias em que estiverem acampados. Deve-se ter em mente a necessidade de garantir segurança, cuidados médicos para os casos de eventualidades, e alimentação (não podemos esperar que jovens que tenham vindo do outro lado do mundo tragam consigo sua própria alimentação para todos os dias do encontro). Não se pode esquecer que são jovens de diferentes países, o que significa diferentes línguas, diferentes hábitos, diferentes culturas. A conclusão óbvia é que um Jamboree Mundial é uma atividade, no mínimo, difícil de se organizar, e que são privilegiados os escoteiros que podem participar dela (é atividade onerosa, pois custa caro criar toda essa infra-estrutura, além do que para muitos dos participantes é dispendioso percorrer a distância entre seu país e o do local do encontro).

TABELA 2  
Jamborees Mundiais: escoteiros e países participantes

Número	Ano	País	Escoteiros	Países
I	1920	Inglaterra	8 mil	34
II	1924	Dinamarca	4,5 mil	34
III	1929	Inglaterra	50 mil	42
IV	1933	Hungria	26 mil	34
V	1937	Holanda	29 mil	33
VI	1947	França	24 mil	44
VII	1951	Áustria	13 mil	61
VIII	1955	Canadá	11 mil	77
IX	1957	Inglaterra*	34 mil	87
X	1959	Filipinas	12 mil	44
XI	1963	Grécia	14 mil	89
XII	1967	EUA	12 mil	107
XIII	1971	Japão	24 mil	85
XIV	1975	Noruega	17 mil	91
XV	1979	Irã (Cancelado)**	-	-
XV	1983	Canadá	15 mil	106
XVI	1987-88	Austrália	14 mil	84
XVII	1991	Coréia do Sul	22 mil	135
XVIII	1995	Holanda	24 mil	172
XIX	1998-99	Chile	34 mil	190
XX	2002-03	Tailândia	24 mil	147

\* O IX Jamboree Mundial comemorou o 100<sup>o</sup> aniversário de Baden-Powell e o 50<sup>o</sup> aniversário do Escotismo na Inglaterra.

\*\* O XV Jamboree Mundial foi programado para o verão de 1979 no Irã, mas foi cancelado devido à Revolução Islâmica.

FONTES <http://www.cne-escutismo.pt/recursos/ewjamborees/quadroresumo>,  
<http://www.pinetreeweb.com/bp-jamborees.htm> e : [http://www.scout.org/wsrc/fs/jamboree\\_e.shtml](http://www.scout.org/wsrc/fs/jamboree_e.shtml),  
páginas acessadas em 16 de novembro de 2004.

Obs.: Alguns dados variam dependendo das fontes. Em casos de ambigüidade estão sendo disponibilizados os dados fornecidos pelo *site* oficial da WOSM.

Com o objetivo de preservar as características de um Jamboree e torná-lo mais viável foram criados os Jamborees regionais. Exemplo disso é o Jamboree Pan-Americano que aconteceu pela décima primeira vez em janeiro de 2001, em Foz do Iguaçu, Paraná. Outro exemplo: na segunda quinzena de julho de 2003, a cidade de Caucaia, no Ceará, sediou o 2º Jamboree Nacional da União dos Escoteiros do Brasil. O acampamento de seis dias reuniu dois mil e seiscentos participantes de quase todos os Estados do Brasil, só não contando com escoteiros do Acre, de Roraima e de Tocantins.

Foi também com esse objetivo e, aproveitando as tecnologias de comunicação existentes na época, que em 1958 criou-se o “*Jamboree On The Air*” ou, simplesmente, JOTA. O JOTA é um evento anual em que escoteiros e escoteiras (de todos os ramos, quer sejam lobinhos, escoteiros, seniores ou pioneiros) do mundo inteiro conversam uns com os outros através do rádio-amadorismo. Experiências escoteiras e novas idéias são compartilhadas através do rádio, sempre no terceiro fim-de-semana de outubro. Em 2004, o 47º JOTA realizou-se nos dias 16 e 17 de outubro, agregando atividades de comunicação, confraternização e de gincana.

Em 1997 foi oficializado o “*Jamboree On The Internet*” (JOTI), que ocorre na mesma data que o JOTA, como maneira complementar de se estabelecer o contato entre os escoteiros de todo o mundo. Entre seus objetivos podem ser citados os seguintes:

- conscientizar o jovem de que ele é um membro de um movimento internacional e que todos os escoteiros compartilham dos mesmos princípios fundamentais do Escotismo;
- permitir aos escoteiros participantes tornarem-se mais conscientes de informações/programas do Escotismo em seu próprio país, assim como também nos outros países;
- oferecer a oportunidade para escoteiros de estabelecer um diálogo com outros escoteiros, principalmente em outros países;
- oferecer oportunidade para fomentar a comunicação significativa entre os jovens;
- compartilhar idéias e amizades;
- ampliar a aprendizagem sobre computadores, Internet e tecnologia;
- ajudar a iniciar e implementar projetos de cooperação entre Grupos Escoteiros nos diferentes países.

(Extraído de <http://www.geocities.com/JotiBrasil/> em 16 de novembro de 2001)

Sem dúvida, essas “versões modernas” do Jamboree têm por objetivo permitir que os jovens compartilhem suas experiências escoteiras a custo praticamente zero, fazendo uso das novas tecnologias de comunicação e informação. Intrínseca aos objetivos desta pesquisa está a averiguação de esse objetivo estar sendo alcançado.

Ao apresentar o enfoque informacional do Escotismo, reportamo-nos ao ciclo informacional que havíamos definido na seção 2.2 e representado pela FIG. 6. Utilizamos o Jamboree como exemplo para comprovar a eficácia desse ciclo, enquadrando-o como uma atividade que permite a comunicação das novidades e características do Movimento Escoteiro em cada país. Participando desse tipo de encontro, os membros escoteiros, além de se confraternizarem, comunicam-se, intercambiam informações, alteram sua base de conhecimento acerca do Escotismo e, finalmente, melhoram e aperfeiçoam a prática do Movimento em suas próprias comunidades.

Imerso na sociedade da informação, ao fazer uso das tecnologias de comunicação e informática, o Jamboree evoluiu para as versões de JOTA e JOTI. Cabem aqui discussões acerca da sociabilidade e das relações interpessoais nos espaços real e virtual. Lévy (2000, p. 128) aborda esse aspecto da seguinte maneira:

[...] longe de serem frias, as relações online não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. Enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional.

Efetivamente, os encontros virtuais promovidos pelos JOTA e JOTI em momento algum objetivaram substituir os Jamborees. Dá-se a palavra, novamente, a Lévy (2000, p. 129-130):

O desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha, em geral, contatos e interações de todos os tipos. A imagem do indivíduo ‘isolado em frente à sua tela’ é muito mais próxima do fantasma do que da pesquisa sociológica. [...] Não nos deixemos, portanto, cair em armadilhas de palavras. Uma comunidade virtual não é irreal, imaginária ou ilusória, trata-se simplesmente de um coletivo mais ou menos permanente que se organiza por meio do novo correio eletrônico mundial.

Jamboree, JOTA e JOTI estão longe de esgotar as possibilidades de discussão e de pesquisa acerca do aspecto informacional do Escotismo. Há que se questionar, por exemplo, de que maneira a informação acerca do Método Escoteiro é disseminada nas diversas esferas que compõem o Movimento Escoteiro. A formação de um educador escoteiro (chefe ou dirigente) se dá através de cursos e da leitura de manuais. Como o Método Escoteiro prega o “aprender fazendo”, parte das informações recebidas por um membro juvenil do Movimento é transmitida através de atividades práticas e não de a partir de processos comunicacionais. Conseqüentemente, é tarefa do membro adulto colher informações em fontes formais, incluindo-se a Internet, e retransmiti-las sob outra forma, através de atividades e brincadeiras. O chefe escoteiro atua, portanto, na recepção, na geração e na transferência de informação. Não é coincidência a identificação com as categorias utilizadas por Araújo (1998, p. 41 e p. 111) em sua pesquisa acerca das práticas informacionais em ONGs brasileiras. Segundo a autora,

As práticas informacionais caracterizam-se através das seguintes ações: recepção (como uma ação de seleção), geração (como uma atividade de reapropriação, no sentido de agregar valor à informação) e transferência (como uma ação de socialização) (ARAÚJO, 1998, p. xv).

ARAÚJO constatou que as ONGs por ela pesquisadas têm dificuldade em analisar o impacto e o nível de utilidade das informações transferidas para os grupos sociais com os quais trabalham. O chefe escoteiro, ao contrário, encontra formas de avaliar tanto o impacto quanto a utilidade das informações que transfere aos escoteiros através do próprio método educacional do Movimento, fazendo uso do sistema de avaliação e conferência de distintivos por ele proposto.

As práticas informacionais, no Escotismo, não são efetuadas apenas por chefes escoteiros. O Escotismo sustenta-se graças à existência de uma rede informacional que permeia todo o seu organograma administrativo (FIG. 8). A WOSM centraliza e responsabiliza-se pela distribuição de informações a cada uma das associações escoteiras nacionais, que devem repassá-las ao nível regional, de onde são distribuídas para as organizações locais. É só nesse nível que aparece o papel do chefe, conforme apresentamos, como transmissor de informação. Nos níveis precedentes há uma troca de informações que, sem dúvida, passa a ser facilitada com o advento da Internet enquanto

canal de comunicação. Já existem, por exemplo, cursos preliminares de formação de chefes *online*. Ou seja, a primeira etapa de formação de um chefe escoteiro já pode ser feita de modo não-presencial, via Internet. É crescente, também, o número de documentos e informativos *online* divulgados pelos órgãos oficiais escoteiros, quer seja no âmbito mundial, nacional ou regional.

A Internet, além de facilitar a transmissão de informações, acaba também por alterar a estrutura de rede existente, uma vez que permite que a hierarquia na transferência de informações seja quebrada. Assim, essa rede, cujos nós eram conectados por arestas seguindo uma estrutura hierarquizada, aumenta agora o número de conexões pela criação de arestas que unem cada nó com qualquer outro, independentemente do nível em que se encontrem, permitindo troca direta de informações entre quaisquer níveis. Isso significa que, pela facilidade de acesso à informação inerente à Internet, um chefe escoteiro pode acessar dados diretamente da WOSM, por exemplo, sem ter de aguardar que esses dados sejam selecionados, reapropriados e transferidos pelos níveis nacional, regional e local.

## 4 TERCEIRO SETOR

Uma vez caracterizado o Escotismo como método educacional, e tendo sido descritos os pontos de vista administrativo, educacional e informacional como enfoques possíveis para aprofundamento de análises a seu respeito, sentimos necessidade de enquadrar esse Movimento em nossa conformação social. Pela literatura sobre o assunto pudemos confirmar que, internacionalmente, o Escotismo é classificado como movimento/instituição *não-governamental*. Nossa pesquisa levou-nos a concluir, entretanto, que as definições externas para *Non Governmental Organizations (NGOs)* não coincidem com o significado que vem sendo dado, no Brasil, para Organizações Não-Governamentais (ONGs).

O objetivo deste capítulo é discutir a conformação do Terceiro Setor, movimentos sociais e ONGs no Brasil para, em seguida, avaliar como o Movimento Escoteiro brasileiro se insere nesse contexto.

A história, do ponto de vista geopolítico, trata a evolução das sociedades ocidentais como um crescente democrático. Partindo de uma sociedade escravocrata, um primeiro passo da democratização foi o surgimento das sociedades feudais (ainda que a escravidão não tivesse sido erradicada). Em ambos os chamados modos de produção havia uma unidade ao mesmo tempo geográfica, política, cultural e econômica em que a monarquia era a representação máxima do Estado.

Com o advento das revoluções burguesas e o amadurecimento das relações transnacionais, as sociedades ocidentais, adaptando modelos de organização das sociedades asiáticas, reorganizaram-se, primordialmente através do instituto da propriedade privada, dando origem ao que se convencionou chamar de modo de produção capitalista.

Na história recente, fortalecido pelo insucesso das formas de organização que se propuseram ser alternativas evolucionistas (notadamente o socialismo e o comunismo utópico), o capitalismo emerge como a forma de organização sócio-política de praticamente todo o mundo ocidental e de grande parte do mundo oriental. Nesse estágio evolutivo, opõe-se dicotomicamente ao Estado a propriedade privada. Enquanto

esta se presta a interesses privados que visam à satisfação do indivíduo, aquele evolui democraticamente da tirania à função pública, promovendo o bem-estar da sociedade.

A observação cuidadosa da organização (e das sub-organizações) das sociedades modernas evidencia, no entanto, que o par dicotômico público-privado é insuficiente para abranger uma série de iniciativas:

Iniciativas privadas que não visam ao lucro; iniciativas na esfera pública que não são feitas pelo Estado. Nem empresa, nem governo, mas sim cidadãos participando de modo espontâneo e voluntário, em um sem número de ações que visam ao interesse comum (OLIVEIRA, M.D., 1994, p.11).

Convencionou-se denominar – e não por ordem cronológica ou de importância – de Primeiro Setor o Estado (público) e de Segundo Setor o mercado (privado). Aprofundando-se nesta denominação, Fernandes (1994, p. 21) faz uma importante segregação entre agentes e fins para circunscrever os conceitos de público e privado. Assim, tanto os agentes podem, dicotomicamente, ser públicos ou privados, quanto os fins, na mesma dicotomia, podem também ser públicos ou privados. O cruzamento lógico, matematicamente tratado pela análise combinatória, resulta em quatro possibilidades, e não apenas as duas reservadas ao par dicotômico:

<b>AGENTES</b>		<b>FINS</b>	<b>SETOR</b>
1. públicos	→	públicos	1º setor (Estado)
2. privados	→	privados	2º setor (mercado)
3. privados	→	públicos	3º setor
4. públicos	→	privados	(corrupção)

FIGURA 9 - Os setores da economia  
 FONTE: Adaptada de Fernandes (1994, p. 21).

Como faz o próprio autor em referência, abandona-se aqui o quarto item da figura acima, merecedor de comentários e aprofundamento fora do escopo desta tese, e propõe-se concentrar a atenção ao terceiro item, o aqui chamado Terceiro Setor, que

compreende todos os movimentos e organizações sociais de natureza privada com objetivos públicos.

Quando se menciona todos, permite-se intuir que em Terceiro Setor podem-se agrupar atividades, objetivos, organizações e agentes tão distintos que talvez não tenham uma identidade comum. Daí resulta que a denominação política do Terceiro Setor tenha se modificado nas últimas décadas. Conforme Fernandes (1994, p. 32), atividades conhecidas como movimentos sociais em benefício da comunidade, na repressão dos regimes autoritários dos anos 70, foram rebatizadas para cidadania em favor da sociedade civil, no processo de democratização da década de 80. Em anos mais recentes, com a certeza de reunir tanta diversidade sob um único nome, optou-se pela caracterização do Terceiro Setor através da negação dos outros dois setores. Assim, os agentes do Terceiro Setor passaram a ser chamados de entidades **sem** fins lucrativos (negação do Segundo Setor), na forma de organizações **não**-governamentais (negação do Primeiro Setor)<sup>30</sup>.

Falconer (1998)<sup>31</sup> ressalta que, ao passo que o modelo estadunidense tem-se prendido à definição das organizações que compõem o Terceiro Setor a partir da negação do Segundo – *nonprofit sector*, no Brasil, a tendência dessas organizações tem sido buscar sua identidade a partir da negação do Primeiro Setor.

O termo *organização não-governamental* é o mais freqüentemente utilizado no Brasil como sinônimo de *nonprofit organization*. Parece ser mais que uma coincidência que, enquanto o Terceiro Setor americano se define em relação ao mercado – como o termo “sem fins lucrativos” sugere – este setor no Brasil, se define em relação ao Estado – “não governamental”, seja em oposição ou colaboração com este. (FALCONER, 1998, p. 6).

Falconer chama atenção para o fato de que a caracterização de Terceiro Setor no Brasil é ainda dúbia e imprecisa: por um lado, a subdivisão da sociedade em setores não foi amplamente apreendida pela população brasileira; por outro lado, as organizações

---

<sup>30</sup> Cabe aqui remeter ao Estatuto da UEB que em seu artigo primeiro define: “A União dos Escoteiros do Brasil, ‘UEB’, fundada em 04 de novembro de 1924, é uma associação de âmbito nacional, de direito privado e sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, beneficente e filantrópico, e reconhecida de utilidade pública, que congrega todos quantos pratiquem o Escotismo no Brasil” (UEB, 2003b, p.2).

<sup>31</sup> [www.fea.usp.br/fia/ceats/publica.htm](http://www.fea.usp.br/fia/ceats/publica.htm)

que o compõem são de tal forma distintas que não concordam, elas próprias, em fazer parte de uma mesma classificação. Nas palavras do autor:

No Brasil, uma economia capitalista emergente, a imagem de uma sociedade dividida em dois setores – Estado e Mercado – não é uma representação favorita. Na verdade, até recentemente, muitos brasileiros que trabalham em organizações do Terceiro Setor não seriam capazes de nomear os outros dois setores implícitos no modelo trissetorial. (FALCONER, 1998, p. 5).

[...]os componentes do Terceiro Setor brasileiro diferem entre si em aspectos mais significativos do que no tamanho de seus orçamentos ou em sua natureza jurídica. Variam em grau de independência do governo e do mercado, fonte de recursos, relação com seus associados e, principalmente, em termos de valores e crenças refletidas em suas missões e formas de atuação. [...]Vê-se que o espaço que deveria formar um Terceiro Setor, no Brasil, mais assemelha-se a um campo dividido. Entidades frequentemente encontram-se em terrenos opostos e não poupam esforços para mostrar que não compartilham dos valores e da forma de atuação de outras entidades. (FALCONER, 1998, p. 8-9).

### **Perspectiva histórica dos movimentos sociais no Brasil**

Notadamente a partir da década de 70 começaram a tomar força e representatividade pequenas organizações sociais relativamente distantes do Estado mas, ao mesmo tempo, mobilizadas em função de problemas locais, públicos. Conforme afirma Encarnação (1999, p. 11), “iniciativas deste tipo, apesar de já estarem presentes na sociedade há mais tempo, emergem com mais força no Brasil naquela década”. Tanto seu porte, pequenas, quanto sua abrangência, locais, conferiram a essas organizações uma ação intermediária entre Estado e mercado. Esse espaço intermediário foi denominado comunidade.

Tipicamente representando um conjunto de famílias consolidado sob o aspecto geográfico das moradias, as comunidades naturalmente distanciaram-se do chamado mundo de trabalho, eliminando de suas características, portanto, qualquer relação com o chamado mercado. Paralelamente, ao se ocupar com os problemas locais, rompem com os padrões hierarquizantes típicos do Estado. Em vez de, externamente aos problemas,

tratá-los de uma visão “de cima”, as comunidades se inserem nos problemas através de um trabalho de base (FERNANDES, 1994, p. 34).

Esse afloramento do movimento comunitário não acontece acidentalmente nos anos 1970. Foi justamente na década anterior (1964) que emergiu o regime autoritário do governo militar que, através de mecanismos repressivos como a censura e o controle dos meios de comunicação de massa, rompeu de sua própria parte o diálogo com a sociedade civil. Essa ruptura foi de tal sorte excessiva que acabou por afastar do Estado a Igreja, instituição que, historicamente, e a despeito de seu caráter religioso, sempre participou do exercício de liderar o Estado. E foi justamente a Igreja, excluída do Estado, a instituição que fez estender as práticas religiosas das reuniões, encontros e debates à comunidade (ibidem, p. 37).

Volta-se aqui, portanto, à introdução desta seção: as comunidades, organizadas em grupos pequenos, porém não estruturados em regras de longa duração, começaram a, mais fortemente que em épocas anteriores, expressar demandas, reivindicações, denúncias que, consolidadas, formaram “ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural” (GOHN, 2003, p.13).

Essas ações sociais receberam a denominação de movimentos sociais, nome cuidadosamente escolhido para, simultaneamente, refletir, por um lado, o caráter mutante e instável dos grupos e das comunidades, e por outro, o distanciamento dos aparelhos do Estado. Apesar de seu propósito público, não se intitulam movimentos políticos justamente por faltar-lhes qualquer conexão ao governo (FERNANDES, 1994, p. 43).

Não obstante a definição acima, que abrange portanto as comunidades e suas ações dentro do escopo de movimentos sociais, há restrições à amplitude da definição. Touraine<sup>32</sup>, citado em Scherer-Warren (1996, p. 18), chama de movimentos sociais apenas aqueles que “atuam na produção da sociedade ou seguem orientações globais tendo em vista a passagem de um tipo de sociedade a outro”. Ainda segundo a autora, a rigidez inerente ao conceito de movimentos sociais dado por Touraine imprime a estes um caráter praticamente revolucionário, excluindo da conceituação, conseqüentemente,

---

<sup>32</sup> TOURAINE, Alain. *Palavra e sangue – política e sociedade na América Latina*. São Paulo: Trajetória Cultural, UNICAMP, 1989.

quase todas as ações tomadas por grupos da sociedade com finalidade reivindicatória ou de protesto em benefício da coletividade.

Não interessa, no presente trabalho, tamanha rigidez conceitual. O que se procura explorar, primordialmente, é o caráter evolutivo dessas ações sociais de grupos organizados que, mesmo sem propósitos revolucionários, sempre atuaram com interesses públicos. E tal evolução se dá, claramente, no processo de transição do regime autoritário para os governos democráticos, a partir dos anos 1980. Se naqueles regimes os movimentos sociais eram tolerados, no processo democratizante da década de 1980, eles foram legitimados pelo governo e pela sociedade civil por sua força reivindicatória.

Nessa nova era política brasileira, vão sendo refeitas as conexões entre a sociedade e o Estado. A importância dos movimentos sociais no gerenciamento das políticas públicas é valorizada e busca-se a institucionalização de sua participação nas relações com o Estado (ENCARNAÇÃO, 1999, p. 15).

Afastado o fantasma de um Estado autoritário, o governo então se propõe a agir em nome de uma sociedade civil. Através da restituição e do amadurecimento da representação democrática, essa sociedade civil é coroada, em 1988, com aquela que foi chamada Constituição Cidadã. De tal forma foi presente a participação dos movimentos sociais na reconstrução democrática que, paradoxalmente, após a incorporação à Carta Magna de várias das reivindicações latentes, esses movimentos praticamente desapareceram ao final dos anos 80 (GOHN, 2003, p. 20).

A crise endodegenerativa dos movimentos sociais típicos dos anos de 1970 e 1980, caracterizados pelo associativismo de massas em torno de diretrizes de uma organização com objetivos predominantemente reivindicatórios e de protesto, faz ceder lugar a um novo modelo de mobilização social.

Baseado no sentido mais amplo da palavra cidadania, que transcende ao exercício do direito de voto e abrange a ética universal e o direito à vida, o associativismo emergente passa a se formar para o “atendimento a um apelo feito por alguma entidade plural, fundamentada em objetivos humanitários” (GOHN, 2003, p. 18).

O caráter plural acima tratado vai aproveitar-se, justamente nos anos 1990, do aperfeiçoamento e massificação das tecnologias de informação e dos meios de

comunicação de massa (SCHERER-WARREN, 1996, p. 25). Com esse arcabouço tecnológico, os movimentos sociais passam a se articular “por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais” (GOHN, 2003, p.13). Transformam-se, ao final, nas *network organizations*, grupos tematicamente constituídos através de articulações e intercâmbios em movimentos humanitários muitas vezes transnacionais (SCHERER-WARREN, 1996, p. 9).

### **Organizações não-governamentais – ONGs**

A denominação organizações não-governamentais (ONGs) origina-se da Carta de Constituição da ONU, de 1946, em que essas entidades são definidas como organismos com os quais o Conselho Econômico e Social da ONU poderia estabelecer consultoria.

Segundo Araújo (1998, p.59), as ONGs surgiram no Brasil no contexto da década de 1980, quando se assistia à queda da ditadura militar e ao reestabelecimento da democracia no país. Para a autora, as ONGs, definidas como “organizações formais, privadas, porém com fins públicos, sem fins lucrativos, autogovernadas e com participação de parte de seus membros, como voluntários, objetivando realizar mediações de caráter educacional, político e assessoria técnica” se constituíram em organizações que “marcaram profundamente a luta das classes populares por direitos de cidadania”.

Landim (2002) apresenta o contexto histórico de origem das ONGs no Brasil, mostrando que elas surgiram a partir dos movimentos sociais e evoluíram até se apropriarem do nome organização não-governamental na tentativa de estabelecimento de identidade própria.

A autora utiliza primeiramente o termo “centros” para delimitar e caracterizar um conjunto de iniciativas de cunho social que mais tarde se autodenominariam ONGs. Sua origem estaria “em anos de regime militar [...] guardando continuidade com o vasto [...] universo de entidades privadas que se pretendem sem fins lucrativos, voltadas para atuar no campo das questões sociais, no país” (LANDIM, 2002, p.219).

Landim considera as entidades dedicadas à “educação de base” ou “educação popular” espalhadas no país, no início dos anos 1970, como os primeiros “centros”, embora admita que naquela época tais entidades não buscassem identidade institucional. Atribui à Igreja o papel de protagonista na criação desses “centros” e ressalta a importância do papel daqueles que retornaram do exílio após a anistia de 1979 para a reconfiguração dos “centros”:

Os novos chegados, no entanto, trazem competências significativas para os “centros”. Especialistas na política e também com disposição para uma profissão militante, vão ter um papel na inserção dessas entidades no campo político e na formação dos contingentes de “assessores”, de diversas funções nas dinâmicas de movimentos sociais e sindicais que se desenvolviam na época (LANDIM, 2002, p. 228).

Sendo, no geral, gente mais provida de capitais sociais e culturais do que a maioria dos “agentes de educação de base” que compunham essas entidades, em suas origens, vão concorrer para a colocação dos “centros” em relação com outras instâncias institucionais como universidades, partidos ou órgãos governamentais. Terão maior competência para se colocar em espaços públicos e forjar os discursos específicos através dos quais os “centros” vão-se particularizando e criando reconhecimento, nos movimentos sociais e portanto na sociedade (LANDIM, 2002, p. 229).

A autora observa ainda que, tendo vindo do exílio no exterior, essas pessoas trouxeram consigo uma rede de relações muito útil no estabelecimento de parcerias e financiamentos externos. A trajetória dos chamados “centros” surge, portanto, do campo da assistência nos espaços eclesiais e, com o passar do tempo, ruma em busca de autonomia, passando dos projetos de educação localizados para organizações e movimentos mais abrangentes, associados a fins diversos, envolvendo temas como feminismo, ambientalismo, etnia, etc., fornecendo à população apoios diversos, desde o material até o jurídico.

Para Landim, dois grandes marcos pontuaram a busca de autonomia e identidade daquilo que viriam a ser as ONGs brasileiras. Um encontro ocorrido em 1972, com financiamento de uma ONG internacional e duração de cinco dias, em que se reuniu um grupo de brasileiros ligados a projetos de educação e intervenção junto a grupos populares de base, seria o marco inicial dessa trajetória. Nesse encontro, fundou-se uma

organização de assessoria, avaliação e pesquisa, referenciada por muitos como o cerne da primeira ONG brasileira. Esse encontro caracteriza uma busca dos agentes de projetos educativos e comunitários por diferenciação e independência em relação à Igreja, ao Estado e à Academia. Quatorze anos depois, em 1986, promove-se um segundo evento, o “Encontro Nacional de Centros de Promoção Brasileiros”, reunindo diretores de trinta entidades das várias regiões do país e agentes de três organizações internacionais, em busca de sua

identidade institucional para além de suas especificidades de linhas e temas de ação e da sua existência ‘a serviço’. [...] A agenda central do encontro propunha a discussão dos papéis dos “centros” com relação ao Estado, aos movimentos sociais e à cooperação internacional, tendo portanto como consequência a criação e consolidação, relacionalmente, de uma identidade distintiva própria a essas organizações” (LANDIM, 2002, p.236).

Foi ao longo dessa reunião que seus participantes decidiram optar por autodenominar-se ONGs, termo internacionalmente conhecido, embora tenham discutido bastante sobre a impropriedade de uma definição por negação – o não-governamental. Posteriormente, com a criação, em 1991, da Associação Brasileira de Organizações não-Governamentais (ABONG), consolidou-se a definição particular do termo ONG no Brasil. Não basta ser organização ou agrupamento desvinculado do governo para receber, oficialmente, a denominação ONG em nosso país. O termo designa conjunto específico e bem delimitado dessas organizações:

[...]organizações com razoável grau de independência em sua gestão e funcionamento, criadas voluntariamente, sem pretender caráter representativo e sem ter como móvel o lucro material, dedicadas a atividades ligadas a questões sociais, pretendendo a institucionalização, a qualificação do trabalho e a profissionalização de seus agentes, tendo a fórmula “projeto” como mediação para suas atividades, onde as relações internacionais – incluindo redes políticas e sociais e recursos financeiros – estão particularmente presentes. Organizações nas quais, finalmente, o ideário dos direitos e da cidadania é marca de peso [...] (LANDIM, 2002, p. 238).

Atualmente, os critérios e procedimentos para associar-se à ABONG<sup>33</sup> são rigorosos a ponto de excluir de filiação diversas associações que, embora desejem incluir-se à categoria das ONGs por suas características e objetivos, não são filiadas àquela que se denomina a primeira e até então única associação de ONGs no país, por não preencherem todos os requisitos obrigatórios.

Fernandes (1994, p. 65) enxerga as ONGs como um pequeno segmento dentre os diferentes tipos de instituição que constituem o Terceiro Setor. Em pesquisa realizada na América Latina, o autor subdivide o campo de atuação das ONGs em dezessete categorias temáticas: desenvolvimento e bem-estar, formação qualificada e assessoria, educação, pesquisa, desenvolvimento e promoção social, desenvolvimento rural, saúde, meio-ambiente, comunicação, projetos de financiamento, direitos humanos, mulher, negros, índios, criminalidade, violência e, por fim, drogas.

A principal distinção entre as ONGs e os demais movimentos sociais, ambos manifestações sociais pertencentes ao Terceiro Setor, está no fato de elas não reivindicarem para si um espaço de militância. As entidades que representam os movimentos sociais (por exemplo sindicatos e associações de moradores) envolvem-se politicamente com decisões e questionamentos que levantam. Mesmo tendo algumas se originado de movimentos sociais, as ONGs adquiriram característica distinta e, conseqüentemente, perfil específico, porque o âmago de suas atuações não são somente a militância mas, principalmente, a preocupação com o trabalho em si. “O valor que

---

<sup>33</sup> Critérios para se associar à ABONG: organizações que possuam CNPJ, personalidade jurídica própria como associação civil sem fins lucrativos ou fundação; sejam autônomas frente ao Estado, às igrejas, aos partidos políticos e aos movimentos sociais; matenham compromisso com: a constituição de uma sociedade democrática e participativa, incluindo o respeito à diversidade e ao pluralismo, o fortalecimento dos movimentos sociais de caráter democrático, a ampliação do campo da cidadania, a constituição e expansão dos direitos fundamentais e da justiça; tenham caráter público em relação aos seus objetivos e ação; tenham ao menos dois anos de experiência comprovada. Documentos: o pedido de admissão é apreciado mediante o envio de: carta-proposta de filiação contendo a declaração de estar de acordo com a carta de princípios da ABONG; cópia do plano de atividades detalhado da entidade; cópia do relatório de atividades; cópia do balanço financeiro, ficha modelo 41; cópia do seu estatuto; cópia da ata de eleição de seus dirigentes; carta de apresentação de duas ONGs associadas. Procedimentos: os documentos devem ser enviados à diretoria Regional da ABONG da localidade onde se situa a ONG. O Conselho Diretor da ABONG, que se reúne três vezes por ano, é o responsável pela apreciação dos pedidos de filiação, após a apresentação da entidade realizada pelo Diretor Regional. Os critérios estabelecidos são analisados pelo Conselho Diretor a partir da trajetória institucional da ONG solicitante e dos documentos apresentados. Quanto à contribuição financeira à Associação, esta é anual, sendo o valor de 0,15% sobre o valor do orçamento do ano anterior, podendo ser pago em até três vezes. (<http://www.abong.org.br/novosite/institucional/associese.asp>)

lhes é atribuído deriva das respostas obtidas aos serviços que têm para oferecer”. (FERNANDES, 1994, p. 67)

As ONGs se constituíram historicamente no Brasil exatamente no período em que os movimentos sociais deixaram de ser vistos como inimigos do Estado e passaram a ser aceitos como seus parceiros na construção de uma sociedade mais igualitária. Isso porque elas se propuseram, em parceria com os outros dois setores (mercado e Estado), embora sem vínculo legal com eles, a trabalhar na promoção de serviços de interesse público e, em grande parte, dedicados ao bem-estar da população. Se, por um lado, isso parece ser interessante, população e governo, com auxílio da iniciativa privada, trabalhando para um bem comum, por outro, a parceria tem sido alvo e é passível de várias críticas, as quais tentaremos aqui enumerar.

O modo de trabalho e o fato de não terem propósitos de obtenção de lucros permitiram às ONGs estabelecerem parcerias, entre outras com o Estado (Primeiro Setor), com fins de obtenção de recursos para desenvolver seus projetos. Essas parcerias transcendem o espaço geográfico no qual se inserem as ONGs e muitos órgãos financiadores desses projetos são de outros países, o que é possível exatamente pelo fato de as ONGs não possuírem vínculos com o Estado. Por outro lado, isso exige das ONGs a formulação de bom projeto de trabalho e boa estrutura física, que possibilite a capacidade de interagir com parceiros de outras nacionalidades. Uma crítica feita às ONGs se pauta exatamente no fato seguinte: a necessidade de apresentarem projetos significa, também, um modo de exclusão social, uma vez que apenas uma minoria privilegiada da sociedade tem capacidade para conceber documentos nesses moldes, principalmente quando há necessidade do uso de língua estrangeira, no caso de financiamentos externos. O que se observou é que, se os movimentos sociais, antes, eram compostos por atores da “comunidade de base”, houve agora uma inversão em que as comunidades passam do papel de atores para o papel de clientes das ONGs. Ainda em relação ao financiamento externo oferecido às ONGs, cabem duas outras críticas. A primeira, apresentamos na forma de questionamento, já que é passível de discussão: será que escrever projetos solicitando recursos não é mais fácil que trabalhar para a obtenção desses mesmos recursos? Será se com uma dose maior de criatividade não seria possível desenvolver-se localmente trabalhos e poupanças que gerassem tais recursos, ao invés de “mendigá-los”? Será se a criação de tais projetos não está inibindo a criatividade e a

capacidade de produção populares? A segunda crítica, também questionável, é a seguinte: ao receber ajuda externa, as ONGs criam canais de comunicação com entidades estrangeiras e, através desses canais, passam a ser provedoras de informação local para o exterior. Que informações são essas e a forma com que podem ser utilizadas são questões que merecem ser profundamente discutidas.

Se formos analisar as temáticas das ONGs latino-americanas listadas por Fernandes (1994, p. 65) e acima citadas, perceberemos que grande parte dos problemas e demandas apontados são de responsabilidade do e deveriam ser providos pelo Estado. É função do Estado, por exemplo, garantir a segurança de sua população, evitando a criminalidade e a violência. Desenvolvimento e bem-estar social, tal como saúde e educação deveriam, sem dúvida, ser garantidos pelo Estado – afinal, para tanto, a população paga uma série de impostos. Garantir os direitos humanos, preservar o meio-ambiente, evitar a discriminação racial ou de gêneros (mesmas oportunidades para homens e mulheres) são, no nosso entender, direitos constitucionais, muitas vezes não respeitados. Muitas ONGs têm sido criadas com esses propósitos, o que pode levar o Estado a assumir uma posição cômoda e de inércia em relação a tais problemas, já que há quem deles cuide. Para Fischer e Mendonça (2002, p.8)<sup>34</sup>,

pode-se dizer que o Terceiro Setor está cada vez mais forte devido à crescente incapacidade do Estado como promotor de políticas de desenvolvimento social e à necessidade de estimular a participação da sociedade civil nesta empreitada. Além disso, as pessoas já não esperam respostas do Governo para os problemas sociais existentes no país. A mobilização através do trabalho conjunto entre cidadãos, governo, empresas e Terceiro Setor aparece cada vez mais como alternativa eficiente e democrática. E a sociedade vem começando a se mostrar capaz de assumir responsabilidades e agir por si mesma em benefício da coletividade.

Talvez seja exatamente por isso que as ONGs, no atual contexto, estejam atuando muito mais como parceiras do que como opositoras ao Estado.

Mais um questionamento para discussão: será se ao invés de serem porta-vozes da sociedade para se fazer ouvida pelo Estado, as ONGs não estão se transformando em canal de comunicação no sentido contrário, do Estado para a sociedade?

---

<sup>34</sup> <http://www.fia.com.br/ceats/inventario.pdf>

Uma última crítica que se faz às ONGs se relaciona à forma de serviço prestada pelos seus participantes. A proposta inicial de que todo o serviço fosse voluntário – já que se trata de entidades sem fins lucrativos –, vem sendo gradativamente substituída pela ocorrência de trabalho remunerado no interior de tais associações. Não é à toa que em sua definição, citada no início dessa seção, Araújo (1998, p. 59) aponte apenas parte de seus membros como voluntários. Isso ocorreu devido ao crescimento dessas organizações e à necessidade cada vez maior de especialização de seus agentes. A crítica em relação ao trabalho remunerado é que sua existência pode ocasionar a ocorrência de situações em que o membro da ONG não tenha mais como objetivo principal trabalhar em prol da causa que a organização defende. Podem ocorrer situações de adesão à ONG pela simples possibilidade de obtenção de emprego. Em contrapartida, existem também as situações de que membros interessados e compromissados com as ONGs, porém que antes não tinham a possibilidade de se dedicar o quanto gostariam ao trabalho voluntário, pela necessidade de manter emprego para sua subsistência, possam fazer do trabalho nas ONGs sua fonte de renda e, destarte, dedicar-se integralmente à causa da organização. Nesse caso, o que antes apontamos como crítica, converte-se em vantagem. Cabe lembrar que o Terceiro Setor é, atualmente, aquele mais promissor na geração de novos empregos. Segundo Falconer (1998, p.3)<sup>35</sup>, “as organizações sem fins lucrativos, no Brasil, são responsáveis por 2% do emprego total, ou mais de um milhão de empregados”.

Apesar do conjunto de críticas e questionamentos apresentados, não deixamos de apontar o lado positivo das ONGs e damos o devido valor a suas conquistas e a seu trabalho. O propósito aqui, mais que criticar, foi o de explicitar que o surgimento das ONGs não significa o desaparecimento dos movimentos sociais como reivindicatórios, militantes, e porta-vozes diretos da comunidade de base. Ao antecipar ações para resolver problemas da população, as ONGs explicitam seu caráter de trabalho e oferta de serviços, e evitam a necessidade de reivindicação.

Se formos comparar as temáticas de ONGs latino-americanas citadas por Fernandes (1994, p.65) àquelas de movimentos sociais no Brasil listadas por Gohn (2003, p. 31-32), veremos que apesar de elas se cruzarem em diversos pontos (temas), a

---

<sup>35</sup> [www.fea.usp.br/fia/ceats/publica.htm](http://www.fea.usp.br/fia/ceats/publica.htm)

forma como são citadas pelos autores as distingue. Enquanto Fernandes aponta os grupos temáticos simplesmente classificando temas para os quais as ONGs promovem trabalhos, as afirmações de Gohn atestam o caráter político e reivindicatório presente nos temas dos movimentos sociais. Em vez de simplesmente listar seus temas, como faz Fernandes e como fazemos no QUADRO 2, a autora os cita normalmente precedidos de termos tais como “lutas e conquistas por”, “mobilização e organização popular em torno de”, “mobilizações e movimentos contra”.

**QUADRO 2**  
Grupos temáticos observados nas ONGs latinas e nos movimentos sociais brasileiros

ONG'S – AMÉRICA LATINA	MOVIMENTOS SOCIAIS – BRASIL
a. Desenvolvimento e bem-estar	1. Habitação e moradia
b. Meio ambiente	2. Meio ambiente
c. Desenvolvimento e promoção social	3. Desemprego
d. Drogas	4. Drogas
e. Saúde	5. Doenças sexualmente transmissíveis
f. Comunicação	6. Deficiências físicas
g. Direitos humanos	7. Meninos de rua
h. Negros	8. Sem-terra
i. Índios	9. Étnico-raciais
j. Mulher	10. Questões de gênero (mulheres e homossexuais)
k. Desenvolvimento Rural	11. Rurais (pela terra, reforma agrária, etc.)
l. Projetos de financiamento	12. Contra políticas neoliberais e efeitos da globalização
m. Criminalidade	
n. Violência	13. Participação social na estrutura político administrativa urbana
o. Pesquisa	
p. Educação	
q. Formação qualificada e assessoria	

FONTE: FERNANDES (1994, p.65) e GOHN (2003, p. 31-32)

Concordamos, portanto, com Fernandes, quando ele classifica as ONGs como mais uma manifestação do Terceiro Setor, lembrando que ONGs e movimentos sociais coexistem na atualidade, cada um com suas manifestações e características próprias. No entanto, não há unanimidade quanto a essa questão. Falconer (2000)<sup>36</sup> apresenta opinião oposta ao afirmar que “foi à revelia e com a oposição das ONGs brasileiras que se construiu o espaço chamado Terceiro Setor”. O autor referencia Silvio Caccia Bava<sup>37</sup>, presidente da ABONG na década de 90, que teria afirmado: “Nós não nos reconhecemos como parte do Terceiro Setor. Não achamos que esse modelo teórico contempla quem nós somos e o que fazemos”.

Recentemente, duas leis foram aprovadas buscando estabelecer marcos legais que regulamentem o relacionamento entre o Estado e o Terceiro Setor: a “Lei do Voluntariado” (Lei 9.608/98) e a “Nova Lei do Terceiro Setor” (Lei 9.790/99), que “regulamenta de forma mais transparente as relações financeiras entre Estado e as ONGs e flexibiliza o acesso destas aos recursos públicos, desde que aceitem passar a ser consideradas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público / OSCIP” (CARVALHO, 2000, p.16)<sup>38</sup>. Segundo Augusto de Franco, conselheiro e membro do comitê executivo da Comunidade Solidária, “para mudar, de uma vez, o marco legal do Terceiro Setor não basta uma lei, nem, talvez, uma dúzia delas. Seria necessário, a rigor, uma espécie de ‘Constituinte do Terceiro Setor’” (FRANCO, 2001, p.10). Para ele, a lei 9.790 é ainda um passo na direção de longo caminho a ser trilhado na legislação própria para o Terceiro Setor brasileiro.

Um dos propósitos da lei 9.790/99 foi reconhecer outras finalidades públicas, além de saúde, educação e assistência social, as únicas três até então consideradas legais pelo Estado. A lei “dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), e institui e disciplina o Termo de Parceria” (FERRAREZI e REZENDE, 2001, p. 17). A qualificação como OSCIP pretende diferenciar, no universo do Terceiro Setor, as

---

<sup>36</sup> <http://www.rits.org.br/rets/ed010800-2/re.opiniao.cfm>

<sup>37</sup> “Entrevista com Silvio Caccia Bava – Presidente da ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais”, obtida em 4/12/98 no *site*

<http://www.cogea.pucsp.br/~sircri/utilid/trabalha/polsoc/abong.html>.

<sup>38</sup> <http://read.adm.ufrgs.br/edicoes>

organizações que efetivamente tenham finalidade pública. Já o Termo de Parceria passa a ser o

novο instrumento jurídico de fomento e gestão das relações de parceria entre as OSCIPs e o Estado, com o objetivo de imprimir maior agilidade gerencial aos projetos e realizar o controle pelos resultados, com garantias de que os recursos estatais sejam utilizados de acordo com os fins públicos (FERRAREZI e REZENDE, 2001, p. 19).

Assim, ao conjunto de siglas e diferentes manifestações que compõem o Terceiro Setor no Brasil (entidades religiosas, sindicatos, associações industriais e comerciais, clubes esportivos e culturais, universidades privadas e hospitais sem fins lucrativos, fundações empresariais e familiares, entidades comunitárias, ONGs, etc.) adiciona-se recentemente o termo OSCIP, de forma a atender os interesses de controle das instituições por parte do Estado.

## **Escotismo e Terceiro Setor**

Para Fernandes (1994, p. 128), o Terceiro Setor divide-se em quatro segmentos principais, a saber: “formas tradicionais de ajuda mútua, movimentos sociais e ações civis, ONGs e filantropia empresarial”.

Classificar o Escotismo como atividade pertencente ao Terceiro Setor é algo natural. Reportando-nos à introdução do presente capítulo, em que o Terceiro Setor é definido em termos da negação dos dois primeiros setores, e recordando que a União dos Escoteiros do Brasil, órgão máximo do Escotismo brasileiro, é definida como “uma associação de âmbito nacional, de direito privado [negação do Primeiro Setor] e sem fins lucrativos [negação do Segundo Setor]” (UEB, 2003b, p.2, com comentários da autora entre colchetes), temos que o Movimento Escoteiro decididamente insere-se no Terceiro Setor, ainda que a definição de Terceiro Setor apareça historicamente num período posterior ao da implantação do Movimento Escoteiro no Brasil.

Paschoal (2001) faz um estudo histórico do Terceiro Setor no Brasil e demonstra que a preocupação com o social está presente no país há mais de 450 anos, muito antes

de se cunhar termos como Terceiro Setor, movimentos sociais, ONGs, etc. A partir de seu texto pudemos construir o seguinte quadro referencial:

QUADRO 3  
Preocupação com o social no Brasil

ENTIDADE	FUNDAÇÃO
Santa Casa de Misericórdia	1543
Cruz Vermelha	1908
<b>Escotismo</b>	<b>1910</b>
Legião Brasileira de Assistência – LBA	1942
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE	1961
Projeto Rondon	1967
Pastoral da Criança	1983
Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida	1993
Comunidade Solidária	1995
Universidade Solidária	1995

FONTE: PASCHOAL, 2001 (grifo nosso).

Assim como é clara a denominação do Escotismo como pertencente ao Terceiro Setor, não resta dúvida, também, em relação à não inserção desse Movimento no primeiro e no último segmento de Fernandes. O Escotismo não é uma forma tradicional de ajuda mútua, tampouco uma ação de filantropia empresarial, embora, conforme seus objetivos, trate-se de instituição filantrópica embasada em trabalho voluntário.

Embora não tenhamos encontrado qualquer documento escoteiro oficial que caracterize o Escotismo brasileiro na forma explícita de organização não-governamental, o Plano Estratégico da UEB para os anos de 2003 e 2004 (UEB, 2003a, p.5) apresenta, como uma de suas metas, “estabelecer parcerias com **outras** ONG’s, visando ampliar a penetração social da UEB” (grifo nosso), fazendo entender, implicitamente, que a UEB considera-se também uma ONG. Alguns chefes escoteiros também citam o Movimento como uma ONG.

Álvaro Pessoa, presidente do 13<sup>o</sup> Grupo de Escoteiros Expedicionário Assumpção, de Nova Lima, Minas Gerais, afirma em reportagem produzida pela

Assessoria de Imprensa da MBR em 10 de dezembro de 2003, que “não teria o menor receio em dizer que o Movimento Escoteiro foi a primeira ONG ambiental a existir oficialmente no Brasil” (MBR, 2003).

O jornal *Força d'Oeste*, em sua publicação de 19 de junho de 2003 apresenta, na página 16, reportagem que trata do crescimento do Escotismo na América Latina, na qual João Paulo Probst, chefe escoteiro do Grupo Yucumã de Mondai, Santa Catarina, afirma: “O movimento dos escoteiros é considerado a maior organização não-governamental (ONG) do mundo que pratica a educação não formal”.

Se formos analisar os artigos da Lei Escoteira (UEB, 1995, p.11)<sup>39</sup> encontraremos relação entre eles e grande parte dos campos de atuação das ONGs listados por Fernandes (1994, p.70-74) e enumerados na seção 4.2 desta tese. Com efeito, ao propor, em seu terceiro artigo, que “o escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação”, o Escotismo afirma seu caráter de promoção do bem-estar coletivo, que pode ser incluído na temática de desenvolvimento e bem-estar proposta por Fernandes. Quando garante, no quarto artigo de sua lei, que “o escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros”, o Escotismo denota seu espírito solidário e sua preocupação com a discriminação tanto social quanto racial. Assim como ONGs que têm como temáticas os negros ou os índios, o Movimento Escoteiro apresenta entre seus princípios ideológicos a preocupação com esses temas quando propõe-se tratar a todos como irmãos. O artigo de número seis da lei que todo escoteiro promete obedecer garante que “o escoteiro é bom para os animais e as plantas”. Nesse artigo, o Movimento Escoteiro explicita sua preocupação com a temática meio-ambiente. Finalmente, quando o décimo artigo diz que “o escoteiro é limpo de corpo e alma”, pode-se considerar a afirmação como uma alusão à temática de saúde. Um jovem limpo de corpo, no sentido estrito da expressão, tem grandes possibilidades de ser um jovem saudável. Portanto, pela análise dos artigos da lei escoteira, percebemos que o Escotismo é um movimento que visa dar respostas e promover resultados em áreas de preocupação comuns às temáticas de ação das ONGs, entre elas a promoção da educação, o cuidado com o meio-ambiente e a preocupação com a exclusão social.

---

<sup>39</sup> O texto completo da lei escoteira é apresentado na seção 3.2 do presente trabalho.

Assim, considerando-se a atual classificação das instituições de interesse público, há indícios de que Escotismo possa ser incluído no rol das organizações não-governamentais. No entanto, a UEB, órgão representativo do Escotismo no Brasil, não se encontra entre as ONGs filiadas à ABONG. Por outro lado, o Escotismo é internacionalmente referenciado como não-governamental, uma vez que a *World Organization of the Scout Movement* (WOSM), organização que o representa mundialmente, é tida como uma *Non Governmental Organization* (NGO, termo correspondente a ONG no Brasil) que mantém relações oficiais com a UNESCO, intermediadas pela *Section of NGOs and Foundations*<sup>40</sup>. Essa seção, pertencente à Divisão das Relações com Organizações Internacionais da UNESCO, é responsável por auxiliar o estreitamento de cooperação entre ONGs, fundações e instituições similares. Suas funções englobam a admissão de ONGs na rede oficial de relações, a avaliação de cooperação com as ONGs, a coordenação de cooperação em programas setoriais (educação, ciência, cultura, etc.), a comunicação e troca de informações entre as ONGs.

Finalmente, vamos analisar como se daria a classificação do escotismo brasileiro como movimento social.

Em relação ao porte, à abrangência, à forma de atuação e princípios ideológicos, o Escotismo dificilmente pode ser considerado movimento social. Conforme definimos anteriormente, movimentos sociais são, em sua maioria, organizações de pequeno porte e de abrangência local. O Movimento Escoteiro, ao contrário, é organização de abrangência mundial e de porte consideravelmente grande. No entanto, se formos tratar apenas de um Grupo Escoteiro ou de uma unidade autônoma em particular, poderemos classificá-lo(a) tanto como de pequeno porte, como de abrangência local, uma vez que seus membros normalmente são moradores da comunidade local em que se insere. Nesse sentido, poderíamos então tentar uma classificação de Grupos Escoteiros como movimentos sociais e do conjunto dos diversos Grupos Escoteiros que compõem o Escotismo como uma rede de movimentos sociais.

Conforme sugerido por Marteleto (2001, p.74), estaríamos fazendo uso de um enfoque híbrido, que evidencia a combinação do comunitário com o associativo. O comunitário aqui está representado por cada comunidade escoteira, na figura dos

---

<sup>40</sup> [http://erc.unesco.org/ong/en/directory/ONG\\_Desc.asp?mode=gn&code=612](http://erc.unesco.org/ong/en/directory/ONG_Desc.asp?mode=gn&code=612)

Grupos Escoteiros ou das unidades autônomas. O associativo, usando as palavras da própria autora, funda-se “no recurso da estruturação organizacional da ação”, ou seja, está representado pelas associações que formalizam o Escotismo – no Brasil, a UEB; no mundo, a WOSM. De fato, essas são organizações com o propósito de manter conexas as unidades menores promotoras do Escotismo, ou seja, os grupos locais. A visão reticular sugere “passar da análise de organizações sociais específicas, fragmentadas, para a compreensão do movimento real que ocorre na articulação dessas organizações, nas redes de movimentos” (SHERER-WARREN, 1993, p. 22).

A análise de redes sociais é o mapeamento e medição dos relacionamentos e fluxos entre pessoas, grupos, organizações e outras entidades processadoras de informação e conhecimento. Os elos ou nós (*nodes*) da rede são as pessoas e grupos enquanto as ligações (*links*) mostram as relações ou fluxos entre eles.

Nesse enfoque, o Escotismo é visto como uma grande rede, tendo como nós os Grupos Escoteiros. Numa visão ainda mais ampla, poderíamos dizer que os próprios grupos são estruturalmente redes, em que os nós são os membros do grupo (escoteiros e escotistas). Assim, teríamos uma grande rede que conecta entre si sub-redes (Grupos Escoteiros) as quais, por sua vez, conectam atores individuais (escoteiros). “As redes são, portanto, a estrutura do campo no interior do qual estão imersos os atores sociais e políticos relevantes em cada situação concreta. O traço comum à análise de redes é o enfoque central nas relações sociais, preocupação antiga das ciências sociais” (MARQUES, 1999, p.46).

O que cabe aqui ressaltar é que, apesar de a conceituação dada aos termos “redes de movimentos sociais”, “ONG”, e “Terceiro Setor” ser relativamente recente, a existência de tais entidades não é tão recente assim. O Escotismo, fundado em 1907 e oficialmente implantado no Brasil em 1910, é um exemplo de organização do Terceiro Setor anterior à própria definição desse termo. Apresentava todas as características de uma ONG, muito antes de se definir o que é uma ONG e como ela se caracteriza. É um exemplo de rede social, em que os elos se conectam graças a uma troca comunicacional e informacional que vem obtendo sucesso mesmo antes da existência das tecnologias da informação. E que, obviamente, com o advento de tais tecnologias, está passível de mudanças e adaptações. Nesse ponto, finalmente, chegamos à proposta de nosso estudo:

analisar de que maneiras as tecnologias da informação e, em particular, a Internet, acarretam alterações nas interações e trocas (*links*) entre os escoteiros (*nodes*), ou seja, qual a influência da Internet em aspectos do ME tais como a sociabilidade, a comunicação e o intercâmbio de informações.

## 5 METODOLOGIA

Antes de tecer considerações sobre a metodologia de pesquisa utilizada convém, no presente momento, retomarmos os objetivos da pesquisa, já dispostos no capítulo introdutório da tese, por eles serem de justificativa para a escolha metodológica tomada.

Recorrendo a Minayo (1994, p. 53), o campo de pesquisa pode ser definido como “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. Eis, portanto, o nosso recorte: a investigação dos efeitos advindos do uso da Internet pelos integrantes do Movimento Escoteiro da RMBH. Para tal investigação, o campo de pesquisa estabelecido são os Grupos Escoteiros da RMBH e o objetivo geral é comparar como se dá a comunicação, a transmissão de informações e a sociabilidade nas diferentes esferas do Movimento Escoteiro no ambiente virtual e no presencial.

Os objetivos específicos, também já apresentados na Introdução, compreendem verificar se o ambiente virtual introduz novas regras de sociabilidade pelos membros do Movimento Escoteiro, investigar se o ambiente da Internet interfere na compreensão e aplicação dos princípios e propósitos do Movimento Escoteiro, verificar se a Internet tem colaborado para com o Movimento, no sentido de preservar sua unidade e seus objetivos, e investigar se a Internet vem sendo utilizada como meio de divulgação do Movimento Escoteiro e de intercâmbio com outros movimentos sociais.

Além desses, ao longo de nossa construção teórica, disposta nos capítulos 2, 3 e 4, indagações adicionais surgiram e, embora não constituíssem objetivos de investigação, a pesquisa procurou, paralelamente, elucidá-las: até que ponto os parâmetros que constituirão a sociabilidade no ambiente virtual influenciarão os padrões que atualmente regem as relações presenciais? Estamos vivendo um período em que há a criação de um novo movimento social refletido no ambiente virtual, ou este movimento implicará também mudanças na estrutura social cotidiana? As versões não-presenciais de Jamborees (JOTA e JOTI) – encontros mundiais escoteiros – têm cumprido o papel de permitir que os jovens compartilhem suas experiências escoteiras eliminando os problemas de exclusão social devido ao alto custo da versão presencial?

Uma vez reunidos objetivo geral, objetivos específicos e indagações complementares, verificamos que a natureza do objeto pesquisado predispõe à adoção de um método qualitativo de pesquisa – o fenômeno em estudo é de natureza social, não tende à quantificação, e o contexto sócio-cultural é elemento importante na pesquisa. Vários autores, no entanto, defendem a idéia de combinar métodos quantitativos e qualitativos, com intuito de proporcionar uma base contextual mais rica para interpretação e validação dos resultados. Minayo (1994, p.22) afirma que “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”. Richardson (1989, p. 47-48) considera que, ao contrário de serem dicotômicos, os métodos qualitativos e quantitativos são complementares e podem ser integrados em pelo menos três instâncias: no planejamento da pesquisa, na coleta dos dados e na análise da informação. Araújo (1998, p.104) utilizou uma conjugação de ambas as abordagens e justificou-se:

Os aspectos quantitativos são pontos de partida e de apoio para a análise que, por sua vez, buscará, nos aspectos qualitativos, a melhor compreensão dos dados obtidos. Portanto, o que ocorre entre estes dois aspectos é uma relação de complementaridade, que enriquece e amplia a compreensão dos dados analisados.

A presente pesquisa, baseada nesses pressupostos, fez uso de técnicas quantitativas e qualitativas. A pesquisa dividiu-se em quatro momentos, dois dos quais envolveram pesquisa em campo.

No primeiro instante, foi feito um estudo analítico utilizando como material os hipertextos que compunham os *sites* de cinco Grupos Escoteiros (GEs). As unidades de registro analisadas nesse momento foram os textos contidos nas páginas de entrada dos *sites* e os *links* de navegação interna em cada *site*. Esse estudo foi realizado em 2001, ao mesmo tempo em que se fazia uma revisão da literatura sobre Escotismo. Conseqüentemente, à medida que os *sites* eram analisados, seu conteúdo era confrontado com a literatura escoteira (BADEN-POWELL, 1986a; BADEN-POWELL, 1986b; BADEN-POWELL, 1996; BOSCO, 1979; NAGY, 1987; PHILLIPPS, [19--]; SANTOS, J.R., 1983; SÜFFERT, 1995; UEB, 1995). As publicações a respeito do Escotismo estudadas nesse momento foram, em sua maioria, de responsabilidade de editoras

escoteiras tratando-se, portanto, de literatura de produção independente e de interesse intrínseco aos militantes escoteiros.

Sendo a produção de *sites* uma das possíveis manifestações de uso da Internet, a análise de *sites* supostamente produzidos por militantes do Escotismo da RMBH visou verificar se seu conteúdo era mera réplica de informações bibliográficas ou se havia informações complementares àquelas encontradas nos livros, bem como avaliar se o potencial multimídia e a interatividade propiciados pelo meio eletrônico vinham sendo utilizados. O primeiro objetivo foi alcançado a partir da confrontação das informações disponíveis nos *sites* com os textos sobre Escotismo estudados. Para alcançar o segundo objetivo, foi feito um estudo a respeito de como avaliar a qualidade de um *site*. A partir dos critérios sugeridos pelos autores pesquisados compilou-se uma lista de questões (APÊNDICE A) que aferiam, de acordo com diversos critérios, o nível de qualidade do *site*.

O exame dos *sites* escoteiros foi-nos útil como mecanismo de apreensão do vocabulário utilizado atualmente entre os militantes. A bibliografia estudada, em sua maioria produzida há mais de duas décadas, muitas vezes utilizava termos obsoletos. Exemplo disso é o termo adestramento, antigamente utilizado para denotar a forma de se passar conhecimento escoteiro aos integrantes do movimento, atualmente substituído pela palavra capacitação. Através dos *sites*, tivemos acesso a siglas e expressões de uso corrente entre os integrantes do Movimento Escoteiro, por exemplo, a saudação SAPS (Sempre Alerta Para Servir) e os nomes de atividades escoteiras regionais: ELO, AJURI<sup>41</sup> (utilizados para designar acampamentos nacionais ou regionais de escoteiros), AMEL (referenciando acampamento metropolitano de lobinhos), entre outros.

Alguns dos questionamentos por nós estabelecidos como princípios norteadores da análise dos *sites* puderam ser esclarecidos; outros, no entanto, permaneceram sem resposta conclusiva. Buscávamos averiguar a existência de padrão na produção dos *sites* de Grupos Escoteiros da RMBH, verificar a que público-alvo se destinavam as páginas produzidas e avaliar o grau de contribuição da Internet para a divulgação do Movimento Escoteiro e para a aplicação de seu princípio e método.

---

<sup>41</sup> Assim como o encontro mundial escoteiro leva um nome indígena – *Jamboree*, no Brasil os encontros escoteiros foram denominados *Ajuri*, palavra do tupi-guarani, que significa mutirão, reunião de tribos.

Reportando-nos à nossa proposta de subdivisão do processo de comunicação nos espaços da produção, do produto e da recepção (FIG. 4), verificamos que a mera análise dos *sites* deveria ser, de fato, inconclusiva, por permitir apenas a avaliação do produto (os *sites* e todo o seu conteúdo). Se, por um lado, não estávamos avaliando os dois outros espaços (produção e recepção), por outro, os *sites* constituem apenas uma das possíveis formas de uso da Internet e seu conteúdo, portanto, corresponde tão somente a um dos possíveis produtos a serem analisados.

Apesar de nos encontrarmos, ainda, numa etapa em que buscávamos o reconhecimento do campo de pesquisa, sentimos a necessidade de utilizar uma técnica que nos aproximasse de nossos sujeitos, nos permitindo avaliar os espaços de produção e de recepção. Para tanto, no segundo momento da pesquisa, em 2002, fomos a campo, buscando investigar a abrangência do uso da Internet entre os militantes do Movimento Escoteiro da RMBH. Foi aplicado um questionário (APÊNDICES B e C) cujas perguntas visavam avaliar se esses indivíduos fazem uso da Internet relacionado às suas atividades escoteiras e, nesse caso, que tipo de uso é feito (produção de páginas, consulta a páginas, conversas eletrônicas, etc.) e como esse uso influencia sua participação no Escotismo. O questionário foi aplicado a membros juvenis e adultos do Movimento que possuíssem mais de um ano de atividades escoteiras registradas, por considerar-se que antes disso um militante escoteiro não tenha ainda se integrado ao grupo ou tido oportunidade de participar de atividades escoteiras de maneira relevante à pesquisa.

O questionário compunha-se de uma maioria de perguntas objetivas (do tipo sim/não ou assinale uma opção) e algumas poucas perguntas abertas, subjetivas, permitindo a expressão de opinião, julgamento ou sentimento individual. A tabulação das respostas objetivas nos forneceu informações sobre o perfil dos participantes do Escotismo e sobre as formas e a incidência de uso da Internet. O levantamento das respostas abertas foi elucidativo no sentido de permitir uma classificação dos propósitos de uso da Internet.

As respostas ao questionário evidenciaram que a pesquisa em *sites* é apenas uma das formas de se utilizar a Internet e que o envio de mensagens eletrônicas tem se popularizado entre os escoteiros como forma de intercâmbio de informações. Com o

objetivo de avaliar também esse modo de uso, nos propusemos a acompanhar e catalogar todas as mensagens postadas numa lista de discussões na Internet sobre o Escotismo em Belo Horizonte. Isso foi feito ao longo de dois anos, de setembro de 2002 a setembro de 2004, período que compreendeu o que se considerou terceiro momento da pesquisa.

Até setembro de 2004 foram arroladas, lidas e catalogadas mais de oitocentas mensagens postadas por participantes do Escotismo. Esse período foi também utilizado para a elaboração de um roteiro de questões que seriam debatidas através da técnica de grupo focal, quando de nossa volta a campo, para efetuar a última etapa da pesquisa.

A escolha dessa técnica deveu-se à intenção de buscar maior profundidade às respostas subjetivas dadas ao questionário, buscando melhor esclarecer a confluência entre Internet e Escotismo e as maneiras pelas quais a primeira vem contribuindo para o segundo, como movimento juvenil de sociabilização e construção de cidadania. A técnica permitiu a coleta de dados em grupo, valorizando a interação entre seus componentes, o que enriqueceu os resultados. O desenrolar das reuniões dos grupos focais propiciou à pesquisadora um contato mais próximo com os escoteiros (jovens e adultos). Além disso, o estímulo ao debate permitiu que eles fizessem colocações com espontaneidade e naturalidade e que os tópicos de interesse para a pesquisa fossem discutidos de modo mais abrangente e profundo.

As reuniões dos grupos focais aconteceram em 2004. Os depoimentos dos participantes dos grupos focais foram catalogados da mesma forma que as mensagens eletrônicas, isto é, através da sua subdivisão em categorias de análise que viessem a responder às questões de pesquisa. Por esse motivo, as conclusões das análises das mensagens eletrônicas e dos depoimentos colhidos durante as reuniões dos grupos focais foram feitas e serão apresentadas conjuntamente.

Portanto, o presente capítulo subdivide-se em três seções. Na primeira, explicamos o critério de escolha dos *sites* que foram estudados e, em seguida, delineamos o método utilizado para o estudo. Na segunda seção, delimitamos a seleção dos respondentes ao questionário e descrevemos seu conteúdo. A aplicação dos questionários foi considerada a primeira fase da pesquisa de campo. Na terceira e última seção, apresentamos o conjunto de categorias utilizadas na avaliação qualitativa dos

resultados da pesquisa, colhidos tanto a partir da lista de discussões quanto da implementação das reuniões em grupo focal. Ainda nessa seção detalhamos a técnica de grupo focal, cuja aplicação é considerada a segunda fase da pesquisa de campo.

### **Estudo Analítico de *Sites* Escoteiros**

O estudo de *sites* escoteiros foi a etapa inicial da pesquisa e teve como objetivo primeiro a efetivação de sondagem para reconhecimento do campo de pesquisa. Para esse estudo foram selecionados os *sites* de cinco Grupos Escoteiros da RMBH (quatro de Belo Horizonte e um de Betim). O critério de seleção baseou-se no uso das seguintes ferramentas de busca: cadê ([www.cade.com.br](http://www.cade.com.br)), miner ([www.miner.com.br](http://www.miner.com.br)) e todobr ([www.todobr.com.br](http://www.todobr.com.br)). Em cada uma dessas ferramentas foi feita, em 28 de maio de 2001, pesquisa utilizando como palavras-chave a combinação das expressões “Grupo Escoteiro” e “Minas Gerais”. A partir dos resultados, foram selecionados todos os *sites* de GEs que pertencessem à RMBH e que aparecessem referenciados pelo menos uma vez por todos os três mecanismos de busca utilizados. A delimitação da quantidade de *sites* estudados (cinco) se deu pelo atendimento a essas restrições.

Foi feito um estudo do conteúdo informacional dos *websites* visando avaliar:

- se a Internet contribui para a aplicação do princípio e métodos escoteiros;
- se a Internet tem funcionado como meio de divulgação do Movimento Escoteiro;
- a que público são destinadas as páginas produzidas;
- se há coerência e/ou alguma espécie de padrão nas páginas produzidas por diferentes Grupos Escoteiros da RMBH.

A fim de verificar aspectos relacionados à qualidade desses cinco *sites* foram utilizados critérios que vem sendo sugeridos por estudiosos com esse objetivo.

Diversos autores têm se preocupado com o delineamento de uma abordagem metodológica que possa ser utilizada na análise da qualidade de *sites* disponibilizados na Internet (ALEXANDER e TATE, 1999; BARBOZA, NUNES e SENA, 2000; CIOLEK, 1996; COLLINS, 1996; KAPOUN, 1998; LOPEZ, 2004; MITRETEK SYSTEMS, 2000).

Kapoun (1998, p. 522-523) apresenta um modelo composto de cinco critérios para avaliação de *web sites*: autoria, exatidão, objetividade, atualização e abrangência. No critério autoria, sugere que se observe se a página lista seu autor bem como se oferece meios para contatá-lo. Chama, ainda, atenção para a necessidade de se diferenciar autor de *webmaster*. Para aferir a exatidão do conteúdo do *site*, Kapoun propõe analisar se o autor possui credenciais que o qualifiquem para redigir o documento. Em relação à objetividade, deve-se verificar quão detalhada apresenta-se a informação e também se o objetivo não se perde em meio à prática de *advertising*. Para avaliar a atualização do *site*, deve-se verificar se ele apresenta indícios de que o conteúdo seja atual e regularmente revisto. Finalmente, o critério de abrangência relaciona-se com a capacidade de visualização correta da informação independentemente de tecnologia, navegador, etc.

A equipe de desenvolvimento da Mitretek Systems concebeu uma ferramenta que auxilia o usuário na avaliação da qualidade de um *site*. Denominada *Information Quality Tool (IQTool)*, compõe-se de uma série de perguntas que deverão ser respondidas pelo usuário à medida em que analisa um *site*. Após preencher todo o formulário de questões (disponível em <http://hitiweb.mitretek.org/iq/iqmain.asp>), a ferramenta afere um *score* (nota percentual) para o *site* e gera relatório apresentando seus pontos negativos. O desenvolvimento dessa ferramenta, voltada para *sites* que apresentem conteúdos relacionados à área de saúde, justifica-se pela afirmação dos desenvolvedores (MITRETEK SYSTEMS, 2000)<sup>42</sup> de que a qualidade da informação em saúde é de importância crítica, uma vez que pode potencialmente afetar o estado de saúde de milhões de indivíduos. Os critérios para avaliação da informação utilizados pela *IQTool* envolvem credibilidade (inclui a fonte, atualização, relevância e processo de revisão editorial), conteúdo (deve ser preciso e completo), revelação (propriedade de informar ao usuário proposta do *site* bem como oferecer informações associadas ao seu uso e objetivo), *links* (critério avaliado de acordo com a seleção, arquitetura e conteúdo das ligações e vínculos internos), *design* (acessibilidade, navegabilidade, organização lógica e capacidade de pesquisa interna), interatividade (mecanismos de *feedback* ou de troca de informações entre os usuários) e função (esclarecimento se a função é

---

<sup>42</sup> <http://hitiweb.mitretek.org/docs/policy.html>

comercializar ou fazer propaganda de produtos ou serviços ou se é um *site* primordialmente provedor de informação).

Além de Kapoun e da equipe da Mitretek Systems, a maioria dos outros autores estudados também apresenta seu próprio conjunto de critérios para avaliação da qualidade de *websites*. Nota-se que as questões primárias que os guiaram são, em sua maioria, comuns. No entanto, cada um deles agrupou-as de modo diferente gerando, assim, conjuntos de critérios distintos. Por exemplo: para Kapoun, autoria e atualização são critérios separados; para o pessoal da Mitretek Systems, essas duas questões incluem-se no critério de credibilidade. Por isso, tomando como referencial os trabalhos acima citados, estabelecemos nosso próprio conjunto de critérios para avaliação dos *sites* escoteiros: proposta (equivalente ao critério revelação proposto pela Mitretek Systems), autoria, atualização, conteúdo, design e aspectos técnicos (correspondentes ao critério de abrangência proposto por Kapoun). Esses critérios e as perguntas propostas para avaliá-los encontram-se a seguir apresentados e definidos. A lista de perguntas é resultado da compilação e combinação das questões sugeridas pelos diversos autores estudados, e encontra-se organizada em formato tabular no APENDICE A.

O estabelecimento do tipo de informação que será disponibilizado ao usuário logo no princípio de sua navegação é de extrema importância e evita que o visitante invista tempo em percorrer e ler páginas cujo conteúdo não venha ao encontro de suas expectativas. As seguintes perguntas ajudam a verificar a **proposta** do *site*: (1) A proposta está claramente descrita no princípio da navegação (na página de entrada ou na página principal)? (2) A proposta permite estabelecer qual é ou quais são as características do receptor a quem o *site* é destinado? (3) Quando apresentada, a proposta está efetivamente coerente com o conteúdo disponibilizado? (Para responder a essa questão é preciso fazer a leitura de todo o conteúdo disponibilizado.) (4) O conteúdo proposto enriquece a experiência e conhecimento prévio do usuário a quem se destina?

Determinar quem é o responsável pelo conteúdo divulgado é útil e importante no sentido de validar a sua confiabilidade. Deve-se ter em mente que nem sempre o *webmaster* ou desenvolvedor do *site* é, efetivamente, o autor dos textos que ele apresenta. O *webmaster* pode ser apenas o organizador do *site*, responsável por formatar

os textos, subdividi-los nas páginas, elaborar seu *layout*, etc. As seguintes questões devem ser respondidas para se estabelecer a **autoria** do *site*: (1) O autor aparece claramente identificado? (2) Ele apresenta credenciais tais como sua qualificação profissional, instituição a que está vinculado, etc.? (3) São fornecidos meios para contactá-lo (por exemplo, seu e-mail)? (4) O *site* foi desenvolvido por um grupo ou por um único indivíduo? (É possível que indivíduos desenvolvam um *site* apenas como *hobby* ou por vaidade pessoal, ao passo que *sites* desenvolvidos por mais de um autor normalmente apresentam uma proposta e um conteúdo melhor estabelecidos.)

Dados disponibilizados podem tornar-se obsoletos ou desatualizados. Em termos de **atualização** deve-se responder, ao se analisar um *site*, às seguintes perguntas: (1) A data da última atualização do *site* está claramente evidenciada? (2) O *site* é atualizado regularmente? (3) O *site* foi modificado recentemente? (4) Existem indicadores claros a novos conteúdos que tenham sido acrescentados?

Avaliar a qualidade do **conteúdo** de um *site* talvez seja tarefa das mais difíceis. É necessário verificar se as informações são suficientemente claras, se o conteúdo do *site* acrescenta informações úteis ao repertório de conhecimentos prévio do usuário e se as informações fornecidas são verídicas e consistentes. Segue-se uma lista de questões que podem ser consideradas: (1) O conteúdo é útil, bem organizado e objetivo, ao invés de dúbio, desorganizado ou repetitivo? (2) O conteúdo faz com que a visita ao *site* valha a pena no sentido de adicionar, expandir ou mesmo sedimentar informações acerca do assunto obtidas em outras fontes? (3) O conteúdo é apropriado à faixa etária e ao repertório prévio de conhecimentos do destinatário? Ele está adequado às habilidades e capacidade de compreensão da audiência a que se destina? (4) O texto apresenta-se gramaticalmente correto? (5) O *site* faz a devida referência às fontes utilizadas e respeita as regras de direitos autorais (*copyright*)? (6) O *site* é interativo, no sentido de disponibilizar meios para que o usuário envie questões ou comentários? Nesse caso, questões enviadas são devidamente respondidas? (7) Os *links* apresentados estão atualizados (não levam a páginas que tenham sido removidas ou que tenham mudado de endereço)? Eles conduzem a informações pertinentes, substanciais, relevantes, apropriadas e confiáveis para o público-alvo?

Um *site* deve permitir o acesso a seus conteúdos de maneira chamativa, criativa, limpa e clara. O usuário deve sentir-se à vontade para navegar sem perder-se e o retorno à página de entrada (*homepage*) deve ser propiciado de forma fácil e direta. Características como recursos gráficos, fotografias, sons, multimídia tornam o conteúdo atraente mas não devem sobrecarregá-lo, seja exibindo uma quantidade exagerada de imagens, dados e sons, seja tornando o acesso lento devido à quantidade excessiva de bytes a serem transmitidos. Collins (1996, p. 122) apresenta uma regra a que denomina *três cliques*: qualquer informação que necessite de mais de três cliques para ser atingida é considerada muito profunda e, portanto, de difícil acesso. Alguns pontos a serem checados com relação ao *design* do *site* são: (1) Ele faz uso claro de menus, apresenta índice, tabela de conteúdos ou mapa do *site*? (2) Seu conteúdo está subdividido de maneira lógica em tópicos e subtópicos que permitam uma fácil navegação? (3) A velocidade de acesso e carregamento das páginas é adequada? (4) Para o caso de páginas que utilizem recursos multimídia existem alternativas de sua exibição baseada em texto para usuários que optem por não visualizar tais recursos (tais como aqueles que possuam computadores ou navegadores lentos)? (5) Existe *link* em todas as páginas permitindo imediato retorno à página de entrada nos casos em que isso possa ser desejável?

Finalmente, existem alguns **aspectos técnicos** que influenciam a usabilidade e o acesso a um *site*. Entre eles, é importante perguntar: (1) O *site* permite acesso através de diferentes computadores (diferentes hardwares) e utilizando diferentes navegadores? (2) O *site* é facilmente localizado e está suficientemente referenciado entre os *sites* de busca mais populares? (3) Se necessário, o *site* identifica e sugere o *download* de *plug-ins* ou aplicações que permitam acesso mais completo e multimídia a todo o seu conteúdo? (4) A URL está definida e referenciada corretamente?

## **Pesquisa de campo: primeira fase**

A proposta inicial da fase de pesquisa de campo constou da aplicação de um questionário que, uma vez analisado descritivamente, foi seguido de aprofundamento qualitativo da pesquisa, realizado através da técnica de grupo focal. Pretendia-se aplicar o questionário em todos os Grupos Escoteiros da RMBH, listados em 2001 através de informações obtidas no escritório do Distrito Escoteiro Metropolitano<sup>43</sup>. Na época, foram arrolados quinze GEs que constituíram o universo da pesquisa e foi efetuado um pré-teste dos questionários em um deles. Um ano depois, quando buscou-se contatar os Grupos para a efetiva aplicação dos questionários, percebeu-se que as informações cadastrais obtidas naquela época já não eram de todo válidas. Alguns GEs haviam mudado de endereço (em particular o 07º e o 52º GEs); um deles havia sido desativado e reativado sob outra direção e em outra cidade (13º GE, passou a atuar em Caeté); um último encontrava-se em fase de decadência, não tendo sequer feito o registro anual junto à UEB em 2002 (39º GE).

Os GEs que mudaram de endereço mas continuaram em Belo Horizonte puderam ser localizados e participaram da pesquisa. No entanto, o Grupo em Caeté, ainda em fase de implantação, o Grupo em dificuldades de manutenção e ainda dois outros Grupos Escoteiros não atenderam à solicitação de responder ao questionário. Assim, dos quinze GEs inicialmente listados, somente onze participaram da pesquisa, que aconteceu nos meses de setembro a novembro de 2002.

Considerando-se a distância geográfica que separa os Grupos Escoteiros da RMBH, o fato de que seus membros se reúnem apenas aos sábados e que têm pouca disponibilidade para receber pesquisadores devido ao seu calendário de atividades externas e, finalmente, o tempo necessário durante a visita de aplicação para agrupar os

---

<sup>43</sup> A Região Escoteira de Minas Gerais atualmente encontra-se dividida em sete Distritos Escoteiros (Zona da Mata, Sul de Minas, Metropolitano, Triângulo, Norte de Minas, Vale do Aço e Rio Grande), cada um responsável por gerenciar um determinado conjunto de Grupos Escoteiros. A área de abrangência dos Distritos Escoteiros foi definida pela resolução 001/2004 da Região Escoteira de Minas Gerais (UEB-MG, 2004), segundo a qual o Distrito Escoteiro Metropolitano administra 23 Grupos Escoteiros localizados nas cidades de Belo Horizonte, Ouro Preto, Nova Lima, Cláudio, Matheus Leme, Divinópolis, São Joaquim de Bicas, Contagem, Pará de Minas, Ouro Branco, Betim, Sete Lagoas e Sabará. Na época em que foram aplicados os questionários, a abrangência do Distrito Metropolitano não se encontrava oficialmente definida. Por isso optamos por delimitar o campo de pesquisa entre os GEs pertencentes à RMBH. Naquela época (2001/2002) a informação obtida no escritório distrital localizado em Belo Horizonte era a de que quinze GEs da RMBH estavam sob sua jurisdição.

respondentes e aplicar o questionário, constatou-se que, para que a própria pesquisadora fosse a aplicadora dos questionários, seriam necessários vários meses na coleta dos dados. Com o objetivo de diminuir o período destinado à aplicação dos questionários, contou-se com a ajuda de pioneiros do 34º Grupo Escoteiro Uirapuru, que foram treinados e se prontificaram a visitar pessoalmente os GEs participantes para levar os questionários e administrá-los *in loco* durante a visita. Oito GEs, cuja chefia foi previamente contatada pela pesquisadora, foram visitados pelos pioneiros. Os outros três tiveram os questionários aplicados por chefes dos próprios Grupos, com quem a pesquisadora manteve contato através do escritório distrital.

A abordagem para contato inicial com os GEs foi feita pela autora/pesquisadora através da postagem de mensagem em lista de discussão na Internet, da qual participam os chefes e diretores escoteiros da RMBH. Nessa mensagem era feita a apresentação da pesquisadora e do objetivo da pesquisa, e solicitada a participação dos Grupos, propondo-se o agendamento de uma data em que pudessem responder aos questionários. Apenas um Grupo Escoteiro respondeu a essa mensagem, agendando a data solicitada. Dado o insucesso da abordagem através do meio eletrônico para comunicação, partiu-se para o contato telefônico com os Grupos, tendo sido possível, desse modo, agendar visitas com outros sete GEs. Esses foram os oito Grupos visitados pelos pioneiros do Uirapuru. Para localizar chefes ou diretores dos demais Grupos Escoteiros fez-se necessário solicitar a ajuda e interferência do escritório distrital, onde foi possível encontrar chefes de três outros GEs, que se dispuseram a aplicar os questionários, eles próprios, aos membros de seus Grupos.

Independentemente da forma de efetivação do contato inicial – via Internet, através de conversa telefônica ou pessoalmente no escritório distrital – esse foi o momento em que os objetivos da pesquisa foram explicitados e em que se solicitou aos chefes que selecionassem membros dos grupos, indicando quem responderia às perguntas. Foi considerado como representativo para fins da pesquisa que de cada GE participassem quatro jovens de determinado ramo (escoteiro, sênior e pioneiro) e cinco membros adultos, todos com pelo menos um ano de atividades escoteiras, totalizando dezessete pessoas por Grupo. Em alguns dos GEs não foi possível reunir a composição conforme solicitado, devido à inexistência de membros que atendessem aos critérios. Ainda assim, em média, quinze pessoas por Grupo Escoteiro responderam ao

questionário. Os questionários para o membro adulto e para o membro juvenil foram elaborados com algumas perguntas diferentes, devido às particularidades dos conjuntos entrevistados (APÊNDICES B e C).

Tanto o questionário dos jovens quanto o dos adultos foi subdividido em três partes. A Parte 1 do questionário intitulou-se “Identificação” e teve por objetivo permitir a classificação dos participantes por Grupo Escoteiro, por idade, por ramo, por sexo, por escolaridade, por classe econômica e por tempo de Escotismo.

A segunda parte do questionário englobou perguntas acerca de Internet e foi elaborada com a finalidade de:

- investigar a parcela de indivíduos que faz uso da Internet;
- investigar, entre os usuários, a maior incidência do local de uso;
- verificar que tipo de acesso é o mais comum: acesso a páginas da *web*, participação em grupos/listas de discussão ou em *chats*;
- detectar os endereços dos *sites*, grupos/listas de discussão e *chats* mais frequentados;
- verificar se o entrevistado tem conhecimento acerca de produção de páginas por seu Grupo Escoteiro ou por membros dele.

A Parte 3 foi intitulada “Vida Escoteira” e visou:

- verificar de que forma o indivíduo tomou conhecimento do Movimento Escoteiro;
- averiguar se a Internet tem sido um dos meios (ou o único meio) de participação do indivíduo no Escotismo:
  - como forma de estabelecer contato com outros escoteiros (estudo da sociabilidade – Internet como canal de comunicação);
  - como forma de adquirir conhecimentos acerca do Movimento Escoteiro (análise da obtenção de informação – Internet como fonte de informação);

- como atividade escoteira (verificação de substituição ou complementação do presencial pelo virtual).

As respostas aos questionários foram tabuladas e analisadas através de estatística descritiva, visando compreender o uso da Internet pelos membros do Grupos Escoteiros da RMBH.

### **Pesquisa de campo: segunda fase**

A coleta de dados para a pesquisa qualitativa compreendeu duas ações distintas: a reunião das mensagens postadas em uma lista de discussão do Movimento Escoteiro na Internet ao longo de dois anos e o uso da técnica de grupos focais, que constituiu a segunda fase da pesquisa de campo. A análise dos dados, quer tenham sido colhidos das mensagens na lista ou dos relatos durante as reuniões dos grupos focais, se deu a partir de sua classificação em um conjunto de categorias.

Segundo Minayo (1994, p. 70),

A palavra *categoria*, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada à idéia de *classe* ou *série*. As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso.

Para a autora as categorias podem ser estabelecidas em dois momentos: as mais gerais e abstratas, formuladas antes do trabalho de campo, e outras mais específicas e concretas, determinadas após a coleta dos dados. Segundo seu ponto de vista, o pesquisador deve definir as categorias em ambos os momentos de seu trabalho. “Em seguida, ele compararia as categorias gerais, estabelecidas antes, com as específicas, formuladas após o trabalho de campo” (Minayo, 1994, p. 70).

Minayo (1994, p. 72) sugere ainda três princípios de classificação para o estabelecimento de conjuntos de categorias: o fato de que o conjunto deva ser formulado a partir de único princípio de classificação, de que deva ser exaustivo, e de que as categorias a ele pertencentes devam ser mutuamente exclusivas.

Seguindo as orientações da autora, no primeiro momento, antes da coleta de dados, selecionamos as categorias tendo em mente os itens que compõem o ciclo informacional por nós proposto: comunicação, informação, conhecimento e desenvolvimento. A partir desse enfoque, e levando em consideração o contexto sócio-cultural, uma vez que o ciclo informacional encontra-se nele inserido, definimos o seguinte conjunto de categorias: Internet como fonte de informação, Internet como canal de comunicação e Internet como ambiente de sociabilização.

Após coletar os dados e confrontá-los com os objetivos específicos da pesquisa, o conjunto de categorias foi revisto. Observou-se que o conjunto de categorias previamente estabelecido não atendia à propriedade de ser mutuamente exclusivo, uma vez que a comunicação tanto é necessária à sociabilização quanto faz parte do ciclo informacional. A categoria Internet como canal de comunicação foi, portanto, suprimida, e o conjunto de categorias foi redefinido, cada categoria ou grupo de categorias visando identificar respostas relacionadas a um dos objetivos específicos. Considerando-se que o objetivo geral da pesquisa foi verificar a influência que o Escotismo vem recebendo da Internet, todas as categorias relacionam-se com essa rede, sendo esse, portanto, o princípio de classificação adotado. Destarte, foram suprimidos das denominações das categorias os termos “Internet como...”.

Para o objetivo específico de verificar se o ambiente virtual introduz novas regras de convivência social pelos membros do Movimento Escoteiro foi, então, utilizada a categoria **sociabilidade**, anteriormente enunciada como Internet como ambiente de sociabilização. A categoria Internet como fonte de informação inicialmente definida foi desdobrada em outras quatro, de acordo com o objetivo da informação em questão. Para o propósito de investigar se o ambiente da Internet interfere na compreensão e na aplicação dos princípios e propósitos do Movimento Escoteiro, estabeleceu-se a categoria **informação e conhecimento**. Na verificação do grau de colaboração da Internet para com o Movimento Escoteiro no sentido de preservar sua unidade e seus objetivos, definiu-se a categoria **identidade cultural**. A categoria **divulgação** foi incluída ao conjunto com o objetivo de reunir tudo aquilo que se relacionasse com a influência da Internet como meio de divulgação do Movimento Escoteiro. Finalmente, a categoria **cidadania e Terceiro Setor** agrupou dados que indicassem a interferência da Internet no relacionamento entre o Escotismo e outros

movimentos sociais e das ações de cidadania promovidas pelo Escotismo através da Internet.

À luz das cinco categorias então definidas (sociabilidade, informação e conhecimento, identidade cultural, divulgação, e cidadania e Terceiro Setor) foi feita a análise das mensagens postadas na lista eletrônica de discussão e dos relatos obtidos durante a implementação da técnica de grupo focal.

A técnica de entrevista em grupo focal, ou simplesmente grupo focal (*focus group*), como tem sido referenciada na literatura, surgiu há cerca de cinquenta anos e tem sido bastante utilizada nos últimos trinta, principalmente em pesquisas mercadológicas, sociológicas, na área de saúde e, mais recentemente, nas áreas de engenharia e ciência da informação. Trata-se do mecanismo de coleta de dados a partir de debates em grupo direcionados acerca de um tópico específico. O direcionamento, garantido por um moderador, deve ocorrer de modo não-estruturado e natural (PARASURAMAN, 1986, p. 245).

Conforme afirma Morgan (1997), o grupo focal difere da entrevista em grupo na medida em que não se trata apenas de uma seqüência de perguntas e respostas, pois prevê a interação entre os participantes que, no decorrer da discussão, podem rever suas opiniões e refazer suas afirmações enquanto reelaboram seus pontos de vista.

Como uma forma de pesquisa qualitativa, grupos focais são basicamente entrevistas em grupo, embora não no sentido de se alternar as questões de um pesquisador com as respostas dos participantes da pesquisa. Ao invés disso, a confiança está na interação dentro do grupo, baseada em tópicos fornecidos pelo pesquisador, que geralmente faz o papel de moderador. A marca dos grupos focais é seu uso explícito da interação do grupo para produzir dados e *insights* que seriam menos acessíveis sem a interação encontrada em um grupo (MORGAN, 1997, p.2, tradução nossa)<sup>44</sup>.

Carlini-Cotrim (1996) reforça a importância da interação que, segundo Morgan, encontra-se em um grupo:

A coleta de dados através de grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas se basear na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. [...] As pessoas em geral

---

<sup>44</sup> Original em inglês.

precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias. E constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas a discussões de grupo. É exatamente este processo que o grupo focal tenta captar (CARLINI-COTRIM, 1996, p. 287).

Grupo Focal define-se, portanto, como uma discussão conjunta, entre seis a doze participantes (alguns autores delimitam em dez a quantidade máxima de participantes), orientada por um moderador/facilitador cujas funções englobam “a elaboração do guia de entrevista, a condução da discussão, a análise e o relato de seus resultados” (DIAS, 2000, p. 146). O moderador (que no caso de pesquisas acadêmicas deve ser o próprio pesquisador, conforme Morgan, 1997, p. 2), precisa, além de conhecer muito bem os objetivos da pesquisa, ser capaz de orientar o andamento da discussão de modo a respeitar as opiniões, evitando introduzir qualquer idéia preconcebida. Deve promover o debate entre os participantes sem, no entanto, direcionar questões individualmente a cada um deles, evitando que a reunião se transforme numa série de entrevistas particulares. As idéias devem surgir e ser emitidas pelos participantes de forma espontânea. Não se busca necessariamente um consenso e, sim, um confronto de opiniões, que será tanto mais enriquecedor quanto maior for a sinergia entre os participantes. Para garantir tal sinergia, alguns pontos são importantes.

Deve-se garantir, por exemplo, que tanto o ambiente quanto a duração da entrevista sejam favoráveis. Em relação ao ambiente, isso é propiciado através da escolha de um local tranquilo, que desestimule o desvio da atenção, e reservado, de modo que não haja interrupções ao debate. Além disso, as pessoas devem estar dispostas espacialmente de maneira a se verem umas às outras. Com relação à duração, o ideal é que a discussão perdure por pelo menos uma hora, mas não demore mais que duas. Uma hora é o tempo considerado mínimo para que se consiga criar atmosfera estimulante e produzir um debate enriquecedor. Se o tempo de discussão ultrapassar as duas horas, os participantes tenderão a se desgastar e se desinteressar tanto de emitir opiniões quanto de ouvir os pontos de vista dos demais.

Outro ponto importante, para evitar que a discussão se desvirtue do foco da pesquisa, é a elaboração prévia de um roteiro ou guia de entrevista. Esse guia é utilizado pelo moderador para redirecionar a discussão, no caso de dispersão ou desvio do tema

em foco. É necessário ter em mente, no entanto, que do ponto de vista dos participantes, a dinâmica do grupo focal deve parecer “flexível e não estruturada, dando margem à discussão sobre qualquer assunto” (DIAS, 2000, p. 145). O redirecionamento proposto pelo moderador, se for o caso, precisa acontecer de modo a não interferir bruscamente, mas sim a encaminhar, suavemente, o grupo de volta ao tema em foco.

A literatura acerca de grupos focais (GREENBAUM, 1998; KRUEGER e CASEY, 2000; MORGAN, 1997) considera que essa técnica qualitativa de pesquisa pode ser utilizada em conjunto com estratégias quantitativas de três maneiras distintas: antes da aplicação de técnica quantitativa, em conjunto com sua aplicação ou em sucessão a ela. Quando a precede, o objetivo do uso de grupos focais é auxiliar o pesquisador a obter um conhecimento prévio de seu universo de pesquisa, permitindo que ele se familiarize com o vocabulário e as idéias de seu público-alvo a fim de fazer inferências bem focadas sobre a população a ser pesquisada, em seguida, através de estudos quantitativos. Grupos focais são utilizados em conjunto com técnicas quantitativas quando o pesquisador pretende fazer uma triangulação através do uso complementar de diferentes técnicas para uma mesma questão de pesquisa. Finalmente, a razão de se realizarem os grupos focais após a pesquisa quantitativa é a tentativa de se esclarecer questões que tenham ficado obscuras ou que tenham emergido na análise dos resultados da técnica quantitativa, buscando explicar qualitativamente como as pessoas consideram uma experiência, uma idéia ou um evento.

No caso particular da pesquisa acerca do uso da Internet pelos militantes do Escotismo da RMBH, o conhecimento prévio do universo de pesquisa foi obtido através do estudo de *sites* produzidos por Grupos Escoteiros. A busca das respostas iniciais ao problema de pesquisa – como a Internet vem influenciando o Movimento Escoteiro – efetivou-se pela aplicação dos questionários. Portanto, a escolha da técnica de grupo focal, implementada após a realização de pesquisa quantitativa, baseou-se nas seguintes colocações de Dias:

Comparado ao questionário, ferramenta usual de coleta de dados, o grupo focal, por dar oportunidade aos participantes de exporem aberta e detalhadamente seus pontos de vista, é capaz de trazer à tona respostas mais completas, permitindo ao pesquisador conhecer melhor e mais profundamente o grupo pesquisado (DIAS, 2000, p. 150).

Por outro lado, o grupo focal também pode ser usado após uma pesquisa quantitativa, com o intuito de esclarecer pontos ou resultados ainda obscuros para o pesquisador (DIAS, 2000, p. 152).

Foram levadas a termo, nos meses de agosto a outubro de 2004, quatro entrevistas de grupo focal envolvendo, em média, sete participantes por grupo. Os participantes foram selecionados entre militantes do Escotismo, mantendo-se a condição pré-estabelecida para participação nos questionários de que tivessem, pelo menos, um ano de atividades escoteiras. Os convites foram encaminhados aos chefes escoteiros, que selecionaram membros adultos e juvenis voluntariamente interessados em participar do processo. As entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos participantes, em fitas cassete, perfazendo um total de sete horas e dez minutos de gravação. Foram, em seguida, transcritas; e o material decorrente foi organizado através da sua subdivisão entre cada uma das seguintes categorias: relatos de discussões relacionadas com sociabilidade, relatos sobre informação e conhecimento referentes aos princípios e propósitos do Movimento Escoteiro, relatos de discussões que tivessem analogia com a identidade cultural que garante a preservação da unidade e objetivos do Escotismo em diferentes contextos sócio-culturais, relatos acerca da divulgação do Movimento Escoteiro e relatos que fizessem menção ao Terceiro Setor e a ações de cidadania. Dois não se enquadraram em qualquer dessas categorias. Na verdade, referiam-se sobretudo a depoimentos feitos por participantes logo após o encerramento das discussões, num instante em que o gravador ainda se encontrava acionado. Vamos apresentá-los aqui pelo fato de que atestam o sucesso da implementação da técnica de grupo focal:

É... achei essa entrevista aqui muito legal. Foi bacana aqui. É... fez eu discordar de todo mundo, concordar com todo mundo, concordar comigo mesmo, discordar, mudar de opinião, e voltar a minha opinião (relato de participante do grupo focal).

É, esse debate foi esplêndido assim. Eu aprendi, assim... Sempre que a gente pára pra conversar com gente diferente a gente aprende muita coisa, né? Você mostra suas idéias e recebe a dos outros. Isso já faz com que você reflita (relato de participante do grupo focal).

Durante as entrevistas de grupo focal, percebeu-se que o uso do MSN era constante entre quase todos os participantes. O MSN Messenger é um software da Microsoft, de distribuição gratuita, através do qual pode-se comunicar

instantaneamente, *online*, com uma pessoa ou um grupo de pessoas conectadas à Internet. O software permite, em tempo real, a troca de mensagens digitadas, faladas e até mesmo com a possibilidade de que os interlocutores se vejam mutuamente. Para ativar o recurso de voz, é necessário que os usuários possuam microfone e caixas de som. Para fazer uso de suas próprias imagens, “ao vivo”, devem acoplar a seus computadores uma *webcam*, isto é, uma câmera que permita gravação de imagens e seu envio via Internet. Entre os diversos recursos do MSN, um que particularmente chamou-nos atenção foi a possibilidade de conversas entre dois ou mais usuários, utilizando apenas o recurso da digitação, ficarem automaticamente gravadas em arquivo. Foi daí que surgiu a idéia de se implementar um grupo focal virtual síncrono.

De acordo com Murray (1997, p.543), grupos focais eletrônicos podem ser conduzidos de modo síncrono ou assíncrono. Sessões síncronas são aquelas efetuadas em tempo real, isto é, com todos os integrantes do grupo participando simultaneamente, o que pode ser feito através de uma sala de bate-papo (*chat*) ou de qualquer outra forma de conferência *online* (o MSN é uma delas). As sessões assíncronas normalmente fazem uso de listas ou grupos de discussão ou da troca de *e-mails*, de forma que os participantes possam ler os comentários postados por outros e contribuir com suas próprias colocações a qualquer momento, não necessariamente quando algum outro integrante do grupo esteja participando.

Vários autores vêm fazendo uso da implementação eletrônica da técnica de grupo focal. Edmunds (1999, p. 23) apresenta diversas vantagens do uso da Internet para a implementação dessa técnica. Segundo ela, o ambiente virtual reduz os custos, permite a participação de respondentes espalhados geograficamente bem como daqueles difíceis de se recrutar *offline*, além de proporcionar uma forma conveniente e confortável de se participar. Uma observação adicional é que o ambiente virtual permite o anonimato na participação da pesquisa, caso seja de interesse do respondente. Por outro lado, vários autores, entre os quais a própria Edmunds (1999, p. 27) e Greenbaum (1998, p.88-102) apresentam desvantagens no uso do ambiente virtual para a implementação dos grupos focais. As duas principais críticas estão fundamentadas na limitação do grupo – só participarão indivíduos que possuam acesso à Internet, o que pode levar a vieses na interpretação dos resultados, pois só a opinião de uma seção limitada da população, aquela que possui acesso aos meios eletrônicos de comunicação,

será levada em conta – e na impossibilidade de se tirar proveito da interação face-a-face. Ainda que a tecnologia permita, através do uso de mini-câmeras, que os usuários se vejam uns aos outros, a qualidade da imagem e a velocidade de sua atualização para usuários comuns da Internet ainda estão aquém do desejado. As expressões faciais e gestos dos participantes, improváveis de serem captados via Internet, constituem ferramenta extremamente útil para o moderador do grupo focal. Essas reações não-verbais podem ser utilizadas para direcionar a natureza da discussão ou mesmo para interpretar seus resultados. As respostas não-verbais de um participante são úteis na inferência de seus sentimentos (aborrecimento, entusiasmo, confusão, aprovação, rejeição, etc.) em relação ao tópico em discussão. Os grupos focais virtuais não permitem ao moderador utilizar esse aspecto da comunicação humana como informação adicional.

Dadas as vantagens e desvantagens da aplicação da técnica de grupo focal via Internet, é razoável afirmar que, uma vez que se opte por sua aplicação, alguns aspectos de sua implementação devam ser repensados. As atividades que precedem e aquelas que sucedem a efetiva condução do grupo focal *online* e *offline* são similares. Antes da reunião deve-se proceder ao estabelecimento dos objetivos, identificação das características dos participantes, obtenção da lista dos potenciais participantes, recrutamento e desenvolvimento do roteiro de questões. Uma vez concluída a discussão e de posse de sua transcrição, deve-se proceder, tanto num caso quanto no outro, à categorização e análise dos resultados e à redação do relatório. A transcrição dos depoimentos, tarefa conseqüente à efetivação das reuniões presenciais, é automaticamente obtida no caso de grupos virtuais em que a interação se dá por escrito (o que consiste em mais uma vantagem do método virtual). No entanto, a efetiva condução e moderação da discussão em grupo virtual requer do pesquisador habilidades diferentes daquelas necessárias à sua condução no grupo presencial. Em particular, é necessário que o moderador, bem como os demais participantes, estejam profundamente familiarizados com a tecnologia que utilizarão, principalmente em relação à plataforma do software, suas características e ferramentas. No caso de se optar por grupos síncronos, com interação escrita (e não oral/visual) em tempo real, é preciso, ainda, que o moderador apresente rapidez na digitação e esteja preparado para receber múltiplas e simultâneas colocações dos participantes.

Rezabek (1999) utilizou um grupo focal *online* como parte de seu projeto de pesquisa de doutorado, a fim de ajudá-lo a definir questões a serem postuladas em entrevistas acerca da motivação de estudantes em se matricularem em cursos à distância. O grupo moderado por ele utilizou-se de discussão assíncrona através de um servidor de listas por cerca de dois meses e meio. Da mesma forma, a proposta inicial de nosso próprio projeto de pesquisa previa a implementação de um grupo focal virtual assíncrono. Embora esse modo de interação suprima o contato visual e em tempo real, ele favorece que os participantes emitam suas opiniões espontaneamente, sem se sentirem obrigados a tal. Pretendíamos obter uma variação da técnica presencial, mas sem perder o objetivo de identificar percepções, atitudes e idéias dos participantes acerca do assunto proposto. Utilizando-nos de listas já existentes e já freqüentadas por escoteiros e/ou escotistas, teríamos a possibilidade de emitir uma primeira mensagem explicando os propósitos da pesquisa e solicitando a adesão de participantes na discussão dos assuntos que viriam a ser propostos. Ao invés de durar duas horas, como a reunião presencial do grupo focal, a pesquisa estender-se-ia por cerca de duas semanas. Deve-se considerar que os participantes não estariam reunidos e, sim, receberiam as mensagens no instante de sua conveniência. Provavelmente emitiriam suas respostas após a leitura das mensagens já postadas, que incluiriam a proposta do tema de discussão e as respostas já emitidas por outros participantes. Em seguida, cancelariam sua conexão, que só seria reestabelecida em outro momento, o que poderia ou não acontecer ainda no mesmo dia. Pretendia-se, portanto, implementar grupos focais da maneira tradicional, com reuniões presenciais e seguindo-se as orientações que a técnica sugere e, em paralelo, experimentar a proposta de discussão através de listas na Internet, mantendo-se coerente à técnica de grupo focal tanto quanto possível. A análise e interpretação dos dados colhidos de ambas as experiências permitiria uma triangulação de informações visando enriquecer o resultado da pesquisa.

No entanto, no decorrer da pesquisa de campo, várias constatações nos levaram a preterir o grupo focal assíncrono em favor do síncrono. Em primeiro lugar, as respostas aos questionários aplicados na fase quantitativa de pesquisa demonstraram um pequeno volume de participação de escoteiros da RMBH em listas de discussão acerca do Escotismo e até mesmo desconhecimento sobre o que viriam a ser tais listas. Em segundo lugar, a catalogação que fizemos, ao longo de dois anos, de mensagens

postadas em uma lista escoteira de Belo Horizonte mostrou (conforme discutiremos adiante na análise dos resultados qualitativos) que a lista funcionava mais como repositório de mensagens do que como ambiente de discussão. Finalmente, a implementação presencial dos quatro grupos focais evidenciou o elevado índice de uso do *software* MSN, um *software* de comunicação *online* síncrona.

Todos esses fatores corroboraram a idéia da implementação de um grupo focal que fizesse uso síncrono da Internet – objeto também da pesquisa em questão. Com o auxílio de um dos participantes da discussão presencial em grupo focal, que intermediou as apresentações, estabeleceu-se contato virtual com cinco outros escoteiros, com os quais foi mantido debate via MSN (utilizando apenas mensagens digitadas, sem recursos de voz ou imagem) ao longo de uma hora e dez minutos. O texto dessa discussão foi salvo em disco e organizado da mesma forma que os relatos dos outros quatro grupos focais.

A grande discrepância percebida entre a discussão virtual de grupo focal e as quatro presenciais efetuadas anteriormente foi em relação à linguagem empregada. O uso de mnemônicos para imitar o som das palavras digitadas, com o objetivo de reduzir a digitação (por exemplo, usa-se ‘blz...’ no lugar da palavra ‘beleza’, significando ‘estou de acordo’) ou de evitar o uso de acentuação (por exemplo ‘naum’ ao invés de ‘não’) é algo constante entre os usuários desse tipo de software. Em relação ao conteúdo das opiniões emitidas, não houve discrepância entre as opiniões enunciadas presencialmente e aquelas postadas no ambiente virtual, apesar do fato de que os participantes do grupo virtual eram todos usuários da Internet ao passo que os grupos presenciais eram heterogêneos nesse aspecto, sendo compostos por usuários e por não-usuários da rede.

A desvantagem da falta de interação face-a-face foi parcialmente eliminada, graças a um recurso do MSN amplamente utilizado pelos participantes: os “*emoticons*” (*emotion icons*), isto é, a inserção no texto de ícones representando rostos com diferentes expressões, simulando as próprias expressões faciais dos participantes diante do assunto em discussão (QUADRO 4).

QUADRO 4  
Exemplos de *emoticons* do MSN Messenger

ÍCONE	SIGNIFICADO	ÍCONE	SIGNIFICADO
	Sorriso		Boca aberta
	Surpreso		Mostrando a língua
	Piscando		Triste
	Confuso		Desapontado
	Chorando		Envergonhado
	Irritado		Bravo
	Angelical		Diabo
	Guardando segredo		Rangendo os dentes
	Nerd		Sarcástico
	Contando um segredo		Nauseado
	Eu não sei		Pensativo
	Festeiro		Virando os olhos
	Sonolento		

FONTE: <http://messenger.msn.com/resource/Emoticons.aspx?mkt=pt-br> Acesso em 04 jan. 2005.

O roteiro utilizado nas cinco discussões foi o mesmo, embora às vezes a ordem de algumas questões tenha sido alterada, a fim de permitir que a discussão seguisse seu fluxo natural, sem interrupções abruptas. Conforme sugerido por Krueger (2000, p. 43-46), o roteiro foi elaborado subdividindo-se as questões em categorias, de acordo com seu objetivo, forma de utilização e momento de aplicação: questões abertas, questões introdutórias, questões de transição, questões chave, questões finais (APÊNDICE D).

Assim, na condução da pesquisa, toda sessão de grupo focal iniciou-se com a apresentação da moderadora e uma rápida explanação dos objetivos gerais da pesquisa. Em seguida, explicou-se aos participantes como se daria a dinâmica da seção, em que as questões abertas (primeira rodada de perguntas, permitindo a identificação dos participantes) e introdutórias (para introduzir o tópico geral da discussão e dar aos participantes oportunidade de refletir sobre experiências anteriores) seriam respondidas individualmente por cada participante; as questões de transição (que encaminham a conversação para as questões que norteiam o estudo) e questões chave (aquelas que efetivamente direcionam a pesquisa) seriam apresentadas para debate permitindo

posicionamento de quem quisesse se colocar em discussão franca e aberta (desde que as falas não se sobrepusessem, ou seja, cada participante falasse na sua vez, por motivos óbvios de garantir um aproveitamento positivo e conseqüente gravação da fala de todos); e as questões finais (confirmação do resumo da discussão e oportunidade para fazer alguma colocação extra) deveriam, novamente, ser respondidas individualmente por cada integrante do grupo.

Morgan (1997) argumenta que um teste para assegurar a adequação do uso de grupos focais como técnica de pesquisa consiste em verificar quão ativa e facilmente os participantes discutiriam o tópico de interesse para a pesquisa. Os resultados dos cinco grupos focais levados a termo comprovaram ter sido essa uma técnica adequada. Embora estivéssemos preparados para a possível necessidade de ter de aplicar ferramentas de dinâmicas em grupo para garantir uma participação mais efetiva, não só não precisamos utilizar qualquer mecanismo que instigasse os respondentes a apresentar suas opiniões como, ao contrário, obtivemos um debate tão caloroso e frutífero que nosso único problema, na condução das discussões, foi o de ter de interromper algumas falas que se sobrepunham a outras, tamanha a animação do grupo e a vontade de se manifestar. No caso particular do grupo focal via Internet, o interessante é que as opiniões emitidas “simultaneamente” não precisaram ser interrompidas. Por diversas vezes ocorria de mais de um participante estar digitando alguma opinião ao mesmo tempo que outro(s). A tecnologia permitiu que todas as colocações fossem gravadas e disponibilizadas para os demais integrantes do grupo. Nos cinco casos, o debate fluiu tão naturalmente que, por diversas ocasiões, perguntas presentes no roteiro não precisaram ser enunciadas pois, espontaneamente e ao longo das discussões, foram abordados os tópicos que elas buscavam elucidar.

## 6 ESTUDO ANALÍTICO DE *SITES* ESCOTEIROS

O objetivo do presente capítulo é descrever o estudo analítico de páginas publicadas por Grupos Escoteiros da RMBH. Conforme já esclarecido no capítulo sobre a metodologia da pesquisa, foram selecionados para análise os *sites* dos cinco GEs da RMBH referenciados simultaneamente em três ferramentas de busca – *cadê*, *miner* e *todoabr* e abaixo citados:

1. Grupo Escoteiro Antônio Mourão Guimarães (BALEIA): [www.geocities.com/TimesSquare/corner/3161](http://www.geocities.com/TimesSquare/corner/3161)
2. Grupo Escoteiro do Ar Padre Eustáquio (GEARPE): [www.gearpe.org/gearpe](http://www.gearpe.org/gearpe)
3. Grupo Escoteiro Lagoa do Nado (GELAN): [www.geocities.com/gelan46](http://www.geocities.com/gelan46)
4. Grupo Escoteiro Mangabeiras (GEMAN): [www.geocities.com/yosemite/gorge/7199](http://www.geocities.com/yosemite/gorge/7199)
5. Grupo Escoteiro Olave Saint Clair (GEOSC): [www.geocities.com/rainforest/2721](http://www.geocities.com/rainforest/2721)

Uma vez que páginas na Internet são voláteis, isto é, podem estar disponíveis num momento e depois serem removidas, além de poderem ter seu conteúdo alterado de um instante para outro, cumpre esclarecer que o presente trabalho foi elaborado sobre os *sites* da forma em que se apresentavam em 28/mai/2001, quando foi feito o *download*, arquivamento em disco e impressão de todas as páginas que compunham os cinco *sites* em estudo.

Quanto à nomenclatura adotada, este trabalho utiliza o termo *site* para designar o conjunto de páginas situadas num mesmo domínio; *homepage* ou **página de entrada** para referir-se à primeira página de um *site*, através da qual se faz o acesso às demais; chama de **página** todo o conteúdo situado num endereço específico e disponibilizado em uma **janela** na tela (em algumas ocasiões mais de uma janela é exibida simultaneamente na tela, por exemplo, uma janela de menu ao lado de uma janela de conteúdo).

O material analisado constituiu-se de assuntos oferecidos através do menu presente na *homepage* ou na primeira página de cada *site*. Foram visitadas todas as páginas diretamente referenciadas nos menus. Nos casos de menus em cascata, nos quais cada item pode conter um ou mais sub-itens, e cada um destes pode conter outros, recorrentemente, foram visitadas apenas as páginas referenciadas pelos itens dos dois

níveis mais elevados. As razões dessa delimitação devem-se ao elevado volume de dados a serem analisados e à adaptação à já citada (ver p. 113 deste trabalho) regra dos três cliques de Collins (1996, p.122), para quem qualquer informação que necessite de mais de três cliques para ser atingida é considerada profunda e de difícil acesso. A regra foi adequada de maneira a considerar que qualquer informação abaixo do segundo nível numa hierarquia fosse considerada inexpressiva em termos de análise da qualidade do *site*.

A fim de atestar a qualidade de cada *site* analisado, foi criada uma *check list* composta de trinta questões (APÊNDICE A). Para obter uma valoração em termos numéricos da qualidade do *site*, a cada resposta positiva dada às questões foi atribuído um ponto mas não foi atribuída pontuação alguma para as respostas negativas ou para as perguntas das quais não se obtiveram respostas (conforme proposto por Mitretek Systems, 2000, em sua *IQTool*). A soma da pontuação interessa apenas no sentido de comparar um *site* com o outro em termos de qualidade, indicando se o desenvolvimento do *site* atendeu aos critérios da *check list*.

As questões subdividem-se em seis critérios de análise: proposta do *site*, autoria, atualização, conteúdo, *design* e aspectos técnicos. A tabela a seguir resume e compara a pontuação obtida por cada *site* analisado. Definiu-se o termo “índice de qualidade” como a razão entre a pontuação aferida e a quantidade de questões postuladas. Assim, quanto mais perto de 1 (100%) está o índice de qualidade de um *site*, melhor ele atende aos quesitos avaliados em nossa *check list*. A tabela apresenta, para cada *site*, o índice de qualidade de cada critério avaliado (número de respostas positivas / quantidade de questões avaliadas naquele critério) e, ao final, o índice geral de qualidade do *site* (total de respostas positivas / total geral de questões).

O índice geral de qualidade significa que, num total de 30 questões, os *sites* do Baleia e do GEOSC apresentaram resposta positiva a 18; o do GEARPE a 22; o do GELAN a 16 e o do GEMAN a 12.

TABELA 3  
Índice de qualidade dos *sites* escoteiros da RMBH

CRITÉRIO	ÍNDICE DE QUALIDADE				
	BALEIA	GEARPE	GELAN	GEMAN	GEOSC
Proposta do <i>site</i>	1,00	0,25	0,25	0,25	0,25
Autoria	0,75	0,75	0,25	0,75	0,75
Atualização	0,00	1,00	0,50	0,00	0,25
Conteúdo	0,55	0,89	0,67	0,22	0,67
<i>Design</i>	0,60	0,60	0,60	0,60	0,80
Aspectos Técnicos	0,75	0,75	0,75	0,75	0,75
<b>Índice Geral de Qualidade</b>	<b>0,60</b>	<b>0,73</b>	<b>0,53</b>	<b>0,40</b>	<b>0,60</b>

FONTE: Elaborada pela autora a partir da avaliação dos *sites*.

Observa-se que os *sites* estudados diferem bastante em termos de qualidade, apresentando uma diferença de quase 50% no índice geral de qualidade (0,40 do GEMAN para 0,73 do GEARPE, o *site* mais bem estruturado entre os cinco analisados).

Além de avaliar sua qualidade, o estudo dos *sites* tinha, de acordo com a metodologia proposta, o objetivo de verificar a que público eles são destinados; se seu conteúdo contribui para a aplicação do princípio e métodos escoteiros; se têm funcionado como meio de divulgação do ME e se há coerência ou alguma espécie de padrão entre os *sites* produzidos por GEs da RMBH. A resposta à primeira questão – a que público destinam-se – deveria ser consequência da avaliação do primeiro critério de qualidade, a proposta do *site*. Um *site* cuja proposta esteja claramente definida na sua página de entrada permite, automaticamente, a inferência do público a que se destina. Infelizmente, como a maioria dos *sites* estudados não apresentava claramente suas propostas, a tentativa de determinação do seu público-alvo dependeu de uma análise mais aprofundada do seu conteúdo, que permitisse fazer essa aferição. Ainda assim, conforme afirma Bretas (2000, p. 149),

reconhecer um possível interlocutor, entre os vários navegadores que potencialmente aportam nas páginas dos jovens de Belo Horizonte, não é tarefa fácil. Ao mesmo tempo em que o outro pode encontrar-se em várias partes do planeta, pode também residir a poucos quarteirões do autor. Nesta direção assenta-se o caráter “glocal” da Internet.

Também em relação às questões referentes aos princípios e métodos escoteiros e à divulgação do ME através dos *sites*, só uma análise cuidadosa dos seus conteúdos permitiu a obtenção de respostas adequadas. As sessões a seguir apresentam um breve relato acerca das conclusões obtidas na análise de cada critério de qualidade avaliado, bem como das três questões supra-citadas. Ao final do capítulo, é feita uma comparação dos cinco *sites* analisados, demonstrando a existência de características que definem um padrão comum a todos.

### **Proposta do *site***

Uma das características da Internet é que qualquer um pode desenvolver e publicar um *site* na WWW. Não existe qualquer tipo de regra estabelecendo padrões de formato ou de conteúdo para as publicações. Quando se analisa uma publicação em meio impresso, o próprio meio já fornece indicações acerca do tipo de material que ali será encontrado, da qualidade de linguagem utilizada, do destinatário ideal daquela publicação. Quando um leitor compra uma revista como a *Caras*, ou um jornal como o *Estado de Minas*, ou ainda uma publicação autorizada pela União dos Escoteiros do Brasil, ele já possui certa expectativa acerca do material que irá encontrar. No entanto, ao visitar um *site* na Internet, pode surpreender-se. O usuário que buscasse, no *site* do GELAN, informações acerca do dia e horário de suas reuniões ou a respeito do tamanho do grupo, quantidade de membros envolvidos e exemplos de atividades praticadas, certamente se frustraria pois, após navegar em todas as páginas que compõem o *site*, só encontraria disponíveis ali informações sobre cada ramo do Escotismo, tais como a faixa etária que eles compreendem, as etapas de formação do ramo, a sua organização em subgrupos como matilhas ou patrulhas. Se esse usuário fosse um escoteiro ativo, o mais provável é que ele não obtivesse qualquer novidade com tais informações. Por isso, é importante que o *site* disponibilize, de preferência na página de entrada, o seu objetivo, isto é, que tipo de informação o leitor encontrará ao longo de sua navegação. São diversas as vantagens de se tornar a proposta do *site* disponível: permite inferir a que público ele se destina, evita que visitantes invistam tempo em percorrer e ler páginas cujo conteúdo não atenda às suas expectativas e auxilia a catalogação do *site* em

ferramentas de busca. Deve-se considerar, entretanto, que a divulgação da proposta do *site* só será eficiente se estiver realmente coerente com seu conteúdo. Caso contrário, o efeito será inverso e todas as vantagens se converterão em aspectos negativos. É o caso da *homepage* do GEMAN, em que existe um parágrafo que informa: “O objetivo deste espaço é de trazer a todos diversão, informação e acima de tudo divulgar o Movimento Escoteiro pôr (*sic*) toda a Internet que hoje em dia é um grande veículo de informação!” Não há nesse *site*, no entanto, qualquer página que propicie entretenimento ou diversão; apenas em relação à divulgação do Movimento Escoteiro, o *site* cumpre o objetivo proposto.

Portanto, o *site* do GELAN não apresenta a sua proposta explícita, e o do GEMAN apresenta proposta incoerente com o conteúdo que divulga. Também os *sites* do GEOSC e do GEARPE sequer fornecem ao usuário uma descrição de sua proposta. O *site* do BALEIA é o único dos cinco *sites* analisados que apresenta proposta reduzida porém coerente com o conteúdo por eles disponibilizado: “[...] aqui (*sic*) você encontra fotos, história do escotismo, links (*sic*) e um pouco da história daquele que é um dos maiores grupos de Minas Gerais”.

## **Autoria**

Um dos benefícios da divulgação da autoria do *site* é atribuir-lhe credibilidade. Isso pode ser conseguido através das credenciais do autor, no caso de se tratar de alguém renomado ou que esteja filiado a uma instituição que lhe agregue confiabilidade. Em última instância, ao permitir uma forma de seus leitores contatarem-no, o autor permite que seu trabalho seja questionado, o que não deixa de ser uma forma de conferir crédito.

Muito importante, também, é diferenciar o autor do conteúdo do desenvolvedor do *site*, quando se tratar de pessoas (ou organizações) distintas. Ao passo que o primeiro é responsável pela veracidade e valor intrínseco das informações, relacionadas com os critérios de qualidade referentes à atualização e ao conteúdo do *site*, ao segundo compete a apresentação visual, a distribuição coerente das informações, seu arranjo

lógico, enfim, as questões relativas ao *design* e aspectos técnicos. Portanto, se a credibilidade do *site* está relacionada ao seu autor, as características que contribuem para uma navegação agradável são de responsabilidade do desenvolvedor.

Os *sites* analisados não explicitam distinção entre autor e desenvolvedor. Em dois casos, logo na página de entrada aparece o responsável pelo *site*, provavelmente acumulando as funções tanto de autoria quanto de desenvolvimento: a *homepage* do GELAN, em que o autor/desenvolvedor é institucional (Visuart) e a do GEMAN, de autoria/desenvolvimento individual (Paulo Henrique...).

Pelo *link* “Minha HOMEPAGE!!!!” subentende-se que o *site* do GEOSC também foi desenvolvido por um autor individual, provavelmente membro do Grupo Escoteiro. No caso do BALEIA, para que se encontre informação a respeito do possível desenvolvedor do *site* é necessário navegar até a página referenciada pelo termo *Créditos* contido no menu de *links*. A página de entrada do GEARPE não apresenta informação acerca do seu desenvolvedor, mas seu nome está explícito junto às informações de horário e endereço das reuniões e do *e-mail* do grupo, ao final da página principal.

## Atualização

Informações disponibilizadas podem tornar-se obsoletas ou desatualizadas. Um exemplo é a informação fornecida no *site* do BALEIA, quando afirma que o grupo “*está completando esse ano, 32 anos de vida*”. Informações dessa natureza precisam ser atualizadas permanentemente (nesse caso anualmente).

Já no caso do GEARPE, na data em que foi feito o arquivamento das páginas de seu *site* (28/05/2001) havia, na página principal, o aviso de que a última atualização do *site* fora efetuada em 19/10/2000. No entanto, através de um acesso à *homepage* do GEARPE, realizado no final do mês de junho de 2001, constatou-se que essa informação havia sido alterada e que a página sofreu atualização em 21 de junho.

A *homepage* do GEMAN avisa em letras vermelhas que “Esta página está sendo totalmente reformulada. Breve em alguns dias a nova page (*sic*) do Geman”. Cumpre

observar que a construção desses períodos é, no mínimo, peculiar. Primeiro, pela redundância que ocorre em “breve em alguns dias”; depois, pelo uso de um mesmo termo primeiro em português e logo em seguida em inglês: “Esta página...” (...) “... a nova page do Geman”. Da leitura das páginas visitadas percebe-se que “os breves dias” já têm durado bem mais que alguns dias: na página que contém o calendário das atividades do grupo, por exemplo, estão listadas as atividades do segundo semestre de 1998. Outros indícios da desatualização do *site* são o fato de um dos itens do menu fazer referência ao Jamboree Mundial ocorrido no Chile em janeiro de 1999, e também o fato de que endereço eletrônico disponibilizado para correspondência é de um provedor que não existe mais (o provedor globalsite fundiu-se ao bhnet e formaram o zaz) .

Na página principal do GEOSC existe um aviso de que a página encontra-se em construção e, abaixo dele, uma referência à data em que foi realizada a última atualização: 02/01/97.

O *site* do GELAN não disponibiliza qualquer informação que permita verificar quando foi feita sua última atualização.

## **Conteúdo**

Nada há que ateste a qualidade da linguagem ou das informações fornecidas em um *site*, principalmente quando não existe referência às credenciais de seu desenvolvedor ou citação bibliográfica indicando a fonte do material. O usuário navegador de um *site* necessita possuir espírito crítico na leitura e análise do material recebido. Felizmente, em relação aos cinco *sites* estudados, foi possível concluir (a partir de confronto com a literatura impressa) que, apesar de erros de linguagem, todas as informações fornecidas são coerentes com os princípios e métodos escoteiros e transmitem a real concepção do Movimento Escoteiro. Embora a União dos Escoteiros do Brasil tenha publicado norma que exija que toda e qualquer publicação autônoma acerca do Escotismo contenha a indicação de tratar-se de publicação independente e desvinculada da UEB, em nenhum dos *sites* visitados essa norma foi seguida, não se

sabe se pelo fato de ser desconhecida ou se pelo fato de não ser considerada necessária em meio eletrônico, somente em publicações impressas.

É evidente, a partir da comparação entre os cinco *sites* estudados, que o do GEARPE se destaca, quer seja pela sua organização, quer seja pela profundidade, abrangência e atualidade de seus conteúdos. Dentre os *sites* analisados, esse é o que apresenta maior quantidade de informações específicas sobre o próprio Grupo Escoteiro, tais como fotos de atividades, descrição da composição das tropas e patrulhas, apresentação da chefia, documentos internos, jornal do grupo (ainda que desatualizado). Baseando-se na análise de sua organização interna e principalmente dos textos de cada página que compõem o *site*, tende-se a concluir que seu conteúdo foi elaborado por mais de um autor (ainda que organizado e disponibilizado por um único *webmaster*) ou então pelo mesmo autor em momentos de produção diferentes. Tal conclusão advém da falta de padrão entre conteúdos referenciados pelos mesmos *links* em diferentes ramos. Observa-se, por exemplo, que para cada ramo existem os seguintes sub-tópicos comuns: descrição, atividades, notícias, fundo de cena. Selecionando-se, entre eles, o sub-tópico atividades, a fim de comparar seu conteúdo em cada situação, constata-se que, no caso do ramo lobinho, há uma mensagem que apresenta desculpas pelo fato de o conteúdo estar em construção; no ramo escoteiro, um pequeno texto, ilustrado com a figura de um avião, descreve o caráter das atividades; no ramo sênior são exibidas fotos de atividades realizadas por sêniores do grupo, com legendas que descrevem a atividade e o local em que foi realizada (mas não informam a data da sua realização); finalmente, o ramo pioneiro busca seguir o padrão do ramo escoteiro, apresentando um texto que descreve o caráter de suas atividades ilustrado, no entanto, por uma fotografia de alguns pioneiros em atividade ao redor de uma mesa, ao invés de através de uma figura. O texto que descreve o ramo também apresenta indícios de ter sido produzido por mais de um autor, graças aos diferentes estilos de discurso utilizados. O início da descrição do ramo lobinho é feito com um estilo de texto que parece estar fora de sintonia com sua continuação. Cite-se o parágrafo: “Hoje vamos conhecer um pouquinho da Alcatéia. Falaremos sobre o lobismo, o que é ser um lobinho/a”. A análise isolada deste parágrafo – que é introdutório – causa a impressão de que todo o texto será desenvolvido numa linguagem conversacional, quase infantil, voltada para destinatários que provavelmente seriam os próprios lobinhos (crianças

entre 7 e 11 anos) ou para crianças que aspirem tornar-se lobinhos. No entanto, os parágrafos seguintes apresentam-se em linguagem técnica, com descrições das características psicológicas e físicas de crianças dessa faixa etária, o que sugere, desta feita, um direcionamento para leitores adultos. Em seguida, aparece a organização interna do ramo: a designação de seus chefes, a subdivisão em matilhas, a formação do lobinho e a sua mudança para o ramo escoteiro. O suposto leitor dessa parte do texto parece ser alguém que desconheça os termos e linguajar escoteiros – que ficam claros com o decorrer da leitura – e que busque informações a respeito da estruturação da alcatéia. Ao longo de todo o texto não há qualquer referência à alcatéia do próprio GEARPE; todas as informações fornecidas são genéricas e descrevem o lobismo conforme é praticado em todo o Brasil, segundo as normas da UEB. Não há, em qualquer parte do texto, indicação do autor que o desenvolveu (seria o próprio *webmaster* ou algum chefe da alcatéia?) ou de obra da qual tenha sido extraído. Já o texto referente ao ramo escoteiro é descrição, nos dois primeiros parágrafos, do ramo – faixa etária, fundamentação e lema; em seguida, descrição, em mais três parágrafos, das tropas e chefes que compõem o ramo escoteiro do GEARPE. O texto volta a ter caráter genérico (isto é, falar do Escotismo conforme é praticado no Brasil sem particularizar o grupo) e mostra linguagem bastante técnica, com a apresentação das responsabilidades do chefe, da patrulha, da corte de honra e do conselho de tropa. As informações acerca do ramo sênior encontram-se dispostas com o mesmo padrão daquelas do ramo escoteiro. A diferença reside no fato de que o texto referente à formação das tropas sênior e guia no GE apresenta-se mais detalhado, incluindo *links* para cada patrulha, foto e *e-mail* de chefes. Finalmente, a descrição do ramo pioneiro não fornece qualquer informação específica. A linguagem utilizada nesse momento é bastante técnica, provavelmente voltada para leitor que pouco ou nada conheça a respeito do ramo. Da mesma forma ocorre nos textos descritivos dos demais ramos, não há naquele acerca do ramo pioneiro referência ao autor ou à fonte bibliográfica de onde tenha sido extraído.

O desenvolvimento do *site* do GELAN parece ter sido feito “sob encomenda”. O primeiro indicativo disso é o fato de, na página de entrada, haver um logotipo empresarial: “Realização Visuart”. O segundo, o fato de que, excetuando-se o arquivo de autorização em atividade disponibilizado para *download*, não haver qualquer informação relacionada ao Grupo Escoteiro em particular; todas as informações

apresentadas são acerca do Movimento Escoteiro. Quando se tenta inferir acerca do leitor ideal do *site*, pode-se chegar a diferentes conclusões, dependendo da página consultada. O leitor que acessa o *link* para *download* da autorização será, sem dúvida, um sênior/guia do próprio Grupo Escoteiro ou, com uma probabilidade bem pequena, algum chefe deste ou de outro Grupo Escoteiro que busque um modelo de autorização para seu próprio uso. As descrições dos ramos parecem estar mais voltadas a pessoas ainda não participantes do Movimento Escoteiro, que desejem informar-se a respeito. Finalmente, as etapas de formação provavelmente serão acessadas por membros do Movimento, quer sejam do grupo ou não, interessados em cumpri-las. O fato de o livro de visitas do *site* estar disponível para consulta permitiu estabelecer um perfil do leitor/visitante real do *site*. A grande maioria daqueles que preencheram o livro são escoteiros ou escotistas. Muitos deles fazem comentários acerca do *site* e convidam (a quem? Provavelmente aos membros do GELAN ou a qualquer outro leitor de suas observações) para visitar os *sites* dos grupos de que participam. Outros tentam combinar, através do *site*, atividades presenciais conjuntas entre seu grupo e o GELAN. (Percebe-se, aqui, a tentativa de estabelecimento de relações sociais presenciais iniciadas através de contato virtual, como manifestação da interferência da Internet na sociabilidade entre escoteiros.) Há ainda a presença de alguns visitantes não escoteiros ou ex-escoteiros, que perguntam pelo endereço ou telefone do grupo (o *site* não fornece essas informações!).

O menu do *site* do BALEIA leva a pelo menos duas possíveis interpretações: ou a concepção do *site* foi ambiciosa, com a proposta de um menu com quantidade de opções bem superior àquelas que foram efetivamente desenvolvidas e disponibilizadas, ou o *site* encontra-se em fase de construção. O tópico “Nosso Grupo” apresenta dois sub-tópicos (história e lenço), o primeiro disponível, o segundo não. A história do grupo resume-se a três parágrafos nos quais aparecem as informações de que o grupo estaria completando 32 anos de vida no ano corrente e de que foi fundado em 1967. A partir delas e através de simples soma matemática, deduz-se que o texto não é revisto ou atualizado desde 1999. O tópico “Doutrina” subdivide-se em sub-tópicos cujos conteúdos parecem estar mal distribuídos e redundantes, principalmente entre os itens “o que é o Escotismo”, “objetivos” e “sobre o Escotismo”. As páginas dos ramos estão

todas em construção e, entre elas, a única que contém algum texto é a do ramo sênior, que descreve a composição das tropas sênior e guia do grupo.

O *site* do GEMAN decepciona. Na *homepage*, está escrito “(...) o 21º ganhou força e hoje é um dos mais prósperos grupos Escoteiros de Minas Gerais”. O *site* não reflete a prosperidade anunciada. Contém uma breve história acerca do Movimento Escoteiro, um calendário de atividades do 2º semestre de 1998, uma resumida explicação acerca dos ramos que compõem o Movimento e um pequeno conjunto de *links* para outros grupos, sem qualquer informação específica acerca do Grupo Mangabeiras. As páginas referentes ao calendário e aos ramos são intituladas “Em construção” e as suas URLs, em vez de denotar seu conteúdo, apresentam uma numeração seqüencial das páginas (.../7199/page2.htm; .../7199/page3.htm; etc.).

O *site* do GEOSC parece ter sido fruto do entusiasmo de seu autor, membro do grupo, que aparentemente possui dois interesses desenvolvidos nas páginas que disponibilizou na Internet: o Escotismo e a ecologia. As páginas que conteriam informações específicas acerca do Grupo estão em construção – mas a última atualização citada no *site* é de janeiro de 1997 – o que indica que elas permanecerão indefinidamente “em construção”... O *site* contém a história do Movimento Escoteiro, apresenta símbolos nacionais (bandeira e hinos) e contém diversos textos acerca de problemas ecológicos.

## Design

Das cinco *homepages* analisadas, três apresentam um único link, levando à página principal onde será apresentado o menu de navegação (BALEIA, GEARPE, GEMAN), uma possui, além deste link de entrada, alguns links especiais (GELAN) e uma possui o menu de navegação já na página inicial (GEOSC).

O menu de navegação no *site* do GEARPE oferece as seguintes opções: principal, objetivo, lobinho, escoteiro, sênior, pioneiro, adulto, flor de lis, *links* escoteiros. Cada uma das páginas referenciadas no menu pode ser diretamente acessada a partir da página principal ou de qualquer outra página que o usuário esteja acessando.

Isso é permitido através da estratégia de cada página apresentar, tanto no seu topo quanto no seu final, uma barra contendo *links* dos quais a maioria coincide exatamente com aqueles presentes no menu da página principal. No entanto, alguns desses *links* são particulares a páginas que só podem ser acessadas passando-se por aquelas que as precedem. É o caso, por exemplo, da referência à página que apresenta as etapas de formação do ramo escoteiro, que só se mostra disponível na barra de *links* da página deste ramo. Interessante o caso da página intitulada GEARPE – Bate Papo. Não há *link* para ela no menu principal, mas ela é referenciada por algumas, mas não por todas as páginas de 1º nível, e também por páginas de 2º nível. Sua classificação, portanto, é dúvida: pertence à classe das páginas de 1º, 2º ou mesmo de 3º nível?

A partir da *homepage* do GELAN pode-se acessar a página principal do *site*, que apresenta um menu e um quadro de *links*. Ainda na *homepage* existem quatro outros *links*:

1. “Atenção ramo sênior: AUTORIZAÇÃO aqui!”: *link* para *download* de documento do MS-Word (provavelmente contendo texto de autorização para atividade) que não pôde ser aberto, pois continha vírus.
2. “Novidade!”: *link* para etapas de capacitação.
3. “Assine nosso mural”: *link* para acrescentar informações ao livro de visitas. Gerou mensagem de erro ao ser acessado.
4. “Veja nosso mural”: *link* para visualizar informações gravadas no livro de visitas. Foram encontradas 41 entradas, cada uma contendo
  - número (serial);
  - data e hora em que a mensagem foi postada;
  - nome (com *link* para *e-mail*) de quem postou a mensagem;
  - *website* (URL de *website* do postador da mensagem, se ele desejar disponibilizar);
  - classificação (nota de 0 a 10);
  - comentários (mensagem postada).

A página principal do GELAN apresenta um quadro dividido em quatro partes, cada uma com quatro *links*, dos quais apenas um de cada parte estava referenciando alguma outra página na data de acesso, os outros três estavam inativos. O *link* disponível (ativo) de cada parte aparece, também, listado no menu, que oferece as seguintes opções: alcatéia, escoteiro, sênior, pioneiro, escotistas e e-mail. Esse menu

permanece visível do lado esquerdo da tela durante toda a navegação pelo *site*, qualquer que seja a página acessada.

A *homepage* do BALEIA possui uma característica peculiar: ao ser carregada, toca o Hino Nacional. Clicando-se no *link* de entrada, tem-se acesso a uma página contendo o nome do Grupo e o espaço para uma fotografia não disponibilizada, bem como a um menu contendo os seguintes itens: “Nosso Grupo, Doutrina, Tropas, Adestramento, Honrarias, Música, Figuras, Chefia, Linkes (*sic*), Amigos, Livro de Visitas, Atualizações, Créditos, Home”. Desses itens, alguns são *links* diretos para páginas; outros, uma vez que se posiciona o *mouse* sobre eles, se abrem em sub-itens que, por sua vez, constituem novos *links*; outros ainda referenciam tópicos que não levam a qualquer página ou conteúdo. Durante a navegação, a execução do hino é cancelada; ela só acontece na página de entrada. Nenhuma das páginas internas visitadas contém *links* para outras páginas do *site*, exceto por eventuais botões de VOLTAR que proporcionam o retorno à página anteriormente visitada. O menu, no entanto, permanece sempre visível e disponível para acesso no lado esquerdo da tela.

Situado do lado esquerdo na *homepage* do GEMAN encontra-se o menu, que permanece visível enquanto se navega por qualquer das páginas do *site* e apresenta as seguintes opções: “principal, quem somos nós, calendário, seções, links, e-mail e jamboree mundial”.

A página de entrada do GEOSC é também sua página principal. Dentre os cinco *sites* analisados, este é o único que apresenta *link* para acesso às informações em inglês. A página principal apresenta uma série de *links* que se repetem (embora às vezes com nomes diferentes) no menu que aparece do lado esquerdo da tela: história do Movimento Escoteiro, símbolos nacionais, cadastre-se, nossa família, ecologia, o autor. Outro diferencial deste em relação aos outros quatro *sites* analisados são os *links* que ele apresenta para textos relacionados à ecologia. Embora os textos não estejam diretamente relacionados ao Movimento Escoteiro, a consciência ecológica não deixa de ser uma das preocupações do Movimento que, inclusive, prevê uma espécie de condecoração denominada Insígnia do Conservacionismo para aqueles escoteiros que cumprirem uma série de tarefas relacionadas à ecologia.

## Aspectos Técnicos

Na avaliação dos aspectos técnicos foi feita a visitação aos *sites* utilizando-se os navegadores Microsoft Internet Explorer e Netscape. As páginas não apresentaram problemas na abertura e apresentação dos conteúdos com qualquer dos navegadores.

As páginas de entrada do BALEIA e do GELAN interagem com o usuário. Solicitam que ele informe seu nome e apresentam saudações personalizadas: “Fulano, Tudo Jóia (*sic*) com você? Obrigado por visitar o GELAN OnLine.”. A *homepage* do BALEIA é capaz, inclusive, de determinar quantas vezes esse mesmo usuário já visitou-a: “Olá, Fulano. Você já esteve aqui x vezes. Obrigado pela volta!”. Esse tipo de interação já havia sido percebido por Bretas (2000), em *homepages* desenvolvidas por adolescentes de Belo Horizonte. Conforme afirma a autora,

As mensagens visuais de boas-vindas [...] são uma constante. Referem-se a um convite ao leitor/navegador para percorrer a *homepage*. [...] Em alguns casos, o visitante é convidado a interagir com o autor digitando seu nome, para que possa ser recebido de maneira mais pessoal na *homepage*. Observa-se aí uma tentativa de nomeação do interlocutor, com o intuito de ampliar a interação autor/leitor através da simulação de um ato dialogal (BRETAS, 2000, p. 144-145).

Todos os *sites* contêm contadores de acesso em suas páginas de entrada ou em suas páginas principais (aquelas referenciadas pela página de entrada). No entanto, todos estão desativados.

Em relação aos aspectos técnicos, outra avaliação feita foi acerca da denominação das URLs e dos títulos das páginas (que são exibidos na barra de títulos do navegador). No caso das páginas do GEARPE, cabe notar que a maioria de suas URLs terminam pelo dígito 7 (...objetiv7.htm; ...alcatei7.htm; ...escotei7.htm; etc.), que é o numeral associado àquele GE. Todo Grupo Escoteiro é identificado pelo seu nome e por um número seguido da região (estado) a que pertence. O GEARPE identifica-se, destarte, como 7/MG – Grupo Escoteiro do Ar Padre Eustáquio. Observa-se, portanto, o cuidado tomado ao se definir as URLs, de modo que haja associação entre elas e o Grupo Escoteiro responsável pelo desenvolvimento do *site*. O mesmo cuidado é aparente na escolha dos títulos da janela. Todos relacionam-se com o conteúdo apresentado e incluem a sigla do Grupo. Alguns títulos de páginas internas são:

GEARPE – Ramo Escoteiro; GEARPE – Membros Adultos; Flor de Lis, o jornal do GEARPE. Dentre os *sites* analisados, o do GEARPE é, também, o único com domínio privado; os demais se utilizam, todos, do provedor gratuito *geocities*.

Embora o *site* do BALEIA demonstre cuidado na definição das URLs, uma vez que os próprios endereços já fornecem ao leitor uma idéia do conteúdo que será encontrado ali (por exemplo, [.../nossogrupo.htm](#); [.../alcateia.htm](#); etc.), não houve o mesmo rigor na definição dos títulos das janelas, o que algumas vezes não chegou mesmo a ser feito. Algumas das janelas apresentam títulos sem significado aparente (SIM é o título da janela “sobre o Escotismo”) ou com significado dissociado do seu conteúdo (Escotismo no mundo é o título da janela que apresenta as letras de músicas escoteiras), outras não têm sequer título definido (as janelas que apresentam a história do Grupo e a doutrina do Escotismo têm ambas, como título, “New Page 1”, o título padrão associado a uma janela pelo *software* de desenvolvimento).

O mesmo acontece com o *site* do GEMAN, que apresenta URLs coerentes com o conteúdo disponibilizado, porém sem referência que identifique o Grupo (por exemplo <http://www.geocities.com/TimesSquare/Corner/3161/nossogrupo.htm>). Algumas de suas janelas, inclusive a referenciada pelo endereço que acabamos de citar, não possuem título definido. Na barra de títulos do navegador aparece, como no caso de algumas das páginas do *site* do BALEIA, “New Page 1”.

O *site* do GELAN apresenta URLs e títulos de janelas coerentes com o conteúdo disponibilizado na página sendo que, na definição da URL, há referência à sigla e ao numeral do Grupo Escoteiro (<http://www.geocities.com/gelan46/alcat.html>).

Finalmente, embora o *site* do GEOSC demonstre preocupação de seu desenvolvedor em procurar URLs e títulos de janelas que relacionem-se com os conteúdos das páginas que referenciam, percebe-se que em algumas das páginas internas esse cuidado foi negligenciado. Um exemplo disso é que duas páginas distintas têm como título “Reciclagem”: uma, na URL <http://www.geocities.com/rainforest/2721/dic.htm>, apresenta como conteúdo um pequeno “dicionário ecológico”; a outra, no endereço <http://www.geocities.com/rainforest/2721/reci.htm>, discorre acerca de reciclagem do lixo.

## Análise Comparativa

Ficou constatada a existência de certo padrão entre os cinco *sites* analisados. Esta seção apresenta elementos comuns detectados e tece considerações advindas da comparação entre eles.

Três dos *sites* apresentam página de entrada dando boas vindas, com *link* para uma página principal a partir da qual navega-se; outros dois possuem página de entrada coincidindo com a página principal que contém o menu para navegação.

O QUADRO 5 resume o conjunto de tópicos presentes nos cinco *sites* e, nos casos em que se aplica, a abordagem: G (genérica acerca do Movimento Escoteiro), E (específica acerca do Grupo Escoteiro), C (página em construção). Nos casos em que esta classificação não se aplica será utilizado o indicativo de presença (S - sim), de ausência (N – não) ou ainda de erro (ER) ao tentar acessar a página.

Percebe-se que a incidência de abordagens genéricas se sobrepõe à apresentação de informações específicas acerca dos Grupos Escoteiros e que, de comum aos cinco *sites*, está a ocorrência de textos sobre os ramos do Movimento Escoteiro. Entre esses textos, mais de uma vez encontramos as etapas de capacitação dos ramos, isto é, o conjunto de tarefas que o membro escoteiro deve cumprir para se graduar. Isso demonstra que os *sites* vêm contribuindo para a aplicação da metodologia proposta pelo Escotismo, pelo menos no que tange à capacitação de seus integrantes. No entanto, na maioria das vezes, as informações presentes nos *sites* pouco acrescentam àquelas obtidas através de material impresso sobre Escotismo. Observa-se, portanto, mau aproveitamento do espaço, que não foi utilizado para apresentar novidades ou divulgar o próprio Grupo e suas atividades particulares.

O não aproveitamento dos recursos oferecidos pelo meio eletrônico também é evidente. Em apenas um dos *sites* houve uso de recursos sonoros através da reprodução do Hino Nacional. Tais recursos poderiam, por exemplo, ter sido utilizados para apresentar a melodia de canções escoteiras, cujas letras chegaram a ser listadas em um dos *sites* analisados (Baleia).

QUADRO 5  
Tematização dos *sites* escoteiros da RMBH

TEMA		Grupo Escoteiro				
Tópico	Sub-Tópico	GEARPE	GELAN	BALEIA	GEMAN	GEOSC
Escotismo	Definição	G	N	G	N	G
	Objetivos e Método	G	N	G	N	G
	Lei e Promessa	G	N	N	N	N
	História	G	N	N	G	G
Ramos / Seções	Lobinho	G	G	C	G	G
	Escoteiro	G+E	G	C	G	G
	Sênior	G+E	G	E	G	G
	Pioneiro	G+E	G	C	G	G
	Adulto (Chefia + Direção)	G+E	N	C	N	N
Grupo	História	N	N	E	N	C
	Endereço	E	N	N	E	N
	Dia e horário das reuniões	E	N	N	N	N
	e-mail para contato	E	E	E	E	E
	Calendário de atividades	N	N	N	E	N
Links	Para outros Grupos Escoteiros	S	N	N	S	N
	Para <i>sites</i> escoteiros (jornal, região, UEB, etc.)	S	N	N	S	N
	Para outros assuntos	S	N	N	N	S
Jornal de Grupo		S	N	N	N	N
Adestramento	Etapas de capacitação / formação	S	S	N	N	N
	Nós e Amarras	N	N	S	N	N
	Músicas	N	N	S	N	N
	Símbolos Nacionais (bandeira e hinos)	N	N	N	N	S
Livro de Visitas	Assine	N	ER	N	N	ER
	Consulte	N	S	N	N	ER
Assuntos correlatos	Ecologia	N	N	N	N	S
	Radioamadorismo	S	N	N	N	N
	Atividades orientadas para aviação	S	N	N	N	N
	Jamboree	N	N	N	S	N
Autor / Desenvolvedor / Webmaster		S	S	S	S	S
Data da última atualização		S	N	N	N	S

FONTE: Elaborado pela autora

Legenda: G – indica ocorrência de informação genérica acerca do ME; E – indica ocorrência de informação específica acerca do GE; C – página em construção; S – indica presença; N – indica ausência; ER – indica erro ao acessar a página.

Portanto, a avaliação dos *sites* traz, como resposta ao nosso questionamento inicial sobre a contribuição da Internet na aplicação do princípio e métodos escoteiros, a constatação de que, através da elaboração de *sites*, os escoteiros conseguiram tão somente utilizar um novo meio para apresentar informações já conhecidas pelos membros do Movimento Escoteiro sem, no entanto, aproveitarem-se das especificidades que o meio oferece. Além disso, muitas vezes, as informações repetem-se em vários *sites*. Exemplo disso é a descrição dos cinco pontos que constituem o chamado “método escoteiro”, que aparece em dois dos *sites*:

O Método Escoteiro, com aplicação eficazmente planejada e sistematicamente avaliada nos diversos níveis do Movimento, caracteriza-se pelo conjunto dos seguintes pontos: aceitação da Promessa e Lei Escoteira; aprender fazendo; vida em equipe; atividades progressivas, atraentes e variadas; desenvolvimento pessoal pela orientação individual. (Texto presente nos *sites* do Baleia e do GEARPE)

Fica evidente que o texto acima não foi redigido pelos autores do *site*, e que foi retirado de algum manual escoteiro, não referenciado. Essa conclusão nos remete ao problema já descrito do desrespeito às leis de direitos autorais através da cópia de conteúdos, prática que é facilitada no meio eletrônico. Conforme já havíamos afirmado na seção desta tese intitulada *O direcionamento do conteúdo na Internet*, devido ao elevado volume de publicações na *web*, torna-se cada vez mais difícil rastrear o uso de material alheio sem a devida referência ao autor.

Outra conclusão alcançada a partir da análise dos *sites* é que, exceto pelo caso do *site* do GEARPE, o desenvolvimento das páginas é normalmente abandonado ao longo de sua concepção. Isso se explicita tanto pela existência de *links* que referenciam páginas com a informação “em construção”, quanto pela desatualização e/ou incompletude das informações apresentadas.

A exploração da sociabilidade através da rede foi realizada por dois dos *sites* estudados. O *site* do GELAN continha um mural de visitas, local em que o usuário navegante poderia depositar sua mensagem e ler aquelas anteriormente colocadas. O mural listava mensagens postadas no período de set/2000 a mar/2001, por escoteiros de

diferentes estados brasileiros e também por não escoteiros. Entre essas mensagens, destacam-se a postada por um ex-escoteiro e aquela colocada por um desbravador<sup>45</sup>:

OI! Gostaria de obter informações sobre o grupo, onde são as atividades? Dia e horário... Estou fora do movimento a (*sic*) já um tempo e penso em retornar... Abraço forte a todos. “Uma vez escoteiro, sempre escoteiro!” Léo (entrada #36 do Mural de Visitas do GELAN: <http://www.livroe.com/cgi-bin/multi.pl?31068957670938:20:0>)

eu sou desbravador e gostei muito do site de vcs. muito bonito o design (*sic*). (entrada #27 do Mural de Visitas do GELAN: <http://www.livroe.com/cgi-bin/multi.pl?31068957670938:20:10>)

As mensagens listadas no mural de visitas demonstram outro aspecto que já havíamos percebido: o fato de que os *sites* produzidos pelos GEs contêm mais informações genéricas acerca do Escotismo como movimento juvenil do que informações específicas a respeito dos próprios Grupos em questão. Nesse caso em particular, foram várias as mensagens presentes no mural solicitando informações sobre endereço do Grupo, dia e horários de reuniões. Isso significa que os *sites* chegam a funcionar como divulgadores do Movimento Escoteiro, mas apresentam falhas na divulgação dos Grupos Escoteiros que representam.

Ainda através das mensagens postadas pudemos observar que o mural funcionou como canal para ampliar as relações sociais tanto *online* quanto *offline*. Citaremos duas mensagens, uma fazendo menção à sociabilidade na rede através de *chats* escoteiros, outra buscando estabelecer relacionamento presencial entre escoteiros de diferentes GEs:

E ai Mulherada e Molecada. Como é que vai esta força? Meu nome é Wilson (Quem vai sempre no bate papo do Terra, na sala de escoteiros me conhece como Insano), sou Chefe Assistente de Alcatéia como Lobo Gris (O Irmão de Mowgli, aquele que o ajudou a matar Shere Khan, O Tigre Manco, lembram???) do Grupo Escoteiro Tropeiros de Sorocaba 149/SP. [...](entrada #28 do Mural de Visitas do GELAN: <http://www.livroe.com/cgi-bin/multi.pl?31068957670938:20:10>)

---

<sup>45</sup> Os desbravadores consistem em grupos de jovens da Igreja Adventista com propósitos e métodos bastante semelhantes aos utilizados pelos escoteiros.

Sou Chefe da Tropa Sênior Mista, do 032ºMG/GE “Vinício de Souza Mitre”, da cidade de Cláudio. Estou entrando em contato com vocês, para que juntos possamos fazer uma atividade conjunta no mês de novembro, de preferência no último final de semana. Sem mais para o momento, fica aqui o meu aperto de mão canhota, e um forte Sempre Alerta!!! (entrada #24 do Mural de Visitas do GELAN: <http://www.livroe.com/cgi-bin/multi.pl?31068957670938:20:10>)

O outro Grupo Escoteiro que, em seu *site*, explorou a sociabilidade foi o GEARPE. Fez isso através de um *link* denominado “Bate-Papo”, que referencia página na qual encontram-se instruções para uso do IRC:

O IRC é um tipo de protocolo da Internet, que lhe permite conversar com as pessoas de todo o Brasil [...]. Depois de conectado, você deve escolher um **canal** (sala) para ficar conversando sobre determinado tipo de assunto. O **#Escoteiros** é o nosso canal de conversas diversas, unindo Escoteiros, amigos, simpatizantes ou simplesmente curiosos. [...] (<http://www.gearpe.org/gearpe/batpapo7.htm>)

Além de explicar o uso do IRC, a página carrega automaticamente um aplicativo para uso da ferramenta, desde que o navegador utilizado pelo usuário suporte a linguagem JAVA. Desse modo, possibilita que o usuário se conecte no canal sugerido e inicie, imediatamente, sua participação em conversa *online*.

A análise dos *sites* escoteiros nos permitiu, por um lado, concluir que, em linhas gerais, o escoteiro da RMBH ainda faz uso incipiente da Internet no que se refere à produção de páginas sobre o Escotismo e sobre seu Grupo Escoteiro. No entanto, por outro lado, percebemos a existência de algumas tentativas no sentido de ampliar o uso da rede. Buscando esclarecer o alcance dessas tentativas e verificar que tipo de uso da Internet é feito pelos praticantes do Escotismo na RMBH, passamos à etapa seguinte da pesquisa, indo a campo para aplicação dos questionários.

## 7 ANÁLISE DESCRITIVA DOS QUESTIONÁRIOS

Neste capítulo estão apresentados os resultados obtidos com a aplicação dos questionários. O tratamento estatístico foi gerado a partir do software EpiInfo. A escolha desse software deveu-se tanto à facilidade de obtenção de versão *freeware* (EpiInfo 2000, disponível em [www.cdc.gov/epiinfo](http://www.cdc.gov/epiinfo)) quanto à facilidade de implementação e análise dos questionários em sua plataforma. Trata-se de software desenvolvido em Microsoft Visual Basic e em Microsoft C++, cujas bases de dados são geradas em Microsoft Access sendo, portanto, compatíveis com a maioria dos formatos de bases de dados para Windows. O software permite a criação de questionários próprios, para os quais são geradas as bases de dados específicas; em seguida, oferece a facilidade de entrada de dados através da resposta direta aos questionários elaborados, com interface amigável e, finalmente, permite a análise estatística dos dados através da construção de tabelas. Embora se trate de software estatístico especialmente criado para a área de saúde, pode ser utilizado em outras áreas graças às facilidades que oferece ao usuário, permitindo seu uso interativo para a criação de questionários, entrada de dados e análise estatística durante as pesquisas e investigações.

FIGURA 10 - Janelas para entrada de respostas aos questionários desenvolvidas no *software* EpiInfo.

As tabelas a seguir consolidam os resultados do tratamento estatístico que foram analisados à luz do referencial teórico desenvolvido nos capítulos iniciais da tese. Os

modelos dos questionários utilizados são apresentados entre os apêndices deste trabalho (APÊNDICE B e C).

## **Parte I - Identificação**

As TAB. 4 e 5 categorizam os 166 respondentes (116 jovens e 50 adultos) em cada um dos onze grupos escoteiros participantes da pesquisa.

De acordo com o critério de escolha da amostra, deveriam responder ao questionário 17 indivíduos por Grupo Escoteiro<sup>46</sup>, de ambos os sexos, sendo 12 jovens (4 escoteiros, 4 sêniores e 4 pioneiros) e 5 adultos (1 chefe de cada ramo – lobinho, escoteiro, sênior e pioneiro e 1 diretor). Caso houvesse dificuldade em se reunir tal conjunto de respondentes, o critério poderia ser flexibilizado nessa composição, desde que se respeitasse a condição de que todos os respondentes tivessem pelo menos um ano de atividades escoteiras, tempo mínimo pressuposto para significar vinculação com o Movimento Escoteiro para o problema a ser investigado, conforme Minayo (1994, p. 43) sugere que se defina a amostragem.

Como se pode constatar pela análise das TAB. 4 e 5, em seis GEs foi possível elencar os respondentes atendendo às especificações; nos outros cinco, não foi possível obter um conjunto de respondentes que atendessem a todas as condições solicitadas, o que explica a variação de número de respondentes por Grupo.

A pergunta 2 questionava a idade do entrevistado, ao passo que a pergunta 3 solicitava que ele indicasse o ramo no qual participa do Movimento. Para os membros juvenis, pode parecer redundante a classificação por idade e a classificação por ramo, já que o último fornece indicação acerca da faixa etária. No entanto, indivíduos em fase de transição entre ramos ficam melhor caracterizados por sua idade que pelo ramo a que pertencem.

---

<sup>46</sup> O total de membros efetivos (escoteiros e escotistas) nos Grupos Escoteiros pesquisados varia de 60 a 200, de acordo com a capacidade de gerenciamento dos dirigentes do GE. Diversos fatores justificam a variação na quantidade de participantes, entre os quais estão a localização geográfica do Grupo Escoteiro, o perfil sócio-econômico de seus membros e a quantidade de adultos voluntários para cargos de direção e chefia.

TABELA 4  
Respondentes do questionário aplicado  
aos jovens por GE

Identificação do Grupo	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
07 – Gearpe	12	10,3%
21 – Geman	12	10,3%
23 – Baleia	9	7,8%
34 – Uirapuru	10	8,6%
38 - Mateus Leme	6	5,2%
46 – Gelan	12	10,3%
52 – Dq. Caxias	10	8,6%
68 – Gerba	12	10,3%
83 – Geosc	12	10,3%
116 - Borba Gato	9	7,8%
139 - Nova Floresta	12	10,3%
<b>Total</b>	<b>116</b>	<b>100%</b>

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 1

TABELA 5  
Respondentes do questionário aplicado  
aos adultos por GE

Identificação do Grupo	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
07 - Gearpe	5	10,0%
21 - Geman	5	10,0%
23 - Baleia	7	14,0%
34 - Uirapuru	2	4,0%
38 - Mateus Leme	3	6,0%
46 - Gelan	5	10,0%
52 – Dq. Caxias	5	10,0%
68 - Gerba	5	10,0%
83 - Geosc	5	10,0%
116 - Borba Gato	3	6,0%
139 - Nova Floresta	5	10,0%
<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 1

O escotismo brasileiro considera que um integrante do Movimento deva passar do ramo escoteiro para o ramo sênior ao atingir os 15 anos de idade. No entanto, entre os respondentes ao questionário, três jovens de 14 anos já haviam sido transferidos para o ramo sênior, ao passo que dois de 15 anos ainda não haviam feito essa transição. Da mesma maneira, a idade de passagem do ramo sênior para o pioneiro é considerada os 18 anos. Observa-se, no entanto, a ocorrência de jovens de 18 e 19 anos ainda no ramo sênior, bem como outros, com mesma idade, já no ramo pioneiro. Isso é perfeitamente aceitável uma vez que a transferência de um ramo para outro depende não apenas do limite de idade, mas também de outros fatores como o grau de maturidade do indivíduo e a disponibilidade de vagas no ramo para o qual o indivíduo está sendo transferido no Grupo a que pertence.

Se, por um lado, o pertencimento a determinado ramo relaciona-se com a idade do membro juvenil, para o membro adulto não existe relação entre sua idade e ramo de atuação. Os membros adultos escolhem seu ramo de acordo com a adequação de seus perfis e também levando em conta a necessidade de pessoal no Grupo Escoteiro em que

atuam. As TAB. 6 a 9 demonstram a distribuição de idades e os ramos de atuação dos respondentes.

TABELA 6  
Distribuição dos respondentes  
jovens por idade

Idade	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
menor ou igual a 11	9	7,7%
de 12 a 14	46	39,6%
de 15 a 17	35	30,2%
de 18 a 20	24	20,7%
acima de 20	2	1,7%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 2.

TABELA 7  
Distribuição dos respondentes  
adultos por idade

Idade	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
menor ou igual a 20	4	8,0%
de 21 a 30	19	38,0%
de 31 a 40	10	20,0%
de 41 a 50	13	26,0%
acima de 50	4	8,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 2.

TABELA 8  
Distribuição dos jovens por ramo

Ramo	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
escoteiro	54	46,6%
sênior	40	34,5%
pioneiro	22	19,0%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 3.

TABELA 9  
Distribuição dos adultos por ramo

Ramo / Função	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
chefe lobinho	10	20,0%
chefe escoteiro	11	22,0%
chefe sênior	11	22,0%
chefe pioneiro	7	14,0%
dirigente	11	22,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 3.

A menor frequência de entrevistados, tanto adultos quanto jovens, do ramo pioneiro, demonstra em números uma realidade já conhecida dos escoteiros: a dificuldade em se manter um clã de pioneiros ativo. Dois fatores são comumente citados para justificar essa situação. Primeiro, o fato de que, a partir dos 18 anos de idade, o jovem passa a ter preocupações tais como vestibular e vida universitária ou vida profissional que o afastam do Movimento Escoteiro. Em segundo lugar, observa-se que, devido à carência de membros adultos voluntários para atuarem como chefes no Movimento Escoteiro, tão logo atinja a idade que permita a transição para o ramo pioneiro, o jovem é convidado a atuar como chefe nas demais seções, ao invés de assumir seu papel como pioneiro no clã.

No início da pesquisa, um dos critérios para a seleção dos integrantes do ME que responderiam ao questionário seria incluir, na amostra, igual número de componentes do sexo masculino e do sexo feminino. No entanto, a participação mais ativa de homens do que de mulheres no Movimento Escoteiro ficou explicitada pela resposta à pergunta de número 2, em que o entrevistado assinalava seu sexo. Observou-se, entre os membros juvenis, uma frequência de 67,2% de entrevistados do sexo masculino contra 32,8% do sexo feminino. A discrepância foi menor entre os membros adultos: 58% dos entrevistados eram homens e 42% mulheres. A menor parcela de mulheres que de homens pode ser reflexo da existência do Bandeirantismo, simultaneamente ao Escotismo. Muitas pessoas até hoje pensam que o Escotismo consiste-se em movimento exclusivo para rapazes e que o Bandeirantismo é o seu equivalente para moças. Na verdade, essa foi a sua origem. O Bandeirantismo foi concebido pela irmã de Baden-Powell, a seu pedido e, futuramente, mantido por sua esposa, como movimento que seguisse os mesmos princípios fundamentais do Escotismo, mas que pudesse ser praticado por moças. Na ocasião (1909/1910), a prática de atividades escoteiras pelas moças não foi bem aceita pela sociedade britânica, motivo pelo qual aquela organização recebeu nome completamente distinto, para que não se confundisse com a dos rapazes. No Brasil, o Bandeirantismo foi fundado em 1919, e atualmente é regido pela Fundação de Bandeirantes do Brasil (FBB). Embora seja embasado nos princípios do Movimento Escoteiro, o Bandeirantismo adquiriu feições próprias e constituiu Movimento à parte. Paralelamente, o Escotismo começou a aceitar a participação feminina, o que explica a coexistência de escoteiras e de bandeirantes. No entanto, a diferença entre essas duas organizações não é conhecida da maioria do público em geral.

TABELA 10  
Distribuição dos jovens por sexo

Sexo	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Feminino	38	32,8%
Masculino	78	67,2%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 4.

TABELA 11  
Distribuição dos adultos por sexo

Sexo	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Feminino	21	42,0%
Masculino	29	58,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 4.

Entre os objetivos da pergunta 5, que questionava o tempo de participação do entrevistado no Movimento Escoteiro, estão a busca da correlação desse tempo com outras variáveis. Os pressupostos iniciais eram os de que escoteiros mais antigos no Movimento possivelmente teriam participado de maior número de atividades (Jamboree, JOTA, JOTI) e possivelmente fariam mais acessos à Internet com propósitos relacionados ao Escotismo. No entanto, a confrontação das respostas a essa pergunta com as dadas às questões que verificam uso de Internet e participação em atividades não forneceu qualquer resultado que validasse nossos pressupostos. As TAB. 12 e 13 apresentam o tempo de Movimento dos entrevistados.

TABELA 12  
Distribuição dos jovens por tempo de participação no ME

Tempo de ME (em anos)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
1 a 5	95	81,9%
6 a 10	17	14,6%
11 a 15	4	3,5%
16 a 20	0	0,0%
21 a 25	0	0,0%
26 a 30	0	0,0%
31 a 35	0	0,0%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 5.

TABELA 13  
Distribuição dos adultos por tempo de participação no ME

Tempo de ME (em anos)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
1 a 5	18	36,0%
6 a 10	11	22,0%
11 a 15	12	24,0%
16 a 20	6	12,0%
21 a 25	1	2,0%
26 a 30	1	2,0%
31 a 35	1	2,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 5.

Como era de se esperar, encontrou-se uma relação inversa entre os dois grupos (adultos e jovens): por um lado, a maioria dos jovens possui no máximo 5 anos de participação no Movimento Escoteiro; ao contrário, a maioria dos adultos tem mais de 6 anos de Escotismo. A própria idade dos jovens participantes da pesquisa é razão para que sua maior concentração (81,9%) esteja na faixa de 1 a 5 anos. Conforme atesta a TAB. 6, 47,3% dos respondentes jovens possui idade inferior a 15 anos. São jovens que poderiam, no máximo, possuir 7 anos de atividades escoteiras, já que a idade mínima para ingresso no Movimento é de 7 anos. Os adultos distribuem-se melhor em relação ao seu tempo de participação no Movimento Escoteiro: embora apresentem 36% na faixa de 1 a 5 anos, nas faixas de 6 a 10 e de 11 a 15 anos apresentam porcentagens bem maiores que aquelas observadas entre os jovens.

As TAB. 14 e 15 apresentam as respostas à pergunta de número 6, que questionava acerca da escolaridade do indivíduo entrevistado.

TABELA 14  
Grau de escolarização dos  
respondentes jovens

Escolaridade	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
5ª série (fundamental)	13	11,4%
6ª série (fundamental)	13	11,4%
7ª série (fundamental)	15	13,2%
8ª série (fundamental)	24	21,1%
1º ano (ens. médio)	9	7,9%
2º ano (ens. médio)	13	11,4%
3º ano (ens. médio)	18	15,8%
faculdade	9	7,9%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 6.

TABELA 15  
Grau de escolarização dos  
respondentes adultos

Escolaridade	Freq. Absoluta	Freq. Relativa
fundamental completo	3	6,0%
médio completo	15	30,0%
graduação incompleta	16	32,0%
graduação completa	6	12,0%
pós-graduação	10	20,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 6.

Observou-se que a escolarização entre os jovens divide-se de modo homogêneo em relação às suas idades, indicando que a grande maioria dos moços respondentes ao questionário freqüentam as instituições de ensino formal regularmente. Isso também, de certa forma, era esperado. Sendo o Escotismo uma organização voltada para o ensino extra-curricular, é natural que seja procurado por aqueles que se preocupem com a educação e que, conseqüentemente, encontrem-se comprometidos com ela. Com relação aos adultos, por outro lado, verificou-se que apenas 32% deles possuem um curso universitário concluído. Isso reflete a realidade brasileira que propicia a uma parcela reduzida da população, ainda atualmente, oportunidade de prosseguir vida acadêmica.

A pergunta número 7 desta parte inicial do questionário, acerca do domínio de idiomas pelos integrantes do ME, é importante pelo fato de que o conhecimento de outros idiomas, em particular o inglês, pode influenciar tanto nas possibilidades de acesso e uso quanto na escolha de *sites* para navegação na Internet.

Entre os 116 membros juvenis que responderam ao questionário, 48 afirmaram falar pelo menos um idioma além do português, totalizando 41,4% dos respondentes; os

demais 68 jovens (58,6% do conjunto) afirmaram não falar qualquer outro idioma. A TAB. 16 mostra a incidência dos idiomas estrangeiros utilizados pelos entrevistados. Deve-se observar, em sua análise, que um respondente pode ter apontado mais de um idioma, motivo pelo qual o total de ocorrências de idiomas é superior a 48. Vale observar que o idioma citado em “outro” foi o japonês. As freqüências apresentadas na tabela correspondem ao percentual dos jovens respondentes que falam a língua em questão. Assim, dos 116 jovens, 42 falam inglês, correspondendo a 36,2% do conjunto.

Já em relação aos membros adultos, dos 50 entrevistados, 19 (38%) afirmaram fazer uso de outro idioma, ao passo que a maioria (62%) fala somente a língua nativa, ou seja, o português. A TAB. 17 apresenta a incidência dos idiomas utilizados pelos membros adultos participantes do questionário. Nesse caso, o idioma citado em “outro” foi o alemão.

TABELA 16  
Idiomas utilizados pelos jovens

Idioma	Quantidade de Ocorrências	Freqüência
inglês	42	36,2%
espanhol	17	14,7%
italiano	2	1,7%
francês	1	0,9%
outro	1	0,9%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 7.

TABELA 17  
Idiomas utilizados pelos adultos

Idioma	Quantidade de Ocorrências	Freqüência
espanhol	17	34,0%
inglês	16	32,0%
francês	2	4,0%
italiano	1	2,0%
outro	1	2,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 7.

O inglês, idioma mais freqüente nas interações que envolvem outra nacionalidade na Internet, é também o idioma mais utilizado pelos jovens (entre aqueles 48 que falam algum idioma estrangeiro, 42 (87,5%) falam o inglês). Já os adultos utilizam quase com a mesma freqüência o espanhol e o inglês (89% dos 19 que afirmam fazer uso de outro idioma utilizam o espanhol e 84% utilizam o inglês).

A última pergunta do item identificação do questionário procura aferir a classe econômica a que pertence o respondente, através da definição da faixa salarial familiar. Na fase de pré-testes, percebeu-se que os jovens desconhecem a renda familiar de seus pais, o que tornaria esse critério para classificação ineficaz no questionário aplicado aos

membros juvenis. Para esse caso, optou-se por substituir a faixa salarial por inventário de posse de bens.

A idéia de uma metodologia para aferir classe econômica baseada em posse de bens foi estabelecida, a partir de levantamentos sócio-econômicos de 1993 e 1997, pela Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) e pela Associação Nacional das Empresas de Pesquisa de Mercado (ANEP), com a participação da Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de mercado (ABIPEME), através da criação do Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB ou, simplesmente, Critério Brasil, como vem sendo chamado). Seu modelo, criado para segmentar a população brasileira em grandes categorias de acordo com sua capacidade de consumo, não segue padrões europeus ou norte-americanos. Nos Estados Unidos tradicionalmente segmenta-se a população pela sua renda. Já na Europa, onde a renda distribui-se melhor e já não discrimina tanto, usa-se mais o status ocupacional e a escolaridade como critérios de classificação. Diferentemente, face à instabilidade econômica do Brasil, esse critério utiliza sistema de pontuação baseado na posse de bens de consumo duráveis, instrução do chefe da família e outros fatores, como a presença de empregados domésticos (TAB. 18 e 19). A população brasileira foi estratificada em cinco classes, de acordo com a pontuação obtida, sendo que as duas de maior poder aquisitivo foram subdivididas (TAB. 20).

A TAB. 21 evidencia o relacionamento entre as cinco classes econômicas da TAB. 20 e renda familiar.

TABELA 18  
Pontuação aferida por posse de bens, conforme o Critério Brasil (CCEB)

Posse de Itens	Não tem	Tem 1	Tem 2	Tem 3	Tem 4 ou mais
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer	0	1	1	1	1

FONTE: ANEP: <http://www.anep.org.br/codigosguias/CCEB.pdf> Acesso em 20 out. 2004

TABELA 19  
Pontuação aferida por grau de instrução, conforme o Critério Brasil (CCEB)

Grau de instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto / Primário incompleto	0
Primário completo / Ginásial incompleto	1
Ginásial completo / Colegial incompleto	2
Colegial completo / Superior incompleto	3
Superior completo	5

FONTE: ANEP: <http://www.anep.org.br/codigosguias/CCEB.pdf> Acesso em 20 out. 2004

TABELA 20  
Classes Econômicas conforme o Critério Brasil (CCEB)

Classes	Pontos	Total Brasil (%)
A1	30-34	1
A2	25-29	5
B1	21-24	9
B2	17-20	14
C	11-16	36
D	6-10	31
E	0-5	4

FONTE: ANEP: <http://www.anep.org.br/codigosguias/CCEB.pdf>, dados com base no levantamento sócio-econômico do IBOPE em 2000. Acesso em 20 out. 2004

TABELA 21  
Correlação entre classe econômica calculada a partir do Critério Brasil (CCEB) e renda mensal

Classe	Renda mensal em salários mínimos
A1 e A2	30/+
B1	20 a 30
B2	10 a 20
C	5 a 10
D	2 a 5
E	até 2

FONTE: [www.indicadorgfk.com/por/biblioteca/textos/classificacao.htm](http://www.indicadorgfk.com/por/biblioteca/textos/classificacao.htm) Acesso em 10 mar. 2003

Embora seja o critério adotado na maioria das pesquisas de mercado contemporâneas, o CCEB vem sendo criticado por inúmeros pesquisadores, dada a sua inadequação à realidade brasileira e possível distorção dos resultados. Argumenta-se,

por exemplo, que o critério leva famílias grandes de nível econômico baixo a uma classificação alta, uma vez que soma todos os bens familiares. Por outro lado, indivíduos que moram sozinhos tendem a ficar colocados em classes inferiores àquela em que deveriam classificar-se, pelo fato de necessitarem de menos bens materiais.

Às críticas relacionadas à não inclusão de itens de consumo mais modernos, como o celular e o computador, responde-se que o critério deve ser estável. A inclusão desses itens poderia levar, ao longo dos anos, a que uma parcela da população viesse a mudar de classe não porque teria ficado mais rica, mas porque os produtos chegaram até elas pelo processo de popularização e conseqüente queda de preços que vêm sofrendo. No entanto, em 2000, incluiu-se no critério a pontuação por posse de DVD, como substituto do videocassete.

Como não tínhamos o objetivo de estabelecer um critério de classificação estável ao longo do tempo, optamos por adaptar o inventário de bens do Critério Brasil utilizando bens de consumo contemporâneos. Essa modificação também atendeu o objetivo de diminuir a quantidade de itens do modelo original, de modo a evitar que uma lista longa desvirtuasse os principais objetivos do questionário. Além disso, levando-se em consideração o fato de esta investigação não corresponder a uma pesquisa de mercado, buscamos uma classificação que fosse mais simplificada e estratificamos o poder aquisitivo dos indivíduos entrevistados em apenas três classes, a saber, alta, média e baixa.

Para os membros adultos utilizou-se como referência a correlação estabelecida pelo Critério Brasil entre a classe econômica e a renda mensal, com a seguinte segmentação: até 5 salários mínimos considerou-se classe baixa (correspondendo às classes D e E do Critério Brasil); de 5 a 10 salários mínimos, classe média (correspondendo à classe C do Critério Brasil); mais de 10 salários mínimos classe alta (equivalentes às classes A e B do Critério Brasil).

Para os membros juvenis foi atribuída pontuação conforme estabelecido na TAB. 22. A segmentação nas três classes econômicas se deu de acordo com a pontuação obtida: considerou-se pertencentes à classe alta aqueles que obtiveram pontuação de 9 a 12; à classe média, os que apresentaram pontuação entre 5 e 8; à classe baixa, os que tiveram pontuação inferior a 5 (de 0 a 4).

TABELA 22  
Pontuação aferida por posse de bens utilizada na pesquisa

Posse de Itens	Não tem	Tem 1	Tem 2	Tem 3	Tem 4 ou mais
Casa Própria	0	3	3	3	3
Carro	0	2	3	4	5
Computador	0	1	1	1	1
Telefone	0	1	1	1	1
Televisão	0	1	1	1	1
Celular	0	1	1	1	1

FONTE: Elaborada pela autora

Essa aferição de classes econômicas foi, da mesma forma que os questionários completos, submetida a pré-testes antes de sua aplicação definitiva. Os resultados não demonstraram qualquer espécie de inconsistência. Ao contrário, observou-se que a divisão em classes aqui proposta manteve coerência com aquela adotada pelo Critério Brasil (TAB. 23). Cumpre lembrar que nosso objetivo não é estabelecer classes econômicas para fins mercadológicos. Pretende-se unicamente obter uma segmentação simplificada dos indivíduos a fim de verificar se há relação entre sua participação em atividades escoteiras e a classe econômica a que pertencem e ou entre esta e uso da Internet.

TABELA 23  
Relacionamento entre o Critério Brasil e o critério utilizado na pesquisa

Critério Brasil			Critério Utilizado		
Classe	Renda (Salários Mínimos)	Pontuação	Classe	Renda (Salários Mínimos)	Pontuação
A	30/+	25-34	alta	10/+	9-12
B	10 a 30	17-24			
C	5 a 10	11-16	média	5 a 10	5-8
D	2 a 5	6-10	baixa	até 5	0-4
E	até 2	0-5			

FONTE: Elaborada pela autora

Dadas essas considerações, a análise dos questionários aplicados apresentou os seguintes resultados:

TABELA 24  
Distribuição dos jovens por  
classe econômica

Classe Econômica	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Alta	52	44,8%
Média	55	47,4%
Baixa	9	7,8%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 8.

TABELA 25  
Distribuição dos adultos por  
classe econômica

Classe Econômica	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Alta	18	36,0%
Média	23	46,0%
Baixa	9	18,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 8.

Cabe notar que, de acordo com a ANEP (TAB. 20), 29% da população brasileira enquadram-se entre as classes A e B; 36% classificam-se na classe C e 35% nas classes D e E. Comparando esses valores com os resultados apresentados nas TAB. 24 e 25, percebe-se que no Movimento Escoteiro ocorre a participação de pessoas com maior poder aquisitivo, visto que o percentual de escoteiros/escotistas classificados como pertencentes às classes alta (A e B) e média (C) é superior ao da população brasileira.

## Parte II – Internet

Entre os membros juvenis questionados, 85 (73%) utilizam a Internet e 31 (27%) não. Quanto aos membros adultos, 41 (82%) fazem uso dela e 9 (18%) não. As TAB. 26 e 27 apresentam a incidência do local de acesso entre os integrantes do Movimento Escoteiro usuários da Internet. Como um usuário pode acessar a rede de mais de um local, cabe lembrar que o somatório dos locais de uso deve ser superior à incidência de pessoas que navegam na rede. Entre os outros locais apontados, houve citações de “no trabalho do meu pai” e “na casa de parentes”.

TABELA 26  
Locais em que usuários jovens  
acessam a Internet

Local	Quantidade de Ocorrências
em casa	70
na casa de amigos	37
na escola	36
no trabalho	7
outros	7
no Grupo Escoteiro	0

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 9.1.

TABELA 27  
Locais em que usuários adultos  
acessam a Internet

Local	Quantidade de Ocorrências
em casa	26
no trabalho	20
na escola	10
na casa de amigos	4
outros	1
no Grupo Escoteiro	1

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 9.1.

Entre os respondentes que fazem uso da Internet, buscaram-se informações acerca de seu acesso a lista ou fórum de discussões relacionadas com o Escotismo, a *chats* cujo tema fosse o Escotismo, e a *sites* escoteiros. As TAB. 28 e 29 sintetizam os resultados obtidos:

TABELA 28  
Uso da Internet por jovens para fins  
relacionados ao Escotismo

Atividade	Freq. absoluta	Freq. relativa
Participa de lista ou fórum de discussão	4	4,7%
Utiliza <i>chat</i> escoteiro ( <i>online</i> )	13	15,3%
Visita <i>sites</i> escoteiros	48	56,5%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 9.2.

TABELA 29  
Uso da Internet por adultos para fins  
relacionados ao Escotismo

Atividade	Freq. absoluta	Freq. relativa
Participa de lista ou fórum de discussão	8	19,5%
Utiliza <i>chat</i> escoteiro ( <i>online</i> )	3	7,3%
Visita <i>sites</i> escoteiros	30	73,2%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 9.2.

Pela análise dos resultados das TAB. 28 e 29, observa-se que a maior incidência de uso da rede com propósitos escoteiros está relacionada à navegação em *sites* sobre o Escotismo. Isso indica uso da Internet mais freqüente com fins de busca de informação do que com objetivo de estabelecer relacionamentos sociais. Foram poucos os relatos de

uso de bate-papos (*chats*) e de participação em fóruns de discussão (listas e/ou grupos) – os *chats* (*online* em tempo real) são preferidos pelos moços e os fóruns de discussão, em que há troca de *e-mails*, pelos adultos. Das respostas abertas às perguntas 12 (se a Internet influencia a participação no ME e como) e 14 (se o entrevistado mantém contato com outros escoteiros e através de que meio de comunicação), comentadas adiante ainda neste capítulo, observou-se que a troca de mensagens eletrônicas (*e-mails*) particulares, sem intermédio de listas ou grupos, é uma forma de uso freqüente da Internet tanto entre os adultos quanto entre os jovens.

Percebeu-se, pelas respostas obtidas à pergunta 10 (se o Grupo possui página na Internet), que muitos dos entrevistados desconhecem a situação de seu GE. Há situações, em um mesmo Grupo, em que alguns membros afirmam categoricamente que o GE possui página na Internet, outros negam a existência de página, e outros ainda respondem que não sabem se o GE possui ou não página na Internet. Acredita-se que parte desse resultado deva-se, realmente, à ignorância do entrevistado. Por outro lado, pode ser que o Grupo possua até mesmo mais de uma página na Internet, não oficial, desenvolvida por algum de seus membros, e que não seja de conhecimento de todos os participantes. Isso explicaria, em parte, a inconsistência das respostas obtidas, que estão demonstradas nas TAB. 30 e 31.

Cabe aqui cotejar as conclusões derivadas do estudo dos cinco *sites* de GEs com os dados das TAB. 30 e 31. Entre os *sites* analisados, havíamos observado que o do GEARPE era o que apresentava maior grau de qualidade de acordo com os critérios de avaliação propostos. Seu conteúdo apontava a possibilidade de múltiplos autores, trazia tanto informações genéricas acerca do escotismo brasileiro, quanto específicas a respeito das atividades desenvolvidas pelos integrantes do GE, e contemplava, inclusive, um jornal de Grupo. O fato de o *site* do GEARPE ser conhecido por todos os seus integrantes que responderam ao questionário valida a tese de que seu desenvolvimento não partiu de iniciativa isolada e, sim, de projeto institucional.

Apesar de a maioria dos respondentes do GEMAN (8 jovens e 4 adultos) saberem que seu GE possui um *site* publicado na Internet, quatro indivíduos mostraram desconhecer essa situação e um afirmou justamente o oposto, que o GE não possui *site*.

Conforme nossa análise, o *site* do GEMAN encontrava-se desatualizado (apresentava calendário de atividades do ano de 1998) mas informava estar sendo reformulado.

A situação apresentada nas TAB. 30 e 31 com relação ao GELAN, ao BALEIA e ao GEOSC é indicativa de que o desenvolvimento de seus *sites* foi atitude isolada proposta por um ou mais integrantes do Grupo e não compartilhada.

TABELA 30  
Grupos que possuem página na Internet de acordo com os respondentes jovens

Grupo	não	não sei	sim	Total
07 - Gearpe	0	0	12	12
21 - Geman	1	3	8	12
23 - Baleia	2	4	3	9
34 - Uirapuru	4	4	2	10
38 - Mateus Leme	2	0	4	6
46 - Gelan	2	2	8	12
52 - Dq. Caxias	2	5	3	10
68 - Gerba	3	0	9	12
83 - Geosc	5	1	6	12
116 - Borba Gato	0	1	8	9
139 - Nova Floresta	0	0	12	12

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 10.

TABELA 31  
Grupos que possuem página na Internet de acordo com os respondentes adultos

Grupo	não	não sei	sim	Total
07 - Gearpe	0	0	5	5
21 - Geman	0	1	4	5
23 - Baleia	4	2	1	7
34 - Uirapuru	1	1	0	2
38 - Mateus Leme	0	0	3	3
46 - Gelan	4	0	1	5
52 - Dq. Caxias	0	0	5	5
68 - Gerba	1	3	1	5
83 - Geosc	2	2	1	5
116 - Borba Gato	0	0	3	3
139 - Nova Floresta	0	1	4	5

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 10.

As TAB. 32 e 33 respondem, do ponto de vista do juvenil e do adulto, ao questionamento acerca de a seção ou patrulha a que pertencem possuir página na Internet. Para esse caso, não foram detectadas inconsistências nas respostas. Provavelmente pelo fato de seção e patrulha serem universos mais restritos, o desenvolvimento de *sites* nesse âmbito, ainda que como iniciativa isolada de um partícipe, era conhecido por todos os demais. Observa-se que a incidência de *sites* desenvolvidos internamente às seções é pequena.

TABELA 32  
Seções que possuem página na Internet de acordo com os respondentes jovens

Sua seção ou patrulha possui página na Internet?	Freq. absoluta	Freq. relativa
não	89	76,7%
não sei	16	13,8%
sim	11	9,5%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 11.

TABELA 33  
Seções que possuem página na Internet de acordo com os respondentes adultos

Sua seção ou patrulha possui página na Internet?	Freq. absoluta	Freq. relativa
não	41	82,0%
não sei	6	12,0%
sim	3	6,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 11.

A última pergunta da segunda parte do questionário indagava se a Internet influenciava de alguma maneira a participação do entrevistado no Movimento Escoteiro e, em caso positivo, como e por que. Dos 116 membros juvenis entrevistados, 29 (25%) responderam positivamente à questão e dos 50 membros adultos, 23 (46%). Isso nos permite concluir que o percentual daqueles que acreditam que a Internet cause influências em sua participação no Escotismo é bastante superior entre os adultos.

As respostas abertas a essa última questão foram agrupadas em categorias, de acordo com seu teor. A categoria mais freqüente tanto entre os jovens quanto entre os adultos foi a que indicava o uso da Internet como forma de aquisição de informação e conhecimento sobre os fundamentos do Escotismo (princípios, método, organização interna, atividades, etc.). Entre os indivíduos que forneceram respostas classificadas nessa categoria, muitos ressaltaram a característica de rapidez propiciada pela Internet como veículo de informação.

A categoria sociabilidade via Internet ficou em segundo lugar de acordo com os jovens e em terceiro para os adultos. Razões mais comuns de uso da Internet com esse propósito foram “manter contato”, “manter amigos” ou “fazer novas amizades”. A comunicação de atividades e a busca de informações como avisos, preço e data de acampamentos foram classificadas na categoria divulgação. Depoimentos que sugeriram a comparação entre diferentes culturas e formas regionalizadas de aplicação do Escotismo foram incluídos na categoria identidade cultural (por exemplo, de acordo com um dos respondentes, “uso a Internet para facilitar o contato com culturas diferentes, conhecendo tradições e métodos escoteiros em outros grupos”).

As TAB. 34 e 35 arrolam a freqüência das respostas abertas à questão 12 em cada uma das categorias, de acordo com membros juvenis e com membros adultos.

TABELA 34  
Influência da Internet na  
participação dos jovens no Escotismo

Categoria	Quantidade de Ocorrências
informação e conhecimento	14
sociabilidade	10
divulgação	7
identidade cultural	6

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 12.

TABELA 35  
Influência da Internet na  
participação dos adultos no Escotismo

Categoria	Quantidade de Ocorrências
informação e conhecimento	14
divulgação	6
sociabilidade	4
identidade cultural	1

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 12.

### Parte III – Vida Escoteira

A pergunta de número 13 inicia a terceira parte do questionário e visa ao conhecimento da maneira pela qual o escoteiro tomou conhecimento do ME. Uma das opções de resposta era “através da Internet”. Dos 166 argüidos, nenhum escolheu essa opção, o que comprova que a Internet não vinha atuando, até o momento de aplicação dos questionários, como canal de publicidade externa do Escotismo. As TAB. 36 e 37 apresentam os resultados dessa questão. Dos trinta e sete que escolheram a opção “outros”, vinte e oito especificaram terem tomado conhecimento do Escotismo através de parentes, entre os quais os mais citados foram pais, irmãos e primos. Desses vinte e oito, oito eram membros adultos (e nesse caso alguns ingressaram no Movimento influenciados por seus filhos) e vinte membros juvenis.

TABELA 36  
Formas de contato inicial do  
jovem com o Escotismo

Como conheceu o ME	Freq. absoluta	Freq. relativa
através de amigos	81	69,8%
outros	24	20,7%
vendo escot. em atividade	7	6,0%
através da escola	3	2,6%
através de propaganda	1	0,9%
através da Internet	0	0,0%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 13.

TABELA 37  
Formas de contato inicial do  
adulto com o Escotismo

Como conheceu o ME	Freq. absoluta	Freq. relativa
através de amigos	27	54,0%
outros	13	26,0%
vendo escot. em atividade	7	14,0%
através de propaganda	2	4,0%
através da escola	1	2,0%
através da Internet	0	0,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 13.

O objetivo da questão 14 era saber se o participante do Escotismo mantinha contato com membros escoteiros de outros estados e/ou países e, em caso positivo, qual o meio de comunicação utilizado para esse contato. Dentre os 50 adultos, 14 (28%) mantêm contatos com outros membros; dos 116 membros juvenis, 28 (24%) também responderam afirmativamente. Entre aqueles 42 (14 adultos e 28 jovens) que mantêm contato com membros de outras localidades, foi questionado o meio de comunicação utilizado, o propósito de tal contato e de onde era o membro contatado. A maioria dos respondentes assinalou mais de um meio de comunicação para o estabelecimento de contatos. Da análise dos meios assinalados, constatou-se que a Internet vem sendo bastante utilizada para esse fim, principalmente no que tange à troca de e-mails entre os participantes. Outra observação em relação ao uso da Internet nos contatos interpessoais é a de que o uso de *chat* para esse fim é prática muito mais freqüente entre os jovens que entre os adultos. As TAB. 38 e 39 trazem os números que justificam essas observações. O propósito dos contatos normalmente pode ser classificado entre as cinco categorias seguintes: amizades e relacionamento (19 ocorrências); troca de informações, conhecimentos e/ou experiências (15 ocorrências); atualização cultural (03 ocorrências); conhecer novas pessoas (02 ocorrências); intercambiar atividades (01 ocorrência). Foram citados um total de 17 estados (CE, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PE, PI, PR, RJ, RN, RO, RS, SC, SP) e 8 diferentes países (Argentina, Bolívia, Chile, Estados Unidos, Itália, México, Portugal, Suécia) como locais de origem dos contatos estabelecidos.

TABELA 38  
Meios de comunicação utilizados no contato de jovens com escoteiros de outros estados/países

Meio de Comunicação	Ocor- rências
e-mail	17
cartas	15
chat utilizando linguagem escrita	13
telefone	8
rádio-amadorismo	0
chat utilizando fala	0
chat estabelecendo contato visual	0

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 14.

TABELA 39  
Meios de comunicação utilizados no contato de adultos com escoteiros de outros estados/países

Meio de Comunicação	Ocor- rências
e-mail	11
telefone	10
cartas	4
chat utilizando linguagem escrita	1
rádio-amadorismo	1
chat utilizando fala	0
chat estabelecendo contato visual	0

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 14.

Através das respostas às perguntas 15 e 16 procurou-se identificar que fontes seriam consultadas pelos integrantes do ME para solucionar um problema prático e outro teórico. Para os membros juvenis, o problema prático proposto foi a necessidade de aprender um novo nó; para os membros adultos, a necessidade de aplicar um novo jogo ou atividade para sua tropa. O problema teórico proposto foi o mesmo tanto para os membros jovens quanto para os adultos: pesquisar acerca da história do Escotismo no mundo. Observa-se que quando se trata de um problema de cunho prático (aprender um novo jogo ou um novo nó), a fonte de busca mais citada é o contato com outra pessoa (chefe, monitor ou colega). A consulta a livros é a segunda opção mais citada e a busca de informações em páginas na Internet aparece em terceiro lugar, tanto entre jovens quanto adultos. Já quando o problema tem caráter teórico (pesquisa acerca da história do Escotismo) ocorre, tanto do ponto de vista dos jovens quanto de acordo com as respostas dadas pelos adultos, uma inversão entre os três primeiros colocados: o livro é a opção mais citada, seguida de perto pela consulta a páginas na Internet. A busca de ajuda através de alguma pessoa (chefe, monitor ou colega) aparece apenas como terceira opção. Nota-se que quando a opção é a busca por informações escritas, tanto no aspecto prático quanto no teórico, a pesquisa em livros ainda sobrepõe-se à busca de dados no ambiente de rede.

TABELA 40  
Fontes de busca de informações acerca de novo nó a ser aprendido

Fonte	Freq. absoluta	Freq. relativa
Monitor, colega ou chefe	93	80,2%
Livro	18	15,5%
Página na Internet	4	3,4%
Outra solução	1	0,9%
Pessoa via Internet	0	0,0%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 15.

TABELA 41  
Fontes de busca de informações acerca de novo jogo/atividade a ser aplicado

Fonte	Freq. absoluta	Freq. relativa
Outro chefe	20	40,0%
Livro	16	32,0%
Página na Internet	10	20,0%
Outra solução	2	4,0%
Pessoa via Internet	2	4,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 15.

TABELA 42  
Fontes de busca de informações acerca pelos membros jovens acerca da história do Escotismo no mundo

Fonte	Freq. absoluta	Freq. relativa
Livro	44	37,9%
Páginas na Internet	39	33,6%
Monitor, colega ou chefe	29	25,0%
Pessoas via Internet	3	2,6%
Outras fontes	1	0,9%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: pergunta n. 16.

TABELA 43  
Fontes de busca de informações acerca pelos membros adultos acerca da história do Escotismo no mundo

Fonte	Freq. absoluta	Freq. relativa
Livro	25	50,0%
Páginas na Internet	15	30,0%
Colegas Escotistas	8	16,0%
Pessoas via Internet	2	4,0%
Outras fontes	0	0,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: pergunta n. 16.

Finalmente foi pesquisada a incidência de participação dos membros escoteiros (adultos e jovens) em três atividades escoteiras particulares: Jamboree, JOTA e JOTI. Conforme já dito, os Jamborees são acampamentos de grande porte que têm por objetivos confraternização e compartilhamento de informações e conhecimentos, através da aplicação das técnicas e métodos escoteiros num ambiente de acampamento. O JOTA (Jamboree On The Air) é uma atividade que preserva os objetivos do Jamboree, transferindo-os para o ambiente de interação via radio-amadorismo. Finalmente, o JOTI (Jamboree On The Internet) é a versão do JOTA transferida para a rede Internet.

TABELA 44  
Conhecimento e Participação Juvenil em  
Atividades Escoteiras

Atividade	Sabe o que é		Já participou	
Jamboree	104	89,6%	12	10,3%
JOTA	74	63,8%	29	25,0%
JOTI	46	0,40%	7	6,0%

FONTE: Questionários aplicados aos jovens em 2002: perguntas n. 17 a 19.

TABELA 45  
Conhecimento e Participação Adulta em  
Atividades Escoteiras

Atividade	Sabe o que é		Já participou	
Jamboree	49	98,0%	12	24,0%
JOTA	46	92,0%	18	36,0%
JOTI	36	72,0%	1	2,0%

FONTE: Questionários aplicados aos adultos em 2002: perguntas n. 17 a 19.

Analisando conjuntamente as respostas dadas pelos jovens e pelos adultos, observa-se que dos 166 respondentes, 153 (92,17%) sabem o que é um Jamboree, embora apenas 24 (15,69% daqueles que conhecem) tenham tido a oportunidade de participar de algum. O JOTA já é uma atividade conhecida apenas por 120 (72,29%) dos entrevistados e, desses, 47 (39,17% dos que conhecem) tiveram oportunidade de participar de pelo menos um JOTA. O JOTI, atividade mais recente (o primeiro Jamboree aconteceu em 1920, o primeiro JOTA em 1958 e o primeiro JOTI em 1997), é ainda pouco conhecido entre os escoteiros. Dos entrevistados, apenas 82 (49,40%) sabem o que é um JOTI e somente 8 (9,76% dos que conhecem) tiveram oportunidade de participar de um. Deve-se observar que os questionários foram aplicados antes da ocorrência dos JOTA e JOTI de 2002.

Portanto, das três modalidades de Jamborees, presencial (cuja participação é dificultada pelos custos e deslocamentos envolvidos), através do rádio e via Internet, aquela que tem obtido maior número de participantes é o JOTA, e uma das possíveis causas é seu fator lúdico, o caráter que possui de jogo e de competição. Tanto JOTA quanto JOTI objetivam confraternização. No entanto, ao JOTA, foi acrescentado um conjunto de tarefas a serem cumpridas para obtenção de pontos, e um esquema de premiação aos vencedores. Recentemente, o JOTI tem incluído também tarefas a serem realizadas ao longo do evento. No entanto, não existe pontuação associada ao seu cumprimento. As tarefas normalmente têm cunho social e sua execução relaciona-se ao princípio da boa-ação escoteira.

Na teoria, o Escotismo e, conseqüentemente, as atividades por ele promovidas, são voltados para os jovens, seus protagonistas. O papel dos adultos é considerado

secundário, associado à ação voluntária, visando à implementação apropriada da metodologia escoteira. Apesar disso, os dados das TAB. 44 e 45 mostram que, ao contrário do que era de se esperar, a frequência de participação dos jovens em Jamborees e em JOTAs tem sido inferior ao percentual de participação dos adultos. Justificativa plausível para essa constatação seria a de que grande parte dos adultos tenham sido, na juventude, escoteiros que, ainda jovens, teriam participado de tais atividades. Se essa possibilidade for descartada, só se pode concluir que a teoria não está sendo comprovada na prática, em que os efetivos protagonistas na participação de Jamboree e JOTA têm sido os adultos, em contradição à proposta do Escotismo. Por outro lado, o percentual de participação no JOTI (ainda que pequeno) é maior entre os jovens do que entre os adultos, ratificando a conclusão de que o jovem é protagonista no uso da Internet.

Por fim, foi feita uma análise que buscou investigar, para o caso dos membros juvenis, a relação entre classe econômica e uso da Internet e entre classe econômica e participação nas três atividades escoteiras supracitadas. Finalmente, comparamos a relação entre o poder aquisitivo do indivíduo, refletido em seu enquadramento nas classes econômicas alta, média e baixa, e o Grupo Escoteiro a que ele pertence. Entendemos, ao longo dessa análise, que as respostas dos jovens seriam mais representativas da realidade, uma vez que eles são os protagonistas do Movimento Escoteiro. Portanto, sua participação em atividades escoteiras se dá por interesse próprio, ao passo que os adultos que freqüentam essas atividades o fazem como facilitadores.

Considerando os membros juvenis, dos nove indivíduos que foram classificados como pertencentes à classe econômica baixa, temos que:

- 07 (77,8%) fazem uso da Internet e apenas 02 não;
- 03 (33,3%) afirmam que a Internet influencia sua participação no ME;
- 02 (22,2%) participaram de Jamboree
- 04 (44,4%) participaram de JOTA
- 01 (11,1%) participou de JOTI

Considerando os cinquenta e cinco membros juvenis que foram classificados como pertencentes à classe econômica média, observou-se que:

- 35 (63,3%) fazem uso da Internet e 20 não;
- 10 (18,2%) afirmam que a Internet influencia sua participação no ME;
- 04 (7,3%) participaram de Jamboree
- 12 (21,8%) participaram de JOTA
- 02 (3,6%) participaram de JOTI

Finalmente, dos cinquenta e dois membros juvenis que foram classificados como pertencentes à classe econômica alta, observou-se que:

- 43 (82,7%) fazem uso da Internet apenas 9 não;
- 16 (30,8%) afirmam que a Internet influencia sua participação no ME;
- 06 (11,5%) participaram de Jamboree
- 13 (25,0%) participaram de JOTA
- 04 (7,7%) participaram de JOTI

Dessas comparações conclui-se que, independentemente da classe econômica a que pertence, a grande maioria dos jovens faz uso da Internet. No entanto, menos da metade desses usuários da Internet acreditam que ela influencie sua participação no Movimento Escoteiro. Aqueles que crêem nisso, afirmam que a influência se dá através da pesquisa em *sites* escoteiros com fins de conhecer outros Grupos e as atividades por eles empreendidas, de buscar informações sobre atividades, e também através da troca de *e-mails* e participação em *chats* buscando fazer novas amizades, conhecer outros escoteiros e saber o que eles fazem. Já quanto aos eventos escoteiros, observa-se que a classe econômica a que pertencem não é fator limitador à participação dos jovens. Os dados mostram um percentual superior de participação dos indivíduos pertencentes à classe baixa tanto em Jamboree, quanto em JOTA e em JOTI. Por outro lado, a quantidade de indivíduos pertencentes a cada classe demonstra que, embora seus membros nem sempre admitam, o Escotismo tem sido atividade que favorece o ingresso de pessoas de maior poder aquisitivo.

A TAB. 46 nos mostra, ainda, que existem Grupos Escoteiros mais elitizados que outros (por exemplo o Gearpe recebe membros de classes mais altas ao passo que o Borba Gato recebe membros de classes mais baixas).

TABELA 46  
Classificação do Membro Juvenil por Grupo Escoteiro versus Classe Econômica

Grupo	Classe Alta		Classe Média		Classe Baixa	
07 - Gearpe	9	(75%)	3	(25%)	0	(0%)
21 - Geman	7	(58%)	3	(25%)	2	(17%)
23 - Baleia	4	(44,5%)	4	(44,5%)	1	(11%)
34 - Uirapuru	3	(30%)	5	(50%)	2	(20%)
38 - Mateus Leme	3	(50%)	3	(50%)	0	(0%)
46 - Gelan	5	(42%)	7	(58%)	0	(0%)
52 - Dq. Caxias	5	(50%)	4	(40%)	1	(10%)
68 - Gerba	2	(17%)	9	(75%)	1	(8%)
83 - Geosc	6	(50%)	6	(50%)	0	(0%)
116 - Borba Gato	0	(0%)	7	(78%)	2	(22%)
139 - Nova Floresta	8	(67%)	4	(33%)	0	(0%)
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>(45%)</b>	<b>55</b>	<b>(47%)</b>	<b>9</b>	<b>(8%)</b>

FONTE: Questionários aplicados em 2002

Finalmente conclui-se que a participação em Jamboree, JOTA e JOTI relaciona-se também com o Grupo Escoteiro a que pertencem os indivíduos. Observa-se, por exemplo, que, dos oito membros que participaram de JOTI, cinco pertenciam ao Grupo Escoteiro Uirapuru, um ao Gearpe (Grupo Escoteiro Padre Eustáquio), um ao Geman (Grupo Escoteiro Mangabeiras) e um ao Grupo Escoteiro Duque de Caxias; isto é, apenas quatro Grupos Escoteiros apresentaram integrantes envolvidos com JOTI até 2002. As TAB. 47 e 48 mostram os participantes de JOTA e de Jamboree por Grupo Escoteiro. Como se pode observar, o Gearpe e o Geman apresentam elevados índices de participação em JOTA e em Jamboree, ao passo que o Borba Gato e o Gerba apresentam índices bem baixos, e nenhum dos respondentes do Mateus Leme participou dessas atividades.

TABELA 47  
Participação juvenil em JOTA e em  
Jamboree, por Grupo Escoteiro

Grupo	Participantes em JOTA	Participantes em Jamboree
07 - Gearpe	7	4
21 - Geman	8	3
23 - Baleia	0	2
34 - Uirapuru	5	1
38 - Mateus Leme	0	0
46 - Gelan	4	0
52 - Dq. Caxias	0	0
68 - Gerba	0	1
83 - Geosc	1	0
116 - Borba Gato	2	0
139 - Nova Floresta	2	1
<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>12</b>

FONTE: Questionários aplicados em 2002

TABELA 48  
Participação adulta em JOTA e em Jamboree,  
por Grupo Escoteiro

Grupo	Participantes em JOTA	Participantes em Jamboree
07 - Gearpe	4	0
21 - Geman	3	2
23 - Baleia	2	1
34 - Uirapuru	2	0
38 - Mateus Leme	0	0
46 - Gelan	1	1
52 - Dq. Caxias	3	2
68 - Gerba	0	2
83 - Geosc	1	0
116 - Borba Gato	1	1
139 - Nova Floresta	1	3
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>12</b>

FONTE: Questionários aplicados em 2002

O tratamento dos dados coletados através da aplicação dos questionários, embora não nos tenha levado a conclusões absolutas, apontou algumas respostas às questões investigadas. Além disso, o emprego dos questionários nesta fase introdutória da pesquisa atingiu seu objetivo à medida que propiciou a elaboração de roteiro para os grupos focais.

## 8 ANÁLISE QUALITATIVA DA INVESTIGAÇÃO

No presente capítulo são apresentadas considerações acerca da lista de discussões escoteira de Belo Horizonte, avaliada ao longo de dois anos. O resultado advindo dessa avaliação é considerado qualitativo porque, embora tenham sido quantificadas algumas informações, como, por exemplo, o número de mensagens postadas por mês e por remetente, o principal ponto de análise foi o teor das mensagens posteriormente classificado e enquadrado nas categorias de pesquisa. As mesmas categorias são utilizadas na análise dos resultados das entrevistas de grupos focais, também apresentados ao longo deste capítulo.

Existem atualmente diversas listas e grupos de discussão acerca de Escotismo. Um exemplo é a lista Flor-de-Lis que, segundo seus criadores, não constitui lista de discussão, mas lista de distribuição de informações escoteiras, voltada mais aos membros adultos que aos membros juvenis. Ao se cadastrar como membro desse grupo de discussão, o usuário recebe mensagem que informa acerca dos objetivos e normas para participação:

Bem-vindo a lista Flor-de-Lis. Se você está recebendo esta mensagem, provavelmente você ou alguém de suas relações solicitou sua inclusão em nosso grupo.

Caso sua inclusão em nossa lista constitua algum problema, por favor nos comunique pelo e-mail [flordelis-owner@egroups.com](mailto:flordelis-owner@egroups.com), caso contrario seja bem-vindo. Abaixo algumas informações sobre "O que é a Flor-de-Lis":

Prezados Amigos,

Bem-vindos a lista "Flor-de-Lis". Seguem algumas considerações sobre esta lista:

### 1. O que esta lista tem de diferente?

"Flor de Lis" NÃO é uma lista de discussão, isso significa que você não terá aquelas infrutíferas discussões do tipo "traje x uniforme" ou "homossexualismo no Movimento Escoteiro".

"Flor-de-Lis" é uma lista de distribuição de informações escoteiras. Isso significa que só informações efetivamente relevantes serão publicadas. Você não será incomodado com informações sobre festas, piadinhas, musicas, comentários "OFF-Topic", Cross-posting e outros que atormentam todas as listas.

### 2. Então esta lista é moderada?

Sim

3. Isso quer dizer que eu não posso postar nada na lista?

Não, sua participação é muito bem-vinda desde que o conteúdo de sua mensagem esteja dentro dos objetivos da lista.

4. Essa é uma lista de pólo, distrito, área, grupo, regional ou algo assim?

Não, esta lista pode ser considerada "Supra-Nacional". Isso significa que os assuntos discutidos podem ser de abrangência mundial. Podemos discutir, por exemplo, os acampamentos da BSA (Boy Scouts of America - EUA) ou o modelo de gestão de recursos adultos no Canadá. Este posicionamento não significa que assuntos relacionados a UEB não podem ser abordados na lista, porém vale ressaltar que a lista não está subordinada a ela em nenhuma autarquia. É uma obra independente, não oficial ou autorizada pela UEB.

5. Essa é uma lista para membros juvenis?

A princípio não, a tendência dos assuntos é que os mesmos sejam de interesse de Escotistas e Dirigentes. Porém as inscrições de membros juvenis não serão indeferidas.

6. Porque eu devo ficar nesta lista?

O objetivo desta lista é que Escotistas e Dirigentes tenham um verdadeiro banco de dados com informações escoteiras. Consensos para Assuntos polêmicos serão encontrados de forma organizada e sem polarizações ou outras posturas não condizentes a Lei e promessa escoteira.

7. Posso convidar outras pessoas para participar desta lista?

Sim, qualquer um pode se inscrever enviando uma mensagem para [flordelis-subscribe@yahoogroups.com](mailto:flordelis-subscribe@yahoogroups.com)

8. Como posso mandar minha contribuição para a lista?

Contribuições podem ser enviadas para:  
[flordelis@yahoogroups.com](mailto:flordelis@yahoogroups.com)

9. Existe algum lugar com mais informações sobre a lista e os assuntos já discutidos?

Sim, a página da lista esta em <http://www.flordelis.cjb.net>

Bem, acho que é isso. Qualquer dúvida fico a sua disposição.

SAPS,

Lista Flor-de-Lis

O uso do Yahoo! Groups é sujeito aos termos de serviço contidos em <http://docs.yahoo.com/info/terms/>

(Mensagem recebida em 03 de junho de 2001 de flordelis Moderador [[flordelis-owner@yahoogrups.com](mailto:flordelis-owner@yahoogrups.com)] ).

É interessante observar que, como afirma o texto da mensagem de adesão, os documentos distribuídos pela lista são sujeitos a uma espécie de censura ou a um conjunto de restrições temáticas: “aqui você não terá aquelas infrutíferas discussões do tipo (...)”, “só informações efetivamente relevantes serão publicadas”, ou seja, a lista é moderada. Não há indicação, nessa mensagem, de quem é ou quem são os responsáveis pela moderação proposta, nem da maneira utilizada para implementar essa chamada moderação. Isso nos remete ao polêmico tema referente à censura, ao direito de acesso à informação, à liberdade de expressão e à divulgação de opiniões.

Por outro lado, nota-se também que os responsáveis por essa lista armazenam e disponibilizam para qualquer usuário cadastrado todo o conteúdo das mensagens que fizeram parte da lista de discussão, desde a data de sua instauração. Tais mensagens podem ser visualizadas de maneira ordenada pela data em que foram postadas ou agrupadas pelo assunto de que tratavam. Assim, o histórico completo das discussões levadas a termo fica armazenado em memória.

Outros, entre os inúmeros grupos e listas de discussão existentes acerca do Escotismo, são identificados pelos endereços: [Escotismo@listas.ntl.matrix.com.br](mailto:Escotismo@listas.ntl.matrix.com.br); [escoteiros@egroups.com](mailto:escoteiros@egroups.com); [ramosenior@egroups.com](mailto:ramosenior@egroups.com); [pios@yahoogroups.com](mailto:pios@yahoogroups.com). Normalmente, basta enviar uma mensagem identificada pelo termo *subscribe* acrescentado ao endereço, para cadastrar-se a esses grupos. Uma vez confirmado o cadastro, o usuário passa a receber qualquer mensagem postada para estes endereços, e se torna apto a enviar mensagens a todos os participantes inscritos, fazendo parte, assim, do grupo de discussão.

Durante o período de setembro de 2002 a setembro de 2004, estivemos inscritos na lista [escotismobh@yahoogrupos.com.br](mailto:escotismobh@yahoogrupos.com.br) (doravante referenciada por lista *escotismobh*), recebendo todas as mensagens ali postadas. Exceto pela mensagem que enviamos em set./2002, convidando os Grupos Escoteiros a participarem da primeira parte de nossa pesquisa de campo respondendo aos questionários, nossa participação foi passiva, isto é, não interferimos na lista em qualquer outro momento e nem contribuimos com o envio de qualquer outra mensagem. A lista *escotismobh* é definida como “a lista de discussão do Movimento Escoteiro do Distrito Metropolitano de Belo Horizonte”. Foi criada em 13 de agosto de 2002 e, em setembro de 2004 contava com

62 associados. Entre suas principais características estão o fato de que a associação de um participante precisa ser aprovada por um moderador, bem como toda e qualquer mensagem postada também precisa ser aprovada para que seja encaminhada aos associados. A esse respeito cabem duas observações. Primeira: o fato de associações e mensagens postadas serem intermediadas por um moderador gera atrasos na divulgação de informações. Alguns depoimentos, coletados de mensagens postadas na lista, atestam isso:

Prezados colegas, gostaria de me desculpar, pois por algum problema no servidor do yahoogroups, todas as msg's dos últimos dois meses não foram enviadas e somente agora ao enviar a msg do Afonso percebi isso (trecho de mensagem postada pelo moderador na lista escotismobh no dia 14/mai/03).

[...] estou me ingressando hoje nesta lista (depois de quase dois meses que eu fiz o pedido de ingresso. Sr. Moderador, vamos prestar mais atenção na lista!!) (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 15/mai/2003).

A comunicação está chegando atrasada, só recebi a informação do curso hoje (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 09/jun/2004, a respeito de curso cujas inscrições encerravam-se no próprio dia 09).

A segunda observação refere-se ao fato de, durante o período analisado, a lista ter ficado isenta de moderação durante quase dois meses. Isso se verifica com a leitura da seguinte mensagem, postada na lista pelo seu moderador:

Prezados Colegas, Desde o início de Dezembro a lista EscotismoBH está sem moderação, porém infelizmente a Lista Escotismo BH voltará a ser moderada. A função da moderação é basicamente duas: 1) Não repassar msg's do tipo spam, propaganda, trotes, e outros que não tenham ligação direta com o Movimento Escoteiro. 2) Eliminar possível vírus. (trecho de mensagem postada pelo moderador na lista escotismobh no dia 28/jan/2004).

A escolha da lista escotismobh como fonte de análise se deu pelo fato de termos delimitado nosso campo de pesquisa entre os Grupos Escoteiros da RMBH. Muito embora outras listas possam ser consideradas mais ricas em informações ou mais volumosas em relação à quantidade de mensagens postadas (por exemplo, no período estudado, 2760 mensagens circularam na lista Flor-de-Lis, e apenas 824 na

escotismobh), consideramos que o grupo escotismobh é o que melhor representa nosso campo de estudo, por ser a lista oficial na Internet do distrito metropolitano de Belo Horizonte. A tabela a seguir mostra a quantidade de mensagens postadas na lista durante o período estudado.

TABELA 49  
Distribuição mensal das mensagens postadas na lista escotismobh

	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
2002	-	-	-	-	-	-	-	-	64	32	28	8
2003	16	10	15	0	65	42	18	52	120	64	58	43
2004	30	24	44	20	10	18	10	11	22	-	-	-

FONTE: <http://br.groups.yahoo.com/group/escotismobh/> Acesso em 10 out. 2004

Cumprir notar a inatividade na lista, que perdurou do período de 1º de abril a 08 de maio de 2003. Esse intervalo coincide com os depoimentos (trechos de mensagens) de 14 e 15 de maio supracitados, atestando a falha no encaminhamento de mensagens.

Observa-se que, assim como a lista Flor-de-Lis, a escotismobh funciona muito mais como ambiente para divulgação de informes do que propriamente como lista de discussões. Isso foi estatisticamente analisado, através do controle das mensagens relacionadas a um mesmo assunto. Foram poucas as ocasiões em que tenha havido “reply” a alguma mensagem postada na lista, e não foi possível contar um número superior a quatro mensagens que se relacionassem com um mesmo assunto.

Em relação aos participantes na lista, há aqueles que aderiram a ela somente como leitores, outros que fizeram poucas intervenções e um pequeno grupo que monopoliza a maioria das mensagens postadas. Para garantir o anonimato dos participantes, embora tenha sido levantada a quantidade de mensagens postadas por remetentes, arrolando, inclusive, a que Grupo Escoteiro eles pertenciam, serão apresentados dados mais genéricos, que atendem às necessidades da presente pesquisa e preservam a identidade dos indivíduos estudados. A tabela a seguir demonstra a quantidade de participantes por volume de mensagens postadas. Observa-se que a grande maioria dos assinantes da lista (35 do total de 62) efetuou de uma a cinco

intervenções na lista e que 5 participantes permanecem no anonimato sem nunca terem enviado mensagens para a lista. Quem monopoliza a lista, tendo sido responsável pela postagem de 337 das 824 mensagens circulantes durante o período estudado, é seu próprio moderador.

TABELA 50  
Quantidade de assinantes da lista escotismobh por volume de mensagens postadas

Quantidade de mensagens	Quantidade de remetentes
0	05
1 a 5	35
6 a 10	10
11 a 15	06
16 a 20	01
21 a 30	01
31 a 40	01
41 a 50	01
51 a 100	01
acima de 100	01 (moderador)

FONTE: Elaborada pela autora tendo como referência as mensagens postadas para [escotismobh@yahoo.com.br](mailto:escotismobh@yahoo.com.br) no período de set/02 a set/04 e informações sobre a gerência da lista obtidas em <http://br.groups.yahoo.com/group/escotismobh/>. Acesso em 10 out. 2004

As mensagens postadas na lista foram subdivididas de acordo com seu conteúdo nas categorias dispostas na TAB. 51.

TABELA 51 Categorização das mensagens postadas na lista escotismobh

Categoria	Exemplos de assuntos	Quantidade de mensagens
Sociabilidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• convites para festas</li> <li>• tentativas de localizar indivíduos</li> <li>• intercâmbio de fotos</li> <li>• avisos de falecimento</li> <li>• felicitações por motivos diversos (Natal, aniversário, conquistas, etc.)</li> </ul>	189
Informação e Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• dados sobre etapas de formação escoteira</li> <li>• textos sobre educação relacionada aos princípios, propósitos e método escoteiros</li> </ul>	208
Identidade Cultural	<ul style="list-style-type: none"> <li>• informações acerca da simbologia escoteira (uniforme, sinais manuais, músicas, bandeiras, etc.)</li> <li>• mensagens acerca de cursos de formação de adultos (agentes multiplicadores da doutrina escoteira)</li> </ul>	203
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Divulgação e convite para participação em atividades escoteiras tais como acampamentos, assembléias, Jota, Joti, etc.</li> <li>• Cópias de artigos publicados em meios de comunicação impressos (jornais, revistas) ou eletrônicos (<i>sites</i>)</li> <li>• Sugestão de <i>links</i> que levam a <i>sites</i> sobre Escotismo</li> </ul>	208
Cidadania e Terceiro Setor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Convocação para participação em atividades de cunho social</li> </ul>	09

FONTE: Elaborada pela autora tendo como referência as mensagens postadas para [escotismobh@yahoogrupos.com.br](mailto:escotismobh@yahoogrupos.com.br) no período de set/02 a set/04

Sete mensagens não foram classificadas em nenhuma das categorias de pesquisa. São mensagens referentes a aspectos técnicos de gestão da própria lista, como aquela que informava que a lista voltaria a ser moderada, e a outra justificando o não envio de mensagens em razão de problema no servidor da lista.

Da mesma maneira que todas as mensagens da lista foram lidas e subdivididas nas categorias, para posterior análise, também os relatos colhidos das reuniões em

grupos focais foram transcritos, organizados e, utilizando o mesmo critério de classificação, separados nos conjuntos de categorias.

Foram cinco as reuniões em grupos focais, quatro presenciais e uma via Internet. Elas se realizaram ao longo dos meses de agosto a outubro de 2004. O primeiro grupo compunha-se de jovens do 34º GE Uirapuru, incluindo escoteiros, sêniores, pioneiros e chefes. O segundo foi constituído por jovens do 7º GE do Ar Padre Eustáquio (GEARPE), incluindo escoteiros e sêniores. Nesses dois casos o local das reuniões foi a sede dos próprios Grupos. Isso trouxe a vantagem de, por estarem em seus respectivos espaços, os participantes ficarem mais à vontade e exprimirem suas opiniões com maior naturalidade.

A escolha dos dois primeiros conjuntos pautou-se na disponibilidade e interesse demonstrados pelos seus integrantes em participarem do processo de pesquisa. Ao longo de toda ela, e não somente dessa última etapa, os componentes desses dois Grupos Escoteiros foram os que mais se mostraram acessíveis à pesquisadora. O GEARPE foi, conforme já apresentado, o único Grupo Escoteiro que manifestou-se quando do convite, enviado através de lista de discussão na Internet, para participar da aplicação dos questionários. Os integrantes do Uirapuru, além de participarem da pesquisa, se voluntariaram para efetuar os pré-testes dos questionários e para atuar como aplicadores dos mesmos. Cumpre esclarecer que os participantes do grupo focal no Uirapuru não foram as mesmas pessoas que auxiliaram na aplicação do questionário.

Como a composição dos dois primeiros grupos focais foi homogênea, no sentido de que os participantes pertenciam a um mesmo GE, buscou-se realizar duas outras reuniões em que os integrantes se originassem de diferentes GEs. A maior dificuldade para conseguir-se isso era combinar local e data acessíveis a todos. Aproveitamos a data de realização do 44º JOTA, quando militantes do Escotismo de diferentes Grupos da RMBH se reuniram num mesmo endereço, onde se estabeleceu uma base de radioamadorismo, para efetuar as outras duas reuniões. Em cada uma delas contamos com a participação de oito integrantes, numa composição que, além de envolver pessoas de ambos os sexos, incluiu membros escoteiros de todos os ramos, representando diferentes GEs.

Finalmente, contando com o auxílio de um escoteiro participante de um dos grupos focais, estabeleceu-se contato eletrônico com cinco outros integrantes do Movimento Escoteiro pertencentes a GEs da RMBH que se dispuseram a participar de uma reunião de grupo focal em ambiente virtual, fazendo uso do software MSN. Novamente formou-se um grupo heterogêneo, tanto no que concerne aos GEs de origem, quanto em relação ao sexo dos integrantes e ao seu ramo de participação no Escotismo. A diferença mais marcante entre essa reunião e as outras quatro foi o fato de, por ter sido eletronicamente mediada e não ter contado com aparatos multimídia (microfones ou câmeras), ela prescindir da interação visual entre os participantes. Bretas (2000, p. 63), ao estudar as interações entre jovens na Internet, bem lembrou que

Os atos comunicacionais, que ocupam dimensões expressivas e pragmáticas da experiência humana, não se constroem somente a partir de atos discursivos verbais, mas incorporam silêncios, atitudes e gestos, ações e omissões, proporcionando manifestações significativas e provocando transformações no comportamento ou nas formas de ver o mundo.

Não houve qualquer contato presencial com os participantes deste último grupo, cujas fisionomias permanecem inclusive desconhecidas para a pesquisadora. O que se observou no desenrolar do debate virtual, no entanto, é que os usuários desse tipo de mídia têm encontrado maneiras de expressar sentimentos e impressões, seja através de expressões mnemônicas (“hehehe”, “blargh”, etc.), ou do envio de pequenas imagens, os *emoticons* (rosthinhos pré-elaborados imitando feições e expressões relacionadas a determinadas reações humanas como vergonha, agrado, descontentamento, irritação, entre outras, conforme apresentado no QUADRO 4).

As seções que compõem este capítulo destinam-se a apresentar, conjuntamente, a análise dos relatos colhidos dos grupos focais e das mensagens postadas na lista escotismobh, agrupados em cada categoria da pesquisa: sociabilidade; informação e conhecimento; identidade cultural; divulgação; cidadania e Terceiro Setor.

## Sociabilidade

A maioria dos pesquisadores que estudam acerca do impacto da Internet na comunidade concorda que a rede atua modificando a dinâmica das relações sociais. A discrepância começa a surgir quando se discute a natureza e extensão de tais mudanças. Enquanto uma corrente de estudiosos defende o ponto de vista de que a Internet é fenômeno que enfraquece os laços sociais porque, ao nela imergir, o indivíduo passa a negligenciar familiares, amigos, vizinhos, enfim, as pessoas com quem se relacionava, outro grupo defende justamente o oposto. Advoga que a Internet fortalece os laços sociais porque propicia um meio a mais de se estabelecer contato com os membros da comunidade.

Aqueles que imputam à Internet um caráter de negatividade no que tange às relações sociais, ao comparar a comunicação *online* e *offline* afirmam que esta última traz mais vantagens, tanto em termos do engajamento social quanto nos dos benefícios psicológicos. Fundamentam suas afirmações através de pesquisas que comprovam que a comunicação *online* além de ser menos interativa que as promovidas face-a-face ou via telefone, propicia menos informação contextual por unidade de tempo. Demonstram ainda que relacionamentos *online* estabelecem-se de modo mais lento e são mais frágeis que aqueles desenvolvidos ou mantidos de formas mais tradicionais (CUMMINGS, BUTLER e KRAUT, 2002; PARKS e ROBERTS, 1998).

Kraut e seus colegas de pesquisa (KRAUT et al., 1998; KRAUT et al., 2002) vêm estudando a influência do uso da Internet nos relacionamentos sociais desde 1995. Esses autores criticam a maioria das conclusões sobre o impacto social da Internet pelo fato de elas se basearem em pesquisas que comparam usuários e não-usuários da rede, um universo de pesquisa que apresenta vieses já em sua conformação, uma vez que esses indivíduos diferem em atributos como atitudes, valores e estilo de vida. Por isso, propõem-se a comparar duas classes de usuários da Internet – aqueles que fazem pouco uso dela e os que a utilizam com muita frequência. Além disso, a pesquisa deles propõe-se a ser longitudinal, medindo os efeitos da Internet ao longo do tempo, sobre o mesmo grupo de indivíduos, buscando assim um controle natural das diferenças pré-existentes. Na publicação de 1998, os autores apresentaram os efeitos negativos do uso da Internet no envolvimento social e no bem-estar psicológico dos usuários avaliados no período de

1995-1996. Porém, após acompanhar os respondentes de sua pesquisa ao longo de mais três anos, concluíram, em publicação de 2002, que os efeitos negativos haviam se dissipado ao longo do tempo. Segundo eles, “se o impacto social do uso da Internet vai ser positivo ou negativo depende tanto da qualidade dos relacionamentos *online* quanto daquilo de que as pessoas abrem mão para despende tempo *online*” (KRAUT et al., 2002, p. 50)<sup>47</sup>.

O que os depoimentos colhidos nesta fase da pesquisa demonstram é que, ao invés de ser vista ou como fenômeno que fortalece ou, ao contrário, que destrói o conceito de sociabilidade, a Internet tem se tornado uma nova mídia completamente integrada ao cotidiano da maioria dos escoteiros, que conciliam de modo bastante satisfatório, atividades *online* e *offline*.

Segundo Wellman, Boase e Chen (2002, p.154), as mudanças nos meios de transporte e de comunicação têm apontado para um novo conceito de comunidade em que os relacionamentos não precisam mais limitar-se a fronteiras espaciais. Para eles, a Internet adiciona um novo meio de comunicação ao telefone e ao contato face-a-face, meio esse que tem se mostrado, muitas vezes, mais conveniente e mais barato. É o que atestam os relatos abaixo:

[...] a questão é, lá em casa, né, a minha mãe puxou o fio do telefone. Então, na Internet fica mais fácil (relato em grupo focal).

Na Internet é mais fácil porque, à vezes cê tá aqui e a pessoa lá de Brasília, por exemplo, cê conversa com o cara normal. (relato em grupo focal).

Segundo os escoteiros, os contatos face-a-face e telefônicos continuam, mas foram complementados por aqueles via Internet. Seus depoimentos demonstram que os jovens vêm fazendo uso da Internet, também, como forma de travar conhecimento com outros escoteiros. Citam ter sido “apresentados” na rede a outras pessoas, por amigos comuns e, a partir daí, ter estabelecido contatos – na maioria das vezes via ICQ ou MSN, softwares que permitem conversa em tempo real – com pessoas que ainda não tiveram oportunidade de conhecer pessoalmente. Descrevem, muitas vezes, amizades

---

<sup>47</sup> Original em inglês.

desse tipo com escoteiros de outros estados. Assim, aflora a já referenciada comunidade sem fronteiras espaciais. Seus relatos sugerem que os escoteiros usuários constantes da Internet tornaram-se indivíduos “glocais”, isto é, envolvidos tanto em relacionamentos locais, presencial e virtualmente, quanto em relacionamentos a longas distâncias.

Quando comparam os dois softwares por eles apontados, os entrevistados preferem MSN, que permite conversas simultâneas com grupos maiores, característica não contemplada pelo ICQ, que só permite a conversa aos pares:

É muito doido. Já teve vez de conversar cinco escoteiros ao mesmo tempo (relato em grupo focal a respeito de conversa *online* via MSN).

Ambos os softwares tornaram-se populares com o advento da Internet em banda larga. A banda larga tem a vantagem de oferecer maiores velocidades e custos fixos, independentemente do período de tempo de utilização do serviço. Isso permite que o computador, uma vez ligado, permaneça automaticamente conectado à Internet. Por sua vez, tanto o MSN quanto o ICQ têm a propriedade de, tão logo o usuário se conecte à rede, mostrar a sua presença para todos os seus amigos virtuais (outros usuários que o tenham cadastrado em suas listas de contato). Assim, os escoteiros ligam seus computadores e ficam navegando em páginas na Internet até que um de seus amigos virtuais apareça e um convida o outro para uma conversa. Eles podem manter várias conversas entre pares simultaneamente, cada uma em uma janela. Aliás, isso é prática comum entre eles, que alternam de uma janela à outra enquanto seu interlocutor está digitando sua mensagem.

Observa-se, ao longo do período em que se estendeu esta pesquisa, uma mudança no perfil do usuário da Internet. Os questionários aplicados em 2002 apontavam maior incidência de uso da rede para acesso a *sites* escoteiros, e um número bem reduzido de acessos à Internet como canal de comunicação e sociabilização. As reuniões em grupos focais realizadas dois anos depois já atestam que o uso mais expressivo da rede passou a ser a manutenção de conversas *online*. As salas de bate-papo oferecidas por provedores de acesso à Internet e os canais de IRC (*Internet Relay Chat*) são formas de comunicação *online* raramente usadas pelos entrevistados. Também as listas de discussão na Internet sobre assuntos escoteiros são conhecidas apenas por cerca de 50% dos entrevistados. No entanto, 90% deles afirmaram manter,

com frequência, conversas *online* via ICQ ou MSN. Desses, todos fazem navegação na WWW em busca de *sites* escoteiros, mas a frequência desse tipo de uso é muito inferior à da conversa *online*.

Também foi citada a participação escoteira no *orkut*, uma comunidade virtual que conecta indivíduos em rede implementando um espaço de encontros *online*, em que as pessoas podem sociabilizar-se e encontrar outras, que compartilhem interesses comuns:

Tem... a gente fez semana passada lá no *orkut* sabe, é tipo uma comunidade do escoteiro, e o pessoal vai entrando lá, devagarinho, né? Aí a gente vai discutir lá na comunidade, lá (relato em grupo focal).

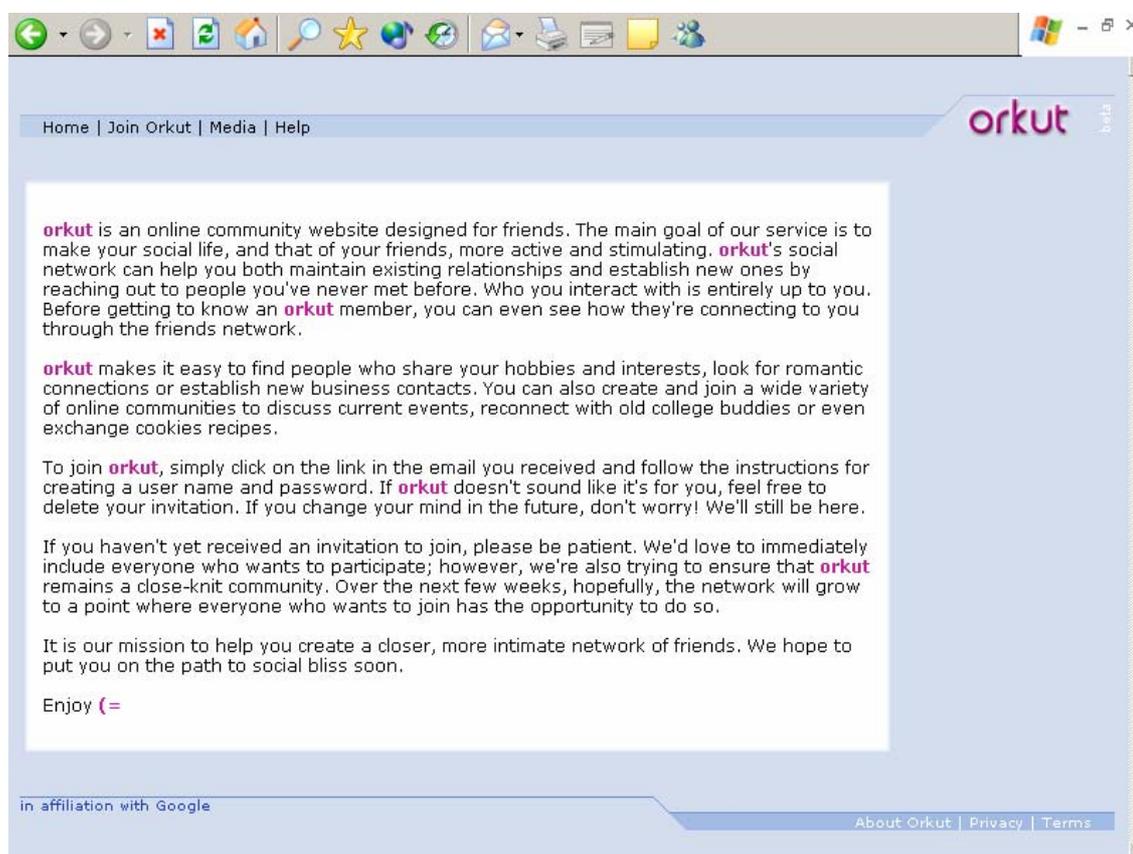


FIGURA 11 - *Orkut* – Uma comunidade virtual na Internet

FONTE: <http://www.orkut.com/About.aspx> Acesso em 08 jan. 2005

Outra tecnologia de informação citada pelos entrevistados é o telefone celular. Surpreendentemente, seu uso foi ressaltado não como meio de comunicação para

conversas telefônicas mas, sim, para o envio de mensagens (apelidadas de torpedos, principalmente se enviadas para mais de um usuário), considerado outra forma barata de comunicação entre a comunidade escoteira.

Tb tem aquele recurso de msg pelo celular, neh. Assunto rapido assim, manda um torpedo, blz... (relato em grupo focal *online*).

A lista escotismobh também tem contribuído para manutenção das relações sociais entre militantes do Escotismo. Funcionando como canal de comunicação “de um para muitos”, isto é, em que um emissor envia mensagem para um grupo de receptores, serve, por exemplo, para envio de convites para festas ou mensagens de felicitações. Vejamos alguns exemplos:

Prezados Companheiros do Escotismo da Grande BH, o 21 está confirmando seu tradicional Arraiá do 21, no o sábado, 07/06, das 18 às 23 h, no Parque das Mangabeiras, junto à sua Sede. Recomendamos um bom agasalho, além do quentão! A oportunidade é muito boa para rever os amigos do ME numa boa roda de prosa, saboreando umas delícias da roça... (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 15/mai/2003).

Alô meus cumpadres e minhas cumadres, fechando as festividades de Junho, nós vamo realizá o Arraiá do Riscando o 7, a festa junina do GeAr Padre Eustáquio. Será neste sábado, dia 28 de junho, a partir das 18:00 horas, na sede do Grupo Escoteiro... (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 26/mai/2003).

Bom dia pessoal! Alguém tem o telefone do LEO do 39 Santo Agostinho? (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 03/dez/2003).

Boa noite pessoal! Antes que o dia se acabe, quero parabenizar a todas as lobinhas, escoteiras, guias, pioneiras, escotistas, ou seja, a todas as mulheres que compõem este nosso grandioso Movimento Escoteiro. Sem vocês, com certeza, o movimento e o mundo inteiro não seria tão belo, bonito, feliz e saudável. O dia da mulher é todo dia, mas hoje, 08 de março é um dia ainda mais especial (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 08/mar/2004).

Conclui-se, portanto, que a Internet tem influenciado as relações sociais entre militantes escoteiros, quer seja se apresentando como mais um canal de comunicação, quer seja se constituindo em novo ambiente para estabelecimento de relações sociais –

um ambiente no qual não existem distâncias nem limites geográficos. Nesse sentido, o conceito de comunidade deixa de ser aquele de um grupo de pessoas em torno de uma vizinhança e a comunidade escoteira não se define mais como conjunto de escoteiros pertencentes a um Grupo Escoteiro ou a um distrito escoteiro. Passa a ser entendida como rede social em que as conexões interpessoais garantem sociabilidade, informação, identidade sócio-cultural e sentimento de pertencimento. A comunidade extrapola as fronteiras físicas e envolve membros conectados em uma rede social via Internet. Resumindo, os efeitos da Internet na sociedade tendem a intensificar a transformação interpessoal de grupos comunitários locais para redes sociais globais.

### **Informação e Conhecimento**

Os entrevistados em grupos focais entram em consenso quanto à capacidade da Internet de atuar como meio para se disponibilizar informação e conhecimento acerca dos princípios e propósitos do Movimento Escoteiro. No entanto, os debates trouxeram à tona discussões acerca do significado dos termos informação e conhecimento, sobre a questão da cópia de conteúdos, sobre o volume de informações disponibilizadas, sobre a possibilidade de acesso à informação via Internet (fazendo referência à exclusão social) e, também, acerca de outros modos de transmissão de informações.

Ao discutir a distinção entre informação e conhecimento na Internet, um dos grupos chegou à seguinte conclusão: “o que você coloca é o seu conhecimento e o que você lê é que é informação”. Os componentes desse grupo parecem acreditar que o desenvolvedor de um *site* só pode colocar dados que façam parte de seu repertório de conhecimentos. Isso demonstra o fechamento do ciclo comunicação-informação-conhecimento (FIG. 12) uma vez que:

- o que é comunicado tem origem no conhecimento e
- a informação (“o que você lê”) se origina daquilo que é comunicado (está disponível na Internet).

Nota-se que o ciclo proposto pelos participantes deste grupo focal corroborou o apresentado por Marteleto (1998, p. 78) e adaptado para esta pesquisa no capítulo 2 desta tese (FIG. 6).

Outro grupo reportou ao conceito de conhecimento como resultado de um processo de alteração do estado cognitivo do indivíduo:

A informação, ela está lá, em lista e tal. O conhecimento é uma coisa que você adquire após usufruir daquelas informações. Você tem que pegar a informação e transformar em conhecimento (relato em grupo focal).

Reunindo as conclusões advindas desses dois grupos, temos todos os processos (correspondendo às setas na FIG. 12) do ciclo por eles proposto elucidados:

- ① Um usuário colhe informação a partir dos dados comunicados através dos *sites*.
- ② Ao usufruir da informação, transforma-a em conhecimento.
- ③ Por sua vez, o desenvolvedor comunica seus conhecimentos dispondo-os em páginas na Internet.

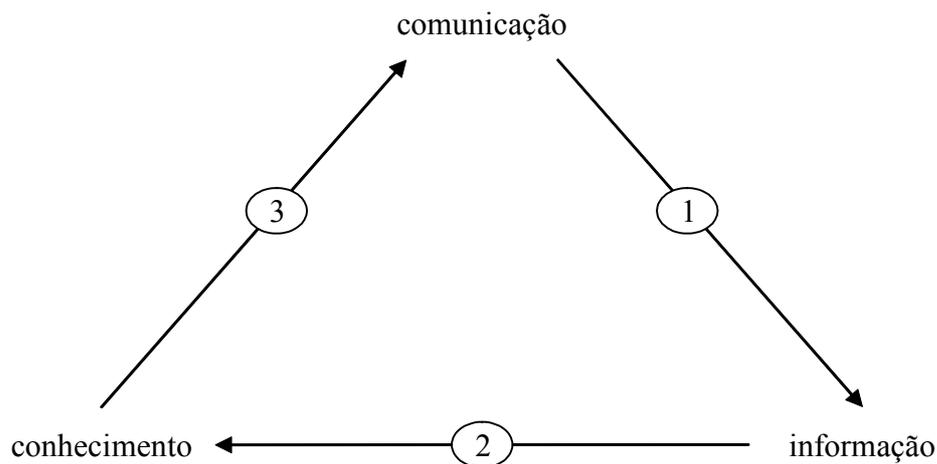


FIGURA 12 - Processos que compõem o ciclo comunicação-informação-conhecimento  
 FONTE: Elaborada pela autora com base em Marteleto (1998, p. 78) e nos relatos em grupo focal

Todos os grupos fizeram comentários acerca da confiabilidade dos *sites* e da prática de cópia de conteúdos. A maioria dos escoteiros afirmou utilizar a Internet como fonte de pesquisa, seja para adquirir conhecimentos sobre Escotismo, seja para efetuar trabalhos escolares. Em relação ao Escotismo, as informações mais procuradas na Internet são a respeito da história do Movimento e de seu fundador, e daquilo a que eles chamavam de adestramento, e hoje denominam capacitação. São consideradas

informações úteis para capacitação, de acordo com os depoimentos, explicações e figuras de como elaborar nós e amarras, dicas de como efetuar primeiros socorros, explicações sobre o uso da bússola, figuras de diferentes tipos de fogueiras, entre outras. Os escoteiros têm um sistema de capacitação baseado em etapas a serem cumpridas para a obtenção de distintivos de mérito, etapas essas que englobam a comprovação de terem adquirido conhecimentos de práticas mateiras, e é isso que eles buscam na Internet. Demonstaram, no entanto, preocupação acerca da validade e credibilidade das informações obtidas nesse ambiente:

Assim... é que de vez em quando você pode pegar uma informação mentirosa, uma coisa desse tipo e isso atrapalha... (relato em grupo focal).

Além disso, queixam-se da grande repetição de informações encontradas, devido à prática da cópia. Citam o recurso “copiar e colar” dos editores de textos e hipertextos que, com um único clique de mouse, permitem que um texto selecionado seja inteiramente transferido para outro documento na rede. Durante o grupo focal virtual, um escotista chegou a apresentar um exemplo. Entrou num site de busca, localizou a página de um Grupo Escoteiro qualquer e escolheu, aleatoriamente, uma frase contida na página: “O Escotismo complementa a escola e a família, através de atividades que, muitas vezes, não são realizadas nestes dois ambientes”. Voltou à ferramenta de busca e solicitou que fossem localizados sites que contivessem exatamente a mesma frase. Encontrou quatro (<http://orbita.starmedia.com/escoteiros/projetoed.htm>, [www.ueb-sp.org.br/oquefaze.htm](http://www.ueb-sp.org.br/oquefaze.htm), <http://www.mundo.art.br/php/phpnuke/html/modules.php?name=News&file=article&sid=27> e <http://www.gema.org.br/nuke/modules.php?name=News&file=article&sid=82>) e enviou-nos, via MSN (o software permite, também, o envio de arquivos, fotos e figuras) duas delas, apresentadas na FIG. 13.

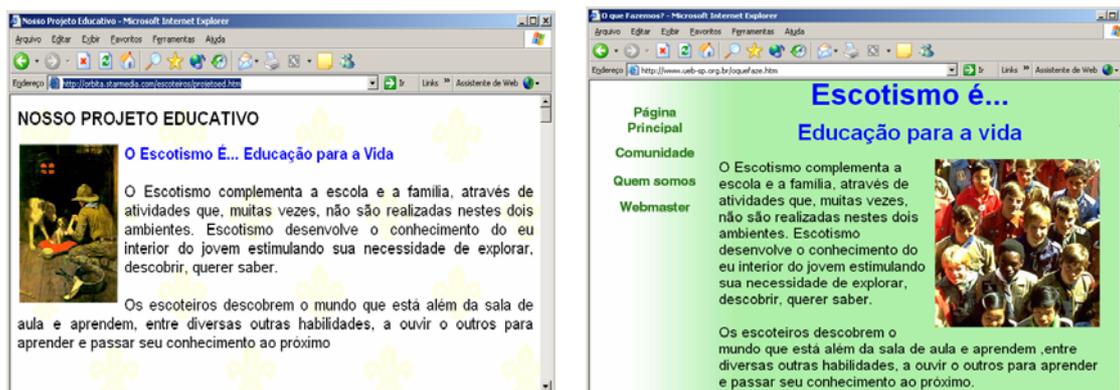


FIGURA 13 - *Sites* escoteiros com mesmo conteúdo textual

FONTE: <http://orbita.starmedia.com/escoteiros/projetoed.htm> e [www.ueb-sp.org.br/oquefaze.htm](http://www.ueb-sp.org.br/oquefaze.htm)  
Acesso em 12 nov. 2004

Em pesquisa posterior navegando em *sites* escoteiros, percebemos que o texto contido nessas páginas (em uma delas um indivíduo chega a assumir a autoria!) nada mais é que uma tradução da definição de Escotismo conforme apresentada no *site* oficial da WOSM<sup>48</sup>, por nós visitado em novembro de 2004 (FIG. 14).

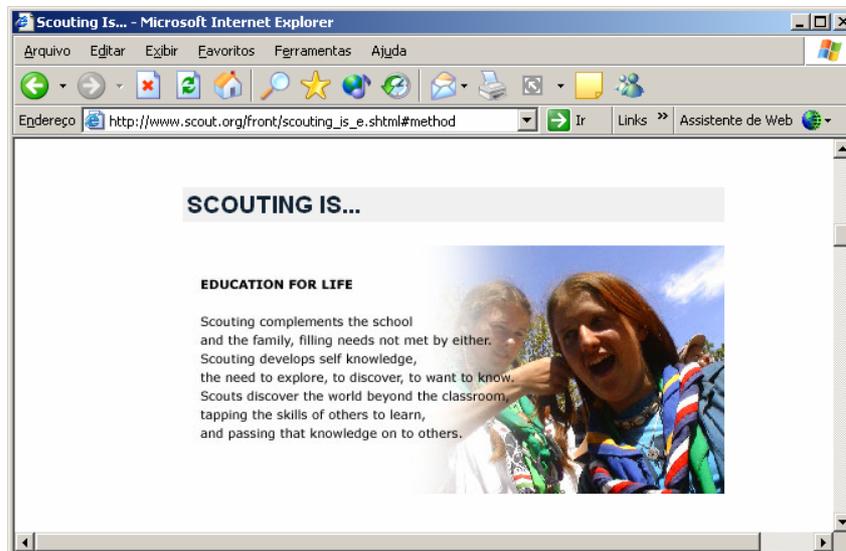


FIGURA 14 - Definição de Escotismo segundo a WOSM

FONTE: [http://www.scout.org/front/scouting\\_is\\_e.shtml#method](http://www.scout.org/front/scouting_is_e.shtml#method) Acesso em 12 nov. 2004

<sup>48</sup> [http://www.scout.org/front/scouting\\_is\\_e.shtml](http://www.scout.org/front/scouting_is_e.shtml)

Os participantes dos grupos focais presenciais também apresentaram vários relatos de cópia na Internet:

Tem muito *site* igual. Muito *site* igual, falando a história, as mesmas coisas que tá no guia. Copiado de lá. Muito *site* igual, contando a mesma coisa, as mesmas notas, até copiaram de outro *site* igual, lá... (relato em grupo focal).

É sabe, um *site* novo que acabou de existir é um tiquinho de cada *site* (relato em grupo focal).

Ainda com relação à cópia, alguns escoteiros fizeram uma crítica a si mesmos quando, por mais de uma vez, apresentaram a observação de que a cópia não se restringe à repetição de páginas na Internet, mas é algo que eles também praticam quando precisam elaborar algum trabalho escolar/acadêmico de pesquisa. Apontaram, como facilitadores para a prática de cópia de conteúdo, além dos recursos de software que permitem o “copiar-colar”, a falta de conhecimento das leis de direito autoral e o grande volume de informações na rede. Em relação ao aspecto legal, selecionamos o seguinte depoimento:

O autor que não conhece seus direitos. Por que se a pessoa que criou aquilo ali, ela quiser reclamar os direitos autorais dela, ela tem direito sim, é crime. Igual cê num pode xerocar um livro sem a autorização do autor (relato em grupo focal).

O elevado volume de informações na Internet foi comentado não só como item que propicia o processo de cópia, mas também como um problema na hora de selecionar a informação desejada. Os mecanismos de busca foram criticados por retornarem um elevado número de respostas sem relevância. Uma discussão se travou acerca de como melhor utilizar tais mecanismos. A escolha criteriosa da expressão-chave a ser utilizada na busca foi a solução encontrada.

– ... por exemplo eu fui procurar sobre a águia. Aí eu entrei “águia”, aí entrou lá num frigorífico Águia.

– É... entendeu. Aí tem que por “ave águia”... tem que ir aproveitando as características no computador (trecho extraído de discussão em grupo focal).

No caso específico dessa discussão, o rapaz que propôs o problema de encontrar os dados sobre a águia acabou se irritando com a solução proposta pelo companheiro.

Usando de ironia, respondeu que, nesse caso, teria de usar como chave para a busca a expressão “águia, três metros de asa, cauda..., etc.”, situação em que não haveria mais necessidade de efetuar a pesquisa, pois para informar a chave de busca já foi necessário recolher todas as informações desejadas acerca do animal. Portanto, a melhor solução, no seu ponto de vista, é fazer a pesquisa usando uma enciclopédia.

O grupo não chegou a um consenso: enquanto uns achavam melhor fazer busca na Internet, outros consideraram a referência bibliográfica uma fonte muito mais válida para suas pesquisas. Isso porque, através do livro, o usuário tem certeza de a quem atribuir a autoria do texto, o que lhe permite melhor aferir a veracidade das informações.

Outro grupo, ao enveredar pela discussão sobre o uso da informação eletrônica ou impressa como fonte de pesquisa, acabou optando por uma terceira solução: a história oral. Consideraram que, para aprender sobre Escotismo, a melhor alternativa é ouvir o chefe, pois ele, além de transmitir as informações, é capaz de agregar a ela valores como o misticismo, a fantasia, a comicidade. E, além do mais, trata-se de alguém em quem se pode confiar.

– E também... o chefe pode fazer uma fantasia, pode mostrar como é... eu acho muito mais divertido, entendeu? Cê pode... cê fica imaginando... cê escuta o cara. Num vai ficar lá, parado, lendo umas coisas toda sem graça.

– E o chefe, também, é muito mais importante porque ali cê tá com uma pessoa que você gosta.

– Que você confia.

– É sempre bom. Lá na Internet, tá ali no computador, lendo um texto que cê nem sabe quem escreveu. O chefe é um amigo seu.

– E outro cara que contou pro chefe, que vai contando, e vai você vai, passa, e vai passando a história que pode ser a verdadeira.

– Ou... não.

– É... Muito provável que seja a verdadeira.

– Eu acho muito mais sem graça fazer pesquisa na Internet.

– Eu acho que do livro, eu acho que tem um... pode ser verdade.

– Pelo menos tem mais chance de você descobrir se é verdade ou não porque tá lá o autor. E na Internet nem sempre.

– Muitas vezes tem, mas tem texto que aparece lá do nada.

– Mas mesmo sendo mentira, eu acho que tem muito mais graça... eu acho muito mais legal ouvir uma mentira do chefe do que da Internet (risos)

– Do que ficar lendo lá o negócio.

- É interessante ouvir do chefe.
- O chefe fala tudo de uma maneira engraçada.
- É, tem chefes. (trecho extraído de discussão em grupo focal).

Isso demonstra que, em pleno século XXI, quando se vive a era da tecnologia da informação, ainda se dá muito valor à mais antiga forma de transmissão de informações: a oralidade. O fato narrado e ouvido parece ser mais saboroso e interessante que o lido num livro ou através da Internet. E ainda tem a vantagem de ser acessível a todos.

Outro ponto colocado em discussão foi exatamente o da exclusão informacional, quer dizer, da possibilidade ou não de acesso às novas tecnologias da informação por todos os indivíduos, independentemente de sua classe social. Ao contrário do que imaginávamos, os escoteiros acreditam que hoje não exista exclusão social em relação ao acesso à Internet. Para eles, havendo interesse, encontra-se sempre um meio de acessar a rede. Depende muito mais da auto-iniciativa do que da situação sócio-econômica. Eles sugerem o uso de “*lan-houses*”, casas que oferecem acesso à rede cobrando uma taxa por hora de acesso, que normalmente gira em torno de dois reais, e informam que a biblioteca pública de Belo Horizonte oferece, gratuitamente, acesso a Internet para realização de pesquisas.

Há que se observar, no entanto, que nenhum dos GEs da RMBH oferece acesso à Internet aos seus integrantes. Na verdade, bem poucos são os Grupos que possuem computador e, entre esses, nenhum com conexão à rede. Isso talvez explique a baixa popularidade do JOTI entre os escoteiros da cidade. Concebido como atividade anual que promove o intercâmbio entre os escoteiros de todo o globo através da Internet e que, hipoteticamente, congregaria grande número de envolvidos por apresentar baixo custo de participação, o JOTI não tem, nos últimos anos, conquistado muitos adeptos da RMBH. Prova disso é que, dentre os 166 respondentes aos questionários aplicados na primeira fase de nossa pesquisa, apenas oito haviam participado de algum JOTI. Além disso, conforme divulgado na lista escotismobh, em 2004, a participação no JOTA limitou-se a duas bases de radioamadorismo (visitadas por cerca de 150 escoteiros) e, no JOTI, que aconteceu na mesma data, a apenas uma base conectada à Internet. Concluimos, portanto, que no ambiente escoteiro o ideal da não-exclusão informacional/digital permanece ainda no plano da utopia, ao contrário do que crêem seus integrantes.

## Identidade Cultural

Uma das características que, durante a pesquisa, chamou a atenção em relação ao Movimento Escoteiro, foi sua capacidade de rápida adequação a diferentes contextos sócio-culturais. Nesse sentido, ressalta-se não somente a velocidade de sua implantação ao redor do mundo, em países com culturas distintas, como também sua adaptação e sobrevivência no próprio Brasil, em todas as regiões, independentemente das facetas culturais que as distinguem, como também independentemente da época.

Nascimento (2004, p. 132-133), em dissertação de mestrado em que analisa a trajetória do Escotismo no Brasil no período de 1910 a 1945, ressalta que:

No período estudado, ficou evidente a capacidade do Movimento adaptar-se aos projetos educacionais de setores com ideologias diferentes. Exemplo disso é a proximidade do Escotismo com os católicos e com os renovadores da educação. Estes dois grupos tinham propostas opostas em relação ao tipo de formação a ser oferecida nas escolas, no entanto o Escotismo agradava a ambos. Os católicos, interessados na formação moral cristã oferecida pelo Movimento, e os escolanovistas, interessados no método psicopedagógico que guiava a formação escoteira.

Cabe aqui nos reportarmos ao conceito de *habitus* de Bourdieu. Esse sociólogo francês acredita que o mundo tende a se reproduzir infinitamente, a menos que ocorra algum evento que interrompa o processo de reprodução. Isso fica bastante claro em *A Reprodução* (BOURDIEU e PASSERON, 1975), em que os autores analisam o sistema de ensino francês e os esquemas de reprodução da sociedade de classes francesa. Para que tal reprodução aconteça contribui o conceito de *habitus*, uma forma de disposição a determinada prática de grupo ou classe. “Funcionando na prática como um esquema de percepção e ação, adquirido pela história social de cada um, é forma pela qual uma cultura é corporificada no indivíduo, sendo ao mesmo tempo o processo e o resultado de um aprendizado” (MARTELETO, 1995, p.21).

Assim, ao estar inserido em um campo social, o indivíduo incorpora dele as principais características e valores culturais, sociais, econômicos, etc. Ao pertencer ao Movimento Escoteiro, o indivíduo terá seu *habitus* composto pelas percepções que tem de seu campo social aliadas às percepções adquiridas dos princípios e propósitos daquele Movimento. Tenderá, conseqüentemente, a reproduzir as características do

Movimento, incluindo nelas suas percepções advindas do campo social em que esteja inserido. Portanto, o Escotismo tende a reproduzir-se, não de forma estanque, guardando sempre as mesmas características (apesar da rigidez dos princípios e caráter militarista observado em sua formação), mas de modo a incluir valores próprios pertinentes ao local e época em que se encontra. Esse fato é completamente coerente com o ciclo informacional que defendemos ao longo desse trabalho (FIG. 6), em que comunicação gera informação que, por sua vez leva ao conhecimento e ao desenvolvimento. O modo de disseminação do Escotismo deu-se, historicamente, através da comunicação do método escoteiro por pessoas que com ele mantiveram algum contato. Aliando a informação recebida aos valores culturais e sociais da época, atores sociais garantiram que o Escotismo se disseminasse rapidamente, propiciando o desenvolvimento de um Movimento que garantisse os princípios e métodos originais aliados aos valores locais. A esse processo, ARAÚJO e LIMA (2000, p. 164) dão o nome de regionalismo promovido pela identidade cultural:

[...] compreendemos que a identidade cultural é uma relação/processo de reconhecimento que o sujeito social realiza ao viver numa cultura e assume como algo próprio, os valores/elementos característicos de uma determinada cultura, ou seja, é a forma como os sujeitos sociais incorporam e expressam elementos da cultura dos grupos do qual fazem parte. Este processo de geração de identidades pode ser caracterizado também como um processo de geração de regionalismos, ou seja, geração de formas específicas de se viver a cultura a partir de diferentes experiências vivenciadas por grupos sociais que habitam diferentes espaços geográficos e históricos.

Em seu modo de ver, os escoteiros e escotistas participantes dos grupos focais, atestam isso:

Igual o Escotismo? Escotismo eu não considero igual. O Escotismo tem uma diretriz única mas... isso tá mexendo com pessoas, as pessoas são diferentes. São pessoas diferentes, então cada pessoa interpreta aquilo de um jeito. Aqui a gente tem muito disso. O nosso grupo é de um jeito, o Baleia é de outro. Eles praticam é quase... é quase um Escotismo diferente, sabe? O modo de fazer. Tipo... a gente dá... são os mesmos preceitos, tudo, leis, tudo, mas eles fazem o Escotismo de uma maneira diferente, uma forma mais dura, sabe, mais rígida. Não tô criticando eles, é o jeito deles (relato em grupo focal).

Mas é tudo uma questão cultural. Eu não acredito que lá na Inglaterra se pratique Escotismo da mesma forma que aqui. Até porque o clima

lá é diferente, eles vão fazer as mesmas coisas que nós fazemos aqui?  
Não (relato em grupo focal).

O objetivo é igual, mas o uniforme, o modo de..., as conquistas, acho que isso pode ser diferente. Mas tudo tem o mesmo rumo. Foi criado pela mesma pessoa (relato em grupo focal).

Por outro lado, ao criticar o sistema de ensino francês, Bourdieu e Passeron (1975, p.19-75) fazem referência ao uso da violência simbólica. Para os autores, essa violência é presente nas salas de aula de duas maneiras distintas e complementares: através do conteúdo da mensagem que é transmitida e através de uma relação pedagógica que faz uso do autoritarismo. Os autores classificam a escola como parte do conjunto de instituições que zelam pela estratificação social. Segundo eles, o sistema simbólico, ou a cultura, é arbitrário e é, também, uma construção social que não se imbuí, a princípio, de qualquer reflexão filosófica. Tal fato pode ser constatado pela diversidade de perspectivas e interpretações sobre as mesmas realidades em diferentes culturas. Fazendo uso da chamada violência simbólica, a escola – ou a educação formal – consegue impor as significações que lhe são convenientes como legítimas, fazendo valer, desse modo, o sistema simbólico que lhe é oportuno, aquele das classes dominantes. Assim, o processo de transmissão cultural efetuado pelas instituições de educação formal é considerado violento, e é conduzido por uma autoridade considerada desnecessária. Esse processo, chamado de ação pedagógica, é ainda duradouro o suficiente para garantir a formação de um *hábito*. O conceito de *habitus* é, portanto, aqui retomado, como forma de interiorização do sistema simbólico em que o indivíduo apreende de tal maneira as regras que a sociedade produz, que as torna parte integrante da sua pessoa.

Ao impor e inculcar universalmente (nos limites de seu âmbito) uma cultura dominante assim constituída em cultura *nacional legítima*, o sistema escolar, particularmente através do ensino da história e, especialmente, da história da literatura, inculca os fundamentos de uma verdadeira “religião cívica” e, mais precisamente, os pressupostos fundamentais da imagem (nacional) de si (BOURDIEU, 1996, p. 106).

Enquanto instituição de educação informal, o Movimento Escoteiro pretende, também, fazer valer o seu sistema de símbolos. No entanto, ao invés de fazer uso da

violência simbólica de forma explícita, em que o líder garante sua autoridade através do uso de sanções ou processos avaliativos, como na educação formal, o líder do Escotismo (na figura do chefe escoteiro) é visto como o “irmão mais velho”. Ele conquista sua autoridade ao invés de impô-la. E o seu método de ensino, ao invés de se pautar na transmissão de mensagens, compõe-se de um conjunto de atividades lúdicas e prazerosas, bem como na técnica do “aprender fazendo”. Para Bourdieu, o sucesso da imposição do sistema simbólico reside no fato de esta imposição se efetuar sem que seja percebida. Nas palavras do autor, “a violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la.” (BOURDIEU, 1997, p.22). Está claro, pelos depoimentos dos escoteiros nos grupos focais, que eles ignoram que esteja ocorrendo, dentro do método escoteiro, qualquer forma de imposição de valores, cultura ou sistema de símbolos, embora a ocorrência de tal imposição seja exatamente o que, no ponto de vista da autora desta tese, fundamentada nos depoimentos colhidos, garante o sucesso e perpetuação do Movimento.

Eu acho que talvez daí que venham as regras que o Leonardo falou, porque assim, não são regras fixas e rígidas. Ninguém é obrigado a honrar com sua palavra, ninguém é obrigado a ser cortês. Eu acho que assim, é, a partir do momento que você fez uma promessa e a partir do momento que você promete aquilo mesmo, uma coisa opcional, você tá prometendo também cumprir com aquilo. E a gente tenta trabalhar isso em cima das leis, em cima da promessa, essas regras que ele falou que são valores, também, de respeito ao próximo. A questão do respeito à sua pátria. Então, isso aí... (relato em grupo focal).

Faz a promessa mas não impõe, não é uma imposição direta pra ele (relato em grupo focal).

No Escotismo, a violência simbólica estaria inculcada na promessa e na lei escoteira. Um aspirante só é considerado um escoteiro ao efetuar um juramento, sua promessa, situação em que espontaneamente (conforme acreditam os praticantes do Escotismo) o indivíduo se compromete a cumprir deveres relacionados a Deus e à pátria (sistemas simbólicos religiosos, nacionalistas e sócio-culturais) bem como a seguir os artigos da lei do escoteiro (sistema simbólico próprio do Escotismo). O que acontece nesse instante é exatamente a internalização dos valores da sociedade em que se insere

bem como a aceitação dos valores do Escotismo. Essa é a condição necessária para que, usando termos de Bourdieu, os *atores sociais* se integrem ao *campo social* delimitado pelo Movimento Escoteiro. “Bourdieu afirma que para o ator social tentar ocupar um espaço é necessário que ele conheça as regras do jogo dentro do campo social e que esteja disposto a lutar (jogar)” (AZEVEDO, 2003, p.1)<sup>49</sup>.

Ainda em relação à rápida propagação do Escotismo no Brasil, Nascimento (2004, p. 93) apresenta um ponto importante em seu trabalho. Ele demonstra a similaridade dos valores (sistema simbólico) do Escotismo com os propósitos dos movimentos nacionalistas das décadas de 1930 e 1940. “Nossa tese é de que o Escotismo gerou grande simpatia nos grupos nacionalistas, em função da possibilidade de, por meio de sua doutrina, formar uma geração de indivíduos integrados à Nação”, aponta o autor. Ressalta o apoio que o Escotismo recebeu por parte do Estado, enquanto lhe era conveniente, de maneiras diversas, tais como através da instituição do Escotismo escolar, isto é, da implantação de Grupos Escoteiros dentro das escolas, ou ainda através do estabelecimento de vínculo legal entre a União dos Escoteiros do Brasil e a Juventude Brasileira, “órgão estatal responsável pela formação cívico-patriótica da infância e juventude brasileira” (NASCIMENTO, 2004, p.9).

O autor conclui seu trabalho demonstrando que no Brasil os preceitos do Movimento Escoteiro estabeleceram-se e enraizaram-se na época por ele estudada (1910 a 1945) e que, recentemente, “o Movimento não goza do mesmo prestígio de outrora, ainda que tenha se tornado uma referência na memória coletiva brasileira” (ibidem, p. 133). Justifica sua conclusão através do fato de que a lei proposta pelo deputado Dalmo Ribeiro Silva (MINAS GERAIS, 2000), com o objetivo de incentivar a educação escoteira nas escolas públicas estaduais, não tenha sido efetivamente regulamentada. Os depoimentos colhidos ao longo de nossa pesquisa também atestam a perda de prestígio do Escotismo:

[...] tem gente que acha que não existe mais, então... Outro dia pararam... não lembro quem que tava me contando que pararam na rua e perguntaram se ainda existe escoteiro[...] (relato em grupo focal).

---

<sup>49</sup> <http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm>

Olha, foi quinta-feira lá no distrito, uma chefe tava falando que o menino dela ficou muito chateado porque... na escola surgiu algum assunto sobre Movimento Escoteiro e ele virou e falou assim ‘eu sou escoteiro’. Aí o professor virou e falou assim ‘Mas escoteiro não existe mais não, meu filho’. Aí, quer dizer, ele [o menino] não existe, né? (relato em grupo focal).

No ano passado, no final do ano passado, eu tava fazendo um curso no Instituto de Educação e, durante... sobre escola informal, levantou-se tipos de educação informal e eu falei do Movimento Escoteiro. A maioria do pessoal não sabia o que era, já tinha ouvido falar que existia escoteiro, ou conhecia Huguinho, Zezinho e Luizinho<sup>50</sup>. Então nós fomos até a escola e... nós fizemos uma palestra falando e divulgando o Movimento Escoteiro (relato em grupo focal).

Para Bourdieu, o conceito de *habitus* contribui para a reprodução de um campo social na medida em que

uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes [...]. O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas (Bourdieu, 1996, p. 21-22).

A questão aqui proposta é: de que forma a Internet influencia esses processos de escolhas ou de estabelecimento de campos sociais? A partir do momento em que a rede propicia a quebra de fronteiras geográficas, temos que o indivíduo inserido na Internet – seu novo espaço de sociabilidade – não está mais delimitado por um campo social de valores comuns. Conforme apontam Araújo e Lima (2000, p. 167), “a inquietação surge da percepção de que tais tecnologias parecem por em perigo o conjunto de valores e normas que, tradicionalmente, fundamentam e dão coerência a nossa experiência de vida”. Elas afirmam, ainda, que

outro fato importante sobre as novas tecnologias de informação é que elas não parecem estar enraizadas numa experiência cultural concreta. São dispositivos que ultrapassam o âmbito da nossa experiência cultural e da experiência da nossa comunidade de enraizamento,

---

<sup>50</sup> Referência aos personagens de Walt Disney, sobrinhos do Pato Donald, que praticam Escotismo (Nota nossa).

passando a funcionar numa escala planetária (ARAÚJO e LIMA, 2000, p. 169).

Concordamos com as autoras – e já afirmamos isso ao apresentar nossas conclusões acerca da categoria sociabilidade – que, no espaço das relações sociais na Internet diluem-se, junto com as fronteiras geográficas, as noções de *habitus*, de campos sociais e, conseqüentemente, de identidade cultural, devido à nova perspectiva de multiculturalismo propiciada pelo meio. Por outro lado, ao analisar a *web* como espaço midiático, verificamos que os escoteiros têm o costume de visitar páginas escoteiras produzidas por internautas de outros estados ou países, para saber como eles realizam suas atividades, ou seja, como impingem sua identidade cultural às tradições e costumes do Movimento Escoteiro. Portanto, observamos ao longo da pesquisa que, por um lado, a Internet, como espaço para relações sociais, promove desterritorialização, implicando dissolução de identidade cultural mas, por outro lado, como espaço multicultural, ela permite a comunicação e o intercâmbio de culturas e hábitos de grupos sociais distintos, promovendo o fortalecimento dessa identidade cultural.

De qualquer forma, é fato que, atuando como espaço midiático, a rede tem contribuído para a preservação da unidade e dos objetivos do Movimento Escoteiro, a partir do momento em que oferece espaço para publicação dos princípios e métodos que compõem o Movimento. Também como espaço de sociabilização, a rede colabora para com a preservação da unidade e dos objetivos do Movimento Escoteiro, uma vez que eles transcendem os regionalismos e identidades culturais, já que o Escotismo é um movimento de caráter e abrangência mundiais.

Finalmente, vale lembrar que uma das formas de preservação da unidade e do propósito do Movimento Escoteiro é através dos cursos de formação oferecidos a escotistas, os adultos responsáveis por direcionar as atividades levadas a termo entre os escoteiros. Com a implantação das ferramentas de educação à distância, temos aqui mais uma contribuição da Internet para com a manutenção dos princípios que regem o Escotismo. Já existem implantados cursos de formação *on-line*, conforme atestam mensagens postadas na lista *escotismobh*. Vejamos um exemplo:

Pessoal, já está em fase final de elaboração o Curso “Prestando Contas no Grupo Escoteiro”. [...] Detalhes do Curso: [...] - Requisitos: acesso a Internet e endereço de e-mail (evitem utilizar o BOL pelos

problemas que apresenta temporariamente) e conhecimentos de Word e Excell.(Ou OpenOffice). - Forma de apresentação: exclusivamente via Internet através do e-Escotismo.ORG por meio de lições, trabalhos de pesquisa, elaboração de demonstrativos de exemplo, grupos de estudos, fóruns de debates, etc... - Entidade Patrocinadora: e-Escotismo.Org - Inscrições: Para os que não se cadastraram no EAD do e-Escotismo, efetuar cadastro no endereço <http://www.e-escotismo.org.br/ead...> (trechos de mensagem postada na lista escotismobh em 26/jun/2003).

## Divulgação

A Internet vem atuando como canal de divulgação do Movimento Escoteiro internamente, através da divulgação de atividades, notícias, eventos, etc., para seus membros, e externamente, através da divulgação dos princípios, propósitos, métodos, valores simbólicos, etc. do Movimento para a comunidade externa. Os *sites* de grupos e de outros órgãos escoteiros (distrito metropolitano, UEB, WOSM, etc.) constituem formas de divulgação interna e externa, pois costumam possuir informações tanto para o leigo que deseje saber sobre o Escotismo, quanto para o militante em busca de algum dado específico. No capítulo 6 deste trabalho fizemos um estudo acerca de *sites* produzidos por Grupos Escoteiros da Grande Belo Horizonte, e verificamos que eles precisam, ainda, ser aprimorados para melhor cumprirem seu papel de divulgadores do Movimento. Durante as entrevistas em grupo focal, colhemos vários relatos acerca de *sites* como esses, e de como eles têm colaborado como canal de divulgação do Escotismo.

Eu acho que a Internet ajuda a divulgar o Movimento pra... atrair mais pessoas. Eu conheço um colega meu que veio... aí eu falei pra ele o site da UEB<sup>51</sup>, aí ele visitou [o site] e resolveu entrar [para o Movimento] (relato em grupo focal – comentários nossos entre colchetes).

Confrontando esse tipo de relato com o resultado advindo da aplicação dos questionários observamos uma incoerência (que talvez tenha se dado pelo intervalo de

---

<sup>51</sup> [www.escoteiros.org.br](http://www.escoteiros.org.br) (nota nossa)

tempo entre a aplicação dos questionários e a realização dos grupos focais). Ao contrário do que demonstravam as respostas aos questionários, em que não houve qualquer ocorrência de ingresso no Movimento a partir de divulgação na Internet, alguns relatos nos grupos focais já revelam que, após tomar conhecimento das características do Escotismo através da Internet, novos membros têm aderido ao Movimento.

A lista de discussões analisada também cumpre o papel de divulgadora do Movimento para aqueles que a assinam. Nesse sentido, atua de três formas distintas: através da divulgação de atividades escoteiras, através da replicação de material publicado em meio impresso, e através da sugestão de *links* que levem a *sites* sobre Escotismo. Vejamos alguns exemplos:

A disponibilização de um espaço para os Escoteiros no *site* oficial do astronauta MARCOS PONTES - primeiro astronauta brasileiro - foi efetivada hoje, com a publicação de um artigo sobre o Escotismo, escrito pelo Diretor Presidente da UEB/DF, Alessandro Garcia Vieira. O astronauta manifestou sua simpatia e apoio ao Movimento Escoteiro, ao enviar uma mensagem aos Escoteiros de Brasília. Deste contato surgiu a idéia da área destinada aos Escoteiros, que pode ser visitada no seguinte endereço <http://www.marcospontes.net/> [...] (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 19/set/02).

Prezados Colegas, muitas vezes na lista de discussões sempre nos perguntamos porque não aparecemos tanto na mídia. Domingo, 21 de Setembro, o Jornal Estado de Minas deu meia página de matéria sobre o Mutirão de Ação Ecológica realizado pelo 21º Grupo Escoteiro Mangabeiras (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 22/set/2003).

Saiu nO ESTADO DE S.PAULO - ESTADÃO SUL SEXTA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 2004: Grupo escoteiro investe em ação comunitária, mas só preencheu 4 das 50 carteiras. Sobram vagas na alfabetização de adultos. RENATA GAMA – O mais complicado eles conseguiram: uma sala de aula, material didático gratuito, verba para a construção de uma lousa, e professores voluntários. Mas os alunos para as 50 vagas do curso de alfabetização para adultos organizado por pioneiros do Grupo de Escoteiro São Paulo estão demorando a aparecer. Apenas quatro pessoas se matricularam nas aulas que ocorrem desde o início de março [...] (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 13/abr/2004).

Convido a todos para dar uma olhada no site <http://www.tropakamaiura.kit.net/>. Este site está sendo desenvolvido por um escoteiro da tropa para a conquista da referida especialidade (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 24/out/2003).

Para um escoteiro, conquistar uma especialidade significa demonstrar possuir um conjunto de capacidades e habilidades relacionadas a uma área específica de conhecimento. Após cumprir as etapas determinadas pela UEB para a obtenção de uma especialidade, o escoteiro passa a ter o direito de ostentar em seu uniforme um distintivo que indique sua conquista. São cinco as áreas de conhecimento em que se subdivide o conjunto de especialidades escoteiras: ciências e tecnologia, habilidades escoteiras, serviços, desportos e cultura. Cada área de conhecimento elenca uma lista de especialidades. O escoteiro não é obrigado a conquistá-las todas, mas incentivado a cumprir as tarefas para a obtenção daquelas mais adequadas ao seu perfil.

Entre as especialidades que compõem o grupo *ciências e tecnologia*, encontra-se uma denominada *informática* que, para ser lograda, inclui o cumprimento de tarefas tais como ser capaz de enumerar os componentes de um microcomputador, conhecer seus periféricos, conectar um computador pessoal à Internet, enviar e-mail, acessar a página de uma seção escoteira e desenvolver algum trabalho fazendo uso do computador. No grupo de especialidades denominado *serviços*, inclui-se a especialidade *Internet*, para a obtenção da qual exige-se o conhecimento da história e evolução da Internet no mundo e no Brasil, o pertencimento a uma lista de discussão sobre Escotismo, a criação de um *website*, entre outros. O escoteiro referenciado na mensagem postada na lista escotismobh buscava a conquista dessa especialidade. O texto completo com as tarefas a serem cumpridas para a sua conquista encontra-se no ANEXO B.

A própria existência de mais de uma especialidade – etapa de formação escoteira, que exija o uso da Internet, demonstra a influência que essa mídia vem inculcando ao Movimento. Demonstra, também, a preocupação do Escotismo em adequar-se ao contexto à sua época, conforme comprova a comparação entre diferentes edições do P.O.R. (UEB, 1986; UEB, 1995). Na versão mais recente desse documento que apresenta as regras do Movimento Escoteiro percebe-se a incorporação de novas

especialidades, que não existiam na versão anterior, visando refletir as necessidades atuais.

Nas discussões dos grupos focais falou-se bastante, também, sobre a divulgação ao vivo de atividades escoteiras, via Internet. Grandes acampamentos escoteiros, como Jamborees e Ajuris, têm ultimamente contado com sala de computadores conectados à Internet entre suas instalações. Por mais que pareça conflitante levar a tecnologia para uma atividade mateira, isso tem ocorrido. Nos intervalos entre suas ocupações os escoteiros podem fazer uso dos computadores para enviar mensagens para seus familiares, dando-lhes notícias. Além da troca interpessoal de mensagens, todo o aparato é também utilizado para a produção de *sites* que são mantidos na Internet enquanto perdura o evento, e apresentam fotos e narrativas sobre os últimos acontecimentos marcantes. Alguns depoimentos atestam já a incorporação do uso da Internet no âmbito do ME:

Eu num pude ir, né... Aí aproveitei o feriado em casa, é mais barato conectar na Internet, né... então... todo dia eu entrava no *site* do Jamboree. Foi legal quando o Ricardo voltou e eu já sabia tudo que tinha acontecido (relato em grupo focal).

Que nem lá no Jamboree... Funcionava tipo um jornalzinho. A gente tinha que escrever alguma coisa que tinha acontecido, né, aí dava pra eles, né, e saía na Internet... com o nome da gente e tudo! (relato em grupo focal).

## **Cidadania e Terceiro Setor**

De acordo com Araújo (1998, p. 9), “de maneira ampla, pode-se definir cidadania como o conceito que expressa o conjunto de direitos e deveres do indivíduo no contexto da sociedade”. Marshall (1967, p. 63-64) subdivide os direitos do cidadão em três componentes: o elemento civil, o político e o social. Segundo o autor:

- 1) O elemento **civil** é composto dos direitos necessários à liberdade individual – liberdade de ir e vir, liberdade de imprensa, pensamento e fé, o direito à propriedade e de concluir contratos válidos e o direito à Justiça;

- 2) Por elemento **político** se deve entender o direito de participar no exercício do poder político, como membro de um organismo investido da autoridade política ou como um eleitor dos membros de tal organismo;
- 3) O elemento **social** se refere a tudo que vai desde o direito de um mínimo de bem estar econômico e segurança ao direito de participar, por completo, na herança social e levar a vida de um ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade. As instituições mais intimamente ligadas a ele são o sistema educacional e os serviços sociais.

Embora não pertença ao sistema educacional formal, verificamos que o Escotismo define-se como associação que promove educação extra-escolar. Caracteriza-se, também, conforme apresentamos no capítulo 4, como organização pertencente ao Terceiro Setor e, como tal, imbuída do propósito de prestar serviços à comunidade. Nesse sentido, poder-se-ia incluir o Movimento Escoteiro entre as instituições intimamente ligadas aos direitos sociais, constitutivos dos direitos de cidadania. Como tal, caracteriza-se como um dos agentes do novo pacto apresentado por Offe<sup>52</sup> (citado por Rocha, 2000, p. 41):

Os problemas de um país não vão ser resolvidos apenas pela ação do Estado ou do mercado. É preciso um novo pacto, que ressalve o dever do Estado de dar condições básicas de cidadania, garanta a liberdade do mercado e da competição econômica e, para evitar o conflito entre esses dois interesses, permita a influência de entidades comunitárias. As organizações não-governamentais, as igrejas, os movimentos profissionais como os médicos sem fronteira atuam como uma válvula de escape nas deficiências do Estado e do mercado.

Ao utilizar como ideal “mais escoteiros, melhores cidadãos”, o Escotismo explicita sua intenção de formar os indivíduos para o exercício da cidadania: indivíduos que busquem se informar sobre os problemas sociais da comunidade em que se inserem e atuar como agentes na tentativa de minimizá-los. O “ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião” e o “fazer todos os dias uma boa-ação”, elementos constitutivos, respectivamente, da promessa escoteira e da promessa do lobinho, são a expressão mais formal desse objetivo de formar para a cidadania.

---

<sup>52</sup> OFFE, Claus. O novo poder. *Revista Veja*. v. 31, n. 14, p. 11-13, abr. 1998. Entrevista concedida a Thomas Traumann.

Convém ressaltar que, da mesma forma que o conceito de cidadania vem sofrendo modificações ao longo do tempo, também as práticas de cidadania empreendidas pelo Movimento Escoteiro vêm se adequando ao conceito. Assim, se “o Estado Novo proporcionou à sociedade brasileira uma ‘cidadania regulada’, ou seja, uma cidadania tutelada pelo Estado, uma cidadania outorgada por uma via autoritária” (ARAÚJO, 1998, p. 50), o Escotismo foi, nessa época, um dos instrumentos do Estado para garantir esse tipo de cidadania, atuando como “escola de moral e civismo” (SOUZA, 2000, p. 109). Por outro lado, se os estudos contemporâneos sobre cidadania têm nas desigualdades de classe o componente fundamental, o Escotismo atual busca agir em prol das classes menos favorecidas.

Para Baden-Powell (1996, p. 27), o objetivo do Escotismo confunde-se com a educação para a cidadania:

A finalidade do programa escoteiro é:

- **Aperfeiçoar o padrão de nossos futuros cidadãos**, especialmente quanto a **caráter e saúde**. [...]

Cidadania pode ser sinteticamente definida como “lealdade ativa para com a comunidade”.

É muito fácil e comum, em um país livre, a gente considerar-se um bom cidadão. Muitas pessoas julgam-se bons cidadãos pelo fato de respeitarem as leis, trabalharem e exprimirem sua opinião sobre política, esportes ou outras atividades, deixando que o governo se preocupe com os problemas da vida e do bem estar da nação.

Isto é uma forma passiva de cidadania. E, neste mundo, cidadania **passiva** não é suficiente para assegurar liberdade, justiça, honra e honestidade.

Só nos servem, em verdade, cidadãos **ativos e úteis!**

Durante a pesquisa, algumas ocorrências de ações de cidadania escoteira através da Internet foram citadas. No grupo focal através do MSN, na Internet, um jovem sugeriu aos demais. “Peraí: vai em <http://www.geocities.com/escotismo/interatividade/boacao/>”. Trata-se do *link* para um *site* que propõe a “boa-ação *online*”. O texto de abertura da *homepage* convida o usuário a clicar em *links* de *sites* de ONGs tais como APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais), *GreenPeace* (ONG que luta pela proteção do meio-ambiente), Unicef Brasil (ONG responsável por projetos relacionados às crianças brasileiras) e outros. A FIG. 15 apresenta a proposta desse *site*, que relaciona Internet, Escotismo, cidadania, boa-ação e ONGs.



FIGURA 15 - Site relacionando Escotismo, cidadania e boa-ação

FONTE: <http://www.geocities.com/escotismo/interatividade/boacao/> Acesso em 12 nov. 2004

Na lista de discussões escotismobh também circularam algumas mensagens acerca de projetos sociais da UEB, atuando no Terceiro Setor, em parceria com o Estado:

O Centro de Cidadania Ativa – CCA - é um projeto social da União dos Escoteiros do Brasil Região São Paulo em parceria com a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo. O objetivo é aplicar atividades gratuitas educativas, culturais, físicas e sociais que possibilitem o desenvolvimento social e da juventude para membros da comunidade e do movimento escoteiro. Inscreva-se em alguma de nossas oficinas durante os meses de outubro e dezembro, e compareça no dia **12 de outubro** (domingo) para uma abertura oficial com workshops para você! (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 1/10/03).

Prezados Irmãos Escoteiros de Minas Gerais, seguem informações sobre evento envolvendo o Terceiro Setor na próxima semana aí em

Minas Gerais (trecho de mensagem postada na lista escotismobh em 22/11/03).

Embora o Movimento Escoteiro recomende o não envolvimento dos escoteiros em conflitos sociais, estes têm liberdade para prestar ajuda voluntária a autoridades ou instituições empenhadas em minimizar efeitos de calamidades públicas ou a promover o bem-estar social (UEB, 1995, p. 15).

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de tese teve por objetivo examinar as influências e as interferências da Internet no Movimento Escoteiro. Foram examinados diferentes formas e objetivos de uso da Internet por escoteiros da RMBH. O estudo do tema partiu da discussão teórica sobre as alterações no fluxo informacional acarretadas pelo advento da Internet, perpassou uma definição do Escotismo e sua contextualização na sociedade brasileira e culminou na descrição das etapas da pesquisa: metodologia, pesquisa de campo, organização dos dados, análise dos resultados.

Muito se tem estudado, nas últimas décadas, a respeito dos impactos do uso da Internet. E mais ainda há que se estudar. Ao longo do trabalho, referenciamos pesquisadores que se preocupam com sua influência no ciclo informacional, outros que estudam seu efeito sobre as relações sociais, outros ainda que analisam interferências na qualidade de vida dos usuários.

Como qualquer pesquisa que envolva tecnologias da informação, nosso maior risco é o da obsolescência: a velocidade de evolução de tais tecnologias, entre as quais incluímos a Internet, é tão assustadoramente grande, que a dinâmica das manifestações sociais a seu redor será outra pouco depois da publicação do trabalho. No entanto, o risco não diminui o valor da pesquisa. Da mesma forma que outras pesquisas sociais, o recorte temporal aqui apresentado demonstra as reações de um grupo social a um contexto e contribui para a construção do seu perfil historiográfico.

O próprio fato de nossa pesquisa ter-se estendido ao longo de três anos (2002-2004), já nos trouxe indícios de alterações, tanto nas atitudes e comportamentos dos indivíduos sociais envolvidos, quanto nos recursos de *software* utilizados para acesso à Internet. Exemplos disso são obtidos ao se comparar as respostas aos questionários com os depoimentos e relatos dos grupos focais.

Na época de aplicação dos questionários (2002), o uso mais freqüente da Internet pelos usuários escoteiros era para pesquisa em *sites* e troca de *e-mails* particulares. Listas de discussão assíncronas, *chats* ou outra forma de interação *online* síncrona eram minimamente usados. No momento em que foram implementadas as reuniões em grupos focais (2004) observou-se uma evolução nessa realidade. A pesquisa em *sites*

continuou sendo relatada como corriqueira. As listas de discussão, antes pouco utilizadas, agora se mostraram como forma de comunicação bastante difundida entre os escoteiros. Tanto que, além de existirem grupos ou fóruns permanentes, é citada a prática de se criarem listas com caráter temporário, para tratar problemas ou situações específicas. Os depoimentos em grupos focais referenciaram listas que foram criadas durante a organização de eventos, como canal de comunicação entre seus organizadores e, depois, deixaram de existir. Além do mais, a comunicação síncrona tornou-se “a bola da vez”, utilizando linguajar dos participantes dos grupos focais. Colaborou para isso o desenvolvimento de novos *softwares* (ICQ, MSN, etc.) e plataformas (*orkut*) para comunicação *online* e *offline*.

A constante atualização dos *softwares* para edição de *websites* verificada ao longo desses três anos é outro fator que vem tornando cada vez mais fácil a publicação de um *site* na Internet. Os resultados da aplicação dos questionários indicaram uma pequena produção de *sites* de seções (tropas ou patrulhas) escoteiras. Já os participantes dos grupos focais estavam, em sua grande maioria, envolvidos com a divulgação de sua seção na Internet.

Embora se tenha verificado toda essa evolução no uso da Internet, constatou-se, também, que seu uso é ainda incipiente entre os escoteiros da RMBH. Contribuem para atestar essa conclusão a qualidade dos *sites* analisados, o pequeno volume de mensagens postadas na lista oficial do distrito escoteiro metropolitano e os próprios depoimentos colhidos.

Os *sites* avaliados na pesquisa foram estudados na forma em que estavam em 28 de maio de 2001, quando fizemos seu *download* da Internet. Não pudemos nos furtar à curiosidade de visitá-los nos dias de hoje. Acessando as URLs referenciadas à época da pesquisa, constatamos que o *site* do Baleia não sofreu qualquer alteração. O *site* do GEARPE foi replicado para outra URL (<http://www.gearpe.hpg.ig.com.br>) e sob autoria particular de uma de suas seções (Tropa Escoteira “Senta a Púa”), tendo esta segunda versão sofrido algumas alterações em relação à original, que permanece no ar com última atualização em 17 mar. 2004. A página de abertura (*homepage*) do *site* do GELAN foi removida. Ao se buscar acesso à URL original, obtém-se unicamente um índice indicando os arquivos que permanecem naquele domínio. O *site* do GEMAN,

além de ter sido completamente reformulado, conforme prometia sua *homepage* na época em que o estudamos, mudou de URL, passando a se localizar no endereço <http://www.21geman.hpg.ig.com.br>. O *site* que apresentava o GEOSC naquela época foi removido, e não encontramos qualquer indicação a respeito de estar disponível em outro domínio.

Além de termos percebido, durante sua análise, que os *sites* encontravam-se em estado embrionário de desenvolvimento fazendo uso de poucos recursos oferecidos pela Internet e apresentando conteúdos sem coesão de estilo ou de formato, outros *sites* escoteiros visitados durante a pesquisa demonstraram que o desenvolvimento de páginas pelos internautas escoteiros de Belo Horizonte está, realmente, aquém dos de outros estados, deixando muito a desejar quanto aos aspectos técnicos e de conteúdo.

O pequeno volume de mensagens circulantes na lista *escotismobh* e a concentração de seu envio sob responsabilidade de poucos remetentes demonstraram que também esse tipo de uso da rede é pouco usufruído pelos escoteiros da RMBH, que se demonstraram muito passivos em relação às mensagens postadas, ficando monopolizado por seu mediador. O uso ineficaz da lista fez-se ver, inclusive, quando enviamos mensagem para apresentar os propósitos de nossa pesquisa e convidar os escoteiros a tomarem parte nela. Só um GE respondeu à nossa mensagem, e não é surpresa ter sido o GEARPE, exatamente aquele que possui *site* publicado com a melhor qualidade dentre os que analisamos.

Claro ficou que nossa pesquisa, pelo fato de ter sido qualitativa e pela própria característica de rápida obsolescência do tema, poucas respostas conclusivas apresentou. Entretanto, pensamos ter conseguido nossa principal intenção, a de “conjugação da teoria com o relato dos momentos de aproximação empírica, fazendo avançar na compreensão da realidade” (BRETAS, 2000, p.200). Portanto, a proposta, neste momento, é a da reflexão sobre as respostas e relatos obtidos durante a pesquisa de campo à luz dos objetivos iniciais e do referencial teórico apresentado.

A sociabilidade na rede foi verificada em todas as etapas da pesquisa. Desde a análise dos *sites* de Grupos Escoteiros foram notados esforços no sentido de utilizar o meio virtual para comunicação com fins de se estabelecerem novas relações sociais ou se solidificarem relações já existentes. O mural de visitas e os bate-papos através do

IRC (*Internet Relay Chat*) foram os mecanismos utilizados pelos *websites* para promover a comunicação com esse fim. O mural de visitas implementa um canal de comunicação assíncrono. Nele são postadas mensagens de diversos teores: elogios ao *site*, tentativas de se estabelecer contato presencial, combinações para futuros encontros *online* síncronos em salas de bate-papo, entre outras. O IRC consiste-se em ferramenta de comunicação assíncrona para retransmissão de bate-papo pela Internet considerada prática por ser acessível mesmo para aqueles que possuam computadores mais lentos. Além de utilizada como mecanismo de bate-papo em um dos *sites* avaliados, é também a ferramenta de comunicação oficial do JOTI, o Jamboree pela Internet.

As análises das respostas aos questionários também demonstraram uso da Internet como meio de convivência social. Entre as razões de uso mais citadas pelos respondentes que afirmaram que a Internet causa influência em sua participação no Escotismo estavam o estabelecimento de novas amizades e a possibilidade de manutenção de antigas amizades com escoteiros de outras localidades. Eis algumas das respostas escritas por jovens escoteiros aos questionários:

- “Além de encontrar meus amigos escoteiros nos sábados, basta eu ligar a Internet e falar com eles” – demonstração de que a Internet funciona como um meio suplementar de manutenção de relacionamentos;
- “Me ajuda a entrar em contato com escoteiros de outros países como da Itália e Suécia” e “Influencia no aspecto que podemos estar em contato com outros escoteiros, do mundo inteiro” – comprovação de que através da Internet não há fronteiras espaciais para o estabelecimento de relacionamentos.

Muitas das mensagens postadas na lista de discussões escotismobh também estavam voltadas para a sociabilidade. São inúmeros os convites para festas, algumas delas promovidas por Grupos Escoteiros, outras particulares. Felicitações por motivos diversos (aniversário, conquistas escoteiras, datas internacionais, etc.), combinações de encontros presenciais, solicitação de telefone de companheiros e intercâmbio de fotos de atividades escoteiras são outras manifestações de cunho social freqüentes na lista.

Finalmente, os depoimentos colhidos nos grupos focais corroboram a conclusão de que o ambiente virtual introduz novas formas (mas não necessariamente novas regras) de convivência social pelos membros do Movimento Escoteiro. Parece-nos que

aquilo que rege a convivência social entre os jovens não se altera com a mudança do ambiente presencial para o virtual. É verdade que, no ciberespaço, as fronteiras diluem-se e o tempo de resposta torna-se praticamente zero. Antes do advento da Internet, os contatos entre escoteiros com o intuito de manter amizades iniciadas durante atividades em outros municípios, estados ou países aconteciam via telefone ou através do correio tradicional. Os escoteiros mantinham, ainda, um programa chamado *pen-pal* pelo qual, através de cartas, novas amizades escoteiras estabeleciam-se. Hoje, o telefone foi substituído pelo *chat* e as cartas pelo *e-mail*. Ganhou-se velocidade na comunicação. A espera pelas cartas antes chegava a durar dias; as mensagens eletrônicas são transmitidas quase imediatamente. Todas as fases da pesquisa atestam que a Internet vem sendo usada, no entanto, como um novo meio para aquilo que já acontecia antes. Não se percebeu o estabelecimento de regras diferentes nos relacionamentos escoteiros, mas adaptação ao novo meio e às suas peculiaridades.

O uso da Internet não promoveu, também, qualquer alteração na rigidez característica das normas do Movimento Escoteiro. Aliás, em momento algum os participantes queixam-se dessa rigidez em si; no máximo, e apenas em poucos casos, reclamam da maneira como ela é repassada por alguns de seus chefes. Rapazes e moças demonstram satisfação em seguir as normas que, junto com o conjunto de símbolos, tornam-nos “irmãos escoteiros”. O conjunto de normas e símbolos funciona, ainda, nas interações no ciberespaço, como mecanismo de identificação entre os indivíduos para o estabelecimento de relações sociais baseadas em interesses comuns.

O uso da rede como canal de transmissão de informação também foi observado em todas as etapas. Novamente, constatou-se que a Internet tem atuado como novo meio de comunicação. Observou-se que os jovens adaptam-se muito facilmente às características próprias desse meio. O uso do hipertexto se tornou tão comum entre eles, que não sentem qualquer dificuldade em adaptar-se à não linearidade das mensagens. O ambiente da Internet tem sido utilizado por escoteiros como forma complementar para a aquisição de conhecimentos sobre o Movimento. Utilizam-na como fonte de dados para estudar para suas etapas de capacitação, para conhecer mais sobre a fundação do Movimento no mundo e no Brasil, para aprender músicas e canções (em grupo focal foram emitidas várias opiniões a esse respeito: “cê num vai esperar a semana inteira pra

aprender uma música escoteira no sábado na reunião, né... cê vai lá no *site* e baixa. Aprende assim, né, a letra e a música... Aí no sábado cê já chega cantando.”).

Uma constatação bastante interessante acerca do uso da rede para obtenção de conhecimentos escoteiros é o fato de que a maioria dos participantes tanto dos questionários quanto dos grupos focais demonstrou fazer pesquisas em *sites* produzidos por Grupos Escoteiros. Houve casos em que foi citado o *site* oficial da UEB, ou o da Região de Minas Gerais, mas a maior fonte de busca utilizada pelos participantes da pesquisa são os *sites* produzidos por Grupos ou Seções, instâncias inferiores no organograma escoteiro (FIG. 8). Muitos escoteiros demonstraram até mesmo desconhecer a existência de *sites* oficiais ou produzidos por instâncias superiores para apresentar informações escoteiras. Observa-se, portanto, que os escoteiros não parecem perceber a extensão ou abrangência mundial do Movimento e, apesar de fazerem uso do ciberespaço, considerado como meio que transcende fronteiras, continuam limitados à comunidade mais próxima que os circunda no que tange à busca de informação e conhecimento. A mesma constatação não vale para o estabelecimento de relacionamentos que, conforme acabamos de mencionar, extrapola os limites geográficos.

Os depoimentos colhidos atestam que o Movimento Escoteiro encontra dificuldades em disseminar a informação internamente entre as suas várias instâncias. Os canais de transferência de informação apresentam falhas e atrasos, e a Internet para esse fim não vem sendo utilizada tanto quanto poderia. Ao serem questionados a respeito de como seu chefe obtém as informações que lhes transmite, os escoteiros demonstraram desconhecimento sobre as fontes e foram bastante críticos com relação à demora da recepção:

- Sei lá...
- Passa informação...
- A União do Escotismo do Brasil acho que passa essa informação.
- Eles passam essas informação pra ele.
- É, mas de qual jeito.
- Correspondência pro chefe. Mas aí, porque a UEB não vai diretamente aqui. A UEB manda pro distrito, o distrito manda pra região e a região manda pra cá.
- Ou seja, manda o negócio agora... vai chegar no ano que vem o negócio.

- Que até que se cai em tanto passar cartinha. Parece brincar de passar anel, né?
  - Mas eu acho que podia fazer um *site* especial de anotações de coisas escoteiras, de acampamento ou coisas assim.
  - Eu acho que não existe ainda não!
  - Que eu saiba, não.
  - Assunto assim pra todo o Brasil, assim, eu não conheço.
- (trecho de discussão em grupo focal).

Cientes da necessidade de aprimorar a transferência de informações, os escoteiros criaram, em 2002, uma *Subcomissão de Comunicações*, integrando a *Comissão Nacional de Programas para Jovens*. Seu plano de ações, até 2007, inclui:

1. Trabalhar com a maior diversidade possível de meios de comunicação, levando informações sobre o Escotismo ou nos utilizando deles para incremento de nossas atividades:
  - Jornal – propagandas, matérias institucionais e reportagens de atividades;
  - Rádios broadcastings (AM e FM) – vinhetas, propagandas e boletins; [...]
  - TVs Educativas e/ou Comunitárias – spot 30”, pequenas reportagens e programas; [...]
  - Internet – *Sites*, fóruns, *chats* e selos;
  - Radioamador – estações em Sedes e Acampamentos, *links* de Internet e rádio. [...]
2. Definir origens possíveis da informação em seus diversos níveis: Informes da Direção Nacional; Informes Regionais; Fatos pitorescos e atividades interessantes; etc.
3. Usar um sistema de rede para mudar de comunicação passiva para ativa:
  - Não deixar apenas a informação para ser buscada... distribuí-la; [...]
  - Distribuir a informação com plano de rede abrangente e eclético. [...]

Fonte: <http://www.radioescotismo.com.br/subcomissao.htm> Acesso em 20 dez. 2004

Cabe observar, ainda, que foram raras as citações do uso de *chats* como forma de intercâmbio de informações e conhecimentos sobre o Movimento Escoteiro. Os *websites*, ao que parece, foram eleitos como o local de busca oficial por esse tipo de informações na rede; já os *chats* se oficializaram como canal de comunicação para estabelecimento de relacionamentos, sem propósitos de busca de conhecimentos sobre princípios, propósitos ou metodologia do Escotismo. Isso se faz observar tanto nas

respostas aos questionários (nas questões em que se perguntava onde os escoteiros buscavam conhecimentos teóricos ou práticos, só dois respondentes escolheram a opção de contatar outra pessoa na Internet para ajudá-los) quanto nos grupos focais. Entre os problemas relacionados à busca de conhecimentos em *sites* escoteiros, os grupos focais debateram sobre a cópia de conteúdo, sobre a confiabilidade dos dados colhidos, sobre o volume de informações e a ineficácia dos mecanismos de busca.

A exclusão social foi tema de discussão acirrada. Debateu-se tanto acerca do acesso ao Escotismo quanto sobre o acesso à Internet. Em um dos grupos, chegou-se a um consenso de que em nenhum dos dois casos há exclusão social. Segundo os debatedores, basta haver interesse individual para se conseguir acesso tanto a um quanto à outra. Os escoteiros parecem desconhecer o que seja miséria ou ignorância e não conseguem perceber um mundo diferente do deles, em que os recursos primários para a sobrevivência e educação são garantidos e em que, para ser bem sucedido, basta empenhar-se com afinco. Outros dois grupos focais também discutiram essa questão, mas não chegaram a ponto comum. Parte dos debatedores defendeu a idéia de que a exclusão social é um problema na sociedade brasileira, uma sociedade de “info-excluídos” e de “*scout-excluídos*”, outra parte sustentou o ponto de vista contrário, partindo da premissa de que em Belo Horizonte só não acessa a Internet quem não tem interesse (citaram a biblioteca pública e as *lan-houses* como locais de acesso gratuito ou barato) assim como só não é escoteiro quem não quer ou desconhece o Movimento, já que qualquer um que queira ingressar num Grupo poderia (segundo eles) fazê-lo sem dificuldades. Parecem ser jovens ingênuos, sem a concepção de que há grande parcela da sociedade sem acesso à informação e até mesmo analfabeta. Evidentemente esses brasileiros não carecem de **interesse**, mas de **oportunidade**.

A maior contribuição da Internet para com o Escotismo parece ser no sentido de preservar sua unidade e seus objetivos. Aqui, as características positivas que o ciberespaço impinge ao ciclo informacional se fazem mais visíveis. O meio permite a divulgação das linhas diretrizes do Movimento, bem como das especificidades por ele adquiridas em cada ambiente onde se instaurou. Como observou um escoteiro em resposta ao questionário, “‘navegando’ na Internet, fazendo pesquisas e acessando *chats* escoteiros, temos uma visão mais ampla do que é Escotismo e de que ele é ‘universal’”.

A existência de *sites* escoteiros permite aos praticantes do Escotismo comparar o que há de comum (princípios, objetivos) e o que há de específico na aplicação do método escoteiro em diferentes localidades e contextos sócio-culturais. Ainda entre os questionários, a seguinte resposta à pergunta de como a Internet influencia sua participação no Escotismo, esclarece: “facilitando o contato com culturas diferentes, conhecendo tradições e métodos escoteiros em outros grupos, divulgando atividades”.

Lembremos que o Escotismo espalhou-se pelo mundo muito rapidamente, devido ao entusiasmo de seus praticantes e a uma rede de informações por eles criada. Imaginemos quão mais rápida teria sido essa propagação se, àquela época, os entusiastas contassem com as vantagens de maior velocidade e menores distâncias na transferência de informações que a Internet oferece hoje.

A facilidade que o meio virtual oferece de dar acesso às informações produzidas, em diversos locais do globo, em questão de segundos, propicia aos escoteiros a possibilidade de divulgação e de comparação. Desse modo, os escoteiros verificam que as atividades que praticam são em grande parte comuns, no mundo todo, mesmo que adquiram características para adequação ao meio ou ao contexto cultural. Isso se explicita principalmente na simbologia, mitos e ritos que permeiam o Movimento. Foi com satisfação que os escoteiros em grupo focal contaram ter ouvido em língua estrangeira, via Internet, as mesmas canções que cantam em seus GEs; com divertimento que comentaram as diferenças nos uniformes escoteiros de países distintos, notando que os adereços são semelhantes (o distintivo com a flor-de-lis indicando a promessa prestada, o lenço identificando o GE a que pertencem, etc.) mas que as cores e cortes variam (divertiram-se especificamente ao comentar que os rapazes escoteiros escoceses usam saias em seus uniformes – o *kilt*); e com orgulho que destacaram que as lições do fundador Baden-Powell são seguidas em qualquer lugar onde se faça Escotismo, o que eles perceberam ao visitar *sites* de diferentes grupos estabelecidos em lugares diversos.

Embora isso não tenha sido explicitado em todas as fases da pesquisa, não resta dúvidas de que a Internet vem atuando como forma de divulgação do Movimento Escoteiro. Ainda que a produção de *sites* pelos escoteiros da RMBH não tenha atingido elevados níveis de qualidade, especialmente em termos de conteúdo, são incontáveis os

*sites* nacionais e estrangeiros, oficiais e independentes, sobre Escotismo. A divulgação interna, isto é, para os próprios membros escoteiros, de atividades desenvolvidas, tem obtido mais êxito que a divulgação do Movimento através da Internet para a comunidade externa.

Finalmente, a promoção de práticas de cidadania e o intercâmbio com outros movimentos sociais através da Internet também foram observados ao longo da pesquisa. O *site* do GEARPE apresenta um texto (que não referencia, mas que possivelmente tenha sido extraído de alguma publicação de Baden-Powell, uma vez que aparece presente em diversos outros *sites* escoteiros) em que descreve o objetivo do Escotismo de educar para a cidadania:

#### O CIDADÃO QUE PRETENDEMOS OFERECER À SOCIEDADE

Um homem ou uma mulher reto de caráter, limpo de pensamento; autêntico em sua forma de agir; leal, digno de confiança.

Capaz de tomar suas próprias decisões, respeitar o ser humano, a vida, e o trabalho honrado; alegre, e capaz de partilhar sua alegria; leal ao seu país, mas construtor da Paz, em harmonia com todos os povos.

Líder a serviço do próximo.

Integrado ao desenvolvimento da sociedade, capaz de dirigir, de acatar leis, de participar, consciente de seus direitos, sem se descuidar de seus deveres.

Forte de caráter, criativo, esperançoso, solidário, empreendedor.

Amante de natureza, e capaz de respeitar sua integridade.

Guiado por valores espirituais, comprometido com seu projeto de vida em permanente busca de Deus e coerente em sua fé.

Capaz de encontrar seus próprios caminhos na sociedade e ser feliz.

(<http://gearpe.org/gearpe/objetiv7.htm> Acesso em 28 mai. 2001)

Trabalhar na formação do caráter das crianças e dos jovens de modo que eles se transformem em indivíduos com todas as qualidades descritas nesse texto parece-nos projeto um tanto audacioso. Por outro lado, se o integrante do Movimento Escoteiro incorporar ao menos parcela das qualidades listadas, em particular, as de integração à sociedade, acreditamos que o Escotismo estará contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres.

Durante as discussões nos grupos focais, os escoteiros associaram o conceito de cidadania com o de serviço ao próximo. Em seus depoimentos, contam ter participado de atividades de auxílio a comunidades carentes e a vítimas de calamidades e citam

ações de cidadania relacionadas, de alguma forma, com o uso da rede (normalmente para divulgá-las). No entanto, nessas discussões, notou-se que a maioria dos jovens atualmente define como propósito do Movimento Escoteiro a formação do caráter, numa visão muito mais auto-centrada que altruísta. E, segundo essa maioria, a Internet não contribui, em especial, para o estabelecimento de intercâmbio entre Escotismo e outros movimentos sociais ou que promovam ações de cidadania. O máximo que se consegue através da rede é a divulgação das poucas ocorrências isoladas nesse sentido.

Conclui-se, enfim, que a rede social definida pelo Movimento Escoteiro apenas reproduz na Internet suas dinâmicas sem, contudo, ocupar o ciberespaço de acordo com o potencial libertário por ele oferecido. O Escotismo acaba por espelhar aquilo que é na dimensão material de sua existência. O fato de estar na Internet não lhe garante qualquer exercício de descentralização do poder ou processo de diluição das hierarquias. Os resultados encontrados são coerentes com o Movimento que, mesmo se adequando aos locais onde se estabelece, mantém sua unidade através da rigidez de suas diretrizes de origem militar.

Encerramos nossas considerações acerca das influências da Internet no Movimento Escoteiro com a fala de dois dos participantes dos debates em grupo focal:

– Escotismo na Internet não existe. Escotismo tem que ser no mato, tem que aprender fazendo, por a mão na massa. Mas a Internet ajuda, sim. Ajuda a conhecer outros escoteiros, a trocar experiências e informações. É legal porque antes tinha gente que falava que ser escoteiro tava fora de moda, e agora fica querendo entrar na nossa sala de bate-papo no Terra. Daqui a pouco vai querer ser escoteiro e ir acampar com a gente!

– Será que a gente tá na moda agora porque tá usando a Internet?

Ressaltamos, ao longo deste trabalho, o fato de que o Escotismo ainda tenha sido pouco discutido no ambiente acadêmico. Conforme apresentamos no capítulo 3, o tema é pertinente de estudos em seus vários aspectos: administrativo, educacional, histórico, informacional, psicológico. A Internet, embora venha sendo bastante estudada, ainda é fenômeno que deixa lacunas a serem exploradas, inclusive naqueles mesmos enfoques em que se propõem estudos sobre o Escotismo. Portanto, pesquisas futuras podem ser realizadas em diferentes áreas do saber tanto sobre Escotismo quanto acerca da Internet.

Na área da ciência da informação, e na confluência desses dois temas, Internet e Movimento Escoteiro, sugere-se estudos mais aprofundados acerca do Escotismo como rede social. Acreditamos que tanto o Movimento tem a contribuir para com a ciência da informação no aprofundamento do estudo sobre as práticas informacionais que utilizou e vem utilizando para manter essa rede, quanto a ciência da informação pode ajudar o Movimento a melhor gerenciar a transferência de informações entre seus membros.

Um outro aprofundamento sugerido é averiguar a utilização e a validade dos cursos à distância oferecidos para a capacitação de adultos (chefes e dirigentes) escotistas. Um estudo sobre e-learning, seus aspectos educacionais e informacionais, e sua aplicabilidade ao Movimento Escoteiro seria uma extensão interessante à nossa pesquisa no sentido de averiguar novas formas de contribuição da Internet para com o Movimento Escoteiro.

Percebemos, por fim, a necessidade de estudos comparativos que extrapolem os limites da RMBH e analisem o uso da rede por escoteiros no Brasil e no mundo. Tivemos a oportunidade de verificar, ao longo da pesquisa, que escoteiros de outros estados brasileiros fazem uso não apenas mais freqüente, como mais ativo e participativo, da Internet como canal de comunicação, sociabilização e transferência de informações escoteiras. Acreditamos, portanto, que analisar o uso do ciberespaço (onde não existem fronteiras) por escoteiros de diferentes estados e nações contribuiria para ampliar a compreensão do fenômeno por nós estudado.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Janet E. e TATE, Marsha Ann. *Web Wisdom*: how to valuate and create information quality on the web. USA: Lawrence Erlbaum Associates, 1999. 152p.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga. *A construção social da informação*: práticas informacionais no contexto de Organizações Não-Governamentais/ONGs brasileiras. Brasília: Faculdade de Estudos Sociais Aplicados da UnB, 1998. 221 p. (Tese, Doutorado em Ciência da Informação).

ARAÚJO, Eliany Alvarenga e LIMA, Katiane A. Internet, identidade cultural e regionalismo: inclusão ou exclusão informacional? *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 159-172, 2000.

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes e FREIRE, Isa Maria. A rede Internet como canal de comunicação, na perspectiva da ciência da informação. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 2, p. 45-55, mai/ago. 1996.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. Espaço social, campo social, *habitus* e conceito de classe social em Pierre Bourdieu. *Revista Espaço Acadêmico*, ano 3, n.24, mai/2003. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm>>. Acesso em: 12 out. 2004.

BADEN-POWELL, Robert S. S. *Escotismo para rapazes*. Edição da Fraternidade Mundial. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1986a. 368 p.

BADEN-POWELL, Robert S. S. *Lições da escola da vida*: auto-biografia de Baden-Powell. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1986b. 92 p.

BADEN-POWELL, Robert S. S. *Guia do chefe escoteiro*: teoria do adestramento escoteiro, um subsídio para a tarefa dos chefes. 4ª ed. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1996. 97 p.

BARBOZA, Elza Maria Ferraz, NUNES, Eny Marcelino de Almeida e SENA, Nathália Kneipp. Web Sites Governamentais, uma esplanada à parte. *Ciência da Informação*, Brasília, v.29, n.1, p.118-125. jan./abr. 2000.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <<http://www.ax.apc.org/~aldoibct/quest/quest.htm>> . Acesso em: 15 mar. 2002.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n.2, p.122-127, maio/ago. 1998.

BOSCO, Teresio. *Robert Baden-Powell – chefe escoteiro mundial*. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1979. 47 p. (Coleção Campeões)

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*. Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. 238p.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. 231p.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão* seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 143p.

BRASIL. Decreto n. 3.297 – 11 jul. 1917. Considera de utilidade pública as associações brasileiras de escoteiros com sede no país, e de Imprensa, com sede na Capital Federal. Disponível em: <[http://www.escoteiros.org/institucional/publicacoes/decreto\\_3207.htm](http://www.escoteiros.org/institucional/publicacoes/decreto_3207.htm)> Acesso em: 10 abr. 2002.

BRASIL. Decreto-Lei n. 8.828 – 24 jan. 1946. Dispõe sobre o reconhecimento da União dos Escoteiros do Brasil como instituição destinada a educação extra-escolar. Disponível em: <[http://www.escoteiros.org/institucional/publicacoes/decreto\\_8828.htm](http://www.escoteiros.org/institucional/publicacoes/decreto_8828.htm)> Acesso em: 10 abr. 2002.

BRASIL. Decreto n. 4.829 – 03 set. 2003. Dispõe sobre a criação do Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGIbr, sobre o modelo de governança da Internet no Brasil e dá outras providências. Brasília: *Diário Oficial da União*, N. 171, 04 set. 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Livro Branco: Ciência, Tecnologia e Inovação*. Brasília : Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002. 80 p.

BRETAS, Maria Beatriz Almeida S. *Interações telemáticas*: estudo sobre jovens internautas de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 2000. 231 p. (Tese, Doutorado em Ciência da Informação, versão apresentada para banca examinadora).

CAPURRO, Rafael. Epistemology and information science. In: Schwarz, Stephan (Ed.) *REPORT TRITA-LIB-6023*, ago. 1985. Disponível em: <<http://v.hbi-stuttgart.de/~capurro/trita.htm>>. Acesso em: 08 jun. 2001 (Versão ligeiramente modificada em relação àquela publicada.)

CAPURRO, Rafael. What is information science for? a philosophical reflection. In: Vakkari,P., Cronin,B. (Eds.) *Conceptions of library and information science*. London: Taylor Graham, p. 82-96, 1992. Disponível em: <<http://v.hbi-stuttgart.de/~capurro/tampere91.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2000.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-modernidade e informação: conceitos complementares? *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.63-79, jan./jun. 1996.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. Potencialidades da técnica qualitativa de grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. *Rev. Saúde Pública*, v. 30, n. 3, p. 285-293, jun.1996.

CARVALHO, Cristina Amélia Pereira de. Preservar a identidade e buscar padrões de eficiência: questões complementares ou contraditórias na atualidade das organizações não governamentais? *REAd - Revista Eletrônica de Administração*, ed. 14, v. 6, n. 2, mar./abr. 2000. Disponível em: <<http://read.adm.ufrgs.br/edicoes>>. Acesso em: 10 out. 2004.

CÉBRIAN, Juan Luis. *A rede*. São Paulo: Summus, 1999. 162p. (Coleção novas buscas de comunicação, v.59).

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H., MACHADO, I.L., MELLO, R. (Orgs.) *Análise de discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, Parte 1, Cap. 1, p. 23-38, 2001. (Artigo publicado pela primeira vez na revista *Langages et Societé*, Paris, n. 28, Maison des Sciences de l'Homme, jun. 1984).

CHRISTOVÃO, Heloisa Tardin e BRAGA, Gilda Maria. Ciência da informação e sociologia do conhecimento científico: a intermaticidade plural (sobre “A ciência e seu público”, de Léa Velho: um ponto de vista da ciência da informação). *Transinformação*, Campinas, v.9 , n.3, p.33-45, set./dez. 1997.

CIOLEK, T. Matthew. The six quests for the electronic grail: current approaches to information quality in WWW resources. *Review Informatique et Statistique dans les Sciences Humaines (RISSH)*, Centre Informatique de Philosophie et Lettres, Universite de Liege, Belgium, n. 1-4, p. 45-71, 1996.

COLLINS, Boyd R. Beyond cruising: reviewing. *Library Journal* v. 121, n. 3, p.122-124, Feb. 1996.

COMITÊ GESTOR RNP. RNP2: Política de uso, nov. 2000, 7p. Disponível em: <[http://www.rnp.br/\\_arquivo/conexao/doc0108b.pdf](http://www.rnp.br/_arquivo/conexao/doc0108b.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2004.

CUMMINGS, Jonathon N., BUTLER, Brian e KRAUT, Robert. The quality of online social relationships. *Communications of the ACM*, v. 45, n. 7, p. 103-108, jul. 2002.

DIAS, Claudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 141-158, 2000.

DIZARD Jr., Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 324 p.

DRUCKER, Peter F. *Sociedade pós-capitalista*. São Paulo: Pioneira, 1993. 186 p.

EDMUNDS, Holly. *The focus group research handbook*. Lincolnwood, IL: NTC Business Books / Contemporary Publishing, 1999. 270p.

EDWARDS, Elwyn. *Introdução à teoria da informação*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1976. 147p.

ENCARNAÇÃO, Juliana Lofêgo. *A transferência da informação em redes de movimentos sociais: o caso da região da Leopoldina*, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBICT-CNPq, ECO-UFRJ, 1999. 107p. (Dissertação, Mestrado em Ciência da Informação).

EPSTEIN, Isaac. *Teoria da informação*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1988. 77p. (série Princípios)

FALCONER, Andres Pablo. Um setor ou diversos? Reconhecendo o Terceiro Setor no Brasil. In: Semead – Seminários em Administração, III, 1998, FEA/USP, São Paulo. *Anais do III Semead* (CD). Disponível em: <[www.fea.usp.br/fia/ceats/publica.htm](http://www.fea.usp.br/fia/ceats/publica.htm)> . Acesso em 10 out. 2004.

FALCONER, Andres Pablo. A promessa do Terceiro Setor. *RETS – Revista do Terceiro Setor*, Ano 2, n. 96, 2000. Disponível em <<http://www.rits.org.br/rets/ed010800-2/re.opiniao.cfm>>. Acesso em 12 out. 2004.

FERNANDES, Elaine Garica Iglesias. *O adolescente no Movimento Escoteiro*. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, [198-]. (Monografia, Bacharelado em Psicologia).

FERNANDES, Rubem César. *Privado porém público: o Terceiro Setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, 156p.

FERRAREZI, Elizabete e REZENDE, Valéria (Elab.). **Organização da sociedade civil de interesse público – OSCIP: a lei 9.790 como alternativa para o Terceiro Setor**. 2ª ed. Brasília: Comunidade Solidária, 2001. 108p.

FISCHER, Rosa Maria e MENDONÇA, Luciana Rocha de. Terceiro Setor: inventário da produção brasileira. In: ISTR International Conference, V, 2002, Cape Town, South Africa. **Transforming civil society, citizenship and governance: the third sector in an era of global (dis)order**. Disponível em: <<http://fia.com.br/ceats/inventario.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2004.

FORÇA D'OESTE. Escotismo cresce 30% em Santa Catarina. **Jornal Força d'Oeste**, 19 de junho de 2003, Caderno Gerais, página 16. Disponível em: <<http://www.jornalfo.com.br/311/16.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2004.

FRANCO, Augusto de. Prefácio. In: FERRAREZI, Elizabete e REZENDE, Valéria (Elab.). **Organização da sociedade civil de interesse público – OSCIP: a lei 9.790 como alternativa para o Terceiro Setor**. 2ª ed. Brasília: Comunidade Solidária, 2001. 108p.

FREIRE, Isa Maria e ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes. A responsabilidade social da ciência da informação. **Transinformação**, Campinas, v.11, n.1, p.7-15, jan./abr. 1999.

GABRIEL, Yara Cristina. **Prescrições cívico-morais e a formação do cidadão: um estudo sobre a introdução do escotismo nas escolas públicas de São Paulo (1917-1922)**. São Paulo: PUC-SP, 2003. (Dissertação, Mestrado em Educação).

GHIGLIONE, R. Situations potentiellement communicatives et contrats de communications effectifs. **Revue VERBUM**, Tome VII, p. 185-208, mars 1984.

GOHN, Maria da Glória (org.) **Movimentos sociais no início do século XXI: Antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003. 143p. Cap. 1: Movimentos sociais na atualidade: manifestações e categorias analíticas. p.13-32.

GREENBAUM, Thomas L. **The handbook of focus group research**. 2<sup>nd</sup> ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998. 262p.

GUERRA, Antônio Fernando S. **A experiência do Escotismo para a educação ambiental**. São Leopoldo: UNISINOS, 1980. (Monografia, especialização em Ecologia e Problemática Ambiental).

IJUIM, Jorge Kanehide. Jornal escolar e suas contribuições para o desenvolvimento de atitudes. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001, Campo Grande, MS. *Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np13/NP13IJUIM.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2004.

KAPOUN, Jim. Teaching undergrads WEB evaluation: a guide for library instruction. *College and Research Library News*. Chicago. v.59, n.7, p. 522-523, July/Aug. 1998.

KRAUT, Robert et al. Internet paradox: a social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, v. 53, n. 9, p. 1017-1031, set. 1998.

KRAUT, Robert et al. Internet paradox revisited. *Journal of Social Issues*, v. 58, n. 1, p. 49-74, 2002.

KREUGER, Richard A. e CASEY, Mary Anne. *Focus Group: a practical guide for applied research*. 3<sup>rd</sup> ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. 320p.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 258p. (Coleção Debates, n. 115).

LANDIM, Leilah. Experiência militante: histórias das assim chamadas ONGs. *Lusotopie*, Bordeaux, France, v.9, n.1, p. 215-239, jun. 2002.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. 3<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 1999. 157 p. (Coleção TRANS).

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. 34, 2000, 260 p. (Coleção TRANS).

LOPEZ, Ilza. Novos paradigmas para avaliação da qualidade da informação em saúde recuperada na web. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33.n. 1, p. 81-90, jan./abr. 2004.

MALIN, Ana. O mal-estar brasileiro na sociedade da informação. *São Paulo em Perspectiva*. v. 12, n. 4, p. 30-35, 1998.

MARSHALL, Thomas Humprey. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, 220 p. Cap. 3, p. 57-107: Cidadania e classe social.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. *INFORMARE – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.* Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1995.

MARTELETO, Regina Maria. Informação e sociedade: novos parâmetros teórico-práticos de gestão e transferência informacional. *São Paulo em Perspectiva*, v. 12, n. 14, p.78-82, 1998.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n.1, p.71-81, jan./abr. 2001.

MARQUES, Eduardo César. Redes sociais e instituições na construção do Estado e da sua permeabilidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.14, n.41, p.45-67, out. 1999.

MBR, Assessoria de Imprensa. Nova Lima ganha sede de escoteiros. *Sala de Imprensa*. Releases: 10 dez. 2003. Disponível em: <<http://www.mbr.com.br/imprensa/detalhes1.asp?release=191>>. Acesso em 12 out. 2004.

MINAS GERAIS. Lei n. 13.690, de 28 de julho de 2000. Cria o programa de incentivo à instrução e educação escoteira – Projeto Escotismo Escola – nas escolas públicas estaduais.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80p.

MITRETEK SYSTEMS. *Criteria for assessing the quality of health information on the Internet* - Policy Paper, 2000. Disponível em <<http://hitiweb.mitretek.org/docs/policy.html>>. Acesso em 10 out. 2004.

MOLES, Abraham. *Teoria da informação e percepção estética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Ed. UnB, 1978. 307p. (Biblioteca Tempo Universitário)

MORAES, Maria Cândida Borges de. Informática educativa no Brasil: uma história vivida, algumas lições aprendidas. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, Florianópolis, n.1, p.19-44, 1997. (Edição esgotada) Disponível em: <<http://www.inf.ufsc.br/sbc-ie/revista/nr1/mariacandida.html>> Acesso em: 12 out. 2004.

MORGAN, David L. *Focus groups as qualitative research*. 2<sup>nd</sup> ed. London: Sage, 1997. (Qualitative research methods, v. 16). 80p.

MURRAY, Peter J. Using virtual focus groups in qualitative research. *Qualitative Health Research*, v. 7, n. 4, nov. 1997, p. 542-554.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. *Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2002. (Monografia, Bacharelado em História).

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. *Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil. 1910-1945*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2004. (Dissertação, Mestrado em História).

NAGY, László. *250 milhões de escoteiros*. Porto Alegre: União dos Escoteiros do Brasil, 1987. 243p.

NETTE, Alfredo Luis. História do Movimento Escoteiro em Curitiba, de 1915 a 1920. In: *Boletim do Departamento de História*. Série Monografias. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1989.

NETTO, J. Teixeira Coelho. *Semiótica, informação e comunicação: diagrama da teoria do signo*. São Paulo Ed. Perspectiva, 1980. 223p.

OLIVEIRA, José Palazzo Moreira de. Informação, informática e sociedade. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.8, n.4, p.34-39, 1994.

OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Prefácio. In: FERNANDES, Rubem César. *Privado porém público: o Terceiro Setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 11-13.

PARASURAMAN, A. *Marketing research*. Toronto: Addison-Wesley Publishing, 1986.

PARKS, Malcolm R. and ROBERTS, Lynne D. Making MOOsic: The development of personal relationships online and a comparison to their offline counterparts. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 15, n. 4, p. 517-537, 1998.

PASCHOAL, Engel. Emprego no Terceiro Setor: uma visão do Brasil e do mundo. *Catho online*. 08 out. 2001. 101. ed. Disponível em: <[http://www.catho.com.br/jcs/inpuiter\\_view.phtml?id=3042](http://www.catho.com.br/jcs/inpuiter_view.phtml?id=3042)> e em <[http://www.rits.org.br/gestao\\_teste/ge\\_testes/ge\\_mat01\\_rhtxt0.cfm](http://www.rits.org.br/gestao_teste/ge_testes/ge_mat01_rhtxt0.cfm)>. Acesso em: 12 out. 2004.

PHILLIPPS, Roland. *O sistema de patrulhas*. Rio de Janeiro: Editora Escoteira da UEB, [19--]. 47p.

REZABEK, Roger J. *A study of the motives, barriers, and enablers affecting participation in adult distance education classes in an Iowa Community College*. Iowa, 1999. (Doctoral Dissertation, University of Northern Iowa).

RICHARDSON, Roberto Jary et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Atlas, 1989. 289p.

ROCHA, Marisa P. C. A questão da cidadania na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n.1, p.40-45, jan./abr. 2000.

SANTOS, João Ribeiro dos. *Os dirigentes adultos no Movimento Escoteiro*. 3<sup>a</sup>. Ed. Costa Rica: edição conjunta da UEB e do Conselho Interamericano de Escotismo, 1983. 104p.

SANTOS, Patrícia Diniz. Mídia digital: dos princípios da liberdade à democracia ilusória. *Ciberlegenda*, n. 2, 1999. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/diniz.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2000.

SARACEVIC, Tefko. Information science. *Journal of the American Society for Information Science*. v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996. 143p.

SCHMIDT, Benício Viero. Efeitos sociais da ciência. *Correio Braziliense*. Brasília, p.14, 20/maio/2000.

SETZER, Valdemar W. Dado, informação, conhecimento e competência. *DataGramZero – Revista de Ciência da Informação*, n. 0, dez. 1999. Disponível em <[http://www.datagramzero.org.br/dez99/F\\_I\\_art.htm](http://www.datagramzero.org.br/dez99/F_I_art.htm)>. Acesso em: 12 abr. 2002.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Maná*, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997.

SHANNON, Claude E. & WEAVER, Warren. *A teoria matemática da comunicação*. 11.ed. São Paulo: DIFEL. 1975. 136p.

SILVA, Neemias Semensato da. *O Escotismo no Brasil – Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, 2002. (Monografia, Bacharelado em História).

SIMMEL, Georg. A determinação quantitativa dos grupos sociais. In: FILHO, Evaristo de Moraes (Org.). *Sociologia*, São Paulo, Ática, 1983, p. 90-106.

SIMMEL, Georg. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (Orgs). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p.41-77, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. *Cadernos Cedes*, ano XX, n. 52, p. 104-121, nov./2000.

STUBBS, Michael. *Text and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture*. Blackwell Publishers, 1996. 267p.

SÜFFERT, Rubem. *Compreendendo os fundamentos do escotismo*. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1995. 70 p.

TAKAHASHI, T. (Org.) *Livro verde da sociedade da informação no Brasil*. Brasília, Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 203 p. Disponível em: <[http://www.socinfo.org.br/livro\\_verde/index.htm](http://www.socinfo.org.br/livro_verde/index.htm)>. Acesso em: 12 mai. 2001.

TOMAÉL, Maria Inês et al. Avaliação de fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 13-35, 2001.

UEB - União dos Escoteiros do Brasil. *P.O.R. – Princípios, Organização e Regras*. Editora Escoteira da UEB, fev. 1986.

UEB - União dos Escoteiros do Brasil. *P.O.R. – Princípios, Organização e Regras*. Editora Escoteira da UEB, 1995. 80p.

UEB – União dos Escoteiros do Brasil. *Plano Estratégico 2003-2004*. 2003a. Disponível em: <[http://www.escoteiros.org/Ueb/publicacoes/Plano\\_Estrategico\\_2003\\_2004.doc](http://www.escoteiros.org/Ueb/publicacoes/Plano_Estrategico_2003_2004.doc)> Acesso em: 15 dez. 2003.

UEB – União dos Escoteiros do Brasil. *Estatuto da União dos Escoteiros do Brasil*. (em vigor a partir de 16 de novembro de 2003). 2003b. Disponível em: <[http://www.escoteiros.org/Ueb/publicacoes/ESTATUTO\\_2003\\_DA\\_UEB.doc](http://www.escoteiros.org/Ueb/publicacoes/ESTATUTO_2003_DA_UEB.doc)>. Acesso em: 15 dez. 2003.

UEB-MG – União dos Escoteiros do Brasil, Região de Minas Gerais. Resolução 001/2004 – 10/jan./2004. Dispõe sobre os Distritos Escoteiros e regulamenta sua área de atuação. Disponível em <<http://www.uebmg.org.br/resolucoes.htm>>. Acesso em 08 jan. 2005.

VEIGA, Cynthia Greive e GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n.1, p. 135-160, jan./jul. 2000.

WELLMAN, Barry, BOASE, Jeffrey e CHEN, Wenhong. The networked nature of community: online and offline. *IT & Society*, Stanford University: v. 1, n.1, p.151-165, 2002.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1970. 190 p.

WOSM, World Organization of the Scout Movement, *Scouting Around the World*. Updated: April 2004. Disponível em: <<http://scout.org/satw/index.shtml>>. Acesso em: 20 set. 2004.

ZUQUIM, Judith e CYTRYNOWICZ, Roney. Notas para uma história do Escotismo no Brasil: a "psicologia escoteira" e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914-1937). *Educação em Revista*. Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, n. 35, p. 43-58, jul./2002.

## APÊNDICE A – *Check list* para análise da qualidade de *websites*

Critério	Questão	Sim	Não
<b>Proposta do Site</b>	1. A proposta está claramente descrita no princípio da navegação (na página de entrada ou na página principal)?		
	2. A proposta permite estabelecer qual é ou quais são as características do receptor a quem o <i>site</i> é destinado?		
	3. Quando apresentada, a proposta está efetivamente coerente com o conteúdo disponibilizado?		
	4. O conteúdo proposto enriquece a experiência e o conhecimento prévio do leitor a quem se destina?		
<b>Autoria</b>	5. O autor aparece claramente identificado?		
	6. Ele apresenta credenciais tais como sua qualificação profissional, instituição a que está vinculado, etc.?		
	7. São fornecidos meios para contactá-lo (por exemplo, seu <i>e-mail</i> )?		
	8. É possível se estabelecer se o <i>site</i> foi desenvolvido por um grupo ou por um único indivíduo?		
<b>Atualização</b>	9. A data da última atualização do <i>site</i> está claramente evidenciada?		
	10. O <i>site</i> é atualizado regularmente?		
	11. O <i>site</i> foi modificado recentemente?		
	12. Existem indicadores claros a novos conteúdos que tenham sido acrescentados?		
<b>Conteúdo</b>	13. O conteúdo é útil, bem organizado e objetivo, ao invés de dúbio, desorganizado ou repetitivo?		
	14. O conteúdo faz com que a visita ao <i>site</i> valha a pena no sentido de adicionar, expandir ou mesmo sedimentar informações acerca do assunto obtidas em outras fontes?		
	15. O conteúdo está adequado às habilidades e capacidade de compreensão da audiência a que se destina?		
	16. O texto apresenta-se gramaticalmente correto?		
	17. O <i>site</i> faz a devida referência às fontes utilizadas e respeita as regras de direitos autorais ( <i>copyright</i> )?		
	18. O <i>site</i> é interativo no sentido de disponibilizar meios para que o usuário envie questões ou comentários?		
	19. Questões enviadas são devidamente respondidas?		
	20. Os <i>links</i> apresentados estão atualizados (não levam a páginas que tenham sido removidas ou que tenham mudado de endereço)?		
	21. Os <i>links</i> conduzem a informações pertinentes, substanciais, relevantes, apropriadas e confiáveis?		
<b>Design</b>	22. O <i>site</i> faz uso claro de menus, apresenta índice, tabela de conteúdos ou mapa do <i>site</i> ?		
	23. Os conteúdos e mensagens estão subdivididos de maneira lógica em tópicos e subtópicos que permitam uma fácil navegação?		
	24. A velocidade de acesso e carregamento das páginas é adequada?		
	25. Para o caso de páginas que utilizem recursos multimídia existem alternativas de sua exibição baseada em texto para usuários que optem por não visualizar tais recursos?		
	26. Existe <i>link</i> em todas as páginas permitindo imediato retorno à página de entrada?		
	<b>Aspectos Técnicos</b>	27. O <i>site</i> permite acesso através de diferentes computadores (diferentes <i>hardwares</i> ) e utilizando diferentes navegadores?	
28. O <i>site</i> é facilmente localizado e está suficientemente referenciado entre <i>sites</i> de busca tais como <i>miner</i> , <i>altavista</i> , <i>yahoo</i> , entre outros?			
29. Se necessário, o <i>site</i> identifica e sugere o <i>download</i> de <i>plug-ins</i> ou aplicações que permitam acesso mais completo e multimídia a todo o seu conteúdo?			
30. A URL está definida e referenciada corretamente?			

FONTE: elaborada pela autora a partir de compilação das propostas de Alexander e Tate, 1999; Barboza, Nunes e Sena, 2000; Ciolek, 1996; Kapoun, 1998; Lopez, 2004; Mitretek Systems, 2000.

## APÊNDICE B - Questionário Juvenil

### Sempre Alerta!

Este questionário será aplicado em todos os Grupos Escoteiros da Grande Belo Horizonte, como parte de uma pesquisa de pós-graduação realizada por uma doutoranda em Ciência da Informação pela UFMG. Pede-se que sejam dedicados cerca de 15 minutos para respondê-lo de forma individual e que, caso haja alguma dúvida em relação a qualquer das questões, ela seja esclarecida com a ajuda do aplicador presente. Obrigada e Sempre Alerta para Servir,

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

---

### PARTE 1 – Identificação

1. Grupo Escoteiro:  
Número: \_\_\_\_\_ Nome do GE: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_ anos
3. Ramo:  
 escoteiro       sênior       pioneiro
4. Sexo:     masculino       feminino
5. Há quanto tempo você é membro do Movimento Escoteiro?  
\_\_\_\_\_ anos e \_\_\_\_\_ meses

## 6. Escolaridade:

 ensino fundamental (série: \_\_\_\_\_)  
(1º grau) ensino médio (série: \_\_\_\_\_)  
(2º grau) graduação (período: \_\_\_\_\_)  
(3º grau) Curso: \_\_\_\_\_

## 7. Você fala alguma língua além do português?

 sim não

Qual (ou quais)?

 inglês espanhol italiano francês outra(s). Especificar: \_\_\_\_\_

## 8. Assinale quais dos bens abaixo sua família possui (no caso de possuir mais de uma unidade de um item, informe a quantidade):

	(Quantidade)
<input type="checkbox"/> casa-própria	<input type="text"/>
<input type="checkbox"/> carro	<input type="text"/>
<input type="checkbox"/> computador	<input type="text"/>
<input type="checkbox"/> telefone	<input type="text"/>
<input type="checkbox"/> televisão	<input type="text"/>
<input type="checkbox"/> celular	<input type="text"/>

---

## PARTE 2 – Internet

9. Você utiliza a Internet?  sim  não

9.1 Caso sua resposta tenha sido positiva, onde você utiliza a Internet? (pode marcar mais de uma opção)

( ) em casa

( ) no Grupo Escoteiro

( ) na escola

( ) no trabalho

( ) na casa de amigos

( ) outro local. Especifique: \_\_\_\_\_

9.2 Complete a tabela abaixo, apenas se respondeu sim no item 9:

Atividade	Sim	Não	Detalhamento (caso a resposta seja SIM)
Participa de fórum ou lista de discussão escoteira?			Qual? _____ Acessa com que frequência? ( ) diariamente ( ) 1 ou 2 vezes por mês ( ) 1 ou 2 vezes por semana ( ) raramente
Participa de algum chat escoteiro (online)?			Qual? _____ Acessa com que frequência? ( ) diariamente ( ) 1 ou 2 vezes por mês ( ) 1 ou 2 vezes por semana ( ) raramente
Frequênta / visita sites escoteiros?			Quais? (liste os endereços ou uma referência aos que mais frequênta) 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____

sim

não

não sei

10. Seu Grupo Escoteiro possui página na Internet?

Caso sua resposta tenha sido positiva:

10.1. Em que endereço? \_\_\_\_\_

10.2. Elaborada por quem (nome e função dentro do grupo)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

11. Sua seção (tropa ou clã) ou sua patrulha possui página na Internet?  sim  não  não sei

Caso sua resposta tenha sido positiva:

11.1. Em que endereço? \_\_\_\_\_

11.2. Elaborada por quem (nome e função na sua seção) ? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

12. A Internet influencia de alguma maneira sua participação no Movimento Escoteiro?  sim  não

Em caso positivo, como e por que? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

### PARTE 3 – Vida Escoteira

13. De que forma você tomou conhecimento do Movimento Escoteiro?

- através de amigos  vendo escoteiros em atividade  
 através de propaganda na TV, jornal, revista ou rádio  através da Internet  
 através da escola  outros (especificar: \_\_\_\_\_)

14. Você mantém contato com algum membro escoteiro de outro estado/país?  sim  não

**Caso sua resposta tenha sido positiva** responda os itens 14.1, 14.2 e 14.3:

- 14.1. Como? (pode marcar mais de uma opção)

- ( ) através de cartas  
 ( ) através de telefone  
 ( ) via rádio-amadorismo  
 ( ) através de e-mail  
 ( ) através de chat – nesse caso:  
     ( ) utilizando linguagem escrita  
     ( ) utilizando fala (microfone)  
     ( ) estabelecendo contato visual (webcam)  
 ( ) de outra maneira – Especificar: \_\_\_\_\_

- 14.2. Com que propósito? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

- 14.3. De onde? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

15. Se você precisasse aprender um novo nó, você: (Caso queira marcar mais de uma alternativa, coloque **1** naquilo que você faria em primeiro lugar, **2** na sua segunda opção e assim por diante.)

- pediria ao monitor, a um colega ou a um chefe que lhe ensinasse
- procuraria um livro que lhe ensinasse a fazer isso
- buscaria páginas na Internet que o auxiliassem no aprendizado
- pediria ajuda a alguém via Internet através de um chat, talk, ICQ, etc.
- buscaria outra solução. Qual? \_\_\_\_\_

16. Se você precisasse fazer uma pesquisa acerca da história do Escotismo no mundo, quais fontes você procuraria: (Caso queira marcar mais de uma alternativa, coloque **1** naquilo que você faria em primeiro lugar, **2** na sua segunda opção e assim por diante.)

- pediria ao monitor, a um colega ou a um chefe que te contasse
- procuraria um livro sobre isso
- buscaria informações em páginas na Internet
- pediria informações a alguém via Internet através de um chat, ICQ, etc.
- buscaria outras fontes. Quais? \_\_\_\_\_

17. a) Você sabe o que é um Jamboree? ( ) sim ( ) não

b) Você já participou de algum? ( ) sim ( ) não

c) Caso tenha participado:

qual? \_\_\_\_\_

onde? \_\_\_\_\_

quando? \_\_\_\_\_

18. a) Você sabe o que é um JOTA? ( ) sim ( ) não

b) Você já participou de algum? ( ) sim ( ) não

c) Caso tenha participado:

qual? \_\_\_\_\_

onde? \_\_\_\_\_

quando? \_\_\_\_\_

19. a) Você sabe o que é um JOTI? ( ) sim ( ) não

b) Você já participou de algum? ( ) sim ( ) não

c) Caso tenha participado:

qual? \_\_\_\_\_

onde? \_\_\_\_\_

quando? \_\_\_\_\_

---

Obrigada pela colaboração!

## APÊNDICE C - Questionário Adulto

### Sempre Alerta!

Este questionário será aplicado em todos os Grupos Escoteiros da Grande Belo Horizonte, como parte de uma pesquisa de pós-graduação realizada por uma doutoranda em Ciência da Informação pela UFMG. Pedese que sejam dedicados cerca de 15 minutos para respondê-lo de forma individual e que, caso haja alguma dúvida em relação a qualquer das questões, ela seja esclarecida com a ajuda do aplicador presente. Obrigada e Sempre Alerta para Servir,

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

---

### PARTE 1 – Identificação

1. Grupo Escoteiro:  
Número: \_\_\_\_\_ Nome do GE: \_\_\_\_\_
  
2. Idade: \_\_\_\_\_ anos
  
3. Ramo:  
 chefe e/ou assistente do ramo lobinho       chefe e/ou assistente do ramo escoteiro  
 chefe e/ou assistente do ramo sênior       chefe e/ou assistente do ramo pioneiro  
 dirigente
  
4. Sexo:       masculino       feminino
  
5. Há quanto tempo você é membro do Movimento Escoteiro?  
\_\_\_\_\_ anos e \_\_\_\_\_ meses

## 6. Escolaridade:

 ensino fundamental (série: \_\_\_\_\_)  
(1º grau) ensino médio (série: \_\_\_\_\_)  
(2º grau) graduação (período: \_\_\_\_\_)  
(3º grau) Curso: \_\_\_\_\_ pós-graduação  
(em: \_\_\_\_\_)

## 7. Você fala alguma língua além do português?

 sim não

Qual (ou quais)?

 inglês espanhol italiano francês outra(s). Especificar: \_\_\_\_\_

## 8. Renda Familiar:

 até 5 salários mínimos 5 a 10 salários mínimos mais de 10 salários mínimos

**PARTE 2 – Internet**

9. Você utiliza a Internet?  sim  não

9.1 Caso sua resposta tenha sido positiva, onde você utiliza a Internet? (pode marcar mais de uma opção)

- ( ) em casa  
 ( ) no Grupo Escoteiro  
 ( ) na Escola  
 ( ) no trabalho  
 ( ) na casa de amigos  
 ( ) outro local. Especifique: \_\_\_\_\_

9.2 Complete a tabela abaixo, apenas se respondeu sim no item 9:

Atividade	Sim	Não	Detalhamento (caso a resposta seja SIM)
Participa de fórum ou lista de discussão escoteira?			Qual? _____ Acessa com que frequência? ( ) diariamente ( ) 1 ou 2 vezes por mês ( ) 1 ou 2 vezes por semana ( ) raramente
Participa de algum chat escoteiro (on-line)?			Qual? _____ Acessa com que frequência? ( ) diariamente ( ) 1 ou 2 vezes por mês ( ) 1 ou 2 vezes por semana ( ) raramente
Frequênta / visita sites escoteiros?			Quais? (liste os endereços ou uma referência aos que mais frequênta) 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____

10. Seu Grupo Escoteiro possui página na  sim  não  não sei Internet?

Caso sua resposta tenha sido positiva:

10.1. Em que endereço? \_\_\_\_\_

10.2. Elaborada por quem (nome e função dentro do grupo)? \_\_\_\_\_

11. Sua seção (alcatéia, tropa, clã ou diretoria) possui página na Internet?  sim  não  não sei

Caso sua resposta tenha sido positiva:

11.1. Em que endereço? \_\_\_\_\_

11.2. Elaborada por quem (nome e função na sua seção) ? \_\_\_\_\_

12. A Internet influencia de alguma maneira sua  sim  não  
participação no Movimento Escoteiro?

Em caso positivo, como e por que? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

---

### PARTE 3 – Vida Escoteira

13. De que forma você tomou conhecimento do Movimento Escoteiro?

- através de amigos  vendo escoteiros em atividade  
 através de propaganda na TV, jornal, revista ou rádio  através da Internet  
 através da escola  outros (especificar: \_\_\_\_\_)

14. Você mantém contato com algum membro escoteiro de outro estado/país?  sim  não

Caso sua resposta tenha sido positiva:

- 14.1. Como? (pode marcar mais de uma opção)

- ( ) através de cartas  
( ) através de telefone  
( ) via rádio-amadorismo  
( ) através de e-mail  
( ) através de chat – nesse caso:  
( ) utilizando linguagem escrita  
( ) utilizando fala (microfone)  
( ) estabelecendo contato visual (webcam)  
( ) de outra maneira – Especificar: \_\_\_\_\_

- 14.2. Com que propósito? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 14.3. De onde? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

15. Se você desejasse idéia de um jogo diferente e criativo para aplicar à sua seção, você: (Caso queira marcar mais de uma alternativa, coloque **1** naquilo que você faria em primeiro lugar, **2** na sua segunda opção e assim por diante.)

- pediria opinião a outro chefe de seu grupo
- procuraria idéia em algum livro
- buscaria idéia em páginas na Internet
- pediria ajuda a alguém via Internet através de um chat, talk, ICQ, etc.
- buscaria outra solução. Qual? \_\_\_\_\_

16. Se você precisasse fazer uma pesquisa acerca da história do Escotismo no mundo, quais fontes você procuraria: (Caso queira marcar mais de uma alternativa, coloque **1** naquilo que você faria em primeiro lugar, **2** na sua segunda opção e assim por diante.)

- pediria informações a colegas escotistas (chefes ou diretores de grupo)
- procuraria um livro sobre isso
- buscaria informações em páginas na Internet
- pediria informações a alguém via Internet através de um chat, ICQ, etc.
- buscaria outras fontes. Quais? \_\_\_\_\_

17. a) Você sabe o que é um Jamboree? ( ) sim ( ) não

b) Você já participou de algum? ( ) sim ( ) não

c) Caso tenha participado:

qual? \_\_\_\_\_

onde? \_\_\_\_\_

quando? \_\_\_\_\_

18. a) Você sabe o que é um JOTA? ( ) sim ( ) não

b) Você já participou de algum? ( ) sim ( ) não

c) Caso tenha participado:

qual? \_\_\_\_\_

onde? \_\_\_\_\_

quando? \_\_\_\_\_

19. a) Você sabe o que é um JOTI? ( ) sim ( ) não

b) Você já participou de algum? ( ) sim ( ) não

c) Caso tenha participado:

qual? \_\_\_\_\_

onde? \_\_\_\_\_

quando? \_\_\_\_\_

---

Obrigada pela colaboração!

## APÊNDICE D - Roteiro dos Grupos Focais

- 1) Apresentação
  - a) Apresentação da moderadora e dos objetivos gerais da pesquisa
  - b) Explicações sobre a dinâmica da sessão
  - c) Identificação dos participantes: **(questões abertas)** Qual seu nome, idade, ramo/seção e Grupo Escoteiro?
  
- 2) Contextualização: sociabilidade, comunicação e troca de informações **(questões introdutórias)**
  - a) Vocês se comunicam com escoteiros do seu grupo fora dos horários de reunião?
  - b) Vocês mantêm contato com escoteiros de outros grupos que não o seu?
  - c) De que forma (meio físico) se dá essa comunicação / contato (vocês vão a casa deles, telefonam, usam Internet)?
  - d) Qual o objetivo desse contato (relaciona-se com o Escotismo ou é para manter a amizade/coleguismo)?
  
- 3) Sondagem: uso da Internet **(questões de transição)**
  - a) Quem utiliza a Internet relacionada ao Escotismo?
  - b) Utiliza e-mail?
  - c) Frequenta chats?
  - d) Usa ICQ ou MSN?
  - e) Assina grupos/listas de discussão?
  - f) Frequenta homepages?
  - g) Já travou contato com algum escoteiro pela Internet sem tê-lo conhecido pessoalmente antes? Esse contato foi duradouro?
  
- 4) Discussão: Internet versus Escotismo **(questões chave)**
  - a) Quais as vantagens/desvantagens do uso da Internet no Escotismo?
  - b) A Internet é benéfica ou não para o ME? Por quê?
  - c) A Internet aumenta ou diminui a sociabilidade?
  - d) A Internet promove exclusão social? E o ME promove exclusão social?
  - e) Quais os objetivos, princípios e propósitos do ME? A Internet colabora ou atrapalha esses objetivos, princípios e propósitos de alguma forma?
  - f) O uso da Internet conflita com o sistema de patrulhas?
  - g) Se o Escotismo prega contato com a natureza e a Internet é virtual, como se fala em Escotismo na Internet?
  - h) O que você tem a dizer sobre Jamboree, JOTA e JOTI, e de que forma você compara essas atividades?
  - i) Você acredita que o Escotismo que você pratica é o mesmo em todo o mundo? Por quê? De que forma isso pode ser garantido? A Internet pode colaborar nesse sentido ou é desnecessária para tal?
  - j) O Escotismo se relaciona, presencialmente ou via Internet, com algum outro movimento social?
  
- 5) Considerações finais **(questões finais)**
  - a) Resumo pelo moderador do que foi discutido e questionamento aos participantes: o resumo foi adequado?
  - b) Algum outro comentário sobre a relação Escotismo e Internet?

## ANEXO A - A Última Mensagem do Chefe

Caros Escoteiros:

Se vocês já assistiram à peça "Peter Pan", lembrar-se-ão que o Chefe dos piratas estava sempre fazendo o seu discurso de despedida, temendo que, ao chegar a hora de morrer, não tivesse tempo, talvez, de pronunciá-lo.

Passa-se o mesmo comigo e, assim, e embora não esteja morrendo neste momento, isto irá acontecer qualquer dia destes, e desejo mandar a vocês uma última palavra de adeus.

Lembrem-se: esta é a última coisa que vocês ouvirão de mim, portanto, meditem sobre ela.

Tenho levado uma vida cheia de felicidades e desejo que cada um de vocês tenha também uma vida igualmente feliz.

Creio que Deus nos colocou neste delicioso mundo para sermos felizes e saborearmos a vida.

A felicidade não vem da riqueza, nem do sucesso profissional, nem do comodismo da vida regalada e da satisfação dos próprios apetites.

Um passo para a felicidade é, enquanto jovem, tornar-se forte e saudável, para poder ser útil e gozar a vida quando adulto.

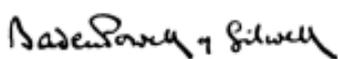
O estudo da natureza mostrará a vocês quão cheio de coisas belas e maravilhosas Deus fez o mundo para o nosso deleite.

Fiquem contentes com o que possuem e tirem disso o melhor proveito. Vejam o lado bom das coisas, em vez do lado ruim.

Mas o melhor meio para alcançar felicidade é proporcionando aos outros a felicidade.

Procurem deixar este mundo um pouco melhor do que o encontraram e, quando chegar a hora de morrer, poderão morrer felizes sentindo que pelo menos não desperdiçaram o tempo e que procuraram fazer o melhor possível. Deste modo estejam "Bem Preparados" para viver felizes e para morrer felizes - mantenham-se sempre fiéis à sua Promessa Escoteira - mesmo quando já tenham deixado de ser jovens - e Deus ajude a todos a procederem assim.

Do amigo,



(Baden-Powell, 1986a, p. 368).

## **ANEXO B - Tarefas para obtenção da especialidade *Internet***

1. Conhecer a história e a evolução da Internet no Mundo e no Brasil.
2. Incluir seu E-Mail pessoal em uma Lista de Discussão sobre Escotismo, enviar um E-Mail para outro membro do movimento e após isto, receber sua resposta.
3. Configurar um computador para acessar a Internet através de uma linha telefônica (acesso discado).
4. Saber instalar, configurar e utilizar adequadamente pelo menos dois navegadores para Internet (browsers).
5. Apresentar um trabalho com números estatísticos sobre a Internet identificando quais as faixas etárias, sexo e o tipo de informação procurada pelos Internautas, bem como a origem destas informações.
6. Conhecer o significado, origem e utilização de pelo menos quinze termos comuns na Internet, tais como WWW, WW2, FTP, HTTP, Telnet, Backbone, Browser, TCP/IP, Java, HTML, CGI, ASP, JavaScript, VBScript, Links Dedicados, CableModem, WAP e ADSL.
7. Utilizar um site de pesquisa para descobrir endereços relacionados aos escoteiros de Portugal ou outra nação de língua portuguesa.
8. Relacionar uma lista de dez sites escoteiros na Internet. Nesta relação devem existir pelo menos: 1 de um Grupo Escoteiro/Seção Autônoma, 2 de sites regionais da UEB, o site da UEB – Direção Nacional; o site da Organização Mundial e 1 site de alguma organização que represente nacionalmente o escotismo.
9. Identificar 8 endereços de páginas na Internet que auxiliem o Escoteiro Internauta na conquista de outras Especialidades.
10. Cadastrar-se e permanecer em uma "Sala de Chat" de tema escoteiro durante 1 hora, anotando os dados dos participantes (Nome, Região, Ramo, Grupo Escoteiro/Seção Autônoma) e elaborando um relatório sobre os assuntos tratados. Apresentar este relatório para sua Seção.
11. Instalar e configurar adequadamente um programa tipo IRC (Internet Relay Chat) incluindo e solicitando autorização de contato com pelo menos 15 membros do Movimento Escoteiro em sua lista de contatos, sendo ao menos 2 de outro país.
12. Conhecer o que é um domínio para Internet, sabendo quais os tipos de domínio no Brasil, quais os sufixos de domínios de, pelo menos, 10 países e qual é o processo para o registro de um novo domínio no Brasil.
13. Criar um Web Site para seu Grupo Escoteiro/Seção Autônoma ou um para sua Seção, publicando-o na Internet e cadastrando-o em 2 sites de busca nacionais. Este Web Site deverá ser formado por pelo menos cinco páginas

interligadas, contendo textos, imagens, animações e links para outros sites interessantes ao movimento.

14. Visitar um provedor de acesso, identificando os equipamentos e aplicativos necessários para seu funcionamento. Na ausência de um provedor em sua região, comunicar-se através de E-Mail com o Webmaster de seu provedor para a coleta destas informações.
15. Entrar em contato com seu Examinador por E-Mail, com cópia para um E-Mail regional da UEB, comunicando-os quando do cumprimento das etapas necessárias para a conquista desta especialidade. Se possível, envie cópias para a chefia de sua Seção e de seu Grupo Escoteiro/Seção Autônoma.

FONTE: <http://www.escotismo.com.br/eta/esp.htm>. Acesso em 12 nov. 2004.